

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

Lucília da Glória Alves Dias

Terra, ciência, encantos e modos xakriabá de luta

**Juiz de Fora
2021**

LUCÍLIA DA GLÓRIA ALVES DIAS

Terra, ciência, encantos e modos xakriabá de luta

Tese de doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutora em Ciências Sociais. Área de Concentração: Antropologia.
Orientadora: Profa.^a Dra.^a Elizabeth de Paula Pissolato

**Juiz de Fora
2021**

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

DIAS, Lucília da Glória Alves.

Terra, ciência, encantos e modos xakriabá de luta /Lucília da Glória Alves DIAS. -- 2021.

235 p. : il.

Orientador: Elizabeth de Paula PISSOLATO

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2021.

1. Xakriabá. 2. território. 3. política. 4. movimento indígena. 5. cosmopolítica. I. PISSOLATO, Elizabeth de Paula , orient. II. Título.

LUCÍLIA DA GLÓRIA ALVES DIAS

TERRA, CIÊNCIA, ENCANTOS E MODOS XAKRIABÁ DE LUTA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do grau de Doutora em Ciências Sociais.

Tese defendida e aprovada em 09 de abril de 2021.

Prof^a. Dr^a. Elizabeth de Paula Pissolato

Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. João Dal Poz Neto

Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Leonardo de Oliveira Carneiro

Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^a. Dr^a. Andrea Carvalho Mendes de Oliveira Castro

Universidade Federal do Paraná

Prof. Dr. Rafael Fernandes Mendes Júnior

Universidade Federal Fluminense

Dedico este trabalho ao Povo Xakriabá e à Beth.

Agradecimentos

O processo de escrita de uma tese é muito solitário, mas, ao mesmo tempo, acredito que só é realizado com a presença, mesmo que distante, e a ajuda de muitas amigas queridas.

Desse modo, gostaria de agradecer primeiramente à minha amiga orientadora Elizabeth Pissolato por todo apoio, paciência e também os “puxões de orelha” que me fizeram focar e me trouxeram inspiração para terminar mais esta etapa da minha vida acadêmica.

Agradeço também:

À Conceição Andrade por ter despertado em mim, lá nos anos finais do ensino fundamental, o gosto pela leitura e pelos estudos, e por ter me incentivado e feito acreditar no meu potencial como aluna. Sem seus incentivos, Ceição, eu não teria acreditado que uma aluna de escola pública poderia ingressar em uma Universidade Pública e nela concluir toda sua formação.

À Maráisa Machado Maia, querida amiga bióloga, com quem, sempre que possível, teço lindas, verdes e relaxantes conversas sobre plantas, animais, enfim, sobre a potência vital da natureza. Obrigada também, Marah, pela ajuda na confecção do croqui da Aldeia Barreiro Preto.

À Flaviana Polisseni, amizade presente mais recente que a vida me deu, fundamental na fase final do doutorado. Obrigada por ter fortalecido em mim o pensamento de que a vida deve ser vivida positivamente!

À Bárbara Vital e Joanna Croce, companheiras de mestrado e doutorado, com quem dividi as alegrias e angústias da escrita de uma tese.

Ao professor João Dal Poz e a Helen Santa-Rosa por terem me ajudado com os primeiros contatos com os Xakriabá em campo.

À Juliana Ventura por sua linda companhia em campo e pelas aventuras que compartilhamos.

À minha amiga norte-mineira Cristiane Ângela e toda sua família, que me acolheram com todo carinho por diversas vezes em suas casas na cidade de Itacarambi.

Aos meus pais, Zeni e José Valter, por me apoiarem sempre que precisei, mesmo não entendendo exatamente as escolhas que tenho feito em minha vida.

Aos queridos João Vitor, Mariana Spagnol, Raíssa Maia, Sheila Gonçalves e Aparecida, por cuidarem da Catarina, meu amor felino, durante meu tempo em campo.

Meu agradecimento especial vai para todas amigas e amigos Xakriabá, notadamente a família de senhor Valdinho (*in memoriam*) e dona Ana, de Manoel e Nice, de senhor Bioi e dona Mera, de Hilário e dona Bia, de Dé e Bel, de senhor Carlito e dona Cula, de senhor Ervino e dona Isabel, de Valdivino e Niza, de dona Maria e sua filha Vana, de Vanussa e sua filha Sinara, que me acolheram em suas casas e me fizeram sentir como se fosse parte de suas famílias.

Por fim, agradeço à CAPES pela bolsa de estudos, sem ela não teria conseguido realizar meu doutorado.

E se perguntar quem somos nós, pode dizer que nós somos aqueles que retomamos a terra roubada, porque o direito é aquilo que se arranca quando não se tem mais escolha. Nesse momento, nós estamos sendo alvo de muita coisa. Ele se esqueceu da nossa grande capacidade de ser flecha.

(Célia Xakriabá, Nova York, outubro de 2019).

RESUMO:

Nesta tese, realizo um comentário que pretende se desenvolver o mais perto de relatos de pessoas xakriabá, tanto coletados em campo quanto em depoimentos registrados na bibliografia, nos relatórios, nos trabalhos desenvolvidos na universidade por pesquisadores e pesquisadoras xakriabá e também nas falas xakriabá que circulam na internet. É fruto de uma experiência de um ano de trabalho de campo acompanhando principalmente andanças no território (especialmente na aldeia do Barreiro Preto e imediações) e também em atos de *territorializar*, como nas viagens e participação no Acampamento Terra Livre em Brasília e outros momentos de *luta*. Desse modo, este trabalho é uma narrativa composta com inúmeras falas e seus contextos, aqui reunidos em comentário que pretendo não afastar muito dos modos de narrar dos seus sujeitos, e visio organizar para pensar modos de *luta*, de *territorializar* e sentidos-experiência da terra. A tese dialoga com a bibliografia antropológica produzida sobre os Xakriabá até o momento e se inspira no debate contemporâneo sobre políticas indígenas da “natureza” e na abordagem de cosmopolíticas indígenas (principalmente conforme De La Cadena, 2019).

Palavras-Chave: Xakriabá; território; política; movimento indígena; cosmopolítica.

ABSTRACT:

In this thesis, I make a comment that intends to develop as close to the reports of Xakriabá people, both collected in the camp and in statements recorded in the bibliography, in the reports, in the works developed at the university by Xakriabá researchers and in the Xakriabá speeches that circulate on the Internet. It is the result of an year long experience of fieldwork, mainly accompanying wanderings in the territory (especially in the village of Barreiro Preto and surroundings) and also in acts of territorialization, such as trips and participation in the Terra Livre Camp in Brasília and other moments of struggle. In this way, this work is a composed narrative with countless speeches and their contexts, gathered here in a commentary that I do not intend to deviate too much from the subjects' ways of narrating, and I aim to organize ways of thinking, of territorializing and of the earth's experiences. The thesis dialogues with the anthropological bibliography produced on the Xakriabá so far, and it is inspired by the contemporary debate on indigenous “nature” policies and the approach of indigenous cosmopolitics (mainly according to De La Cadena, 2019).

Keywords: Xakriabá; territory; politics; indigenous movement; cosmopolitics.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 e 2: Mapas Terra Indígena Xacriabá, Terra Indígena Xakriabá-Rancharia e áreas de retomada xakriabá.....	40
Figura 3: Croqui da aldeia Barreiro Preto.....	44
Figura 4: <i>Carreiro</i> que liga a localidade do Pinga à subaldeia Brejinho.....	46
Figura 5: <i>Folder</i> distribuído durante a Romaria Xakriabá de 2017.....	83
Figura 6: Panfleto distribuído durante a Romaria Xakriabá de 2017.....	91
Figura 7: Caminhada da Romaria Xakriabá 2017.....	92
Figura 8: Missa em homenagem às mártires xakriabá de 2018.....	96
Figura 9: Caminhada da Romaria Xakriabá 2018.....	100
Figura 10: Grande Marcha dos Povos Indígenas, ATL de 2017.....	145
Figura 11 e 12: Delegação xakriabá, ATL, 2017.....	147
Figura 13: Grande Marcha dos Povos Indígenas, ATL 2017.....	154
Figura 14: Vista parcial das barracas montadas no ATL 2019.....	159
Figura 15: Homens e mulheres Xakriabá montando barracas no ATL 2019.....	161
Figura 16: Roda de <i>Toré</i> em frente ao Congresso Nacional.....	163

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AISAN: Agente Indígena de Saneamento

AIS: Agente Indígena de Saúde

AIXABIP: Associação Indígena Xakribá Aldeia Barreiro Preto

ANAI: Associação Nacional de Ação Indígena

APIB: Articulação dos Povos Indígenas do Brasil

APOINME: Articulação dos Povos Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo

AR: Articulação Rosalino Gomes de Povos e Comunidades Tradicionais

ATL: Acampamento Terra Livre

CAA-NM: Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas

CAMETXA: Casa de Medicina Tradicional Xakriabá

Ceasa-MG: Central de Abastecimento de Minas Gerais

Cemig: Companhia Energética de Minas Gerais

Cimi: Conselho Indigenista Missionário

Emater: Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural

FAE-UFMG: Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais

FACE-UFMG: Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais

FIEI: Formação Intercultural de Professores Indígenas

Funai: Fundação Nacional do Índio

Funasa: Fundação Nacional de Saúde

GATI: Gestão Ambiental e Territorial

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFNMG: Instituto Federal do Norte de Minas Gerais

Incrá: Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

PEC: Proposta de Emenda Constitucional

PIEI: Programa de Implantação de Escolas Indígenas em Minas Gerais

PGTA: Plano de Gestão Territorial e Ambiental

PNGATI: Programa Nacional de Gestão Ambiental e Territorial em Terras Indígenas

Ruralminas: Fundação Rural Mineira – Colonização e Desenvolvimento Agrário

SESAI: Secretaria Especial de Saúde Indígena

TI: Terra Indígena

TIX: Terra Indígena Xacriabá

UFJF: Universidade Federal de Juiz de Fora

UFMG: Universidade Federal de Minas Gerais

UNIMONTES: Universidade Estadual de Montes Claros

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
Capítulo 1 – HISTÓRIA DA <i>TERRA</i> E COTIDIANO	24
1.1 Apresentação.....	24
1.2 Xakriabá em Minas Gerais.....	25
1.3 Aproximações.....	41
Barreiro Preto.....	43
Um lugar (na) Barreiro.....	49
“A lida”.....	54
1.4 Santos, religião, festa e futebol.....	58
Capítulo 2 – TEMPOS, TERRA E LUTA	64
2.1 Tempos e modos de engajamento.....	64
2.2 Memórias da <i>luta</i>	68
2.3 Romarias e Mártires.....	77
Romaria de 2017.....	81
Romaria de 2018.....	95
2.4 Memória e <i>luta</i>	105
2.5 Romaria: lembrar e fazer a <i>luta</i>	108
2.6 <i>União</i> e (disposição de) fazer a <i>luta</i>	113
Capítulo 3 – LIDERANÇAS E MÚLTIPLOS TERRITÓRIOS	117
3.1 Apresentação.....	117
3.2 Líderes, famílias e as questões do <i>território</i>	118
3.3 Movimento dos professores, política municipal e outras articulações.....	126
3.4 Jovens (e) lideranças: <i>um pé na aldeia, um pé no mundo</i>	135
3.5 Demarcando outros territórios: Xakriabá nos Acampamentos e Jornadas do Movimento Indígena.....	143
ATL2017: “Demarcação Já!!”.....	143
ATL2019: “Sangue Indígena. Na veia, a luta pela Terra!!”.....	158
3.6 Célia Xakriabá e as muitas formas de territorializar.....	167
3.7 Múltiplas lideranças e territórios.....	174

Capítulo 4 – CIÊNCIA E ESPIRITUALIDADE NO TERRITÓRIO.....	180
4.1 Apresentação.....	180
4.2 <i>Espiritualidade, luta e ciência</i>	180
4.3 As muitas <i>ciências</i> (da <i>natureza</i>).....	185
4.4 Território <i>encantado</i>	192
4.5 Histórias de <i>Aleivosias</i>	206
4.6 <i>Natureza</i> e cura.....	215
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	220
Uma história de engajamentos com a T/terra.....	220
(Cosmo) Políticas Xakriabá.....	226
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	229
ANEXO.....	234

INTRODUÇÃO:

A primeira vez que ouvi sobre o povo Xakriabá e sua Terra Indígena foi em uma palestra proferida pela professora Ana Maria Rabelo Gomes da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, em um seminário sobre Infância Indígena na Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, no ano de 2014.

Nessa palestra, Ana Gomes, como é mais conhecida, falou sobre o processo de escolarização entre os Xakriabá¹, bem como sobre os estudos sobre as crianças desse grupo indígena que vinham sendo desenvolvidos por ela e seus alunos. Recordo-me dessa professora falando, em um momento que lhe fizeram uma pergunta, sobre a relação das crianças xakriabá com seu território, sobre as brincadeiras que realizam nos quintais, *carreiros* e estradas das aldeias, no período de chuva e de seca. A forma, mesmo breve, como Ana Gomes falou sobre o poder de transformação da vegetação do território xakriabá nessas duas estações do ano me causou um sentimento de curiosidade e encantamento, e despertou em mim um olhar mais atencioso para o sertão de Minas Gerais.

Quando ocorreu esse seminário, eu estava no primeiro semestre do segundo ano de mestrado. O tempo passou, concluí o mestrado e chegou o momento de pensar em um povo para realizar trabalho de campo e escrever um projeto de pesquisa para ingresso no doutorado. Após algumas conversas com minha orientadora, professora Elizabeth Pissolato, esta me disse que o professor João Dal Poz havia lhe apontado a possibilidade de me colocar em contato com uma de suas alunas do Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Ambiente e Território (UFMG/UNIMONTES), que estava realizando pesquisa de campo junto ao povo Xakriabá. Quando Beth se referiu aos

¹ Segundo esta pesquisadora, o processo de escolarização entre os Xakriabá parece ter se iniciado em meados da década de 1970, intensificando-se na década de 1990 com o funcionamento das escolas estaduais indígenas (GOMES, 2006). Foi a partir do Programa de Implementação das Escolas Indígenas de Minas Gerais (PIEI-MG), que começou suas atividades diagnósticas em 1994 (Silva, 2011), que iniciou-se também uma parceria duradoura e de sucesso na área da educação entre a UFMG e os Xakriabá, que atualmente é representada pela entrada anual de estudantes desse povo no ensino superior por meio da Formação Intercultural para Educadores Indígenas (FIEI), criada em 2006. Nessa parceria ganha destaque também o projeto de pesquisa e extensão “Conhecendo a Economia Xakriabá” (2004/2005), desenvolvido por pesquisadores da FAE- UFMG e a Faculdade de Ciências Econômicas (FACE-UFMG), a pedido das lideranças Xakriabá que queriam ter informações mais detalhadas sobre a produção na TIX, podendo assim pensar em projetos que contribuíssem com a qualidade de vida nas aldeias (Gomes e Monte-Mor, 2005).

Xakriabá, logo me veio à memória a palestra de Ana Gomes e o encantamento com o território desses indígenas.

Apresentada essa possibilidade, escrevi para o professor João Dal Poz que, sem demora, colocou-me em contato com sua aluna Helen Santa Rosa. Passados alguns dias, Helen enviou-me o número de telefone de Hilário, xakriabá que, segundo ela, desempenhava papel de “relações públicas” na aldeia Barreiro Preto e era com ele que eu deveria conversar para ver qual seria a melhor ocasião para iniciar meu trabalho de campo.

Na mesma semana que troquei *e-mail* com Helen, em um sábado pela manhã, liguei para Hilário. Apresentei-me, falei do meu interesse em desenvolver minha pesquisa de doutorado entre os Xakriabá e ele me falou um pouco sobre os projetos que estavam sendo desenvolvidos na Terra Indígena e me convidou para a 1ª Feira de Gestão Ambiental e Territorial dos Xakriabá, momento em que seriam apresentados os produtos do Plano de Gestão Territorial e Ambiental das Terras Indígena Xacriabá e Xakriabá Rancharia (PGTA-XAKRIABÁ).

A partir do convite de Hilário, em novembro de 2016, fiz minha primeira visita aos Xakriabá. Nessa ocasião, tive a oportunidade de conversar com o cacique Domingos, que me autorizou a iniciar a pesquisa. A princípio, eu pensava em observar e refletir sobre a socialidade e o parentesco de forma estendida, articulando as aldeias, mas percebi que isso não seria possível. Primeiro, por conta de uma questão de logística. Meu tempo em campo foi curto, cerca de um ano², e a Terra Indígena Xacriabá possui uma extensão considerável, sendo formada por um pouco mais de 30 aldeias. Segundo, porque, durante minha convivência com os Xakriabá, percebi que eles se interessaram mais e me permitiram conhecer mais sobre sua história e os movimentos de luta por direitos em que estavam engajados. Nesse sentido, foram recorrentes os convites por parte de algumas lideranças para que eu participasse da Romaria dos Mártires Xakriabá e do Acampamento Terra Livre. Falarei desses movimentos de luta nos capítulos 2 e 3, respectivamente. Por hora, vale frisar aqui como esses convites apontam para o fazer político dos Xakriabá.

² Minha entrada em campo foi adiada por conta de problemas de saúde e porque tive que ficar um semestre a mais em Juiz de Fora para fazer uma disciplina obrigatória do curso de doutorado que foi ofertada com atraso.

Quando me refiro às lideranças no parágrafo anterior, estou me referindo às lideranças da aldeia Barreiro Preto, ao senhor Valdinho, que era representante dessa comunidade à época; ao vice-representante, senhor Manoel Bezerra; professores de cultura; sublideranças que se destacam na elaboração e desenvolvimento de projetos como processamento de plantas medicinais e frutos do cerrado, e nas relações com instituições não indígenas apoiadoras dos Xakriabá. A Barreiro Preto, localidade onde fiquei durante todo o meu trabalho de campo, foi-me caracterizada algumas vezes por moradores da Terra Indígena como a “*aldeia dos projetos*”, pelo expressivo número de projetos que são desenvolvidos a partir de sua Associação Indígena, conhecida como a mais ativa do território e por receber integrantes de instituições não indígenas que são apoiadoras dos Xakriabá em reuniões e outras atividades na aldeia.

Na Barreiro, fui acolhida pela família do ex-representante de aldeia Valdemar Xavier dos Santos, senhor Valdinho, como era mais conhecido. Foi ele que me proporcionou o primeiro passeio por essa aldeia, foi um dos meus principais interlocutores sobre a história de seu povo, sobre as perspectivas xakriabá em relação ao seu território e sobre os fazeres políticos em que estavam envolvidos. Minha aproximação dessa liderança e de sua família foi um dos fatores que me levaram a me envolver e olhar com mais atenção para as movimentações territoriais e políticas dos Xakriabá.

Senhor Valdinho, como veremos, assumiu o lugar de liderança da aldeia Barreiro Preto no final da década de 1980. Desde então, sua família ganhou destaque no cenário político dessa aldeia, da Terra Indígena e do município. Seu filho, Chiquinho, faz parte do grupo de professores que consolidou uma participação expressiva dos Xakriabá na política partidária de São João das Missões, Minas Gerais. Seu filho, Gilsney, também professor, foi coordenador do Programa de Educação Escolar Indígena de Minas Gerais, vinculado à Secretaria Estadual de Educação. Atualmente, Gil é vice-representante da aldeia Barreiro. Ele assumiu esse posto após a morte de senhor Valdinho em julho de 2018. Sua filha, Neide, é uma das três professoras de cultura da aldeia Barreiro. Neide foi quem me fez o primeiro convite para participar do ATL de 2018. Segundo ela, seria bom eu participar desse momento porque não só me informaria sobre, mas vivenciaria o que era a luta de seu povo, assim como eu saberia mais sobre a luta da década de 1980 indo à Romaria na aldeia Itapicuru. O convite para participar da Romaria dos Mártires Xakriabá de fevereiro de 2017 foi feito por Hilário e senhor

Valdinho, na ocasião da minha primeira visita à Terra Indígena, em novembro de 2016, no âmbito da Primeira Feira de Gestão Territorial e Ambiental Xakriabá. Hilário é primo de senhor Valdinho e pai de Célia Xakriabá, que, conforme apresentarei, é a líder mais conhecida de seu povo no Movimento Indígena Nacional. A partir dessa segunda visita para participar da Romaria dos Mártires de 2017, comecei a frequentar a casa de senhor Valdinho e dona Ana, por convite deles.

Nos passeios e conversas com o senhor Valdinho e no viver diário com os demais Xakriabá, comecei a perceber que, de maneiras variadas, território era o grande tema que se destacava nas ações e nos discursos desses indígenas. Foram inúmeros os momentos que os Xakriabá, principalmente os mais velhos, colocaram-se a me falar sobre o *período de luta pela terra*, a me contar histórias sobre *encantados* e *aleivosias* que habitam seu território e a me ensinar sobre as *ciências xakriabá*.

É importante destacar também que o tema território se tornou forte em meu trabalho não apenas por conta de minha experiência junto aos Xakriabá, mas também a partir de minha leitura da bibliografia disponível sobre esse povo. A bibliografia trouxe o tema da terra e do território como um tema central principalmente na construção de uma identidade étnica junto com a luta por garantia de direitos, então definidos como indígenas. Terra e território se reúnem a outros temas como os projetos de *levantamento da cultura* e o ressurgimento da “religião” (ou mais propriamente da prática do *Toré*) como parte desse processo de afirmação identitária. Assim, na abordagem da “etnicidade” feita por Sonia Marcato (1977), ao mesmo tempo que enfatiza elementos que, segundo ela, fariam parte do universo mítico dos Xakriabá, como os *encantados*, frisa que existia uma “presença cada vez maior de elementos civilizados” entres esses indígenas. Maria Hilda Barqueiro Paraíso (1987) procurou demonstrar a distintividade cultural da população indígena diante da população regional através da descrição do universo simbólico e mítico do *Toré* e destacando características próprias de um sistema político Xakriabá. Ana Flávia Moreira Santos (1997) tratou do processo de formação do povo indígena Xakriabá. Analisando aspectos históricos e sociais, a autora destaca a emergência dos Xakriabá, constituídos a partir de uma fronteira individualizadora como uma nova unidade social e política. Nesse trabalho, o *Toré* e o *encantado* Yayá são tratados como elementos utilizados pelos Xakriabá para reforçar sua identidade indígena perante o Estado. Já Alessandro Roberto de Oliveira (2008) enfoca as transformações da política entre os Xakriabá entre os anos de 1988 e 2008. Através do recorte etnográfico

centrado na experiência de dois líderes situados em diferentes posições de autoridade, o autor fala sobre a participação de senhor Emílio no processo de *levantamento da cultura* de seu povo após a homologação da Terra Indígena, e sobre a relação entre identidade e cultura a partir dos discursos deste, bem como analisa o protagonismo Xakriabá no cenário político municipal de São João das Missões a partir da história de vida do professor Chiquinho. Para analisar esse processo político dos Xakriabá, Oliveira (2008) se apropria das noções de campo semântico da etnicidade e de experiência da etnicidade.

Minha experiência de campo levou-me, tanto ao envolvimento prático no movimento dos Xakriabá, nas romarias, nas viagens e participação no ATL, quanto no enredo das conversas cotidianas, e ainda possivelmente por minha própria experiência de uma vida anterior na roça, aos temas da terra e do território. Mas, ao sistematizar o material dos cadernos de campo, ao acompanhar a produção de pesquisas dos Xakriabá na leitura de uma série de trabalhos de conclusão de curso, ao continuar a pesquisa seguindo mulheres e rapazes das aldeias nas redes sociais, cada vez mais, fui observando como a terra se fazia um lugar de cruzamento de muitas questões. Não caberia tratar a história da luta pela terra, as transformações no território, as imagens simbólicas relacionadas à terra, as *ciências* mobilizadas para plantio, para remédios, etc. numa única chave analítica, como, por exemplo, a política em sentido mais estrito ou a cultura. Nesse sentido, inspirada pelo debate contemporâneo sobre políticas indígenas da “natureza” e na abordagem de cosmopolíticas indígenas, trato dos Xakriabá na política municipal, já há algum tempo se aderindo ao modo de funcionar da política partidária, e no movimento indígena nacional, dando destaque para seres não humanos como agentes políticos, aproximando-se assim do movimento de indigeneidade contemporâneo andino que Marisol De La Cadena (2019) analisa.

No Capítulo 1, apresento um histórico dos Xakriabá em Minas Gerais a partir da bibliografia disponível, particularmente com base nos trabalhos de Maria Hilda Barqueiro Paraíso (1987) e Ana Flávia Moreira Santos (1997), e também uma apresentação de dados gerais sobre a Terra Indígena Xacriabá - vegetação, solo, fauna, população, etc. -, além de abordar o modo como eu vi e senti o dia a dia na aldeia Barreiro Preto. Falo sobre a organização física da aldeia, mencionando as subaldeias e localidades que a compõem, fazendo uma descrição geral sobre a estrutura das casas, de seus terreiros e terrenos, e dos *carreiros* que cortam estes últimos. Trato do ritmo diário

da comunidade, dando destaque para o barulho diurno e o silêncio noturno, bem como para as atividades cotidianas de homens e mulheres. Quando faço a descrição do meio de semana na aldeia Barreiro, chamo a atenção para os sons que vêm das casas, da escola e do posto de saúde, para o barulho das crianças, dos carros e motos, e para a movimentação destes e das pessoas nas estradas e *carreiros*. Ao final do capítulo, descrevo minhas observações sobre os momentos de descontração, de festas entre os Xakriabá. Nessa parte, ganham ênfase os campeonatos de futebol, que talvez sejam uma das grandes paixões de boa parte desses indígenas. Em dia de jogo, que geralmente aconteciam aos fins de semana, a aldeia Barreiro ficava com sons e uma movimentação diferente, realizada, principalmente, por pessoas de outras aldeias. Falo também sobre as vaquejadas, *motocross* e festas de casamento, que, assim como o futebol, acontecem ao som de muito forró. Festas com muito forró é o que movimenta as noites dos fins de semana em muitas aldeias da Terra Indígena.

No Capítulo 2, meu foco é a memória e a luta Xakriabá. Falo de tempo e história enfatizando o ponto de vista dos indígenas. Nesse sentido, quando contam a história de seu povo, os Xakriabá constroem um olhar reflexivo sobre o *tempo dos antigos*, sobre como percebem o *tempo d'agora*, sobre suas vivências no *período de luta pela terra* ou *época da luta*, e como são suas atividades no *tempo da seca* e no *tempo das águas*. Dando destaque para a *época da luta*, apresento narrativas dos Xakriabá, colhidas por mim e por outros pesquisadores, que falam sobre suas vivências nesse período. Desse modo, alguns Xakriabá contam sobre a violência física e emocional que sofreram dos fazendeiros invasores de suas terras, sobre os mutirões de retomada de terras que organizaram, assim como chamam a atenção para lugares que foram marcados pelo processo da *luta*, desde a chegada das primeiras pessoas de fora ao seu território até a saída dos grileiros. A *união* é vista por esses indígenas como um dos principais motivos da vitória na *luta pela terra* da década de 1980, e ela é fomentada pelas lideranças xakriabá, principalmente entre os integrantes jovens do povo, nos dias atuais. Nesse sentido, as romarias em homenagens aos Xakriabá mortos em fevereiro de 1987 apresentam-se como um momento profícuo para esse propósito, por isso, na terceira parte deste capítulo, apresento minha etnografia de dois desses eventos (2017 e 2018) que considero como sendo rituais de memória praticados por esse povo. Desse modo, inspirada pelas reflexões de Carlos Alberto Steil (2013), destaco elementos que aparecem nesses rituais e que o compõem.

A *união*, portanto, é vista como o mais precioso e proficiente *instrumento de luta* para os Xakriabá, *luta* essa que, como veremos, é caracterizada por eles como contínua e transformacional. Junto com a *união*, a demarcação de novos territórios, como o espaço universitário e o da política partidária, tem se mostrado como novos instrumentos de *luta*, tratados no Capítulo 3. Nele, chamo a atenção para formas diversas de construção de lideranças ou para uma pluralidade de lideranças, conforme Beatriz Perrone-Moisés (2011), e para as movimentações políticas que atravessam a *luta* pelo território, a circulação por outros territórios e a invenção de novas formas de *territorializar*, como salienta a professora e liderança Célia Xakriabá. O fazer político dos Xakriabá acontece em diferentes momentos e espaços, como na política municipal de São João das Missões, na Articulação Rosalino Gomes de Povos e Comunidades Tradicionais do norte de Minas Gerais, e no Movimento Indígena Nacional. A participação no Acampamento Terra Livre (ATL) de 2017 e 2019, e os discursos públicos de Célia Xakriabá ganham um lugar especial nesse capítulo, quando falo das movimentações políticas desses indígenas no âmbito do Movimento Indígena Nacional.

No Capítulo 4, dedico-me a refletir sobre as relações dos Xakriabá com não humanos, destacando como eles também fazem parte do seu território e do seu fazer político. Desse modo, dou ênfase para discursos xakriabá dirigidos aos não indígenas que se referem à *espiritualidade*, observando como esta se articula ao território e a outras noções como as de *sagrado* e *segredo*. Tomando por base informações presentes em trabalhos acadêmicos desenvolvidos por pesquisadores e pesquisadoras xakriabá, exploro também os significados e as práticas em torno das chamadas *ciências*, produzidas na relação desses indígenas com a natureza, isto é, na observação e engajamento com habitantes como *encantados*, plantas e bichos que compartilham o mesmo território, e ainda sobre as *aleivosias*. Para finalizá-lo, ligada ao tema da *espiritualidade*, trabalho com falas de Célia Xakriabá sobre a importância dos povos indígenas e das comunidades tradicionais na defesa e proteção do Planeta Terra ou da *Mãe Terra*.

Quando levamos a sério as percepções indígenas de mundo e consideramos a agência de seres não humanos na vida dessas sociedades, podemos perceber, por exemplo, os múltiplos modos como os Xakriabá se engajaram com a terra em diferentes momentos da sua história, como destaque nas Considerações Finais. Para pensar nesses múltiplos engajamentos dos Xakriabá com a terra, busquei inspiração nas reflexões de

Dominique Gallois (2000) e Marcela Coelho de Souza (2017) sobre Terra, terra, território e territorialidade.

O futuro das gerações que estão por vir é uma das grandes preocupações das atuais lideranças xakriabá, por isso, elas têm procurado organizar e engajar o maior número de membros possível em suas movimentações territoriais e políticas. Desse modo, a partir de agora, dedicar-me-ei a apresentar aspectos dessas movimentações, objetivando, principalmente, sensibilizar o olhar para diferentes concepções de território e política entre esses indígenas.

CAPÍTULO 1

HISTÓRIA DA *TERRA* E COTIDIANO

1.1 Apresentação:

Neste capítulo, apresento um histórico dos Xakriabá em Minas Gerais e meu encontro com esses indígenas desde o início de meu trabalho de campo, em novembro de 2016.

Há fontes que informam que os Xakriabá foram trazidos por bandeirantes de terras pernambucanas para o Triângulo Mineiro e documentos que apontam que esses indígenas habitaram e se movimentaram por diferentes áreas das regiões Centro-Oeste e Nordeste até chegar a Minas Gerais (MARCATO, 1978).

Em solo mineiro, os Xakriabá foram obrigados a viver em regime de aldeamento e sofreram com a presença de colonizadores que transformaram e dividiram as terras onde habitavam em grandes fazendas, grandes latifúndios, além de escravizá-los. Foram séculos tendo que conviver com a presença de fazendeiros em seu território que, como veremos, foi mudando de configuração ao longo do tempo, tendo suas dimensões cada vez mais diminuídas por demarcações feitas pelo Estado e que recentemente vem passando por um processo de retomada por parte dos Xakriabá.

Inspirada principalmente pela dissertação de Ana Flávia Moreira Santos e por narrativas desses indígenas que ouvi em campo, conto sobre os vários movimentos realizados por esses indígenas em defesa de suas terras. Meu propósito é mostrar como se desenhou os limites das duas Terras Indígenas habitadas por eles e as demandas atuais pela ampliação de seu território.

Junto a esse histórico da relação dos Xakriabá com seu território, apresento meus primeiros contatos com famílias xakriabá na Terra Indígena e um relato sobre os ritmos cotidianos na aldeia Barreiro Preto, onde morei durante meu trabalho de campo. Falo da vida diária, da movimentação nos caminhos e construções da aldeia e do barulho. Moradores dessa comunidade e os Xakriabá em geral dizem que a Barreiro Preto é movimentada e marcada pelo barulho.

Por fim, comento as festas. Os festivais de futebol, as corridas de *motocross* e de vaquejada, as festas de casamento, os bailes, as festas para santos são uma parte

importante desse movimento entre as aldeias. Todas essas festas geralmente acontecem aos finais de semana, ao som de muito forró, gênero musical preferido dos Xakriabá.

1.2 Xakriabá em Minas Gerais

No *Handbook of South American Indians* (1946), os Shacriabá são definidos por Lowie como filiados ao tronco linguístico Ge, subdivisão Akwen. São relacionados aos Xavante e aos Xerente, por Aryon Dall’Igna Rodrigues em *Línguas Brasileiras* (1986), e classificados por Julio Cesar Melatti (1993) como pertencentes ao tronco linguístico Macro-Jê, Família Jê, língua Akuên, os dialetos Xerente, Xavante e Xakriabá. Como dizem os Xakriabá contemporâneos, durante muito tempo, por causa de perseguições da Igreja, da polícia e de fazendeiros, eles foram obrigados a parar de falar seu dialeto. Hoje em dia, no cotidiano, eles falam o português e estão vivendo um processo de retomada e reaprendizado do Akwen no contexto escolar, como chama a atenção Manoel Antônio Xakriabá em sua monografia intitulada “A única herança que um índio deixa para outro índio é a luta: a história da língua akwen do Povo Xakriabá” (2018).

Quanto ao território de origem dos Xakriabá, existem fontes históricas que informam que eles foram deslocados por bandeirantes no final do século XVIII de Pernambuco, das proximidades do Rio Preto, para a região do Triângulo em Minas Gerais. Outras fontes consideram que estes se movimentavam em terras que ficavam entre o alto e médio Tocantins e a margem esquerda do São Francisco, abrangendo as províncias da Bahia, Piauí, Minas Gerais e Goiás. Em Minas Gerais, Curt Nimuendajú (1981) os localiza no século XVIII habitando a região norte, entre os rios Paracatu e Urucaia, afluentes do Rio São Francisco, e no período de 1775 e 1819 na região do Triângulo Mineiro, entre os rios Paranaíba e Araguari ou rio das Velhas (MARCATO, 1978).

Atualmente os Xakriabá são oficialmente reconhecidos como habitantes do município de São João das Missões norte de Minas Gerais, região do Alto-Médio-São Francisco³. De acordo com o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

³ Há também famílias Xakriabá morando no município de Cocos na Bahia. Em abril de 2017, numa viagem a Brasília com os Xakriabá do norte de Minas para participar do Acampamento Terra Livre, conheci Valtenci, cacique e pajé dos Xakriabá de Cocos. Numa conversa com ele, este me informou que os Xakriabá que moram em Cocos são originários de uma família que saiu das terras xakriabá no norte mineiro na década de 1960.

(IBGE) do ano 2010, a população de Missões era de 11.715 habitantes, sendo que 67,7% declararam-se como indígenas, levando o município a ocupar o quinto lugar na tabela intitulada “Municípios brasileiros com as maiores proporção da população indígena, por situação do domicílio - Brasil - 2010”⁴. Neste mesmo censo, os Xakriabá aparecem entre as 20 etnias mais populosas do Brasil, totalizando 9.921 pessoas, sendo que 7.760 Xakriabá vivem na Terra Indígena Xacriabá (6.978 pessoas) e na Terra Indígena Xakriabá-Rancharia (827 pessoas) e 2.161 fora de Terra Indígena⁵, em municípios como Cônego Marinho, Manga, Montalvânia, Miravânia, Januária e Matias Cardoso. Essas duas Terras Indígenas são consideradas áreas contínuas, compostas por 33 aldeias, tendo como sede a aldeia Brejo do Mata Fome, localizada na T.I.Xacriabá⁶.

Assim como toda a região norte do estado de Minas, o clima dessas terras indígenas é quente durante todo o ano. A estação chuvosa compreende os meses de outubro a março. Porém, nos últimos anos, as chuvas têm diminuído muito. Estiagem que tem se agravado por causa do desmatamento, um dos grandes problemas enfrentados pelos Xakriabá⁷.

O solo do território é cheio de contrastes em toda a extensão: mais arenoso nos tabuleiros ou gerais, mais argiloso nas baixadas e brejos, e mais rochoso em alguns lugares de morros. A vegetação predominante são o cerrado e a caatinga, cuja preservação é fundamental para normalização do regime pluvial da região. Por causa do desmatamento, falta de chuva, conseqüente falta de água e da caça fora de época, muitos animais não são mais encontrados na terra indígena, contudo, ainda é possível ver: veados, seriemas, tatu, coelho, raposa, mocó, lagarto, onça, jaguatiricas, tamanduá, saruê, sapos, gambá e pássaros, como o sofrer, bem-te-vi, rolinhas, sabiás, maritacas, papagaios, gaviões, coruja coan, entre outros.

⁴ Ver tabela no artigo “Os indígenas no Censo Demográfico 2010 – primeiras considerações com base no quesito cor ou raça” (2012).

⁵ Ver dados em “Censo Demográfico 2010 - Características gerais dos indígenas. Resultados do universo” (2010).

⁶ Localizada em São João das Missões e Itacarambi, a Terra Indígena Xacriabá foi demarcada em 1979 e, em 14 de julho de 1987, o Decreto Presidencial n.º 94.608 homologa a demarcação. Em 2001, a Terra Indígena Xakriabá-Rancharia, situada em São João das Missões, é demarcada e, em 2003, é homologada como território contínuo à T.I.Xacriabá. A extensão dessas duas T.I. soma 53.000 hectares.

⁷ Informações sobre clima, solo, vegetação e animais no território xakriabá, ver Plano de Gestão Territorial e Ambiental das Terras Indígenas Xacriabá e Xakriabá-Rancharia (ANAI, 2016).

As duas principais atividades econômicas que eram desempenhadas na Terra Indígena também sofreram influência do desmatamento e da falta de chuva. Se até o início da década de 1990 podia-se viver, mesmo com as dificuldades impostas pelo clima árido, do plantio de arroz, feijão, milho, mandioca, entre outros, e da pecuária, com a atual estiagem, viver somente da terra e do gado é algo praticamente impossível, no mínimo essas atividades podem ser encaradas como uma renda complementar. Desse modo, conhecedores de políticas públicas voltadas para os povos indígenas, alguns Xakriabá têm procurado estudar e se formar como professores, médicos, dentistas, psicólogos, enfermeiros, técnicos em enfermagem, técnicos em informática para poderem atuar nas escolas e unidades de saúde dentro e fora da T.I. A área de educação e de saúde são as de maior interesse dentro da Terra Indígena. Outra prática que é muito comum, principalmente entre os homens, é a saída da T.I. para temporadas de trabalho em outros estados ou regiões de Minas, geralmente em usinas canavieiras, plantações de café e pastelarias. Como veremos mais à frente, algumas famílias Xakriabá, engajadas em projetos desenvolvidos nas aldeias onde moram, têm procurado também investir na venda de frutos do cerrado e seus derivados (sucos, polpas).

Em um processo que vai da experiência de viver em um território sem fronteiras à vivência nos limites de uma Terra Indígena, os Xakriabá, assim como vários outros povos indígenas, resistiram a guerras, à escravidão imposta pelos bandeirantes, à política das missões e aldeamentos e às investidas muitas vezes mortais de fazendeiros a suas terras.

Ana Flávia Moreira Santos, em sua dissertação de mestrado intitulada “Do terreno dos caboclos do Sr. São João à Terra indígena Xakriabá: as circunstâncias da formação de um povo. Um estudo sobre a construção social de fronteiras” (1997), apresenta esses episódios históricos vivenciados pelos Xakriabá, além de várias questões enfrentadas por eles em relação a terra até finais da década de 1980. O texto a seguir é baseado principalmente no trabalho de Santos (1997) e em narrativas que ouvi em campo. Meu objetivo é mostrar como se desenharam os limites das duas T.I. Xakriabá e as demandas atuais pela ampliação de seu território.

A ocupação da região onde se situam as T.I. habitadas pelos Xakriabá começou a passar por mudanças significativas em meados do século XVI. Se antes dessa data a região era habitada apenas por indígenas, a partir desse período, aparece na história do norte mineiro a figura do bandeirante dedicado à busca por metais preciosos. Durante

um tempo, esses bandeirantes circularam pelas terras do norte mineiro em busca de minas, mas, por não obterem sucesso em suas empreitadas, deslocaram-se para outras regiões⁸.

A partir do século XVII, o norte de Minas passou a ser explorado e ocupado por homens dedicados à pecuária. O bandeirante Matias Cardoso de Almeida, figura marcante no processo de colonização das terras habitadas pelos Xakriabá, conhecedor das potencialidades da criação de gado na região, estabelece-se nas proximidades do Rio São Francisco e funda o arraial de Nossa Senhora da Conceição de Morrinhos, atual município de Matias Cardoso, utilizando-se principalmente de indígenas escravizados para a construção de sua fazenda.

Depois de vários conflitos entre a comitiva bandeirante de Matias Cardoso e indígenas, estes últimos tendo várias de suas aldeias destruídas e transformadas em fazendas, dentre elas, a aldeia de Tapiraçaba, atual município de Januária, os Xakriabá se organizam e queimam essa fazenda, que é reconstruída no início do século XVIII pelo filho de Matias Cardoso, Januário Cardoso de Almeida, sob o nome de Nossa Senhora do Amparo do Brejo do Salgado.

Esse bandeirante realizou vários ataques aos Xakriabá, que os levou a abandonar as margens do Rio São Francisco e retornar para seu afluente, o Rio Urucaia. Contudo, em decorrência dos incessantes ataques dos temidos índios Kaiapó a sua fazenda, ele se alia aos Xakriabá para combatê-los, estes últimos conhecidos por ser o único povo que fazia frente aos Kaiapó.

Após a vitória contra os Kaiapó, como pagamento à ajuda recebida dos Xakriabá e para garantir que os mesmos não promovessem ataques a fazendas da região, Januário elabora, em 1728, um termo de doação de terras contemplando esses indígenas. Como bem destaca Santos (1997, p.24), tal doação, mais que resultado de um acordo entre os colonizadores e os Xakriabá, deve ser vista como procedimento ratificador da autoridade colonial imposta aos índios, produto de um compromisso entre o poder eclesiástico e poder local, pois, na referida área doada, havia se estabelecido uma missão religiosa, a Missão do Senhor São João do Riacho de Itacaramby:

⁸ Além do trabalho de Ana Flávia Moreira Santos (1997), ver também o relatório de Maria Hilda Barqueiro Paraíso (1987) para mais informações sobre o processo de colonização da região norte de Minas Gerais.

(...) Januário Cardoso de Almeida Brandão deministrador dos Indios da Missão do Snr S. João do Riixo do Itacaramby Ordena o Capm Mandante Domingos Dias ajunte todos os indios tantos maxos como feméas Q~ andarem por fôra pa ad-missão com zello e cuidado os que forem rebeldes fará prender com cautela parahirem para ad-missão Copio e Christão e zello, Mandando -lhe ensinar a Doutrina (...) e espero do Sn Capm assim o faça como asim determino e do contrario por ele e pelos mais e isço dei terra com sobra para não andarem para as fasenda alheia do Riixo do Itacaramby asima até as cabiceiras e vertentes e vertentes e descanco extremando na Cerra Geral para a parte do peruaçú extremando na Boa Vista onde desagua para lá e para cá e por isso deilhe Terra com Ordi de nossa Magestade ja assim não podem andarem pelas fazendas alheias incomodando os fazendeiros--missoes para morada o brejo para trabalharem Fora os gerais para suas cassada e meladas. Arraial de Morinhos, 10 de fevereiro de 728 digo de 1728 (...).

(Trechos da “CERTIDÃO VERBUM-ADVERBUM”. UMA DOAÇÃO. Santos, 1997, apêndice 2^o).

Nas fontes históricas, não há informações sobre a fundação dessa Missão, nem dados etnográficos sobre a mesma. Santos (1997), remetendo-se aos escritos de Burton (1869), acredita que tal aldeamento religioso pode ter sido fundado na primeira década do século XVIII pelo Padre Antônio Mendes a pedido do Bispo de Pernambuco, com o objetivo de catequizar os índios ferozes da região. Três grandes grupos teriam vivido em São João: os Xavantes, os Xakriabá e os Botocudos. Na segunda metade do século XIX, Pizarro (1909, *apud* Santos, 1997, p.28) relata a ausência de missionários ou diretores entre essa população indígena da Missão¹⁰.

A partir desse período, segunda metade do século XIX, existem documentos e relatos que apontam para a existência de investidas de fazendeiros ao Terreno dos Caboclos, como eram chamadas pelos não índios as terras dos indígenas de São João. Em 1856, Eugênio Gomes de Oliveira registra em nome de todos os índios de São João as terras doadas por Januário Cardoso:

Aos dezenove dias do mês de abril de mil oitocentos e cinquenta e seis, nesta vila de Januária, compareceu Eugênio Gomes de Oliveira pedindo que registrasse o seu exemplar, o qual o faço pela forma e

⁹ Ver “CERTIDÃO VERBUM-ADVERBUM” completa no Anexo 1 desta tese.

¹⁰ Sônia Marcato (1978), baseando-se em escritos de Saint-Hilaire (1938, 1944), Saint-Adolphe (1863) e Casal (1945), diz que, além da Missão de São João, índios Xakriabá viveram no aldeamento de Santanna, situado no Triângulo Mineiro, e no aldeamento de Formiga, situado em Goiás. Os Xakriabá de Santanna teriam vindo de Pernambuco em 1775. Como viviam apenas da caça, pesca e coleta, foram obrigados a se adaptar à prática da agricultura.

maneira seguinte - **Eugênio Gomes de Oliveira** por si e por TODOS OS INDIOS DE SÃO JOÃO DA MISSÃO, declara que possuem desde o Riacho do Itacarambi acima até a cabeceira e vertentes e descanso (sic), extremando na Serra Geral, e para parte do Peruguaçu extremando na Boa Vista, onde desagua para cá, como os ditos Índios por ordem de Sua Majestade: Januário Cardoso de Almeida Brandão, e ditas é neste município e freguesia. Vila Januária dezessete de abril de mil oitocentos e cinquenta e seis. Eugênio Gomes de Oliveira. Nada mais ouve o declarante declarar eu Timoteo Francisco da Costa escrevente do Pároco o escrevi. (Certidão de registro de posse, extraída de Livro Paroquial, *apud* Santos, 1997, p. 28).

No início do século XX, o Cônego Maurício Gaspar, acompanhando uma visita pastoral do Bispo de Montes Claros à região, chega até o arraial de São João das Missões, antiga Missão de São João, conhecida depois de seu fechamento como São João dos Índios. Segundo ele, índios Kaiapó moradores da localidade teriam realizado uma viagem em defesa da terra:

Apenas chegados em São João das Missões, fomos chamados para administrar os últimos sacramentos ao velho índio Theophilo de tal, Foi o primeiro Cayapó que tivemos ocasião de vêr, logo ao entrar na antiga aldeia. O velho índio, ao que me contaram, fez parte, há trinta annos, de um grupo de Cayapós, patricios seus, armados de flechas, resolvidos a ir ao Rio de Janeiro para apresentarem as suas queixas a Sua Magestade o Imperador D. Pedro II. (Gaspar, 1912, *apud* Santos, 1997, p. 33).

Conforme esse mesmo cônego, além de habitarem São João das Missões, os Kaiapó ocupavam uma área próxima desse arraial. Lugares como Brejo da Fome, Riachinho, Retiro, Prata e Água Branca, que atualmente estão dentro dos limites da Terra Indígena Xacriabá.

Quando os Xakriabá contemporâneos contam sua história, destacam também as viagens de providência em defesa do território, lugares e limites da área que lhes foi doada, além de conflitos com posseiros e fazendeiros, e rupturas que ocorreram no grupo no período que chamam de *luta pela terra*, de 1968 a 1986, reconhecido como os anos mais difíceis na empreitada de defesa do território contra políticas estatais que beneficiavam grandes latifundiários.

Assim como Santos (1997), ouvi o relato de uma situação de conflito aberto entre indígenas e fazendeiros no final da década de 1920. Segundo Laurindo Gomes de Oliveira, liderança xakriabá na década de 1960, um homem por nome Tiófilo, morador

da comunidade de Pindaíba, teria invadido um pedaço de terra e construído dois currais de aroeira na comunidade de São Bernardo, Rancharia, sem autorização dos indígenas residentes no local e do chefe geral à época, Germano Gomes de Oliveira, avô de Laurindo. A ocupação do lugar onde seria construída a fazenda se deu da seguinte forma:

O riacho passa assim, começou do riacho para a serra, marcou aquele tanto que ele queria lá. O povo da Rancharia bem pouquinho, não tinha força para nada, tudo fraquinho, pobrezinho que só vendo. Ai esse homem juntou uma turma chegou lá e falou, vou fazer uma fazenda aqui. Sem comunicar nada, não tinha nada a ver. Ai a turma meteu o machado na mata, tirando aroeira, tirou tudinho, deixou só no vermelhinho purinho e fez dois curralão. (Laurindo Gomes de Oliveira, aldeia Olho D'Águão, agosto de 2018).

Essa ação foi vista como uma ameaça a terra e como um desrespeito ao modo como os indígenas lidavam com a distribuição da mesma¹¹. Não comunicar a ocupação de um espaço comum foi visto como uma invasão e foi tal atitude que levou os indígenas a queimar a construção feita por Tiófilo. Este, contando com a colaboração de um capitão da polícia chamado Delfino, empreendeu uma intensa perseguição ao chefe geral Germano e a seu filho Augustinho, pai de Laurindo. Germano e Augustinho foram covardemente agredidos pelos capangas de Tiófilo e pelos policiais coordenados por Delfino. Dias após esse episódio de violência, os dois indígenas saíram para realizar uma viagem ao Rio de Janeiro em defesa da terra e nunca mais voltaram, conforme relata senhor Laurindo.

Como destaca senhor Laurindo, essa foi a *primeira revolução* em defesa da terra. Em 1968, iniciou-se o que os Xakriabá chamam de *luta pela terra* ou como me disse senhor Valdemar Xavier dos Santos (senhor Valdinho), falecida liderança da Aldeia Barreiro Preto, a *luta dos 18 anos*.

Tal *luta* se desencadeou por conta de uma ação do Estado por meio da Fundação Rural Mineira – Colonização e Desenvolvimento Agrário – Ruralminas que visava

¹¹ Como nos informa Santos (1997), no ano de 1930, inicia-se um projeto de parcelamento da área. A fazenda Sumaré, localizada dentro dos limites assinalados pelo termo de doação, é alvo de requerimento de divisão. *Baianos*, ou seja, pessoas estabelecidas mas não nascidas nas terras doadas, são incentivados por coronéis locais a registrar e cadastrar os lotes ocupados. Essas movimentações fazem com que os indígenas registrem em cartório duas procurações incumbindo o advogado João Moreira de Castro de representá-los no acompanhamento desse processo de requerimento de divisão da mencionada fazenda.

legitimar propriedades, realizar uso e reintegração de posse e discriminação de terras devolutas¹². Procurando provar a inexistência de índios em terras do noroeste mineiro e prometendo transformar essa região no principal centro fornecedor de produtos agropecuários ao recém-criado mercado consumidor de Brasília, a Ruralminas atrai o interesse de grandes fazendeiros, que passam a adquirir lotes dentro dos limites da terra doada aos indígenas. Uma, dentre inúmeras consequências desencadeadas por essa ação do Estado, foi o estabelecimento de um cenário de intenso conflito e mortes dentro da área desde finais da década de 1960 até 1987.

Então passou essa revolução [A queima do curral de varas]. Quando foi em 1968, o povo aqui para o lado da Barra revoltou numa questão de querer tomar posse um do outro. Todo mundo tinha terra lá, mas uns queria um pouquinho a mais, podia dar mais. O Vicente de Paula Correa tinha sido eleito nesse ano. E o povo deu para levar denúncia pra ele: “Ah, Vicente, o povo lá tá matando, tal e tal”. [Vicente]: “Não, eu tô sabendo. O povo lá registrou 70 questão”....O Vicente falou: “Eu não vou resolver esse trem não. Eu vou botar isso na mão do governador do estado. Só o governo pode resolver esse problema”. Levou a queixa para o governo do estado...Quando a gente pensou que nós estava sossegado, chegou ele: “Opa, agora vocês pode ficar na certeza que quem manda agora é a Ruralminas. Quem tiver dinheiro tira uma torinha mais grande, quem não tiver nada vai ficar aí no ar, tem que desocupar a terra. E aí, você vai querer? Você vai pagar a taxa?” (Laurindo Gomes de Oliveira, aldeia Olho D’Águão, agosto de 2018).

A chegada da Ruralminas¹³ nas terras dos índios de São João fez com que eles se organizassem para realizar mais uma viagem em defesa das mesmas. Como me relatou senhor Laurindo, em abril de 1969, seu primo Manoel Rodrigues Gomes de Oliveira, o Rodrigão, viaja pela primeira vez para Brasília em busca de ajuda da Funai. Depois de confirmarem a existência de documentação sobre um território indígena no

¹² Como me explicou senhor Valdinho, o Incra chegou no território xakriabá antes da Ruralminas, mas, diferente desta, esse órgão não realizou picadas/divisão na terra. O que o Incra fez foi um cadastramento dos imóveis objetivando a cobrança de impostos.

¹³ Nos discursos xakriabá sobre a chegada da Ruralminas, sempre se destaca a figura de Zé Caetano, genro de Pedro de Seixas Ferro, chefe dos índios de São João na década de 1960. Como me falaram alguns Xakriabá, Zé Caetano teria levado a Carta de Doação para Belo Horizonte e lá teria sumido com ela. Quando retornou ao norte de Minas, passou-se pouco tempo, a Ruralminas iniciou seus trabalhos nas terras doadas aos índios. Segundo a liderança da aldeia Sapé, senhor Rosalvo Fiúza, em entrevista cedida a mim em fevereiro de 2019, foi Rosalino, no período de luta pela terra, que encontrou registros da Carta, primeiramente em Ouro Preto e depois em Itacarambi.

norte de Minas Gerais, os funcionários da Funai pedem a Rodrigão para retornar a seu povo e selecionar pessoas e objetos que pudessem comprovar a indianidade do mesmo.

Agora faz assim, você volta lá, e você arruma lá três companheiros, para apresentar aqui quatro com você, e traz uns vestígios lá, uns caco de panela, uns caco de prato, cachimbo. E essas coisas você trás lá pra nós vê se decide (IDEM).

Em 23 de junho de 1969, Rodrigo, Laurindo e mais dois companheiros amanheceram na rodoviária de Brasília com os vestígios pedidos em mãos. De acordo com senhor Laurindo, depois de analisar as pessoas e objetos, os funcionários da Funai confirmaram que se tratava realmente de um grupo indígena. Em uma das outras muitas viagens que Rodrigão fez a Brasília, ele retornou com um representante da Funai ao norte mineiro. No mês de junho de 1974, foi construído o primeiro posto da Funai na área, atendendo a Portaria nº 147/N de 14 de dezembro de 1973. Nesse mesmo ano, o posto recebe a visita do chefe da Funai de Governador Valadares, João Geraldo Itatuitim, que comunica a Rodrigão que ele seria auxiliar do chefe de posto e Laurindo seria o cacique. Laurindo não quis o cargo e, depois de ser realizada eleição para escolha do cacique em 1975, Rodrigão foi eleito e assumiu então as duas funções.

Nesse modelo político proposto pela Funai, além da instituição de um cacique, instituíram-se também as aldeias e as lideranças locais. Os nomes das aldeias surgiram das comunidades já existentes dentro da *reserva*¹⁴ e cada aldeia passou a contar com um ou dois representantes/lideranças. As primeiras lideranças foram escolhidas em meados da década de 1970 por Rodrigão e as outras que as sucederam foram escolhidas pelos moradores de sua comunidade. Como me explicou senhor Valdinho, procurando criar um espaço para deliberar a respeito de questões consideradas importantes para o grupo, os representantes locais e o cacique resolveram formar um conselho de lideranças. As lideranças locais têm autoridade para resolver problemas que ocorrem em suas aldeias que não envolvam crime, como desavenças conjugais ou desentendimentos por conta de divisão ou delimitação de terra. Questões que as lideranças percebem que não serão resolvidas por elas são encaminhadas para o cacique.

As idas de Rodrigão a Brasília levaram a Funai para as terras dos índios de São João, e a chegada desta, como dizem alguns Xakriabá, fez que, com o tempo, a

¹⁴ Modo como os Xakriabá mais velhos costumam se referir a seu território.

Ruralminas fosse embora¹⁵. No entanto, o processo de saída e a retirada em definitivo desse órgão estadual não resultou também na saída dos fazendeiros que já estavam instalados na área.

Fato é que as questões em torno da terra que, como vimos, já perduravam por longos anos teriam culminado numa divisão dos moradores da área, colocando de um lado aqueles que viam a área doada como um bem coletivo e de outro aqueles que defendiam a regularização das posses individuais. Conforme disse senhor Valdinho, foi a união de moradores do lugar com os fazendeiros, pessoas que se beneficiavam de algum modo com a presença destes, com trabalho, por exemplo, que contribuiu para a permanência dos latifundiários na área indígena por tantos anos.

O conflito entre grupos de moradores das terras doadas levou a Funai a contratar uma equipe de antropólogos da UFMG em 1974, objetivando realizar um levantamento a partir do qual os moradores da área poderiam se identificar como indígenas ou como posseiros, podendo assim levar à frente o processo de regularização fundiária, realizando a demarcação da Terra Indígena.

A demarcação da Terra Indígena Xacriabá em 1979 fez com que os conflitos pela terra entre indígenas e posseiros/fazendeiros se acirrassem cada vez mais. Primeiro, porque a área demarcada pela Funai era bem menor que a área das terras doadas em 1728¹⁶ e, em segundo lugar, porque o processo de grilagem dentro dessa área não foi interrompido com o reconhecimento dessas terras como xakriabá.

A partir da década de 1980, com o apoio do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), as pessoas que se reconheciam como Xakriabá começaram a organizar mutirões de roça para a retomada de terras que estavam em posse de fazendeiros e posseiros. Conforme relatos que ouvi durante meu trabalho de campo, os mutirões eram organizados pelas lideranças locais e o cacique Rodrigo. Rosalino Gomes de Oliveira

¹⁵ Santos (1997, p.188) destaca que a presença efetiva da Funai na área não cessou o processo de venda e revenda de posses. Pelo contrário, ocorreu um avanço do processo de grilagem, resultado da política da Funai para o caso, que visava reservar um terreno mínimo aos indígenas, liberando a área para as titulações da Ruralminas. Há também depoimentos de indígenas que apontam a parceria do delegado da 11.ª Delegacia Regional da Funai, João Geraldo Itatuitim Ruas, com fazendeiros que já estavam instalados ou que queriam adquirir terras na área indígena.

¹⁶ Locais reconhecidos como de ocupação Xakriabá, e que constam na Carta de Doação, que não entraram nessa demarcação: Rancharia, Boqueirão, Missões, Traíras, Catito, Porteirinha (Santos, 1997) e lugares da zona rural que, à época, pertenciam a Montalvânia (Marcato, 1978) e hoje pertencem ao município de Miravânia e Manga.

era uma dessas lideranças locais, representante da aldeia Sapé, mas sua atuação nos mutirões foi tão intensa que, na década de 1980, passou a ser considerado pelos Xakriabá como vice-cacique do povo.

Além da retomada de terra, outro objetivo dos mutirões, como aponta o senhor Manoel Bezerra, era dar conhecimento à justiça e aproximá-la dos conflitos fundiários que estavam ocorrendo na área. Os Xakriabá organizaram mutirões com 100 até 600 homens, sendo decidido antes das empreitadas a quem pertenceria(m) a(s) roça(s), geralmente pessoas que tinham terras invadidas por posseiros. O(s) dono(s) da(s) roça(s) devia(m) providenciar as sementes para o plantio e os outros membros do mutirão o(s) ajudaria(m) a plantar e a colher. Depois da colheita, todos que participavam do mutirão colocavam gado na palhada da roça como um modo de manter a ocupação do terreno.

*Quando foi na época deles [os irmãos fazendeiros Renatinho e Sinvaldo] sair, não foi fácil, eles falavam que não saía, e foi onde fizeram os mutirão, finado Rosa mais o finado Rodrigão. O único jeito que eles acharam na justiça, porque a justiça não chega assim para expulsar ninguém, quem tem que reagir são as pessoas da aldeia. Aí nós foi para o mutirão, fizemos mutirão lá, insistiu para não sair. Um dia nois tava no mutirão lá, ele chegou, o Renatinho, juntamos todo mundo, cercamos ele. O finado Rodrigão, o finado Rosa, tava tudo esse dia. Esse tinha em torno de umas 200 pessoas, da reserva toda tinha gente, tudo homem, as mulheres era só para cozinhar (...).
(...) A gente já tinha ponhado roça lá. Então nós colhemos e já punhemos criação na palhada. Aí foi uma época, voltou a ameaçar, prendeu o gado do povo no curral, porque nós ponhava em grupo, não ponhava um só não, todo mundo colocava. Aí nós tornou a fazer um ajuntamento para ir lá liberar o gado, umas 200 pessoas (...).
(Senhor Manoel Cavalcante Bezerra, aldeia Barreiro, agosto de 2018).*

As mulheres além de atuarem como cozinheiras, como destaca senhor Manoel, atuavam também como *guardiãs*, ajudando os homens a vigiar ao redor da área onde estava ocorrendo o mutirão.

De 1984 a 1986, ocorreram mutirões em várias áreas da Terra Indígena, cada vez maiores, o que fez aumentar cada vez mais o confronto entre índios e fazendeiros/posseiros. Foi nesse cenário que Funai e Ruralminas decidiram realizar um cadastramento de índios e posseiros, com o objetivo de cadastrar os últimos em imóvel fora da Terra Indígena. No entanto, os posseiros tomaram essa situação como uma maneira de conseguir parte da terra que havia sido demarcada. Nesse sentido, tanto

posseiros quanto indígenas colocaram-se numa disputa que buscava convencer aqueles que ainda estavam em dúvida se assinavam como remanescentes ou posseiros. Sobre esse episódio, Sr. Valdinho fornece o seguinte relato à pesquisadora Suzana Escobar:

(...) A Funai chegou pra ajudar nós a defender nosso direito, mas o Cimi num demorou chegar também não. Porque, naquele tempo, o nome nosso mesmo que era conhecido era caboclo. Aí o Cimi chegou e falou: —Pois é, vocês é caboclo, mas o que é caboclo? Caboclo é índio, vocês têm que falar... lembrar de caboclo, mas é índio, vocês são índio. Aí nós, nós tava acostumado a falar caboclo, aí nós, pra falar índios, a gente tinha um pouco de dificuldade ali por não ter costume. — É, mas caboclo num é o mesmo índio? Então nós fala caboclo! — Mas o certo é índio. Mas... a Funai não fazia isso, né? Por exemplo, qual é o direito que você tem? O Cimi falava: — Você tem isso, isso, naquilo.

A Funai não fazia bem isso. (...) Não explicava bem pra gente, né? É tanto que, quando veio o cadastramento, colocou uma mesa lá e outra cá; quem queria ser índio assinava cá, quem num queria ser índio assinava lá. Colocou lá uma banca, uma mesa de posseiro e uma de índio. Quem quiser ser índio tá ali, quem quiser ser posseiro tá aqui. E aí foi quando... é... eu tinha assim amizade com vários posseiros e... mas...

(...) Eu cheguei e aí vi o grupo. — Ali, quem quer ser índio é ali, quem quer ser posseiro é ali. Só que a gente num sabia qual era das duas coisas que era mais importante. Então falava assim... os mais esperto chegava na gente, que era os próprios posseiros, nós tinha parente, amigo, posseiro... primo carnal, igual o... primo carnal que era posseiro... tio, tudo ali, posseiro! Eu digo: — Ué! Então a gente ficava voando, né? Era um fogo cruzado pra gente ali. Porque se fosse só os lá de fora, não índio, era bom, mas misturou índio como posseiro fazendo declaração de posse. E tinha o grupo de cá também só índio, né? Os índio separou, né? Mas lá no meio dos posseiro tinha um bocado, muitas vezes a gente tinha irmão, tinha parente, tinha filho, tinha sobrinho, tinha tudo ali. Então a gente ficava só mesmo o... a força de Deus que fazia a gente escolher. E ali um ainda chegava ali: — Moço, se você fazer o cadastro de posseiro você vai fazer empréstimo no banco, você vai mexer com dinheiro, você vai comprar gado.. Aqui, naquele tempo, nós num tinha gado... — Você vai ser uma pessoa que vai desenvolver muito mais. E aí a gente ficava assim... pensando: como é que eu vou fazer? Qual será o lado melhor? Ninguém chegava pra falar assim: — Não, moço, seja índio que você vai levar muito mais vantagem, que você nasceu e criou aqui... ninguém falava nada.

Eu mesmo cheguei lá, fiquei olhando assim... Eu falei: —Oh, ali só tem gente de boa situação... aqui só tem fraquinho. Só que a fila dos fraquim tava lá longe, né, e a fila do outro tava menor; pessoas de chapeuzão da cabeça... eu falei: — Não, aquela fila ali num é pra mim... (muitos risos) A fila minha é essa aqui, né? Aí alguns falou assim — Mas Valdim, moço, você tá doido, sai daí, desse bolo, rapaz! Você vai querer viver igual porco no chiqueiro? Eu falo: — Não, eu gosto de tá é no chiqueiro mesmo... aí é quem tem dinheiro, eu não

tenho dinheiro, uai! Vocês têm dinheiro, eu não tenho... E a turma virava... porque, às vezes, as pessoas que num tinha nem um cavalo pra montar tava ali, eu, pelo menos, graças a Deus, tinha um cavalo pra montar. (...) Então a gente... a gente ficou mesmo do lado desse grupo que era fraco, mas a informação era muito pouco. E daí em diante que o Cimi foi ajudando, a Funai também começou a se aproximar mais, orientando, mas, na verdade, muitas pessoas que assinou por posseiro até por inocente, não sei bem informar. E hoje a gente já conhece um pouco dos direitos, mas ainda, Xakriabá, né, é muito lento atrás do direito que tem. A gente sabe que a Funai, ela num, ela num libera diretamente aquilo que os índios têm necessidade. Ela é mais assim, tem que ter um pouco de pressão em cima dela. (Sr Valdim, 2011, apud Escobar, 2012, p.47).

Em finais de 1986, percebendo que a justiça demoraria a retirar os invasores da T.I., os indígenas começaram a pressionar a saída de fazendeiros e posseiros. Em setembro desse mesmo ano, 159 famílias que assinaram como posseiros foram alojadas no Ceasa da cidade de Itacarambi. Em outubro, tais famílias retornariam para dentro da Terra Indígena, mais precisamente para um terreno onde hoje é a aldeia Sumaré I, depois da assinatura de um *termo de acordo* com os indígenas. A assinatura desse termo se deu por conta da precariedade e a falta de condições físicas das acomodações dos alojados, que chegaram a passar fome. O termo definia algumas condições aos posseiros, entre elas, que o Incra definiria a área onde eles seriam reassentados fora da Terra Indígena. Conforme chama a atenção Santos (1997, p.232), baseando-se numa carta escrita por Fábio Santos, funcionário do Cimi, a Funai teria pressionado os índios para a aceitação desse acordo, pois estaria sendo alvo de pressões políticas.

Como contam os Xakriabá, de outubro de 1986 a janeiro de 1987, enquanto a Polícia Federal estava na área, os posseiros ficaram tranquilos acampados na aldeia Sumaré. Alguns saíam às 7 horas para cuidar dos animais que tinham em seus terrenos, mas, às 17h, tinham que estar de volta ao acampamento. A partir de janeiro de 1987, com a saída dos policiais federais, os fazendeiros e os posseiros aliados a eles retornaram com as ameaças aos indígenas. No dia 12 de fevereiro, 15 posseiros que estavam acampados no Sumaré juntaram-se com o fazendeiro Francisco Assis Amaro e assassinaram Rosalino, Manuel Fiúza da Silva e José Pereira Santana.

Esse acontecimento fez com que a tensão entre indígenas e posseiros retornasse, o que levou a Funai a realizar a retirada dos posseiros da aldeia Sumaré em caráter emergencial para um terreno na cidade de Itacarambi, que posteriormente viria a ser conhecido como Funainha. Em julho de 1987, ocorre a homologação da T.I. por decreto

presidencial (Decreto nº 94608, publicado no Diário Oficial da União em 14/07/87) e, em fevereiro de 1988, a Área Indígena Xakriabá é registrada no Cartório de Imóveis de Itacarambi (matrícula 10043, livro 2 – bd, folha 60, em 18/02/88) como propriedade da União.

Depois de 18 anos, como destaca senhor Valdinho, voltou-se a ter sossego na terra. A partir desse momento, os Xakriabá precisavam iniciar novos caminhos, pois a luta continuaria, mesmo que de outra forma. Era preciso voltar a habitar um território que fora muito modificado pela presença dos fazendeiros, que derrubaram matas para o plantio de pastos e desviaram cursos de riachos, levando muitos deles a secar. Durante um tempo, esses indígenas tentaram viver da roça e da criação de gado, mas o grande nível de desgaste que suas terras haviam atingido depois de anos de uso e as condições climáticas da região não permitiram que eles vivessem apenas dessas atividades.

A partir da segunda metade dos anos 1990, intensifica-se a presença de órgãos do Estado na T.I., como a Secretaria Estadual de Educação-MG, a Funasa e Cemig, e de suas políticas e funções, como as dos agentes de saúde indígenas, os professores indígenas e demais profissionais das escolas instaladas nas aldeias, etc.

Nesse período, os Xakriabá iniciaram também um processo de *retomada da cultura* ou *levantamento da cultura*. De acordo com Santos (2010) e Silva (2011), desde meados da década de 1990, há um investimento na produção de cerâmica, pintura corporal, em apresentações públicas do *Toré*, aprendizado da língua (em 2010 os Xakriabá visitaram aldeias Xerente para aprenderem o Akwen), e apresentações de danças, como o lundu, batuque, samba de coco, etc.

Conforme escreve Alessandro Roberto de Oliveira (2008) em sua dissertação “Política e políticos indígenas: A experiência Xakriabá”, foi a partir dos anos 1990 que esses indígenas viveram transformações políticas significativas, inserindo-se inclusive no cenário da política municipal. O cacique Rodrigo funda a primeira Associação Indígena do território em 1994, que, além de movimentar o setor econômico, tinha como objetivo uma aproximação política das aldeias. Em 1996, Rodrigo torna-se também vice-prefeito pelo PDT do recém-emancipado município de São João das Missões, inaugurando a presença marcante dos Xakriabá no executivo e legislativo municipal até os dias atuais.

O cacique Xakriabá morre em abril de 2003, sendo substituído por seu sobrinho Domingos Nunes de Oliveira, filho de Rosalino e principal companheiro de Rodrigo em

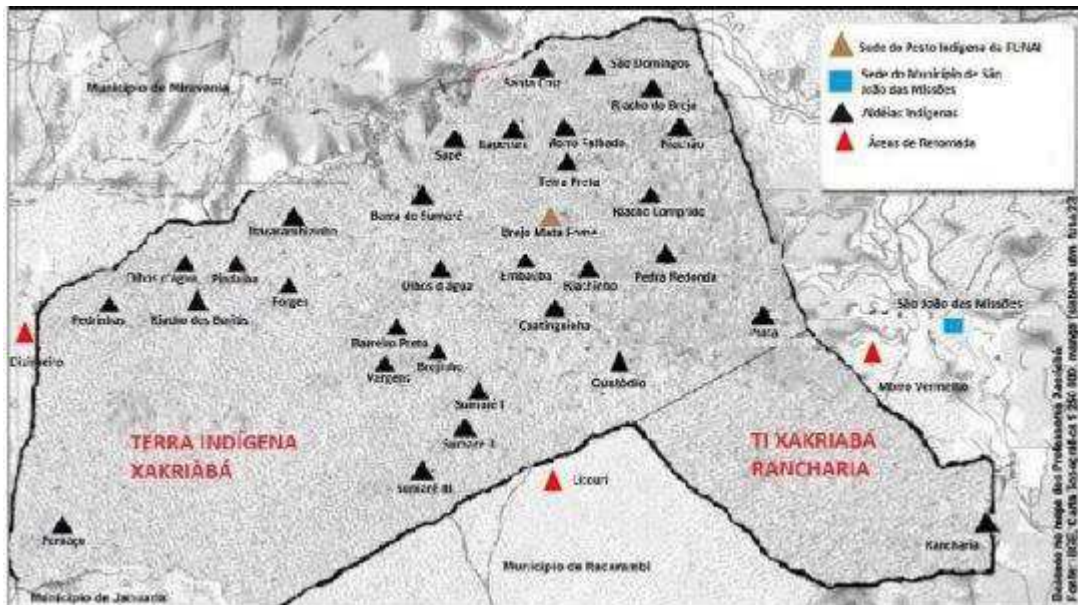
movimentos fora da Terra Indígena. Na política externa, os Xakriabá também articulam um substituto para Rodrigo e, assim, nas eleições de 2004, lançam José Nunes de Oliveira, irmão de Domingos, como candidato a prefeito. Voltarei a essas movimentações políticas xakriabá no Capítulo 3.

Em termos territoriais, em finais da década de 1990, os Xakriabá iniciam um movimento mais intenso de ampliação de seu território demarcado. Desse modo, a região de Rancharia que ficara de fora da demarcação da T.I. Xacriabá em 1979 tem parte de seu território incluído na demarcação da Terra Indígena Xakriabá-Rancharia em 2001.

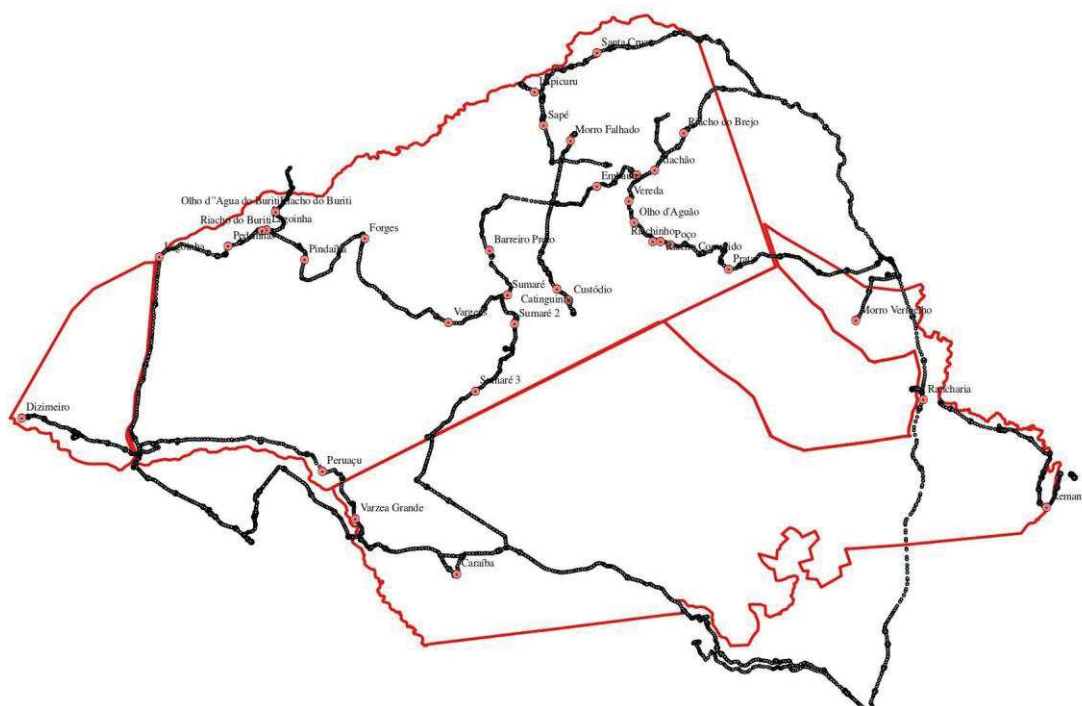
Preocupados com o crescimento populacional de seu povo e cientes da extensão de terra que lhes pertencem por direito, os Xakriabá contemporâneos têm procurado demarcar todo o território que fora mencionado por Januário Cardoso na Carta de Doação de 1728. Nesse sentido, desde 2006, esses indígenas têm reivindicado espaços territoriais que são contíguos às atuais Terras Indígenas e que já são ocupados há anos por famílias que se consideram Xakriabá. As comunidades e regiões que ficaram fora dos processos de demarcação de 1979 e 2001 são chamadas pelos Xakriabá de *áreas de retomada* e localizam-se nos municípios de Itacarambi, São João das Missões e Cônego Marinho. São elas: Caraíbas, Vargem Grande, Dizimeiro, Poções, Rancharia, Boqueirão, Catito, Remanso, São Bernardo, Ilha do Capão e Morro Vermelho. Essas áreas somam cerca de 43 mil hectares (PAULA, 2013).

Esse desejo de ampliação do território por parte dos Xakriabá explica-se também por conta da preocupação destes com os problemas ambientais que assolam seu território, principalmente aqueles relacionados à escassez de água. As comunidades do Remanso e Ilha do Capão darão acesso direto ao Rio São Francisco, o que gerará recursos aquáticos em geral, sobretudo pesqueiros e de irrigação. O Plano de Gestão Ambiental e Territorial (PGTA) das T.I. Xakriabá, realizado entre 2015 e 2016, aponta que as águas desse rio terão que passar por um processo de despoluição, pois algumas áreas de sua bacia hidrográfica têm recebido lançamento de efluentes de esgoto urbano, além de sofrer com a contaminação por agrotóxicos e outros compostos químicos agrícolas e industriais.

Mapa 1 e 2 - Terra Indígena Xacriabá, Terra Indígena Xakriabá-Rancharia e as áreas de retomada Dizimeiro, Licuri, Vargem Grande, Caraíbas, Morro Vermelho, Rancharia, Remanso.



FONTE: Escobar, Suzana.2012, adaptado de OLIVEIRA, Alessandro. 2008.



Fonte: Produto 1 do PGTA-Xacriabá, 2016.

Ainda sobre as iniciativas xakriabá em relação ao seu território, vale destacar a participação destes no início dos anos 2000 na Articulação de Rosalino Gomes de Povos Tradicionais, junto com os geraizeiros, quilombolas, vazanteiros, catingueiros, apanhadores de Flor Sempre-Vivas e o povo indígena Tuxá. Batizada com o nome de uma das lideranças mais atuantes no período de *luta pela terra*, essa associação tem por objetivo a manutenção ou retomada de territórios ameaçados pelo agronegócio, mineração e monocultura de eucalipto no norte mineiro (MAGALHÃES e ANAYA, 2014).

Voltaremos, nos capítulos seguintes, a terra e o ambiente. Antes, porém, apresento minha chegada até os Xakriabá.

1.3 Aproximações

Dia 24 de novembro de 2016. Depois de 24 horas de viagem, cheguei pela primeira vez à Terra Indígena Xakriabá, na companhia de novos colegas do Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas, o CAA. Foi Helen Santa-Rosa, integrante do CAA, à época aluna do meu também professor João Dal Poz, que me proporcionou o primeiro contato e as primeiras conversas com um Xakriabá morador da Aldeia Barreiro Preto, o Hilário, uma das sublideranças dessa comunidade.

Depois de uma sugestão de Helen e a autorização de Hilário, ficou decidido que minha primeira visita a esse povo seria no contexto da 1ª Feira de Gestão Territorial e Ambiental Xakriabá. No entanto, na chegada à Terra Indígena, depois de uma rápida passagem pela casa de Hilário, local onde nos hospedariamos durante três dias, fui convidada a participar de uma reunião na Aldeia Sumaré I, junto com membros da Funai e CAA, sobre as Casas de Semente Crioula, projeto ao qual os Xakriabá estavam se dedicando desde o ano anterior. Durante essa reunião, Hilário e Nicolau expuseram sua preocupação com o fato de as pessoas que plantam roças estarem usando sementes contaminadas por agrotóxicos, o que, somado ao consumo cada vez maior de alimentos industrializados, estava prejudicando a saúde da população do território.

Durante a Feira de Gestão Territorial e Ambiental, realizada na aldeia Sumaré no dia 25 de novembro de 2016, outros dois pontos se destacaram na fala de lideranças e jovens da comunidade: a preocupação com o manejo dos recursos hídricos das Terras

Indígenas e a necessidade de desenvolvimento de atividades que gerassem renda para a população sem degradar o território.

Segundo o Mapa das Águas, realizado pelos Xakriabá no PGTA de suas Terras (2016), seu território oficialmente demarcado é banhado pelo Rio Itacarambi ao norte e pelo Rio Peruaçu ao sul. Suas principais microbacias são o Riacho do Sumaré e o Riacho do Brejo, que se encontram praticamente secos. A única parte ainda com água corrente é o Olho d'Água dos Pimenta ou Nascente do Barreiro, que fica no curso final do Riacho do Sumaré, localizado na Aldeia Barreiro Preto. Alguns desses indígenas consideram o desmatamento, as queimadas e a criação de gado “à solta” as principais causas do desaparecimento das nascentes e riachos.

Os Xakriabá que criam gado têm evitado que seus animais pisoteiem as nascentes e áreas degradadas e, de modo geral, estão procurando não realizar grandes queimadas para abertura de pastos e roça, e estão combatendo a derrubada de árvores para fins comerciais. Além disso, por meio de suas associações e uma rede de parceiros (CAA, Funai, Cimi, UFMG, ANAÍ, IFNMG, Emater, entre outros), os Xakriabá têm se dedicado ao extrativismo de plantas medicinais e frutos do cerrado, à agroecologia e ao turismo de base comunitária (PGTA Xakriabá, 2016). Como destaca Nicolau, *“todas essas atividades visam à preservação, recuperação e boa gestão do território, pois geram renda de maneira sustentável”*.

Uma aldeia que se destaca na proposição e na gestão desses projetos sustentáveis é a aldeia Barreiro Preto, por meio de sua Associação. Na T.I.X, existem 10 associações, cada qual com uma área de abrangência. Desse modo, as atividades da Associação Indígena Xakriabá da Aldeia Barreiro Preto (AIXABP) beneficiam além da aldeia Barreiro Preto, as aldeias Barra do Sumaré, Vargens, Custódio e Caatinginha. Mas essa Associação já desenvolveu projetos que abrangiam todo o território, como, por exemplo, o projeto pioneiro “Xakriabá de mãos dadas na recuperação da natureza – água é vida” (2008), conhecido também como “Projeto das Nascentes”, que tinha como objetivo o cercamento para preservação e proteção de nascentes, formação de viveiros para propagação de mudas e educação ambiental (ver Escobar, 2012).

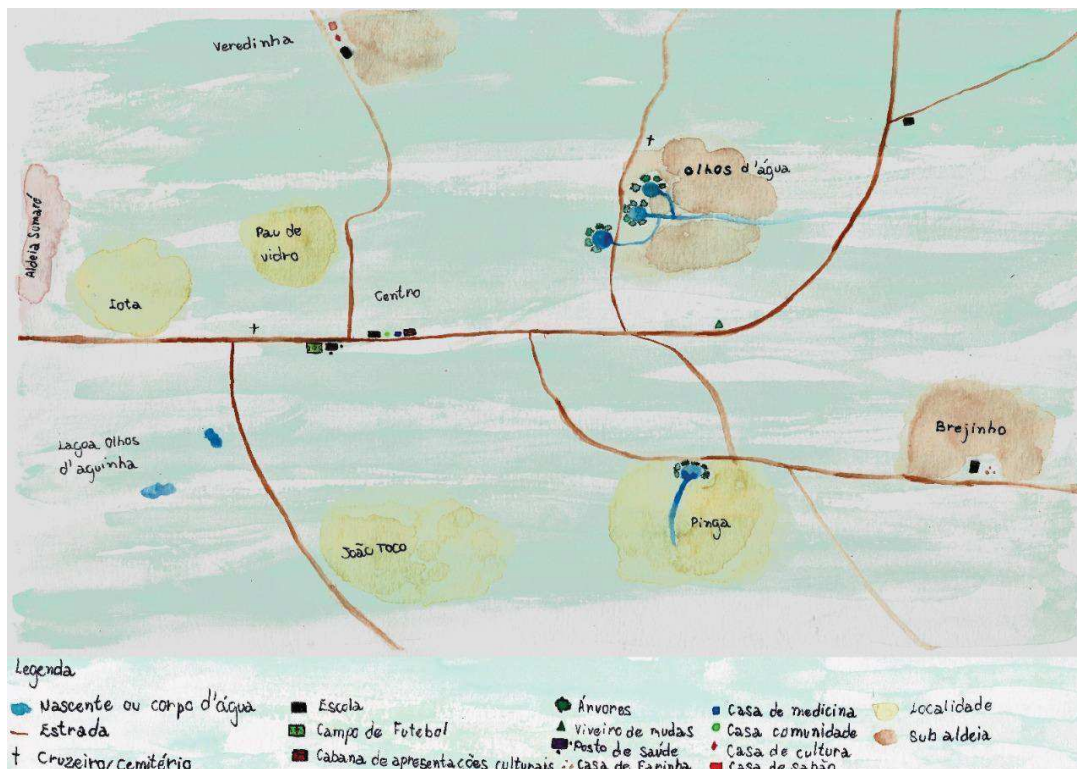
Atualmente, como me disse Nicolau, a AIXAPB tem projetos de extrativismo de frutos do cerrado apoiados pelo Projeto Gestão Territorial e Ambiental (GATI-FUNAI) e CAA em sete lugares: na aldeia Peruaçu, Vargens, Caatinginha, Sumaré I, Barreiro, Veredinha (subaldeia Barreiro) e Olho D'Água dos Pimenta (subaldeia Barreiro). Além

de desenvolver projetos de roças de feijão e milho na aldeia Barreiro Preto (subaldeia Olhos D'Água dos Pimenta) e Barra do Sumaré, com apoio do CAA.

Por ter uma associação tão atuante, a sede da Barreiro Preto é muito procurada por pessoas de suas subaldeias e de outras aldeias, e também é visitada constantemente por membros de instituições apoiadoras dos projetos xakriabá. Como relatei acima, foi para essa aldeia que meus colegas do CAA me levaram quando cheguei pela primeira vez na T.I.X, e é geralmente nessa comunidade que eles se hospedam, tomando-a como base de apoio para desenvolver suas ações. Para Barreiro Preto fui levada e lá permaneci realizando meu trabalho de campo. Sigamos, então, com a apresentação dessa aldeia.

Barreiro Preto

Considerado o segundo maior núcleo populacional da Terra Indígena Xakriabá, a Barreiro, como a aldeia é chamada, compreende sua sede, com lugares denominados por seus moradores como Pinga, Iota, João Toco e Pau de Vidro, e três subaldeias: Veredinha, Três Olhos d'Água (ou Olhos D'Água dos Pimenta) e Brejinho. A população da Barreiro correspondia, em 2018, a 663 habitantes, sendo 336 homens e 327 mulheres conforme dados da Secretaria de Saúde Indígena, ou possivelmente a mais de 900 pessoas, na contagem das lideranças locais.



Croqui da aldeia Barreiro. Desenhado por Maráisa Maia e Lucília Dias.

As atuais lideranças da Barreiro são o senhor Manoel Bezerra Cavalcante e Gilsney Xavier dos Santos, este último filho de senhor Valdinho. Senhor Manoel assumiu como representante depois do falecimento de senhor Valdinho em julho de 2018, vítima de um acidente de moto. Essa aldeia conta com outras sublideranças que se destacam na política municipal: Hilário Correa Franco (primo de senhor Valdinho) e Francisco Xavier dos Santos (Chiquinho Xakriabá, filho de senhor Valdinho); no movimento indígena nacional: Célia Nunes Correa (Célia Xakriabá, filha de Hilário); e alguns professores da aldeia que são conhecidos como os redatores de projetos, como Nicolau, Zeza e Cida Barros.

Essa aldeia fica na região central da T.I.X., em uma área que tinha barreiros de muitas cores, onde o gado ficava para comer sal. Segundo os moradores mais velhos da aldeia, no lugar que é conhecido como Iota, predominava um barro escuro, por isso que a comunidade recebeu o nome de Barreiro Preto. Já os nomes das três subaldeias são decorrentes de marcos da paisagem onde estas se desenvolveram: vereda, olhos d'água e brejo.

Aprendi com os mais velhos que o relevo e a vegetação da Barreiro são formados por olhos d'água, tabuleiros ou gerais, carrascos, matas, veredas, morros,

brejos, baixões e lapas. Olhos d'água e veredas são onde se encontra água com facilidade; tabuleiros, carrascos e matas são lugares onde se encontram diferentes plantas medicinais; baixões e brejos são para a agricultura; os morros para caçar; e as lapas ou cavernas, que ficam entre os maciços de calcário nos morros, são considerados lugares sagrados, onde moram *encantos*. Como explicam os pesquisadores da ANAÍ no PGTA Xakriabá (2016), todas essas categorias se encaixam em duas formações que compõem a T.I.X.: a caatinga e o cerrado. A manifestação da caatinga no norte de Minas é a mata seca, que geralmente fica em encostas: baraúna, tamboril, juazeiro e principalmente barrigudas. O cerrado ocorre no topo dessas regiões de encosta, onde há planaltos sedimentares. É caracterizado por árvores médias e baixas, com pouco arbusto ou arbustos emaranhados e solo arenoso, é conhecido popularmente como gerais.

O cerrado funciona como uma grande esponja que recebe e absorve água da chuva. Portanto, ele é importantíssimo para a conservação e manejo da água, pois desempenha o papel de área de recarga de aquífero. As áreas de recarga de aquífero devem ser conservadas com maior parte de vegetação arbórea para cumprir sua função de armazenamento e liberação gradual da água (PGTA Xakriabá, 2016). Durante muitos anos, as áreas de cerrado dentro da T.I.X. foram bruscamente desmatadas para implantação de áreas de pastagem. Uma consequência dessa ação foi a contribuição para o desaparecimento de nascentes e cursos de água. Como foi dito anteriormente, a única parte ainda com água corrente é a Nascente do Barreiro. Infelizmente, o que se vê nas outras partes dessa aldeia e de todo o território são marcas na terra dos antigos veios de água.

Junto a essa paisagem geográfica tem-se uma paisagem construída pelas pessoas. A Barreiro, assim como toda a Terra Indígena, é cortada por trilhas e estradas de chão¹⁷. Algo que chama a atenção quando entramos na T.I.X é a presença de uma infinidade de caminhos. Nos últimos anos, segundo alguns Xakriabá, tem-se procurado não abrir tantas estradas, pois essa ação prejudica o cerrado. No entanto, as que já existem são tão numerosas que temos a impressão de estar num labirinto, onde num minuto de confusão podemos nos perder e ficar circulando por horas sem rumo. Somadas a essas estradas, que chegam a ser fascinantes por causa da beleza e diversidade de sua vegetação e solo,

¹⁷ As aldeias Sumaré I e Brejo do Mata Fome são as únicas comunidades que possuem estradas com calçamento de pedras na Terra Indígena. Os Xakriabá as consideram junto com a aldeia Barreiro Preto as mais movimentadas e barulhentas da T.I.

temos trilhas que somem de vista dentro do cerrado e da caatinga, conhecidas como *carreiros*.



Carreiro que liga a localidade do Pinga à subaldeia Brejinho.
Fonte: Arquivo Pessoal da autora.

Os *carreiros* são caminhos estreitos (trilhas) feitos na paisagem pelo transitar contínuo das pessoas a pé ou a cavalo. Como dizem os Xakriabá, antes não havia estradas e sim *carreiros*, as estradas começaram a serem abertas quando apareceram os carros. Dentro das aldeias, os *carreiros* são utilizados pelas pessoas como um caminho alternativo às estradas, para irem de um lugar ao outro de modo mais rápido, ou seja, eles funcionam como atalhos. Em um passeio no Brejinho, Senhorinha, nascida nessa subaldeia, mas atualmente moradora da sede da Barreiro, disse-me que ela sente falta do uso dos *carreiros* que ligavam uma comunidade a outra, pois, por contarem com as sombras da vegetação, eles são bem mais frescos que as estradas. Além disso, quando utilizavam mais os *carreiros*, as pessoas sempre voltavam para casa com um remédio do mato, uma fruta e/ou pedaço de lenha.

Por estarem usando motos¹⁸ e carros com mais frequência, os Xakriabá já não usam mais os *carreiros* para percorrer grandes distâncias. Hoje em dia, os *carreiros* mais utilizados são aqueles que se formaram dentro das aldeias, pelo transitar de pessoas de uma mesma família dentro de seus terrenos. *Carreiros* ligam as moradias às roças e os terreiros de casas vizinhas, que na maioria das vezes são de parentes - irmãos, pais, tios, sogro (a), cunhado(a).

Ao longo das estradas e *carreiros* da T.I.X, existem várias construções: escolas, vendas (pequenos mercados); postos de saúde; casas da comunidade; casas de medicina; cabana; casa de sabão; casas e casinhas de cultura¹⁹; quadras; campos de futebol; igrejas católicas e evangélicas; torres para captar sinal de internet; casas de farinha; borracharias; oficinas; poços artesianos, grandes caixas d'água; cisternas e pequenas barragens para captação da água da chuva; pontes; viveiros de muda; cruzeiros ou cemitérios; e as moradias.

As moradias xakriabá envolvem o domicílio, o terreiro e o terreno. A maioria das casas na Barreiro Preto é construída com tijolos de barro, blocos de cimento e telhas de cerâmica compradas nas cidades vizinhas. Poucas são as que ainda são feitas com mourões de madeira, paredes de barro ou adobe e cobertas com telhas de barro que eram feitas na Terra Indígena. A cozinha fica sempre nos fundos da casa, às vezes como uma construção anexa, a sala na frente e os quartos ficam no meio da moradia. Nas casas mais antigas, o banheiro fica no lado externo e, em alguns domicílios atuais, há varanda em toda sua volta. Recentemente, algumas moradias têm ganhado garagem, feitas com mourões de madeira e cobertas com telhas de amianto²⁰.

No terreiro, podem ficar construções adjacentes como casas de farinha, borracharias, galinheiros, chiqueiros, paióis e cisternas. Podem ser cultivadas plantas ornamentais, árvores frutíferas e medicinais, e uma horta com verduras, temperos e remédios naturais. Como galinhas, cocares (galinhas d'angola), patos, cães, gatos e porcos podem circular livres pelo terreiro de algumas moradias, as hortas são

¹⁸ As motos estão por toda parte na aldeia. Em todas as casas, havia pelo menos uma moto. Muitas delas tinham “*problemas no documento*”, eram originárias de um mercado de moto roubadas que funciona a todo vapor na região. Por isso, quando a polícia de Missões “*baixava*” na aldeia, quase não se via motos circulando.

¹⁹ A Casa de Cultura, situada na aldeia Sumaré, as casinhas de cultura situadas em aldeias, a casa de sabão e a cabana, situadas na aldeia Barreiro Preto, são construções resultantes do movimento de *levantamento da cultura* mencionado anteriormente.

²⁰ Recentemente muitas casas têm contato também com antenas de internet. Principalmente moradias de professores e lideranças.

geralmente cercadas. Às vezes, vemos no quintal montes de madeira para o fogão a lenha e os *mnturos*, que é o local onde se queima o lixo. Os Xakriabá manuseiam a lenha com muito cuidado, pois é muito comum encontrar *lacraias* (escorpiões) e *caranguejos* (aranhas caranguejeiras) que se escondem e reproduzem nos montes de madeira.

É no terreiro também, na parte da frente da casa, que, no final da tarde, seus moradores param para prosear com alguém que *encosta* ou que esteja passando pela estrada²¹. Os donos da casa sempre oferecem café e/ou suco, bolos e/ou biscoitos para suas visitas. Se os anfitriões não forem evangélicos ou tiverem parado de tomar bebida alcoólica, costuma-se oferecer uma bebida feita com cachaça e plantas medicinais chamada por eles de *remedinho*.

O terreno é a área onde fica a casa e o terreiro, mas também ouvi alguns Xakriabá se referirem ao terreno como uma área que fica mais afastada da casa. Nele podemos encontrar currais, pequenas barragens e pastos onde circulam bovinos e equinos, pequenas roças e plantações de capim ou cana. Em alguns terrenos, podemos observar a presença de uma vegetação mais fechada - lugares onde não houve derrubada intensiva de árvores para plantação de pastos.

Cada família possui seus terrenos demarcados por cercas. Como me disse certa vez senhor Valdinho, enquanto andávamos a cavalo em um *carreiro* que liga a aldeia Forges à subaldeia Veredinha (Barreiro Preto), os Xakriabá não possuem documentos de seus terrenos, o que existe é apenas a Carta de Doação, que garante o território a eles. Internamente, as pessoas entendem que os documentos são as cercas, as casas. As cercas são usadas há pouco tempo por esses indígenas, para segurar um pedaço de terra para trabalhar, conforme me relatou senhor Manoel:

Antigamente nós trabalhava, ponhava uma roça aqui no Barreiro, outro ano nós podia ponhar roça, trabalhava mais o povo dos Forges, era assim. De uns tempos pra cá, teve aquele negócio de fazer as cercas, cercar e segurar. Que antigamente era cerca de madeira, acaba rápido, o povo vinha e ponhava roça no mesmo lugar. Não existia isso, a união era outra. Foi depois do conflito, tem pouco tempo. E aí já começou cada um marcar seus localzinho de trabalhar. Mas antigamente isso não existia.

²¹ Alguém que *encosta* é alguém que chega e fica um tempo conversando. Pessoas com poder aquisitivo maior têm construído varandas margeando toda a casa. Quando há varandas nas casas, é nelas que as pessoas ficam proseando.

Quando chegamos a um terreno, percebemos que existem várias divisões feitas com cercas²². Cerca-se o terreiro, a área onde ficam os pastos, o curral, a roça. A área de pasto de um terreno é dividida por cercas para fazer o manejo do gado. De tempos em tempos, o rebanho ocupa um trecho de pasto, isso é feito para permitir que o solo e a vegetação de uma área se recuperem.

Todos esses lugares, caminhos e construções que compõem a aldeia Barreiro ganham movimento e vida com o ritmo diário das pessoas. Além de serem também cenários para a movimentação de seres não humanos, como os animais, as *aleivosias* e os *encantados*. Falarei desses seres não humanos no Capítulo 4, adiante. Por agora, dedicar-me-ei a descrever o dia a dia na aldeia.

Um lugar (na) Barreiro

Da segunda vez que estive na Terra Indígena Xakriabá, fiquei cerca de 10 dias, de 8 de fevereiro de 2017 a 18 de fevereiro de 2017. Nessa ocasião, fiquei hospedada na casa do senhor Valdinho, liderança da aldeia Barreiro Preto à época. Senhor Valdinho e eu nos conhecemos durante o evento da 1ª Feira de Gestão Territorial e Ambiental. Recordo-me bem que dois assuntos que nos fizeram ficar conversando por longo tempo nesse dia foram nosso apreço pelos cavalos e as plantas medicinais. Talvez por isso, quando retornei à T.I.X, o primeiro lugar que senhor Valdinho me levou para conhecer foi a Casa de Medicina da Barreiro, que, conforme ele me disse, era o seu *xodó*.

Minha visita de fevereiro de 2017 teve como principal objetivo participar da romaria em homenagem aos Xakriabás vítimas da chacina de 1987, evento que foi realizado entre os dias 10 e 12 de fevereiro. Contudo, aproveitei também para conhecer um pouco mais a Barreiro Preto, por isso cheguei dias antes da romaria e parti dias depois.

Em minha chegada, no final da tarde de 08 de fevereiro, fui recebida por dona Ana, esposa de senhor Valdinho, que me acolheu oferecendo um banho, comida e uma cama para descansar. Assim como a primeira, a segunda viagem foi longa, com duração de mais de 24 horas.

²² As mulheres xakriabá utilizam os arames das cercas para secar roupas. Nas cercas que são feitas com arame liso, algumas das Xakriabá costumam colocar pregadores. Já as cercas que são feitas com arame farpado, utilizam-se os seus farpos como prendedores.

No dia seguinte, depois do descanso e do café, fiz minha primeira caminhada pela Barreiro com senhor Valdinho. Como disse acima, o primeiro lugar que fomos foi a Casa de Medicina Tradicional Xakriabá. A CAMETXA funciona em uma casa de cinco cômodos, dois banheiros e duas varandas. Ela divide espaço com a Cozinha Tradicional Xakriabá, onde os indígenas fazem a higienização, processamento e conservam os frutos colhidos para comercialização, como pequi e umbu. Os Xakriabá envolvidos no projeto de extrativismo de frutos do cerrado chamam esse espaço composto pelos utensílios para higienização, despoldadeiras e *freezers* de Mini Usina de Processamento.

Os cômodos que correspondem à CAMETXA são dois. Um é onde se prepara as plantas medicinais para venda e o outro é onde se faz o estoque de partes das plantas (raízes, cascas, entrecascas, sementes) e se organizam e expõem os remédios naturais prontos para serem comercializados. Leidinha Xakriabá, que trabalha na Casa de Medicina, contratada pela prefeitura de São João das Missões, fez cursos de fitoterapia e homeopatia no CAA em Montes Claros, é quem prepara a maior parte dos produtos, como florais, tinturas, pomadas, xaropes. Há períodos, principalmente quando o estoque de matéria-prima começa a faltar, que outros Xakriabá interessados em *remédios do mato* ajudam nos trabalhos da *Medicina*. Depois de realizarem a coleta das plantas medicinais, geralmente na região da aldeia do Peruçu, sob orientação de mais velhos da comunidade, esses ajudantes partem para a higienização e organização das mesmas. Separam-se sementes, cascas, entrecascas, raízes, folhas, frutos e deixa-se tudo devidamente etiquetado e nomeado para que a funcionária responsável empacote a matéria-prima e elabore os produtos, que são vendidos apenas na CAMETXA²³.

Depois da visita à Casa de Medicina, andamos pela Barreiro e senhor Valdinho foi me mostrando e me falando sobre alguns lugares: a escola, a casa da comunidade, a quadra, o campo, o poço artesiano, e também me apresentando para moradores que encontrávamos pelo caminho. Nesse dia, não encontramos muitas pessoas, pois, como destacou senhor Valdinho, “*a escola está de férias e é ela que dá mais movimento para a aldeia*”.

²³ Ouvi de senhor Valdinho, nessa visita à Medicina (maneira abreviada que os Xakriabá chamam a Casa de Medicina) e também durante um evento de Saúde Indígena realizado pela SESAI em dezembro de 2018 na Barreiro, que as lideranças dessa aldeia estariam tentando junto a essa secretaria um ponto de comercialização dos remédios naturais na cidade de São João das Missões.

Com o passar do tempo e à medida que fui convivendo com os Xakriabá, não só confirmei o que me disse meu anfitrião, como conheci mais pessoas e pude observar o seu ritmo diário, engajando-me aos poucos com a Barreiro Preto e a Terra Indígena. Um modo que encontrei para percorrer mais lugares da Barreiro e ao mesmo tempo ficar mais próxima das pessoas foi passear a cavalo pela aldeia. Nesses passeios, eu era vista e via os moradores e, com o tempo, acabei me aproximando de algumas pessoas.

A família a que mais me liguei foi a de senhor Valdinho, mas me aproximei também de outras que vivem na sede da Barreiro e nas subaldeias. A família dos Fernandes na sede; do finado senhor Félix, do finado Servo, dos Paulino, de Antônio Caboclo, de Zé de Di e de dona Cula nos Olhos D'água; além da família de dona Du e dona Conceição no Brejinho. Na Veredinha, moram primos de dona Ana, esposa de senhor Valdinho, e integrantes da família dos Paulino.

Junto com a família de senhor Valdinho, a família dos Fernandes é a que divide e agita a cena política nessa aldeia. Senhor Valdinho assumiu a liderança da Barreiro em 1988, depois que o cacique Rodrigo indicou e apoiou sua candidatura para substituir o então representante dessa aldeia, senhor Osvaldo Fernandes. A partir desse acontecimento, as duas famílias passaram a conviver em clima de conflito latente em contextos de decisões importantes em nível local, principalmente aquelas ligadas a postos de trabalho na escola e no posto de saúde da aldeia. Por outro lado, tal conflito não impediu que acontecessem casamentos entre membros das duas famílias.

Durante toda minha estada junto aos Xakriabá, desde as visitas até o período mais longo em campo, hospedei-me na sede da Barreiro. Sempre na casa de senhor Valdinho ou de algum familiar dele. Desse modo, depois da viagem de fevereiro de 2017, fiz mais duas visitas aos Xakriabá: de 27 de março a 1 maio de 2017, fiquei hospedada na casa de Neide, filha de senhor Valdinho; de 09 a 18 de fevereiro de 2018, fui recebida novamente por senhor Valdinho e dona Ana; já de junho de 2018 até fevereiro de 2019, quando morei entre os Xakriabá, habitei em dois cômodos de uma aconchegante casinha feita com tijolos de adobe, generosamente cedida pelo casal Nice de dona Faustina e Manoel de Zé do Rolo, sobrinhos de senhor Valdinho e dona Ana.

Dessa casa, podia ouvir que os primeiros movimentos do dia na Barreiro Preto acontecem na estrada de chão que corta a aldeia. O barulho do ônibus de João de Veríssimo que faz o transporte de pessoas para a cidade, o zoar de motos e do carro da

saúde rompiam o silêncio da madrugada e anunciavam que mais um dia estava começando.

Um pouco mais tarde, quando começavam a surgir os primeiros raios de sol, além do canto dos pássaros e o cacarejar das galinhas, outro som marcante no raiar do dia na Barreiro era da música caipira que vinha da casa de Elias, que fica no começo da estrada para a subaldeia Veredinha. De lá, a música se espalhava por todo o centro e imediações da aldeia.

Certamente essa música era ouvida também por aqueles que estavam se levantando, tomando café ou se arrumando para ir para o trabalho ou para os estudos. Como pude observar sentada no banco de madeira que ficava em frente da casa onde morava, a partir das 6:30h, as estradas e os *carreiros* ganhavam o ritmo de alunos e funcionários da Escola Estadual Indígena Xukurank. Motos, carros, cavalos, ônibus escolar e gente a pé passavam dando som e dinamicidade para os caminhos da Barreiro.

Quando funcionários e alunos iniciavam suas atividades, os caminhos da sede da aldeia ficavam mais silenciosos. Vez ou outra que esse silêncio era quebrado por uma moto ou carro que transitava e por algumas pessoas que passavam por lá. Após o início das aulas, a maior parte dos sons e movimentos vinha do interior da escola, do posto de saúde e das casas. Vozes da escola e do posto, música das casas. Os Xakriabá gostam muito de ouvir forró. As mulheres que ficam em casa pela manhã e vão se dedicar aos trabalhos domésticos fazem isso com um aparelho de som ligado.

Já o posto de saúde da aldeia inicia seu funcionamento às 8h e fecha às 15h. Percebi que, sempre que passava em frente ou parava no posto, havia alguém procurando atendimento. Contudo, o dia mais movimentado e que se podia escutar mais vozes lá era quando cerca de 20 a 30 pessoas esperavam por consulta com o médico²⁴.

Assim que o horário escolar da manhã terminava e as pessoas seguiam para casa, as estradas e *carreiros* voltavam a se agitar. Movimentação que era interrompida pela hora do almoço e que retornava com o transitar nos caminhos de alunos e funcionários do turno vespertino da escola. Esse turno era frequentado por crianças de 06 a 11 anos, que agitavam a escola e, nos intervalos das aulas, as casas: com gritos, risadas, choros, televisão alta, caixinhas de som com forró, celulares com músicas de joguinhos, etc.

²⁴ O médico assim como a enfermeira, a psicóloga, a nutricionista e a assistente social que dão atendimento no posto de saúde da Barreiro não são indígenas. O posto de saúde da Barreiro pertence ao Polo da SESAI que fica na aldeia Sumaré. Lá eles contam também com atendimento odontológico e fisioterápico. No total, são dez polos da SESAI em toda Terra Indígena.

O início e meio da tarde era o período mais tranquilo da aldeia. Por causa do sol quente, raramente se via alguém caminhando nesse horário. Depois de um tempo de convivência com os Xakriabá, entendi o porquê, sempre que podiam, ficavam na cama até mais tarde. O calor na região norte de Minas é muito intenso, permanecendo muito quente o dia desde o final da manhã até altas horas da noite. O período mais fresco e conseqüentemente melhor para se dormir era da madrugada até mais ou menos 9 horas da manhã.

O final da tarde e início da noite da Barreiro era o momento em que se viam mais pessoas transitando pela aldeia. Além dos alunos e funcionários que estavam terminando as aulas da tarde e aqueles que estavam iniciando o período noturno na escola, muitas pessoas se dirigiam para o campo de futebol. Homens, mulheres e crianças vinham de diversas localidades da Barreiro e, vez ou outra, até de outras aldeias vizinhas, para jogar bola no campo *Waitomorim* (Estrela) e, também, no caso dos jovens, para papear e paquerar. Vez ou outra acontecia um desentendimento entre jogadores(as), mas geralmente a “pelada” corria tranquila.

Da mesma forma que ficavam muitas motos e alguns carros parados na frente da escola durante todo o dia, de 17h até as 19h, a frente do campo da Barreiro ficava também com um número considerável de veículos estacionados, principalmente motos. Era muito comum, depois do futebol, os rapazes se reunirem em frente ao campo e ficarem batendo papo sentados em suas motos. Às vezes, alguns desses rapazes demonstravam suas habilidades, empinando a moto, acelerando e fazendo-a levantar poeira, o que chamava a atenção das meninas e causava incômodo nos adultos. O barulho de veículos automotores e de aparelhos de som é algo que causava conflitos entre os jovens e as pessoas idosas da aldeia. Muitas vezes, ouvi os mais velhos reclamarem da *zoada* alta dessas coisas que perturbam a cabeça, mas também porque atrapalha a comunicação entre seres que vivem no território e os Xakriabá: como *Iaiá* e os passarinhos que dão avisos para as pessoas sobre morte, sobre chuva, entre outras coisas. Senhor Valdemar Fernandes me disse que, depois que começou a ter na aldeia carro, moto e música alta, os *encantos da terra*, dentre eles as *aleivosias*, começaram a sumir. Segundo ele, essas coisas gostam de silêncio e é no silêncio que se consegue perceber a presença delas.

Quando o movimento de pessoas no campo cessava, os únicos lugares não residenciais da aldeia que permaneciam com algum movimento eram as salas de aula e a

quadra da escola. No término do funcionamento da escola às 22 horas, logo depois que o ônibus escolar saía para realizar sua última viagem do dia, a aldeia ficava sem os barulhos e a movimentação das pessoas. Nem as vozes dos moradores e das televisões no interior das casas se ouviam, pois há certa distância entre as moradias.

O que se via era algumas poucas luzes iluminando as casas e o que se ouvia era o latido dos cães e o cantar dos pássaros noturnos. Ouvi de alguns Xakriabá que, quando os cachorros latem em coro à noite, é *Iaiá* que está passando, fazendo sua ronda do território. Na época das águas, isto é, quando chovia, sapos com diferentes coxares tomavam a noite da aldeia. Como me disse certa vez dona Faustina, “*o dia é dos homens e a noite é dos bichos e dos encantos*”.

“A lida”

Época de aula, como me ensinou senhor Valdinho, é o que torna a aldeia mais movimentada. Contudo, pude observar que o movimento da/na Barreiro Preto não era apenas resultado do ir e vir de funcionários e alunos da escola. Homens e mulheres, adultos, adolescentes e crianças, em outros fazeres diários, fazem a vida da comunidade.

Nas moradias, atividades como limpar, cozinhar, lavar e passar roupa, cuidar das crianças, alimentar cães e gatos são desempenhadas pelas mulheres adultas e adolescentes. Os homens ficam responsáveis pelo trato de animais como os porcos e galinhas, pela capina do terreiro e por algum conserto na estrutura da casa. Para as mulheres cujos parceiros saem cedo para a lida com o gado e/ou com a roça fica a tarefa de alimentar todos os animais domésticos.

O curral onde os homens lidam com o gado pode ficar perto ou longe da casa, às vezes em outra aldeia. Nei, filho de senhor Valdinho, e Manoel do Rolo, por exemplo, possuem gado na aldeia Sapé. Manoel criava gado solto no pasto, do qual ele não *tirava leite*, mas os vendia, *negociava*. No entanto, ele precisava ir ao Sapé pelo menos três vezes por semana para levar sal, farelo, observar se seu gado tinha água e pasto suficiente para se alimentar e se algum dos animais não estava doente, tinha fugido ou fora roubado. Já Nei, que possui vaca leiteira, saía bem cedo de casa, no final da madrugada, para realizar a ordenha. O leite obtido era para o consumo da família e/ou para venda. Alguns casais, como Nei e Isabel, e João e Zeza, faziam doce de leite e/ou queijo para vender.

A criação de gado tem criado polêmica e conflito, não só entre os moradores da Barreiro, mas em outras aldeias também. Em períodos de forte estiagem, em que barragens e lagoas secam, alguns donos de gado matam a sede de suas criações com água gerada nos poços artesianos. Quando um dos AISAN (Agente Indígena de Saneamento)²⁵ liga a bomba do poço e realiza a distribuição de água para as casas, alguns moradores aproveitam para encher caixas e mais caixas de água para seus animais domésticos e para o gado. Tal atitude faz com que pessoas que moram mais distantes do poço e em pontos mais altos da aldeia não recebam água nas torneiras de suas casas.

Como falei anteriormente, a falta de água é um dos grandes problemas enfrentados por esse povo. Por causa do desmatamento e da falta de chuva, quase todas as nascentes e riachos da T.I.X secaram e eram nessas fontes que as pessoas buscavam água para consumo. Durante alguns anos, muitas aldeias foram abastecidas por caminhões pipa, fornecidos pela prefeitura de São João das Missões. A partir de 2008, poços artesianos começaram a ser construídos pela antiga Funasa, atual SESAI. A princípio, pensou-se que a questão do abastecimento doméstico de água estava resolvida, mas, depois de um tempo, os moradores das aldeias perceberam que a água obtida nos poços era imprópria para o consumo. Quando essa água chega às torneiras das casas, é perceptível sua cor esbranquiçada, devido ao alto índice de calcário que possui. Alguns indígenas dizem que, quando a bebem, sentem diarreia e ânsia de vômito, e que foi a partir do momento que começaram a consumi-la que aumentou o número de pessoas com problemas renais.

O *tempo da seca* tem sido muito maior que o *tempo das águas*, destacam os Xakriabá, e tal fato tem os preocupado muito. Primeiro, porque eles precisam da chuva para armazenar água para o consumo próprio, para os animais e plantas. Segundo, porque sem chuva é praticamente impossível ter roça. E, em terceiro lugar, porque o tempo muito seco tem adoecido mais as pessoas, causando gripes fortes e problemas respiratórios que antes eram raros.

²⁵ Na Barreiro Preto, atuam dois AISAN. Eles são responsáveis pelo bom funcionamento das tubulações de água e esgoto da aldeia, dando manutenção e consertando as mesmas quando preciso; bem como do bom funcionamento da bomba do poço artesiano e a distribuição da água que é obtida dos mesmos.

No dia a dia, esses indígenas precisam ficar de olho no céu e no movimento dos bichos²⁶ se quiserem ter água para beber. Caso apareça algum sinal de chuva, devem preparar suas cisternas para que possam captar e armazenar a água. Conforme me explicou o AISAN João Beda, é preciso seguir os seguintes passos para ter água boa e limpa para matar a sede, cozinhar:

É preciso primeiro fazer uma bica na lateral do telhado da casa. Depois liga essa bica para cisterna usando um cano. Depois tem que ficar de olho no tempo. Se ameaçar a chover, tem que tirar a ponta do cano que está na cisterna e deixar ele solto. Isso é para a primeira chuva lavar a bica e o cano. Depois que você vê que tá tudo bem limpo, a gente liga de novo o cano na cisterna. (João Beda, aldeia Barreiro Preto, novembro de 2018).

Para armazenar água para o gado e plantações (hortas, pequenas roças), os Xakriabá utilizam barragens e cisternas calçadão e enxurrada. Diferentemente das cisternas que funcionam como reservatório de água para consumo humano, a calçadão e a enxurrada captam água pelo escoamento da mesma pelo solo ou cimento. Isso faz com que ela fique mais escura, mais barrenta, portanto, imprópria para o consumo humano. Existe um cuidado constante com essas construções, pois, assim que chover, é necessário que elas estejam funcionando perfeitamente para segurar a água quando ela cair.

O aumento do *tempo da seca* tem influenciado também na prática xakriabá de plantar roças. Esses indígenas plantam baseando-se nos conhecimentos que têm sobre o regime das chuvas na região. Como muitos deles me disseram, o *tempo das chuvas* era de outubro a março, mas, nos últimos anos, não dá para contar com elas durante todos esses meses.

Para plantar, assim como para armazenar água para beber, eles têm prestado atenção no céu e em alguns bichos. Quando percebem que a chuva está próxima, homens e mulheres separam as sementes de milho, feijão, abóbora, melancia, entre outras, limpam a roça e removem a terra. Assim que as primeiras chuvas caem, plantam e torcem para que ela dure para fazer a roça crescer e vingar.

²⁶ Conforme veremos no Capítulo 4 desta tese, para alguns Xakriabá, existem animais que dão avisos para os humanos. Avisam sobre morte, doença, acidente, a chegada de uma visita ou chuva. Dona Faustina, por exemplo, ensinou-me que, quando o sabiá começa a cantar perto de casa, logo de manhãzinha, é sinal que pode estar vindo um período com alguns dias de chuva.

Presenciei, na aldeia Barreiro, algumas famílias se organizarem para mexer com pequenas roças, assim que o *tempo das águas* de 2018 iniciou. Todos estavam muito empolgados com as chuvas que estavam caindo e colocaram-se a cultivar nos baixões de seus terrenos, que já estavam limpos e com a terra arada e adubada com esterco bovino esperando as sementes. Famílias como a de Dé e Isabel, Niza e Valdivino, Nice e Manoel plantaram principalmente feijão catador, milho e/ou mandioca. No entanto, o *tempo das águas* não durou. O que se viu em janeiro de 2019 foram plantações de milho queimadas pelo sol, completamente perdidas e a decepção e tristeza estampada no rosto das pessoas. Por serem mais resistentes ao clima seco, as roças de feijão de catador e mandioca vingaram, mesmo que seus frutos não tenham se desenvolvido muito bem.

A estiagem tem interferido no modo como os Xakriabá têm lidado com o gado e com a roça, muitas pessoas preferindo não investir nessas práticas e dedicando-se a outras atividades junto à comunidade, como o trabalho de pedreiro e vendas de produtos de beleza, de utensílios domésticos, roupas, salgados, picolés e pizzas. Além disso, como já foi dito, a estiagem tem causado doenças, antes raras e agora constantes, como gripes fortes e dificuldade para respirar, devido à baixíssima umidade do ar.

Evanilton (Nito) e Anailda, técnicos indígenas em enfermagem no posto de saúde da Barreiro, relataram-me que, por causa da poeira gerada pelo tempo seco prolongado, aumentou muito o número de pessoas com problemas respiratórios, diarreia e vômito (desidratação) procurando atendimento.

Em uma conversa que tive com um dos AIS (Agente Indígena de Saúde) da aldeia, este me disse assustado que, nos locais onde ele atua, podiam-se contar nos dedos as pessoas que não estavam gripadas. Os AIS, diferentes dos técnicos de enfermagem, não trabalham com atendimento aos pacientes dentro do posto. Na Barreiro Preto, existem cinco AIS, três homens e duas mulheres. Todos os dias, cada um deles fica responsável por percorrer uma área, prestando atendimentos primários aos moradores, como encaminhar pedidos de consultas e exames destes aos técnicos de enfermagem, certificar-se de que os pacientes estão tomando seus medicamentos corretamente, avisar sobre palestras e reuniões, entre outras tarefas.

De acordo com Nito, cada vez mais, os moradores da aldeia têm procurado o posto para se consultar, às vezes, para tratar de doenças que, segundo ele, poderiam ser tratadas em casa. Contudo, ele observa também que muitos desses moradores procuram algum *curador* da Terra Indígena.

Conheci algumas pessoas na Barreiro que sabem benzer algum mal, como *mau-olhado*, *estoporo*, *quebrante*, *arca caída*, *vento virado*, *sol na cabeça*, entre outras doenças, que só o pajé e os benzedores sabem curar. Existem aqueles que são mais velhos, que benzem há mais tempo e, portanto, são mais conhecidos e procurados.

Diariamente, benzedores experientes, como senhor Ervino e dona Cula, recebem, em suas casas, adultos, crianças, mães e pais que trazem seus bebês de colo para que eles possam *cruzar o ramo* e assim lhes *tirar o mal*. Alguns Xakriabá usam a expressão *cruzar o ramo* para se referirem ao ato do benzimento, em que muitos curadores utilizam um galhinho com folhas verdes para *rezar e fechar o corpo* da pessoa benzida fazendo o sinal da cruz, impedindo assim que a doença retorne. Nos benzimentos que presenciei e naqueles que vivenciei, pude ouvir os benzedores mencionando o nome de santos católicos durante suas rezas, como São Sebastião e Nossa Senhora Aparecida.

1.4 Santos, religião, festa e futebol

Os santos têm presença na vida dos Xakriabá não apenas nas benzeções. Festas e rezas para santos movimentam as aldeias diversas vezes ao ano. São comemorações para São João, Nossa Senhora Aparecida, São Bom Jesus, Santa Cruz e as Folias de Reis. Dias antes da realização da festa, mulheres e homens xakriabá se reúnem diariamente para rezar em homenagem ao(a) santo(a). Muitas ladainhas que são faladas ou cantadas durante essas rezas são compostas por palavras que lembram o latim. No dia da festa, pode ocorrer uma reza puxada pelos Xakriabá ou missa realizada pelo padre. Durante as comemorações, há cavalgadas, levantamento e derrubada de mastros e bandeiras do(a) santo(a).

A maioria dos Xakriabá se consideram católicos. Algumas aldeias recebem, pelo menos uma vez por mês, a visita do padre Gilsônio, responsável pela Matriz de São João Batista, que fica na cidade de São João das Missões. Além de missas, esse padre vai até a T.I para realizar casamentos, dos quais falaremos adiante.

Mesmo com uma afirmação de uma pertença católica, existem Xakriabá evangélicos e aqueles que praticam o *Toré*. Existem dois tipos de apresentação do *Toré* nas aldeias Xakriabá: o público e o secreto. O *Toré* público é realizado em eventos dentro e fora da Terra Indígena. Nele, homens, mulheres e crianças formam uma roda e

colocam bolsas, instrumentos e calçados próximo a uma borduna, garrafa ou cuia²⁷. Em seguida, rodam em sentido horário, dançando (batendo o pé direito à frente) e tocando seus maracás no ritmo da música cantada. Como me disseram alguns informantes, a dança em roda do *Toré* é sempre guiada por pessoas que têm mais *ciência nos segredos dos encantados*. Já o *Toré* secreto é feito para que os Xakriabá possam se comunicar com *Iaiá*, a Onça Cabocla, o *encantado* protetor de suas terras (falarei mais desse *encantado* e de outros no Capítulo 4). Esse ritual é realizado em um terreiro na mata, longe dos olhos dos não índios, e apenas alguns Xakriabá, detentores da confiança de *Iaiá*, participam dele. Por fazer parte daquilo que os Xakriabá chamam de *segredo*, o *Toré* é um assunto sobre o qual se fala pouco.

A presença de igrejas evangélicas dentro da Terra Indígena tem crescido cada vez mais, como me disseram vários Xakriabá. Em minhas andanças pelas aldeias, conheci pessoas que frequentam cultos das denominações Congregação Cristã, da Adventista do Sétimo Dia, da Assembleia de Deus e da Mundial do Reino de Deus, em igrejas instaladas dentro e fora da T.I.

O crescimento no número de evangélicos tem sido mencionado como preocupação da parte de pessoas que são atentas à presença dos *encantados*. Segundo eles, os pastores, indígenas ou não indígenas, estimulam seus seguidores a se afastar dos *encantos*, o que é visto como algo negativo, pois é a confiança nestes que os faz permanecer entre o grupo, protegendo o povo e seu território. Por outro lado, observei também na fala de alguns católicos uma desconfiança em relação à existência dos *encantos*²⁸.

Mas voltemos ao Barreiro e ao tema da festa.

Coisa mais comum quando se vive entre os Xakriabá é ver muitos deles e muitas delas felizes, quando têm uma bola nos pés, quando montam em um cavalo ou estão dançando forró. Eventos que contam de uma só vez com futebol, vaquejada e baile de

²⁷ Não consegui identificar o conteúdo no interior das garrafas e cuias que vi no centro de rodas de *Toré* público que assisti. Quando perguntei a respeito, obtive como resposta bem objetiva e sem espaço para mais perguntas a afirmação de que aquilo era *ciência*.

²⁸ Há também Xakriabás que são atentos à presença dos *encantados* e frequentam as rezas e as festas para santos por considerarem que estas fazem parte da cultura de seu povo. Como veremos no Capítulo 4 desta tese, existe uma narrativa xakriabá que caracteriza como *encantado* o lugar onde foi encontrada uma imagem de São João por lavradores enquanto faziam a limpeza de uma roça (ver Santos, 1997, p.39).

fórró são frequentes na Terra Indígena Xakriabá e eles sempre lotam e agitam as aldeias onde acontecem.

Como relatei acima, todos os dias do final da tarde até o início da noite, o campo de futebol da Barreiro fica movimentado²⁹. Homens, mulheres e crianças dividem o espaço do gramado e às vezes até jogam juntos. As mulheres também costumam se reunir na quadra da escola para treinar.

A aldeia conta com um time de futebol masculino e uma equipe de futebol feminino. O time masculino é organizado e treinado por Manoel de Zé do Rolo, que cuida do campo, administra os ganhos e despesas financeiras da equipe – premiações por títulos, gastos com uniformes –, marca treinos e partidas, que podem ser amistosos ou participações em campeonatos e festivais. O time feminino não possui um treinador fixo. Em dias de jogos, as jogadoras providenciam um técnico para orientar a equipe e fazer as substituições. São as jogadoras também que se organizam para comprar uniformes e pagar as inscrições nas competições.

Manoel é quem organiza os festivais de futebol da Barreiro, que acontecem no final de semana, sábado e domingo, o dia todo. No sábado, geralmente aconteciam as partidas entre os times femininos e, no domingo, o futebol masculino. Tanto os jogos das mulheres quanto dos homens movimentavam a aldeia, que desde cedo começava a receber pessoas vindas de diversos pontos do território, que chegavam de moto, carros e ônibus.

No período em que realizei a pesquisa, Manoel armava uma barraca feita com hastes de bambu e cobertura de lona em frente à sua casa. Essa barraca protegia a caixa de som onde conectava um *pen drive* com bastante fórró e um microfone que era utilizado pelo narrador da partida, pela pessoa que se prontificava a realizar os leilões de frango e bingos, e também para passar recados aos jogadores e aos torcedores.

Os atletas e torcedores de cada time se espalhavam ao redor do campo, onde grupos de uma mesma aldeia ficavam próximos um do outro. Nesses grupos, eram partilhadas comidas e bebidas e o cuidado das crianças pequenas e bebês. Era na vendinha, abastecida por Manoel, com salgados, biscoitos, refrigerantes e cerveja, que esses grupos aldeãos se misturavam.

²⁹ Recentemente foram instalados refletores no campo *Waitomorim* pela Secretaria Estadual de Esportes, por conta dos Jogos Indígenas de Minas Gerais, ocorridos em dezembro de 2018.

Nos dois dias, os jogos iniciavam às 8 horas e terminavam por volta das 20 horas. Quando a última partida chegava ao fim e jogadores e torcedores iam embora para suas casas, a aldeia era dominada novamente pelos barulhos típicos de suas noites, os sons dos bichos.

Há também alguns Xakriabá que correm vaquejada e têm essa atividade como seu principal momento de lazer. Na Barreiro Preto, conheci homens e uma mulher que são apaixonados pela prática de *pega do boi*, seja na pista de vaquejada ou na corrida no meio do mato. Como me explicaram alguns homens Xakriabá, quando visitei uma pista de vaquejada na subaldeia Brejinho, nas duas modalidades, o vaqueiro ou vaqueira montado(a) em um cavalo deve derrubar o boi puxando-o pelo rabo. Na pista, isso tem que ser feito entre duas faixas marcadas no chão com cal. No mato, além de derrubar o boi, é preciso pegar o guizo que fica em seu pescoço. Nas competições, cada vaqueiro (a) paga uma taxa de inscrição ao organizador(a) da vaquejada, que oferece prêmio em dinheiro para o vencedor(a).

Do mesmo modo que a turma do futebol, todo final de semana, a turma da vaquejada se dirigia para algum ponto da Terra Indígena ou fora desta para se divertir e competir. Acompanhei uma prova de vaquejada no mato, na localidade de João Toco, na Barreiro Preto. No meio da tarde de um domingo, o detonar de um foguete foi o sinal para a largada dos vaqueiros, que saíram disparados em seus cavalos mato adentro à procura da novilha. É impressionante a habilidade e rapidez desses vaqueiros para passar entre os galhos de árvores e espinhos sem se ferir. Essas corridas são muito demoradas, de modo que somente depois de horas, tendo chegado a noite no território xakriabá, apareceu um dos vaqueiros com seu gibão (roupa de couro bovino) meio torto no corpo e com o tão cobiçado guizo da novilha.

Assim como o futebol e a vaquejada, outra prática que vem se tornando um dos lazeres preferidos dos Xakriabá nos últimos anos é o *motocross*. Durante o tempo que estive em campo, vi um *motocross* sendo realizado na Barreiro, mas era muito comum ver anúncios dessas corridas de moto em outras aldeias da Terra Indígena e também nas áreas de retomada. Homens e mulheres xakriabá se deslocavam também para cidades vizinhas à T.I para competirem. Em janeiro de 2019, foi realizado, na aldeia Itapicuru, o primeiro *motocross* feminino da Terra Indígena Xakriabá.

A competição que acompanhei na Barreiro aconteceu em um final de semana, sendo organizado por Ronay, filho do casal que me hospedou em minha mais recente

estada na aldeia. Nice, mãe de Ronay, junto com sua irmã e mais duas primas prepararam o café da manhã e o almoço dos competidores. Segundo elas, cada atleta contribui para comprar os ingredientes para a preparação das refeições e também os troféus. A premiação em dinheiro é oferecida pela pessoa que organiza o evento e, para participar, cada competidor paga uma taxa de inscrição. Quanto mais pessoas se inscrevem no evento, mais lucro vai ter a pessoa que o organiza.

A partida e a chegada de um *motocross* é no mesmo lugar, no caso do que eu acompanhei, foi no campo de futebol da Barreiro. O percurso feito pelos atletas passou por estradas e *carreiros* no meio dos pastos das aldeias Barreiro e Caatinginha. Como me explicou Ronay, os organizadores das corridas sempre pedem autorização para os donos dos terrenos antes de fecharem o percurso da prova e tal trajeto é traçado por caminhos onde não há necessidade de arrebentar cercas e evitam-se as estradas mais movimentadas da T.I, para evitar acidentes. Todo o percurso é marcado com fitas brancas e vermelhas, as brancas apontando o caminho certo, as vermelhas sinalizando rotas que não podem ser utilizadas pelos atletas. Quando se caminha por *carreiros* e estradas desativadas na Barreiro, é comum ver essas sinalizações amarradas na vegetação.

Os dias de *motocross*, pelo que ouvi, só não eram apreciados pelos idosos, que reclamavam do barulho das motos. Dona Faustina, mãe de Nice, disse-me que esse barulho não incomoda só as pessoas, mas também os bichos, que estranham o barulho intenso no meio do mato. E perturba também *Iaiá*, que vive nas grutas e matas e que não gosta de barulho.

Tanto as competições de futebol, como as de vaquejada e as de *motocross* aconteciam ao som de muito forró. Potentes caixas de som tocando uma moda sertaneja sempre estavam presentes nesses eventos. Vi também o forró acompanhado de muita cerveja fazendo parte de comemorações em que uma família *xakriabá* recebia a visita de parentes ou amigos muito especiais.

Da mesma forma, festas com muito forró é o que movimenta as noites dos finais de semana em muitas aldeias da Terra Indígena³⁰. Algumas se destacam, como os forrós da aldeia Riachinho e da aldeia Tenda-Rancharia. As festas nesses lugares são

³⁰ Vi também muitos jovens solteiros e casais *Xakriabá* irem para festas de forró, *motocross* e vaquejada fora da Terra Indígena, em municípios vizinhos, e também para *shows* de cantores sertanejos conhecidos nacionalmente, que aconteceram em cidades mais distantes como Januária e Montes Claros.

conhecidas por sempre acontecerem num clima tranquilo e também pelo acolhimento dos visitantes por parte dos anfitriões.

Nas festas que fui e que aconteceram na T.I enquanto estive entre os Xakriabá, poucas vezes vi ou ouvi sobre brigas, mas soube que as que aconteciam geralmente envolviam ciúme e/ou excessos no uso de bebida alcóolica. Vendiam-se muitas bebidas destiladas nessas festas, como conhaque *presidente*, vodka, cachaça, e também cervejas.

Existem ocasiões em que a festa é forró, ou seja, é um baile, e outras em que o forró faz parte de uma comemoração, como nas cerimônias de casamento. As festas de casamento acontecem quase todo final de semana na T.I. e são abertas, ou seja, não é preciso ter convite para participar. Vi alguns Xakriabá se casando na Terra Indígena, geralmente numa barraca coberta com lona, montada no terreiro da casa dos pais da noiva, e também na Matriz de São João Batista, em São João das Missões. Logo após a cerimônia, serve-se o jantar para noivos, padrinhos, companheiros e quem mais for convidado a sentar à mesa. Em seguida, a comida é compartilhada com os convidados e joga-se a *loas*, um desafio em rimas que tem por objetivo alegrar e saudar a festa, os noivos e os convidados. Após a *loas*, inicia-se o forró que vai até o amanhecer³¹.

Tanto nos bailes quanto nas festas de casamento são contratados grupos ou um cantor de forró, que pode realizar um *forró de sanfona*, que, como dizem os Xakriabá, é o forró tradicional, ou pode utilizar o teclado, o que deixa a festa mais moderna, conforme destacam.

São muitos os ritmos do Barreiro, mobilizando moradores e gente que vêm de outras localidades invadindo a aldeia com o barulho das motos e aparelhos de som, intercalados por silêncios e o som dos bichos nas noites; fazendo festas em torno dos santos, dos casamentos, do forró. Mobilizando práticas e afetos, na *lida*, na festa. Busquei apresentar parte dessa movimentação, seus ambientes e o clima em que se dão, a partir de meus próprios engajamentos e circulação pela Barreiro e subaldeias. No próximo capítulo, volto a me concentrar na história da terra, buscando aprofundar algumas dimensões da *luta*.

³¹ Para mais informações sobre casamento e a *loas* entre os Xakriabá, ver Lopes (2016) e Silva & Silva (2017).

CAPÍTULO 2: TEMPOS, TERRA E LUTA

2.1 Tempos e modos de engajamento

Quando falam de sua história e de seu ambiente, os Xakriabá comentam de diferentes tempos. Falam como era o *tempo dos antigos*, sobre como percebem o *tempo d'agora*, sobre suas vivências no *período de luta pela terra* ou *época da luta*, e como são suas atividades no *tempo da seca* e no *tempo das águas*.

Alguns pesquisadores já chamaram a atenção para modos de os Xakriabá pensarem o tempo. Rafael Barbi Costa e Santos (2010) dá destaque ao contraste entre modos de conhecimento e engajamento no mundo que marcam o *tempo dos antigos* e o *tempo d'agora*, entendendo o *tempo dos antigos* como anterior ao período da *luta pela terra*. O *antigo* pode ser alguém de quem não se sabe o nome nem as relações familiares, ou pode ser um *finado*, que é um *antigo* ainda presente na memória e cuja genealogia é conhecida. Já o *tempo d'agora* é aquele das transformações, em que os jovens conhecem muito do mundo.

O *tempo dos antigos* é assunto frequente na conversa dos mais velhos, especialmente quando o *tempo d'agora* parece conter transformações sem limites. Os *antigos* viviam no mato, os *finados* trabalhavam na roça, não conheciam tanto do mundo quanto os jovens de hoje. Mas eram *sabidos*: os *antigos* tinham enfeites, rituais e, sobretudo, sabiam *a língua*; os *finados* dominavam a cerâmica, os remédios *do mato*, dançavam o *Toré*, sabiam muito sobre *benzeções*, feitiços, *magnetismo* e *empatia*. Mas o *tempo d'agora* é também o *tempo do recurso*. O direito a terra está assegurado, os jovens podem estudar perto de seus parentes, há remédios, médicos, energia elétrica e água encanada. Os Xakriabá circulam com maior intensidade por lugares distantes, trabalham, têm dinheiro para adquirir mercadorias, veículos e mobília. Aprovam projetos importantes, elegeram um prefeito e vereadores, têm papel de destaque na política local, sabem se fazer ouvir. (COSTA E SANTOS, 2010, p.24).

Costa e Santos (*idem*, p.35) aborda o *tempo d'agora* a partir do período de *luta pela terra* ou *retomada*, diferentemente de Helen Santa Rosa (2017) que considera que, quando os Xakriabá falam do tempo de hoje, referem-se a um período pós-*luta pela terra*, temporalidade chamada por sua interlocutora Célia Xakriabá como o *Novo Toré*.

De acordo com Célia, este é um momento posterior a 1987, em que os Xakriabá se reunificam enquanto povo e articulam *novas posturas de luta e resistência com enfoque na cultura e na afirmação identitária de reconquistas e retomadas territoriais* (SANTA ROSA, 2017, p. 48).

Se o *tempo d'agora* é o tempo do *Novo Toré*, o *tempo dos antigos* é o tempo do *Toré Particular*, do *Toré* realizado na mata, com participação apenas de indígenas, conforme Santa Rosa. É nessa temporalidade em que se configura o *segredo*, categoria xakriabá que compreende toda a dimensão cosmológica, envolvida em torno das relações com o *Toré* e os *Encantos*. Célia Xakriabá definiu esse tempo como sendo o *tempo lento da sabedoria*, onde o conhecimento era baseado na observação da natureza e maturação dos pensamentos, diferente do *tempo d'agora* que é o *tempo rápido das respostas, da luta e dos projetos* (IDEM, p. 39).

Assim como Costa e Santos (2010), essa pesquisadora considera que o *Tempo dos Antigos* é marcado pelo processo de colonização do médio São Francisco. Entretanto, se, para o primeiro, o *tempo dos antigos* é todo o período anterior à retomada da terra nos anos de 1980, Santa Rosa (2017), em conversa com senhor Valdemar, liderança da aldeia Prata, chama a atenção para uma categoria temporal que aparece na narrativa deste que, de acordo com ela, remeteria à origem do povo, o tempo *Dantes Era*.

A diferença que nós acha que tem, não era assim não. Os velhos nossos falavam coisa muito antiga. Falavam, diziam assim: isso aqui tem muitos anos. É dos antepassados, muitos anos, antigo, dantes era, uma coisa que tem muitos anos, igual o cara disse do parque de 12 mil anos é dantes era. (Senhor Valdemar, Aldeia Prata, janeiro de 2017 apud Santa Rosa, 2017, p. 26).

A autora chega à conclusão de que a expressão *Dantes Era* falaria da percepção Xakriabá sobre sua origem, porque, conforme lhe disse senhor Valdemar, as lapas, que guardam os registros dos *índios velhos* e que eram as moradas dos mesmos, é *uma origem que nós temos, a segurança nossa, onde guarda os Encantos, as coisas espiritual* (IDEM, p.31). Segundo o mesmo senhor Valdemar, existe uma semelhança muito grande entre as pinturas rupestres encontradas na Caverna Poço Zé da Prata (Aldeia Prata) e as pinturas presentes nas lapas do Parque do Peruaçu, do qual não

apenas os Xakriabá, mas também os Kaiapó e os Guarani seriam originários (*IDEM*, p. 29 e 39).

Durante meu trabalho de campo, escutei os Xakriabá falarem no *tempo dos antigos*, no *tempo d'agora*, no *período da luta* ou *época da luta*, e também num tempo ou vida antes e depois dos conflitos pela terra. Fato é que, assim como Costa e Santos (2010) e Santa Rosa (2017) bem como outros estudiosos dos Xakriabá, percebi que a *luta pela terra* na década de 1980 é um marco temporal importante para esses indígenas.

Em conversa com senhor Valdinho, ele me expôs sua opinião sobre o motivo da invasão à terra dos índios de São João ou ao terreno dos Caboclos que desencadeou na *retomada da terra* em 1987, ao mesmo tempo que me falava sobre aspectos do território e da vida neste antes e depois da *chegada dos fazendeiros*.

Eu acho que a invasão aqui foi porque tinha pouca gente. Mas tinha dono. Talvez se não fossem os fazendeiros, que lá naquela época, em 87, que saiu, a gente contava com 70 fazendeiros. Então imagina 70 fazendeiros que devastamento eles num faz (...) O fazendeiro como se diz, ele quer ver é fazenda de gado, então viu um pedaço, tomou de conta (...) Então, isso é um motivo porque tinha muita mata. E o povo, era um aqui, outro, era um longe do outro. E tinha muito espaço. E aí a pessoa que vem lá de fora ele via tanta mata assim. Ele até chegava ali como amigo, o índio recebia ele. Ali ele começava a conviver e começava a pagar um dia de serviço pra um e pra outro, ninguém aqui sabia o que era bem dinheiro. Dinheiro aqui era muito difícil naquele tempo. Porque a pessoa dependia muito pouco da cidade. Mais ou menos da roupa assim mesmo ninguém usava muita roupa. Às vezes, você comprava mercadoria e vinha com um saco, valência, e aquilo ali já servia de roupa. Num tinha luxo com roupa. Dependia da roupa, do que mais, do sal, muita gente nem gostava muito de sal também. O sal que não sabia fazer e as outras coisa. Remédio nós tinha aqui. É só essas coisinha mesmo. Café muitas vezes comprava mais num era lá essas coisa. Por exemplo, aqui tem o fedegoso, tem o milho preto. E você comprava um quilo de café e o café rendia muito. Rendia porque você pegava o milho preto, fedegoso e a rapadura e fazia um queimado pra completar com o café, e aí misturava com o café e aí ele ficava forte. Então qualquer pouquinho que você ponhava [punha] na água ele já tava completo. E aquilo ali aturava [durava] muito né. Então as pessoas não preocupava muito. E não era todo mundo que tomava café não. A juventude não tomava café, era chá e rapadura. Então cereais essas coisa assim tudo produzia aqui na roça, arroz, feijão, milho. Caça tinha muita caça, abelha tinha muita abelha. Caça vinha no terreiro. Tinha tatu, tinha paca, tinha cotia, tinha veado, bandeira, meleta, ouriço-cacheiro, e por aí vai. (Senhor Valdinho, aldeia Barreiro Preto, fevereiro de 2018).

A reflexão de senhor Valdinho aponta para um cenário pós-luta composto por um território completamente devastado, tomado por pastos para o gado, com desaparecimento de boa parte de sua flora e fauna. O desmatamento contribuiu para o aumento do período da seca em um clima que nunca foi muito propício à chuva. Em outra conversa que tive com senhor Valdinho, em junho de 2018, ele me disse que antes dos fazendeiros se sabia que o *tempo das chuvas* ou *tempo das águas durava de outubro a março*, mas atualmente isso não é mais certo, mesmo com toda dedicação dos Xakriabá em relação à gestão de seu território, pois *tem ano que chove bem, mas tem ano que o tempo da seca alonga e judia da gente, das roças e das criação. A água fica pouca e as plantas da roça não vingam*.

Além do desmatamento pelos fazendeiros e o prolongamento do *tempo da seca* que *judia* da vida na Terra Indígena Xakriabá até os dias atuais, os fazendeiros são lembrados pela violência física e emocional que causaram a esses indígenas. A *luta* foi vencida pelos Xakriabá, mas deixou inúmeras lembranças de sofrimento em suas memórias.

No próximo tópico, apresentarei narrativas dos Xakriabá, colhidas por mim e por outros pesquisadores, que falam sobre suas vivências no *período da luta pela terra*. Em tais narrativas, aparecem lugares importantes para os Xakriabá, que foram marcados por todo processo da luta, desde a chegada das primeiras pessoas de fora ao seu território até a saída dos grileiros; bem como sentimentos causados pela perda do local de morada, pela separação da família e pela opção de alguns indígenas de ficar do lado dos posseiros.

Nesse cenário que sucede a presença dos fazendeiros, os mutirões xakriabá de retomada da terra produziram o que é referido como *união*, tida como um dos principais motivos da vitória na *luta* pelo território. Atualmente é da mesma forma o termo *união* fomentado pelas lideranças Xakriabá, principalmente em falas dirigidas aos jovens. Um evento que assume lugar central na construção da memória e narrativa da história da *luta pela terra* para a juventude e na exortação da *união* são as romarias em homenagem aos Xakriabá mortos em fevereiro de 1987. Elas serão apresentadas na terceira parte deste capítulo através de minha etnografia de dois desses eventos (em 2017 e 2018) que considero funcionar como espécies de rituais de memória praticados pelo povo Xakriabá. Antes das romarias, reúno a seguir relatos colhidos em minha pesquisa de campo sobre dimensões da *luta* e de seu *tempo*.

2.2 Memórias da luta

A narrativa xakriabá do passado em geral tem início no “*começo da terra*”, ou seja, no momento da carta de doação comentada no Capítulo 1. Como observou Santos (1997, p.37), mesmo que a história oficial apresente Januário Cardoso de Oliveira como o doador de terras aos *índios da Missão de São João*, narrativas de anciões xakriabá sobre o episódio destacam as figuras de D. Pedro II e da Princesa Isabel como aqueles que fizeram a doação. Uma explicação para a presença dessas figuras monárquicas na memória social xakriabá talvez esteja relacionada às *viagens de providências* feitas pelos antigos chefes em busca da defesa de suas terras ao Rio de Janeiro, capital do império. Vejamos uma dessas narrativas apresentada pela autora:

Quando D. Pedro II chegou aqui, só existia os índios, nós. Ai os índios, vendo aquele homem diferente — que nunca tinha visto o branco — resolveu matar ele. Chegou pra D. Pedro e falou: nós vamos te matar. Ai, tinha uma ave, muito grande, que colocava medo nos índios, pegava as crianças. Quando ela vinha, os índios escondiam as crianças debaixo de um balaio. Ai D. Pedro, reparando isso, virou pros índios e falou: vamos fazer um trato. Se eu acabar com esse pássaro, então vocês não me matam. Ele tinha um trabuco. Os índios não conheciam. Quando o pássaro voltou, D. Pedro deu um tiro, Pam! Foi igual um barulho de trovão. Os índios ficaram agradecidos e resolveram dar para ele a índia mais bonita que tinha. Era a Princesa Isabel. Ai D. Pedro ficou dono desta terra. Ele virou para os índios e falou: então vocês ficam aí, tomando conta desta terra, que eu vou fazer uma viagem. Os índios não sabiam trabalhar. Viviam só caçando e pescando. Então D. Pedro foi pra África e falou com os africanos: eu tenho uma terra, mas não tenho ninguém pra trabalhar. Vocês querem ir trabalhar lá? E trouxe eles pra cá. Ai foi que começou a misturar, por que as índias só queria casar com eles. Por que os índios não gostavam de trabalhar, e os pretos trabalhavam muito, então já podiam comprar uma coisinha, um vestidinho pra dar pra mulher. Assim que começou esta mistura. Então hoje, aqui, todo mundo trabalha. Eles falam que não trabalha, mas trabalha sim. E não é igual japonês, que só quer saber desse negócio de industrinha, não... Trabalha mesmo... (Laurindo. Olho D'Água, 1992, apud Santos, 1997).

A fala do senhor Laurindo traz imagens não só do encontro entre índios e brancos, a diferença tecnológica nos modos de matar, as relações com poderes de estado, o tema da chegada de negros na região habitada pelos Xakriabá e outros mais. A despeito das projeções étnicas do branco acerca de propensões distintas ao trabalho,

noto como sua fala enfatiza o engajamento dos Xakriabá com o trabalho mesmo (na terra), sem deixar de mencionar, por outro lado, modos indígenas de engajamento com a mesma terra *caçando e pescando*.

A terra aparece como algo central para os Xakriabá, muito por causa do trabalho, mas também porque define seus moradores: os *do lugar, do local*, os *nascido e criado*. Estes, também chamados como *filhos da terra*, eram denominados pelas pessoas que não moravam nas terras doadas como *caboclos*, por isso a menção ao seu território como Terreno dos Caboclos. Essa denominação se deu principalmente por conta da chegada e dos casamentos dos *herdeiros ou sucessores* dos índios da Missão de São João com imigrantes vindos da Bahia (SANTOS, 1997).

Em minha pesquisa de campo, quando conversava com alguns Xakriabá com idade superior a 60 anos sobre a história da terra que lhes fora doada, ganhou destaque em suas narrativas a movimentação de pessoas pela região à procura de terras para trabalhar. Assim como Santos (1997, p. 44), pude ouvir algumas histórias sobre famílias originárias da Bahia que, fugindo da seca, andaram de lugar a lugar até chegar ao território indígena. Senhor Valdemar Fernandes me contou o seguinte sobre a chegada de sua família materna à reserva:

Eles vieram, para num ponto, para em outro e assim veio. Até conseguir parar num vale aqui, pra cá da vila Virgínio. Aí eles viveram lá um tempo. E aí vieram para cá, dentro da reserva. E aqui eles viveram uns anos, casaram os filhos tudo com pessoas daqui e por aí eles morreram (...).

Eles vieram pra cá porque de primeira existia assim, e, às vezes, a pessoa, porque já tinha um lugar aqui por nome Brejo do Mata Fome. É aqui na Imbaúba que esses trata, esses trata de Brejo do Mata Fome. Porque as pessoas vinha de lá, como vêm esses refugiado hoje, que vêm dos outros países por conta da inconstância do lugar. E as pessoas vinha, chegava aí, já pegava e arrumava com eles pra plantar roça, já melhorava as condições. Quando chegava um certo tempo, esses já mandava, os donos índios, os mais velhos, a pessoa sair. Já estava melhor, passava melhor. Aqueles que herdava mais certo, ficava. Às vezes, gostava mais, ficava. Aí arrumava lugar pra morar, ficava. Outros já entravam como grileiros, às vezes, tinha uma situaçãozinha melhor, já começava a comprar de um e de outro e aí apossava. (Senhor Valdemar Fernandes, aldeia Barreiro Preto, agosto de 2018).

Como fica perceptível na fala de senhor Valdemar, os Xakriabá estabeleceram vários tipos de relações com *os de fora ou baianos*. Relações de troca, de venda, de amizade e de parentesco. No entanto, havia regras no que diz respeito à ocupação da

terra. Na fala de interlocutores xakriabá de Santos (*idem*, p.48 e 49), os *chefes* só cediam terras aos chegantes na localidade chamada Traíras, pois “*o lugar deles, dos baiano, quando chegava e arranchava, era pra acolá de lá do riacho...*” (Deraldo. Aldeia Embaúba, 1995). Outro modo de fixação de pessoas de fora na área foi a venda de capoeiras de algodão e mamona por parte dos chefes: “*Vendia a capoeira de algodão e mamona. Agora quando eles vendia aqueles caroço, baiano acabava de colher, aquilo passeava de posse*” (Manoel Cabral. Aldeia São Domingos, 1995).

Desse modo, *pessoas de fora* que chegaram e respeitaram as regras determinadas pelos indígenas em relação ao seu território - ocupar um pedaço de terra por meio de trabalho - ou que vieram para contribuir com o grupo - como o pai de dona Olava, que os ensinou a trabalhar a terra - foram aceitos e passaram a fazer parte desse coletivo. Contudo, aqueles (*do lugar* ou *de fora*) que viram a terra apenas como uma propriedade privada e colocaram-se a comprar e cercar grandes extensões de terras passaram a ser vistos como grileiros. À medida que esses grileiros foram aumentando suas propriedades e colocando famílias que se consideravam indígenas para fora de suas casas, criou-se um clima de revolta, o que contribuiu para desencadear o período que os Xakriabá chamam de *luta pela terra*. Vejamos o relato de senhor Emílio:

*É, mas nesse tempo a gente andava... o povo, o índio tinha essa terra lá, em Traíra, mas era um lugar que a gente só ia lá assim..., ocasião de pescada, ocasião de caçada, essas coisa nessa época, né.. Ai eles foram pedindo, morando ali daquele lado, o chefe foi deixando eles arranchar, né. E isso, com dó deles... Daí a pouco suprou lá de gente, e aí já veio apertando pra cá. Ai adonde eles chegou a ponto deles adquirir dessa pessoa assim, pra recorrer com nós daqui, né. Assim que começou a luta da terra. (Emílio. Embaúba, 1995, apud Santos, *idem*, p.46).*

A *luta pela terra*, como dito no capítulo anterior, caracterizou-se, entre outras coisas, pela divisão dos moradores da área, que se viram obrigados a fazer cadastro como indígena ou cadastrar-se como posseiro, assinando contrato com a Ruralminas. Sobre essa divisão, senhor Zé do Rolo expõe o seguinte:

Depois chegou um cadastramento de direito de posse aí na cidade de Itacarambi. Fez cada um fazer um documento de posse e pagar imposto. Pagar imposto para a Ruralminas. E com isso começou a fazendeiro chegar aqui. Começou a comprar direito de posse de uma pessoa, uma casa, e cercava tudo que estava desocupado. E foi

apertando o povo. E foi até uma altura assim que lá adiante eles veio querer a divisão da terra. E que os que não comprassem tinha que sair, mesmo o povo. E aí foi fazendo a cabeça de alguns, aqueles alguns começaram a acreditar neles e aí quer dizer que as coisa ficaram mais difícil. (...) Eles começaram a comprar um tanto de gente daqui, e não queria ser índio mais, queria ser posseiro. Posseiro uniu com fazendeiro isso que deu maior trabalho. Gente da terra. Se fosse só os fazendeiros não tinha dado o trabalho que deu não. Mas os da terra, porque ele tinha o direito de ser nativo da terra, isso aí que deu força para os fazendeiros romper mais tempo. (...) [Por que o senhor acha que eles passaram pro lado dos posseiros?] Interesse de enricar. Esses que ficou não teve interesse de enricar não. Eles queria permanecer no lugar. Aí quando as coisas começou a ficar muito difícil, eles pensou: vamos unir as força, vamos unir as forças porque a gente não tem pra onde ir. O lugar nosso é aqui (Zé do Rolo, aldeia Barreiro Preto, fevereiro de 2018).

Por causa das grilagens, os Xakriabá foram obrigados a conviver com a progressiva escassez de áreas para roças e criações, e parentes tiveram que se separar. Laureano, que atualmente é morador da aldeia Barreiro Preto, relatou-me suas vivências e de sua família no período em que ocorreu a invasão de posseiros no Sapé e como eram as ações destes:

Eu nasci no Sapé. Vivi lá até a faixa dos quinze anos por aí. Depois dos quinze anos, foi a época dos posseiros, né? Aí os posseiros chegaram, foram comprando ao redor e nós ficamos lá no meio. Eles compravam dois alqueire e marcavam três. E ficamos assim, a família nossa espalhou tudo. Uns saiu foi morar na cidade. Pouco tempo, nós teve que sair de lá, não teve como nós ficar lá. Os que estavam lá também que era meu cunhado, teve que sair de lá também por causa dos posseiros, né? Foi aquela época que teve aquela revolução que eles tomaram a terra nossa. (...) Naquela época da luta, as coisas eram apertadas, tinha que correr. (Laureano, aldeia Barreiro Preto, dezembro de 2018).

Mesmo desestabilizados por conta de violências físicas e emocionais, os Xakriabá se organizaram e tomaram algumas medidas para retomar suas terras e evitar a invasão das mesmas. Dona Faustina me contou que “o povo tudinho do Barreiro, mais o finado Rosa e o finado Rodrigo, colocava gado em um cercado na aldeia Sapé” para evitar que houvesse nova invasão daquele lugar. A escolha do Sapé para colocar o gado não era aleatória, pois, como pude ouvir de duas lideranças que participaram do período de luta da década de 1980, “foi no Sapé que aconteceu a luta” (senhor Valdinho, falecida liderança da aldeia Barreiro Preto), “foi aqui no Sapé que a coisa foi maior” (senhor Zé Fiúza, liderança da aldeia Itapicuru). Foi na “parte de baixo”, na região leste

e sul da Terra Indígena, que os grileiros mais atuaram (Santos, 1997, p.217), ganhando destaque nas lembranças dos Xakriabá com quem conversei a presença da grande fazenda do prefeito Zé de Paula, que tinha sua sede na aldeia Sapé, mas se expandia para outras áreas do território:

Apareceu o prefeito. O prefeito é o cargo chefe da cidade. E que queria manter uma fazenda dele aqui, grande. Com escritura, com tudo. (...) Pegando de lá do tabuleiro naquele cruzamento de estrada que vai, que atravessa pro Sapé. Ali eles tinham uma cancelona [porteira grande]. Aquele meio ali. E pegava pra lá e descia na Barra até no riacho, e cortava por cima até chegando próximo de Itacarambi. Chegando na serra lá. Encontrava com a Cauê. Esse terreno deles aí. Então era muito espaço. (Senhor Valdinho, aldeia Barreiro Preto, fevereiro de 2018).

Além de colocar gado em áreas cobiçadas pelos grileiros, outra medida que os Xakriabá tomaram para parar o crescimento das propriedades de Zé de Paula e de tantos outros fazendeiros e retomar as terras que lhes pertenciam foi a realização de mutirões para plantar roças, como mencionado no Capítulo 1.

A *turma da luta* - como se refere senhor Valdinho àqueles que se uniram para retomar as terras – fez a primeira tentativa de colocar roças na região do Peruaçu, grilada por Paulo Roque, em 1984. Também em 1984, um mutirão assentou 21 famílias no Morro Falhado, área grilada por Aécio (Santos, 1997, p. 214) e vizinha da aldeia Sapé. Em 1985, os mutirões ganham mais força, tendo ocorrido um grande mutirão na aldeia Sapé, na fazenda de Zé de Paula, que mobilizou cerca 600 pessoas. Esse mutirão é o mais lembrado pelos Xakriabá quando falam *da luta pela terra*:

Tem uns posseiros ali e tá batendo contra nós. O que vamos fazer? Vamos botar uma roça lá no lugar dele lá, ele tem uma mata lá, vamos pôr uma roça lá. Quem quer uma roça lá? Ai tinha alguém que tinha um terreninho fraco e o posseiro já tinha tomado, aí pedia a roça. E você ia lá botava roça e a roça tinha um dono. Então já saía dali e marcava um mutirão pra tal terra de posseiro e perguntava quem ia querer roça lá. Trabalhamos com mutirão de 100, 200, 300 pessoas, o maior foi com 600 pessoas lá no Sapé. Cada lugar que você botava roça era para que a justiça se aproximasse para resolver nosso problema. Por isso que a gente fazia os mutirão. (Senhor Valdinho, aldeia Barreiro Preto, fevereiro de 2018).

Então nós fizemos uma grande reunião e foi fazer a retomada da terra. Que se a gente não faz isso, a terra até hoje tava nas mãos dos fazendeiro. Porque a Funai não vinha aqui fazer a retomada. Porque

o Cimi também não vinha, ele lidera a própria ação, mas em primeiro lugar quem fez foi nós. Hoje eles inda fala que se não fosse a Funai não tinha terra. Mas quem fez foi nós, se não fosse nós, agradeça a nós, que lutamos junto, na união, por que se fosse o Cimi e a Funai não tinha nada. Porque essas autoridade é desconhecido de uma parte, que num foi eles que deram a terra pra nós. Eles não têm terra aqui pra dar pra índio não, a terra já era nossa de muitos anos, onde nós nasceu e criou, avô, bisavô. Então quem fez a retomada foi nós, o Cimi e a Funai só protegeu. Mas que a Funai e o Cimi não deu a terra pra nós, não deu não (Raimundo Gomes de Oliveira, São Domingos, 1995, apud Santos, 1997, p. 245)

Os mutirões aparecem nas lembranças dos Xakriabá como *união* que reunia o pessoal em atos para impedir as invasões. A *união* liga-se, por outro lado, à memória do sofrimento: esse foi o período da luta pela terra em que os indígenas mais sofreram, pois, quando os mutirões ganharam força e os Xakriabá estavam conseguindo retomar suas terras, os atos violentos dos grileiros tornaram-se mais intensos e constantes. O cenário que se delineia a partir das memórias Xakriabá sobre esse período é de medo, de indígenas assassinados e baleados, famílias obrigadas a largar suas casas e se esconder no mato, passar fome, sono e outras privações:

Valdir: - Ele [Alfredo Ferreira Leite, ou Alfredão] tinha uma posse lá na Grotta de Pedra. Só que ele era jagunço, ele era jagunço dos fazendeiros. (...) Que ele era matador, então os fazendeiros contratou ele. Eles era contratado pelos fazendeiros, como jagunço. Tanto que esse dia que ele atirou no Zé de Benvindo, ele atirou no tio Manoel Fiúza também, (...) e matou um outro índio também, que é um primo nosso, o Zezão e... esse dia, ele tava acompanhado com os Vidoca [família de posseiros].

Sendo que ele [Zé de Benvindo] levou 6 tiros, 6 tiros de 38. (...) Mas Deus pôs a mão na frente, que todo tiro que ele atirava nele, ele virava. Então, as balas pegou tudo lá nele assim, ó, e entrando só de lado assim, ó... num atingiu por dentro não. (...) Porque se pegasse de frente ele morria.

D. Elisa: - Meu irmão [Manuel Fiúza] quase morreu, dessa vez (...) Então daí começou a perseguição, nós dormindo no mato, mais de ano nós dormimos no mato. Quando começou as perseguição, e eles só perseguindo dentro de casa, era dia e noite. Tinha dia que vinha até a noite, perseguindo nós. Então quando entrava, o correr do dia, eu ficava em casa, fazia uma comidinha ali na carrera, pra ele, tinha dias que comia, tinha dia que não comia. Outra hora eu fazia uma marmitinha e levava pro mato, Rosalino comia no mato. Inté a hora que ele queria, assim, descansar o corpo um pouco - de dia assim, que de noite nós num dormia, nas muriçoca, tudo murdido de muriçoca lá, dentro das capoeira. Tinha dia assim de dia que ele ia lá, por dentro das capoeira assim, já tinha uma caminha dele ponhá no mato, pra descansar o corpo. E à noite, nós ia tudo pro mato.

Valdir: - A gente não podia nem acender um fogo lá também no mato! Passamos muita fome, mesmo, dessa vez.

*D. Elisa: - Mais de ano. Passamos fome e sono...” (D. Elisa e Valdir Nunes de Oliveira. Brejo do Mata-Fome, 1995, *Idem*, p.224 e 225).*

As agressões por fazendeiros são apenas um tipo de violência que aparece nos relatos dos Xakriabá sobre os conflitos de terras com os fazendeiros. Eles também tiveram que lidar com as perseguições da polícia, que estava do lado dos latifundiários. Como frisa senhor Valdinho, nesse tempo, também “*não [se] podia usar nada da cultura*”:

Quando fala nisso até a Igreja Católica naquela época perseguia os índios. E se a Igreja perseguia nós, imagina a polícia que naquela época era comandada pelos ditador forte. É uma prova tanto que até na nossa luta, quando a polícia vinha aqui, vinha a favor dos fazendeiros. (...) Mais quando a polícia vinha aqui, com certeza, a gente tinha que ter cuidado com eles. E aí por isso que acabou. Você não podia usar nada da cultura. Ela chegou a ser tão perseguida que até entre nós ela desapareceu. Porque quem tinha não podia falar. Ainda mais com medo de descobrir que tinha alguém que tinha o segredo da cultura guardado ali. Então hoje a gente fala assim, hoje nós ranquemo os instrumentos. (Senhor Valdinho, aldeia Barreiro Preto, fevereiro de 2018).

Outro ponto que se destaca quando os Xakriabá relembram das invasões/roubos de suas terras é o fato de pessoas do lugar estarem ajudando fazendeiros e posseiros em suas ações de grilagem, como anteriormente frisou senhor Zé do Rolo quando falava da chegada da Ruralminas ao território. Dona Faustina me contou o seguinte sobre o dia que um posseiro chamado Gongá e seus capangas invadiram o curral e a casa que era de seu falecido pai na aldeia Sapé:

Eu sentei lá no curral da casa de pai e falei para as meninas fechar as portas. E fiquei lá olhando. O povo desceu assim ó. De onde Chicão tá morando, pra baixo, cheio de casa. Esse povo atirava, saltava fogos, e atirava, derrubava as casas, matava gado, matava cachorro, arrastava os trem do povo comer e botava lá no meio da estrada e botava os cachorros por riba. Foi o Gongá. Uma tribuzana. Aí juntou gado, cavalo e tudo e veio tocando pro curral. Aquela boiada. (...) Quando eles vieram pro rumo de cá, quando eles tava perto pra chegar no curral, eu desapie, falei para as meninas fechar as portas e fui-me embora. E esse povo atirando, soltando fogos. Eu chamei as meninas e fomos pra minha casa. A casa minha para essa outra casa, era como daqui [casa de dona Faustina em Missões] até lá na igreja [Matriz de São João Batista]. (...) Aí Domingão veio falou:

“É Faustina vim falar pra você que você fosse pegar suas coisa lá, que o povo quebrou a casa, invadiu, e querem o lugar”. Então eu falei: “O dono tá lá?. Ele disse: “Tá!”. Ai eu chamei as meninas para ir lá pegar as coisas. Ai quando chegou na casa eu disse: “Cadê o dono, Domingos?” Ai ele: “Tá lá no curral! Ai eu olhei pra lá e não via pau no curral não, era só gente sentado em riba”. Ai eu pedi o Domingão pra ir chamar ele. O Domingão falou para eu ir lá. (...) Quando o homem chegou, ele falou: “A senhora que é a dona daqui?” Eu disse: “Sou eu mesma”. Esse homem falou: “Ah a senhora que é a dona daqui é que nós compramos e tudo”. Ai eu disse: “Aqui, é porque diz que foi vendido. Mas isso aqui é herança de pai, a minha casa é ali, mas o meu lugar eu não vendi, eu não vendi meu lugar não. Mas isso aqui diz que foi vendido, eu entrego, eu só não quero é prejuízo, que nem as coisas das meninas, tá tudo aí ó”. Ele disse: “Não, não, pode pegar”. Quando esse homem chegou assim, aquele povão só foi rodeando, rodeando, e só cê ver, eu não gosto de ficar encarando não, então de vez em quando eu corria o olho assim, a maior parte do povo era tudo daqui. (Dona Faustina, São João das Missões, novembro de 2018).

Percebendo que os grileiros tornavam-se cada vez mais violentos e que a justiça estava demorando a agir em prol de seus direitos, os Xakriabá passaram a retirar por conta própria os invasores de suas terras.

Porque, ele quem tinha que conversar, igual ele [Rosalino] sempre falava. Porque às vezes tinha um que não queria sair das casas, aí meu pai chegava e ‘ó, cê é posseiro, então nós vão dar um prazo pra você sair, porque, às vezes, quando eu tô acompanhado, eu não deixo nada acontecer, mas se não tiver no meu acompanhamento, eu não sei, pode acontecer uma coisa pior...’ Porque, sabe como é que é, índio é meio sem juízo mesmo, não é, não todos, porque tem uns que têm a ideia mais firme, mas não todos. (...) Então às vezes reunia — que ele não ia sozinho, porque eles tava com raiva dele — 30, 40 índio: ‘nós vamos na casa de fulano, que já passou do prazo pra ele sair, já teve a orde, a autorização pra ele sair, e ele não vai sair, agora nós vai reunir 40, 50, mas ninguém vai falar nada, quem vai falar sou eu’. Chegava lá conversava, explicava certinho como é que era, e eles concordava, né. Muitos queria até revoltar, e ele acalmava, pra não acontecer nada. Avisava, dava o prazo. Às vezes, muitos não podia sair na hora, tinha as criação, as coisa pra carregar, da casa. Muitos queria que saísse logo, já com meu pai não, ele tinha calma: ‘Com quantos dia cê pode fazer tudo?’ ‘Ah, três, quatro dias’. ‘Então se arruma, porque eu não sei o que pode acontecer se eu não tiver junto’. (Valdir Nunes de Oliveira. Brejo do Mata-Fome, 1995, apud Santos, 1997, p.229).

O estopim da reação dos Xakriabá à violência dos grileiros ocorreu com o assassinato do sobrinho do fazendeiro Francisco Assis Amaro, o que fez com que a

Funai e a Ruralminas providenciassem a saída imediata dos posseiros da área (SANTOS, 1997, p.230). Tal acontecimento marcou a memória de alguns Xakriabá, como pude perceber no relato que ouvi de Isabel, atualmente moradora do centro da aldeia Barreiro Preto, mas que nasceu na localidade dos Olhos D'Água:

A situação aqui tava quente. Aí o povo nosso encontrou com uns posseiros e já tinha pedido pra saí. Ali perto de onde André irmão meu mora no Olho D'Água. Eu era criança, tava em casa, quando ouvi aquela tiraiada. Eu fiquei quietinha dentro de casa, assustada. Escutei o gemido de um homem que tinha sido baleado, depois fiquei sabendo que um morreu. Na época, eu não sabia quem era, mas depois de uns anos chegou no meu ouvido que era parente do seu Amaro. (Isabel, aldeia Barreiro Preto, julho de 2018).

Como mencionado no Capítulo 1, depois de negociações com os Xakriabá, os posseiros estariam de volta ao território indígena um mês após a determinação da justiça para que saíssem do mesmo. Nesse retorno, as lideranças xakriabá, por meio do cacique Rodrigo, tentaram ainda fazer com que remanescentes que se cadastraram como posseiros se juntassem novamente ao grupo, mas não obtiveram sucesso, como relata senhor Manoel Bezerra.

Ele foi lá, deu noventa dias, o finado Rodrigo. Deu noventa dias para essas pessoas que era nascida e criado aqui que tava no barraco voltar para suas casas e entrar no grupo. Minha mãe mesmo foi uma. Ninguém quis. Ele deu noventa dias, ninguém quis. Aí venceu os noventa dias ficaram aí. Não tinha liberado nada lá. O prefeito quando perdeu a causa nem quis saber deles também. Quando foi na época que aconteceu isso, aí foi obrigado a sair mesmo. (Senhor Manoel Bezerra, aldeia Barreiro Preto, agosto de 2018).

O acontecimento ao qual se refere senhor Manoel Bezerra no final de sua fala é a chacina do Sapé, na qual a liderança Rosalino e mais dois Xakriabá foram assassinados pelo fazendeiro Francisco Amaro e seus comparsas em 12 de fevereiro de 1987. As consequências desses assassinatos foi a retirada imediata e definitiva de fazendeiros e posseiros da área e a homologação da Terra Indígena Xakriabá. Escutei vários Xakriabá se remeterem a esse momento como término da *luta*.

Senhor Valdinho, refletindo sobre esse ocorrido, disse-me que *foi só depois que derramou sangue dos nossos que a justiça resolveu nossa questão e ficamos sossegados*. O doar a vida pela terra, o derramar sangue são ideias que aparecem com

frequência nos discursos atuais dos Xakriabá quando falam sobre a defesa de seu território. Pessoas que morreram durante a *retomada da terra* são referidas como *guerreiros* que morreram lutando ou como *mártires* que doaram sua vida em defesa da terra.

Tive a oportunidade de assistir a duas edições da Romaria dos Mártires ou Romaria do dia 12 de Fevereiro, um evento anual que os Xakriabá passaram a realizar desde 2007, em articulação com o Conselho Indígena Missionário, o Cimi, em que relembram o *período de luta pela terra* e homenageiam aqueles que lutaram e morreram durante o conflito. Nas romarias, são prestadas homenagens principalmente aos Xakriabá que foram assassinados na madrugada de 12 de fevereiro de 1987 na casa do principal líder do movimento de *retomada da terra*, Rosalino Gomes de Oliveira. Elas se configuram também como momento para os Xakriabá refletirem sobre questões que envolvem a vida no seu território demarcado e por demarcar.

2.3 Romarias e Mártires

No início da década de 1970, as correntes religiosas e ideológicas que ficaram conhecidas como Teologia da Libertação e da Inculturação ganhavam força e visibilidade em decorrência das reformas na Igreja Católica propostas pelo Concílio Vaticano II (1962-965), que, conforme Edmilson Souza (2019, p.73), tinha como propósito aproximar os ritos, a liturgia e os leigos, fazendo com que a Igreja passasse a olhar com mais atenção para a realidade social de seus fiéis. Desse modo, agentes religiosos e leigos de alas mais progressistas da Igreja Romana passaram a pensá-la como igreja do povo ou igreja-comunidade. Esse pensamento levou a uma aproximação com o catolicismo popular e ao surgimento da chamada Missão da Terra, posteriormente nomeada Romaria da Terra, criada na segunda metade da década de 1970, em Juazeiro, na Bahia. Essa Romaria, realizada por várias dioceses do Brasil dentro de uma perspectiva libertadora, fez com que as caminhadas tradicionais passassem a funcionar também como momentos em que os romeiros pudessem demandar direitos humanos e sociais (STEIL, 1996, p.272).

Dentro dessa perspectiva libertadora, a Igreja começou a promover também a formação de lideranças, principalmente em comunidades rurais e indígenas. Essas lideranças passaram a ser alfabetizadas e ter apoio técnico e jurídico de agentes de

organizações como o Movimento de Educação de Base (MEB), a Comissão Pastoral da Terra (CPT) e o Conselho Indigenista Missionário (Cimi). Esses setores pastorais, organizados pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) a partir das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), tinham como principal objetivo regionalizar a atuação da Igreja Católica Romana, levando em consideração a diversidade e especificidade das questões locais. Para cuidar especificamente das demandas indígenas, o Cimi foi criado em 1975 por adeptos da Teologia da Inculturação, que, diferentemente da Teologia da Libertação, não dá grande ênfase à conotação de classe. O principal propósito com a fundação do Cimi era transformar as estratégias de evangelização, que passaram então a ver nas práticas culturais indígenas valores universais cristãos, como o amor e a justiça, questionando assim a ideia de “conversão” (SOUZA, 2019, p. 76).

No que diz respeito aos Xakriabá, integrantes do Cimi iniciaram suas atuações entre esse povo em 1979, auxiliando-os em sua luta territorial e na busca por direitos, conforme encarte especial do Porantim de dezembro de 2006, jornal elaborado por esse Conselho:

O Cimi acompanha o Povo Xakriabá desde 1979, sendo a entidade uma das principais aliadas de sua luta. Em 1991, o Cimi Leste formou a equipe Xakriabá, que atua diretamente na região, com o apoio da Diocese de Januária. A atuação está centrada na presença solidária e assessoria nas áreas de formação, apoio à luta pela terra, organização e autossustentação.

O Cimi desenvolve o seu trabalho possibilitando a construção do conhecimento, sobretudo em torno da legislação e dos direitos indígenas, na animação comunitária, no fortalecimento do protagonismo e busca da autonomia.

O Cimi cumpre também um papel de articulador da causa indígena com os outros processos de luta na região, como a mobilização contra a transposição do Rio São Francisco e a preservação do cerrado.

Para Nilton Santos, mais conhecido como Bil, que atua na equipe Xakriabá, o grande desafio é acompanhar os diferentes processos da luta numa área muito extensa e com um grande número de comunidades a serem atendidas. Segundo o mesmo, “Ainda há um forte preconceito na região e, com o aumento da luta pela terra, a situação tende a se agravar.” (PORANTIM, ed.291, 2006, p. 4).

Como apontam relatos dos Xakriabá, o Cimi teve considerável influência na formação e nas ações de Rosalino como liderança na luta pela terra na década de 1980. Senhor Rosalvo Fiúza, liderança da aldeia Sapé, em relato concedido a mim, aponta a

participação do Cimi na ajuda a Rosalino na mobilização das pessoas para a luta, fala da primeira visita de membros do Conselho, bem como de uma ação dos missionários na aldeia Morro Falhado. Ele dá ênfase também à amizade que se estabeleceu entre missionários e indígenas:

[Como Rosalino conseguia reunir tanta gente, senhor Rosalvo?] *Ó minha criatura, nessa época da Funai também teve a Igreja Católica aqui, entrou aqui, o Cimi, né? E aí o Cimi se organizou, eu tô aqui, o primeiro dia que veio um missionário aqui nós tava todo mundo aqui. Aí ele [Rosalino] falou assim ó: ‘Vocês não vão estranhar quando chegar uma pessoa desconhecida aqui não, porque ele vem para segurar nossos direitos, ele vem para nos ajudar, vem para informar como é que nós temos que batalhar. Então eu tô lembrando como hoje o dia que Fábio veio, Nira Gonçalves, Irma Reis. Eles vieram aqui, nós tava aqui, aquela meninadinho começou a correr e ele falou: ‘Não, para, precisa correr ninguém não. Esse povo aí veio para nos informar’.*

(...) Fábio chorou tanto ali naquela cruz no dia que ele chegou aí e viu a cruz de Rosalino. E eles vieram, deram muita força aqui na época. Eles ensinavam. Eu tô lembrando que um dia que nós foi visitar um povo lá no Morro Falhado, chegamos lá, eles tava tudo dentro de uma caverna assim, de uma lapa, escondido lá. E a gente chegou ali e chamou lá na frente, eu sempre acompanhava muito também eles. Aí o Fábio chamou, correu tudo, escondeu. Aí eu falei: ‘Ó Manel, você mais o seu Miguel pode sair aí não é gente estranha não, eu tô com eles aqui, aí eles saiu’. Aí o Fábio procurou para eles assim: ‘Vocês tão escondido aqui, quem autorizou vocês vim praqui pra essa terra?’. Aí como eles não sabia responder, eles falou assim: ‘Foi Rodrigue’. Aí ele: ‘Rodrigue? Rodrigue já tem filho assim dessa idade?’. Esse povo e ele brincava muito. ‘Não, foi Rosalino’. ‘Roso? Qual é a terra que Roso tem aqui pra dar pra vocês?’. Aí eles virou e falou: ‘Não, foi a Funai que autorizou nós’. Aí ele falou: ‘A Funai? A Funai não tem terra aqui pra dar pra vocês não’. Aí ficaram todo mundo assustado. Aí eles ensinou: ‘No dia que chegar um povo estranho aqui e procurar vocês quem mandou vocês entrar aqui, vocês digam, ninguém mandou, foi eu porque a terra é nossa, nós somos os donos’. E eles ensinava muito como a gente tinha que responder. (Senhor Rosalvo, aldeia Itapicuru, fevereiro de 2019).

O depoimento de senhor Rosalvo, bem como o de senhor Valdinho apresentado anteriormente (p.14), deixa transparecer ideias que eram “ensinadas” pelos membros do Cimi aos Xakriabá. Assim, por exemplo, ao chamarem a atenção para a importância de se apresentarem como indígenas aos não índios que viessem com perguntas construídas nos termos da propriedade dos brancos e desprezando os direitos indígenas originários às terras xakriabá que vinham sendo invadidas pelos fazendeiros. As articulações entre os Xakriabá e os missionários do Cimi também estão na base de imagens que passaram

a compor a luta pela terra, como a noção de sacrifício e o que pode vir a “germinar” depois dele:

O sangue de Rosalino fecundou a terra e alimentou a luta do povo. A área Xakriabá foi totalmente liberada de posseiros e grileiros. Os assassinos de Rosalino foram condenados e cumpriram pena na prisão. Dois deles, recentemente presos, aguardam julgamento. Os filhos de Rosalino e de tantos lutadores cresceram, estudaram e assumiram postos de liderança nas aldeias. Hoje alguns são vereadores ou exercem cargos públicos em São João das Missões. José, que há vinte anos viu seu pai vítima da chacina, hoje é o prefeito do município. Eleito com esmagadora maioria grita para todos: ‘Chegou a hora de tanto sangue ser semente e dessa semente germinar’. (Fábio Alves dos Santos, Porantim, ed.291, 2006).

O pesquisador Alessandro Oliveira (2008, p. 49) chamou a atenção para a frase mote da primeira romaria xakriabá realizada em 2007: “*Prefiro ser adubo desta terra, mais sair daqui não vou!*” (Rosalino). Segundo ele, tal frase define a agência e destino de Rosalino, bem como atualiza uma “ideologia do sacrifício como condição de possibilidade para a conquista da terra e de uma vida melhor para os índios”. Eu também observei essa ideia de sacrifício em textos e falas que compuseram as romarias realizadas nos anos de 2017 e 2018, como aparece na descrição das mesmas que faço a seguir.

A Romaria dos Mártires Xakriabá é realizada desde 2007. Trata-se de um momento em que os Xakriabá relembram a chacina³² em que foram assassinados Rosalino Gomes de Oliveira, seu cunhado Manoel Fiúza da Silva e seu primo José Pereira Santana. Como o cacique Domingos comentou na romaria de 2018, ao relembrar um indígena que havia sido envenenado a mando de um fazendeiro, os mártires xakriabá são todos aqueles que estavam engajados durante a luta pela demarcação e homologação de suas terras - de finais da década de 1960 até finais da década de 1980 - e acabaram falecendo enquanto defendiam os direitos territoriais de seu povo. Contudo, por ter acontecido em um momento extremo de tensão entre indígenas e fazendeiros e por ter culminado na homologação da Terra Indígena Xacriabá, a chacina de 1987, que vitimou Rosalino, a liderança mais atuante na luta na década de 1980, ficou marcada na memória dos Xakriabá.

³² Organizada pelo fazendeiro Francisco Assis Amaro, tal chacina vitimou também Agenor Nunes Macedo, primo de Rosalino que, à época do cadastramento feito pela Funai e Ruralminas, tinha optado por ser posseiro. Agenor faleceu em razão de um tiro acidental recebido de um dos componentes do seu grupo de comparsas.

Dessa primeira edição da romaria, que foi chamada “Romaria dos Mártires da Terra” e fez parte da programação do Abril Indígena daquele ano, participaram pastorais, igrejas, entidades e organizações do movimento social, além de representantes de 14 povos indígenas de Minas Gerais, Espírito Santo e Bahia. O trajeto dessa romaria foi da aldeia Brejo do Mata Fome até o local onde aconteceu a chacina na aldeia Itapicuru. Ela foi uma realização conjunta do Povo Xakriabá, do Cimi, da diocese de Januária e Conselho dos Povos Indígenas de Minas Gerais, com apoio da prefeitura de São João das Missões e da Coordenadoria Ecumênica de Serviços da Bahia (CESE-BA). Nos dias 13 e 14 de abril, dois dias antes da romaria, as lideranças dos povos supracitados realizaram o “Encontro dos Povos Indígenas de Minas Gerais”, cuja pauta principal foi a demarcação de terras.

Romaria Xakriabá de 2017

No ano de 2017, completaram-se três décadas da chacina e, em homenagem a seus *guerreiros*³³ ou mártires supracitados e todos os demais que lutaram e morreram durante o processo de retomada de suas terras na década de 1980³⁴, o Povo Xakriabá junto com o Cimi e a Articulação Rosalino Gomes de Povos e Comunidades Tradicionais realizaram um movimento entre os dias 10 e 12 de fevereiro. Dois eventos ocuparam esses dias: o II Mutirão de Povos e Comunidades Tradicionais³⁵, que teve

³³ Os Xakriabá chamam de *guerreiros e guerreiras* todos aqueles que se engajaram (faleceram) ou estão engajados no movimento de *luta pela terra*.

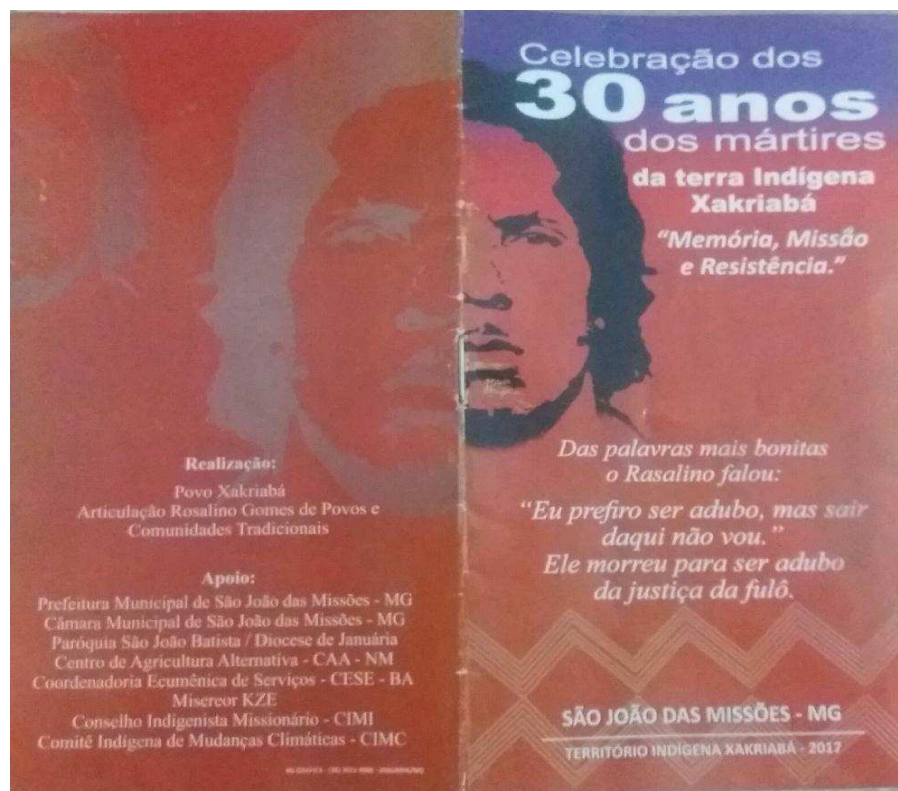
³⁴ Citando arquivo do Cimi de 1985, Santos (1997, p. 212) fala de assassinatos de Xakriabá que ocorreram nos anos de 1980 e 1982: “Em 1980, ‘... o índio Lucídio foi assassinado pelo fazendeiro Brás, primeiro grileiro do Sapé’; em 1982, ‘o índio Valdú foi assassinado com um tiro na cabeça pelo fazendeiro Manoel Desidério’.... (CIMI, 1985a:03). Ainda em 1982, ocorreria a chamada *Chacina do Sapé*: o índio Emídio, acompanhado de mais quatro pessoas, todas armadas, invade a casa do irmão, matando três parentes (inclusive o irmão Osvaldo) e ferindo outros quatro, um dos quais (o sobrinho Gonçalo) ficaria paraplégico. O motivo do extermínio teria sido uma discussão entre as famílias devido ao destino do terreno que exploravam; *cercados* por Manoel Caribé Filho, Emídio cedera a este sua parte no terreno, sem o acordo de Osvaldo (*id. ibid.*:04)”.

³⁵ Sobre o Mutirão de Povos e Comunidades Tradicionais, sua primeira edição foi realizada entre os dias 16 e 19 de abril de 2015, na Terra Indígena Xakriabá, Aldeia Brejo Mata Fome, com o tema “Aliança e Mobilização em Defesa dos Direitos Constitucionais”, conforme carta política elaborada por seus participantes. Participaram desse evento indígenas Xakriabá de São João das Missões, Xakriabá de Cocos-BA e Krenak, Quilombolas, Vazanteiros, Geraizeiros, Veredeiros, Caatingueiros e Apanhadoras (es) de Flores Sempre-vivas, representantes de organizações e movimentos sociais, pastorais, organizações de apoio e assessoria e de núcleos de estudos e pesquisas, cujas principais pautas de seus debates foram a lentidão da

como tema “Articulação Rosalino Gomes de Povos e Comunidades Tradicionais: Unificação, Articulação e Resistência em defesa de direitos” e a Celebração dos 30 anos dos mártires da Terra Indígena Xakriabá, cujo tema foi “Memória, missão e resistência”. Esse movimento realizado na aldeia Itapicuru, além de relembrar a história de luta dos Xakriabá por sua terra, teve como principal ponto de discussão as mudanças climáticas e os reflexos destas no território indígena e de outros povos que compõem a Articulação Rosalino, como os apanhadores de flores, catingueiros, geraizeiros, quilombolas, vazanteiros e veredeiro³⁶.

regularização de territórios indígenas e quilombolas, e a desestruturação das economias e dos territórios das Comunidades Tradicionais, em particular nos cerrados brasileiros.

³⁶ Além da discussão sobre mudanças climáticas, outras questões que ganharam grande espaço nesse encontro foi a reforma do Ensino Médio e da Previdência, as PECs 215 e 68, organização e instituição da CPI da Funai e do Incra, denúncias sobre a morosidade em relação à demarcação de terras indígenas e quilombolas, perseguições às lideranças. Essas e outras pautas apresentadas no Mutirão podem ser lidas na Carta do II Mutirão da Articulação Rosalino de Povos e Comunidades Tradicionais no Território Xakriabá à sociedade brasileira e internacional, que foi elaborada ao final do evento. Ver em: <https://cimi.org.br/pub/doc/carta-xakriaba-articulacao-rosalino-2017-02.pdf>



Folder distribuído durante a Romaria Xakriabá de 2017. Fonte: arquivo pessoal da autora.

As mesas de conversa do Mutirão de Povos Tradicionais, em que todos os povos presentes falaram de sua história de luta, modos de vida, suas conquistas e suas reivindicações, foram realizadas na varanda do posto de saúde que fica na área central da Itapicuru. Esse espaço estava todo enfeitado com galhos, flores naturais e feitas de tecido TNT, peneiras, cabaças, cestos, faixas e *banners* que traziam fotos de pessoas que se destacaram no período da *luta da terra*, como do cacique Rodrigão, Rosalino e de sua mãe dona Ercina. Todo movimento foi organizado pelo cacique Domingos, pelas lideranças das aldeias, por moradores da aldeia Itapicuru e Sapé - geralmente pessoas vinculadas à escola - e professores(as) de cultura de toda Terra Indígena.

Sobre os participantes, homens e mulheres adultos estavam em proporção parecida no evento, que também tinha a presença de muitas crianças e jovens, além de representantes das comunidades tradicionais mencionadas anteriormente, membros do Cimi, do CAA, da Comissão Pastoral da Terra (CPT), do Comitê Indígena de Mudanças Climáticas (CIMC) e pesquisadores da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES) e uma pesquisadora da UFJF, eu mesma.

O movimento foi iniciado com uma roda de *Toré* feita por jovens das aldeias Itapicuru e Sapé, e liderada por Vanussa, professora de cultura do Itapicuru. Depois de devidamente posicionados em roda e com alguns participantes portando maracás nas mãos, Vanussa fez o agradecimento a Deus na língua akwen que os Xakriabá geralmente fazem antes de iniciar a roda de *Toré*: *Ahiantã kankehe akwã* (“Obrigada meu Deus do céu”). Agradecimento que todos na roda responderam: *Ahiantã* (“Obrigada”). O canto inicial desse *Toré* público foi:

Huminixã, Huminixã
Kankehe Nakoak , Bukinuk Etyke (2x)
Huminixã Baikong Bikong (2x)
*Oaytomorim Kankehe Amioá (2x)*³⁷

Depois do *Toré*, em uma mesa em que estavam presentes lideranças de várias comunidades, a fala que abriu as homenagens aos mártires não apenas dos Xakriabá, mas de todas as comunidades tradicionais ali presentes, foi feita pelo cacique Domingos Nunes de Oliveira, filho de Rosalino. Domingos deu boas-vindas a todos, em especial aos povos amigos da Articulação Rosalino. Disse que esperava que aqueles dias juntos fossem utilizados por todos para reflexão sobre o passado do Povo Xakriabá, mas também sobre o momento atual da Terra Indígena. Segundo ele, a água do território está acabando, pois antes se via vários riachos e nascentes, e hoje em dia não mais. Se gerações anteriores a dele e a dele aprendiam a nadar nos riachos, atualmente as crianças estão morrendo afogadas em barragem, pois querem se refrescar do calor e não sabem nadar.

Após a fala de Domingos, algumas lideranças lembraram sua participação no *período da luta*. Senhor Valdemar, representante da aldeia Prata, uma das lideranças mais velhas dos Xakriabá, além de contar sobre o *tempo que pegou no cabo da enxada e do machado nos mutirão*, fez relatos sobre o que viu quando os fazendeiros ainda estavam no território. Em sua fala ele deu destaque para o poder de devastação dos fazendeiros e posseiros. Derrubavam grandes extensões de mata para plantar pasto, e ao

³⁷ A letra desse canto inicial foi retirada da monografia do Xakriabá Manoel Antônio de Oliveira Silva (2018, p.41) e não possui tradução. Tentei algumas vezes conversar com Déda Xakriabá, professor de cultura e líder do grupo de jovens das aldeias Brejo do Mata Fome/Embaúba, sobre a tradução para o português desse e de outros cantos e ele sempre me respondia que estes pertenciam ao *segredo* e, portanto, ele não poderia conversar com detalhes sobre eles comigo.

fazer isto destruíam plantas medicinais. Mais triste do que isto, chama atenção senhor Valdemar, é ver pessoas que moram no território derrubando árvores, sem refletir que pode está fazendo mal para todo o povo.

Como o movimento começou tarde nesse dia, parte das lideranças que estavam na mesa falou antes do almoço, a outra metade na volta dessa refeição. O almoço foi servido na escola, que fica próxima ao posto de saúde. Formaram-se duas filas para que as cozinheiras da escola e moradores da comunidade do Itapicuru, que eram os anfitriões do movimento, pudessem nos servir. Arroz com pequi e farofa com carne de boi, mais um copo de suco ou refrigerante formaram o cardápio desse dia. Cerca de uma hora e meia após o início do almoço, estávamos voltando para o posto para que as lideranças continuassem suas falas.

Nesse momento conversei com Senhor Zé Fiúza, liderança da aldeia Itapicuru e irmão de Manoel Fiúza, uma das vítimas da chacina do final da década de 1980. Ele me contou sobre a madrugada do dia 12 de fevereiro de 1987. Relembrou o barulho dos tiros que ouvira vindo da direção da casa de sua irmã, a última fala de seu irmão Manoel pedindo-o para ir embora dali, pois do contrário ele e os outros também morreriam. Sobre Francisco Amaro, o fazendeiro mentor da chacina, e os outros fazendeiros que invadiram as terras dos Xakriabá, senhor Zé se referiu a eles como pragas que os indígenas conseguiram mandar para longe dali, mas que durante o tempo que estiveram no território provocaram muito estrago:

Esses fazendeiros tomaram nossas terras, como praga pega na lavoura. Muita destruição, muita gente morta, muito parente que foi embora. Mandamos os fazendeiros embora também. Nossa terra não foi a mesma depois que eles passaram por aqui. Tanta mata, tanta água a gente tinha. Agora nós tem que recuperar o que é nosso e cuidar do que já tá nas nossas mãos. (Senhor Zé Fiúza, aldeia Itapicuru, fevereiro de 2017).

Terminada as falas das lideranças após o retorno do almoço, o cacique Domingos perguntou ao público presente se alguém gostaria de acrescentar algo à fala dos líderes ou repassar algum recado. Recebendo um sinal negativo, pediu que todos tentassem chegar até às 9 horas no Itapicuru no dia seguinte, para poderem assim iniciar as atividades mais cedo e terminá-las mais cedo também. Esse primeiro dia de movimento foi encerrado com uma roda de *Toré*, realizado agora por jovens de diferentes aldeias, Itapicuru, Sapé, Prata, Barreiro, Embaúba.

Na manhã seguinte, quando chegamos à Itapicuru, já havia um número considerável de pessoas aguardando o início das atividades, sentadas nas cadeiras que estavam dispostas em fileiras debaixo da varanda do posto de saúde. As falas desse dia demoraram a começar. Cacique Domingos e outros Xakriabá foram até Montes Claros para buscar Rodrigo Pataxó Hã Hã Hãe que participaria da conversa sobre mudanças climáticas que aconteceria naquele dia. Domingos e Rodrigo eram integrantes, à época, da Câmara Técnica de Mudanças Climáticas do Comitê Gestor da PNGATI (Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas) e do Comitê Indígena de Mudanças Climáticas (CIMC). Também foram chamados para compor essa mesa de conversa sobre clima representantes de comunidades tradicionais que participam da Articulação Rosalino.

Iniciando as atividades, Domingos deu bom dia a todos e sem demora passou a fala para Rodrigo. Em sua exposição, o jovem Pataxó Hã Hã Hãe focou mais em sua experiência como representante dos povos do nordeste na Câmara Técnica de Mudanças Climáticas e da situação climática do país. Alertou as pessoas de que todos os tipos de floresta estavam conectados, por isso destruir o cerrado causa impactos não só na vida de quem mora nesse lugar, mas na das pessoas que moram na floresta amazônica, em regiões de mata atlântica e vice-versa. Chamou atenção também para o fato que as mudanças que estão ocorrendo no clima estão fazendo com que os povos tradicionais mudem o ritmo de vida em seus territórios. Para sobreviverem tem sido necessário adaptar suas atividades de subsistência e combater o desmatamento dentro de seus territórios e nas vizinhanças.

Após a fala de Rodrigo, representantes das comunidades tradicionais do norte de Minas Gerais fizeram relatos sobre a luta para protegerem seus territórios de empreendimentos do agronegócio e continuar exercendo suas atividades de extrativismo tradicionais. Um raizeiro destacou, em sua fala, o quanto que grandes plantações de eucalipto são prejudiciais à natureza e como têm contribuído para o desaparecimento de várias plantas medicinais típicas do cerrado:

Cada vez mais nossa região tem sido tomada por plantações de eucaliptos. Uma maior do que a outra. E isso me preocupa muito. O eucalipto seca as fontes de água e quando chega no ponto de ser cortado, depois demora anos a crescer. Então fica aquela área, aquele chão desprotegido por muito tempo, anos. Então ele não é bom para a água, para o solo e também para as plantas medicinais. Tem

área aí que era cheia de aroeira, barbatimão, casca d'anta, jatobá e agora é só eucalipto. (Raizeiro do norte de Minas Gerais, aldeia Itapicuru, fevereiro de 2017).

O desenvolvimento da discussão da mesa foi interrompido com o chamado das cozinheiras que pediram para avisar que o almoço estava pronto para ser servido. Assim que um dos integrantes da mesa terminou sua fala, dirigimo-nos todos para a escola, almoçamos (o cardápio foi o mesmo do dia anterior), conversamos e retornamos para o posto de saúde cerca de uma hora e meia depois.

Na volta do almoço, notando que as pessoas tinham se dispersado e as que permaneceram já pareciam cansadas, pois não estavam acostumadas com tantas horas de palestra, o cacique Domingos, que foi o último a falar, disse que seria breve com suas palavras. Desse modo, em sua fala, frisou principalmente a importância de resgatar a vegetação de dentro da Terra Indígena e como as áreas que estão sendo retomadas são importantes para os Xakriabá voltarem a viver da roça e terem onde caçar e pescar. Destacou também a necessidade de denunciar os fazendeiros que fazem desmatamento em torno da Terra Indígena e que poluem o Rio São Francisco, uma das áreas que os Xakriabá pretendem retomar.

Ao terminar sua fala, Domingos convidou os presentes para assistirem uma apresentação de forró de sanfona elaborada pelas professoras de cultura da aldeia Barreiro Preto, Neide e Laurinha. Entre outras músicas, as professoras cantaram um forró sobre a PEC 55³⁸, no qual denunciavam os ataques do atual ao governo aos direitos indígenas.

A PEC 55 ela vem nos destruir vem derrubando o direito por aqui (2x).

*Para nós ter nosso direito
Aqui na palma da nossa mão
Nós todos unidos e com a força de Deus
Para enfrentar os grande tubarão.*

*Os tubarão são aqueles governantes
Que se diz que vão nos ajudar
Mas tem alguns que tem sua presença
Tem muitos deles que nem olha para cá*

³⁸ Aprovada pelo plenário, a Proposta de Emenda à Constituição número 55, de 2016, também conhecida como a PEC do teto dos gastos públicos, visa principalmente comprimir os gastos do governo nas áreas da saúde e educação, impondo assim mais tributos e sacrifícios às camadas mais pobres da população brasileira.

*Os ruralistas quer tirar nosso direito
Nosso direito do pedaço de chão
Para entregar para os grandes fazendeiros
Para tirar nossa terra nosso tostão*

*Pois este mundo, não foi o homem que fez
Foi Deus do céu, que entregou na nossa mão
Para cada um respeitar o seu direito
De cada povo e também de cada nação*

*Os governantes só olha para nós
Quando chega o tempo da eleição
Promete tudo deixa tudo resolvido
Nos dizendo que já temos a solução*

*Essa promessa tem mais de 500 anos
E cada vez vai ficando complicado
Tem muitos deles que é farinha do mesmo saco
O presidente os senadores e os deputados*

*Mas tem alguns que vêm nos orientar
E para nós passa toda informação
Nos garantindo todos os nossos direitos
Que está escrito dentro da Constituição*

*Com essa lei estamos todos revoltados
Porque de Deus também somos criatura
Pois essa lei nos destrói o coração
Nossos costumes e também nossa cultura*

*Nos reunimos com cacique e liderança
E as outras etnias vai ajudar
Todos unidos para buscar nossos direitos
De cada um que pertence esse lugar*

*Vamos reunir todo povo do Brasil
Para essa PEC não ser aprovada
Nosso Senhor vai tocar o coração
Para nós ganhar nossa terra sagrada*

*Todos os órgãos que ajuda por aqui
Deixo meu abraço e também nosso muito obrigado
E a Funai, Cimi e CAA
Xakriabá está com vocês todos abraçados*

(Letra e Música: Laura Alkimim Xakriabá)

Ao final dessa apresentação, as professoras convidaram a todos a ficarem para a noite cultural que estava sendo organizada pela professora de cultura Vanussa e pelo grupo de jovens da aldeia Itapicuru e Sapé³⁹.

A noite cultural iniciou-se com uma roda de *Toré*. Depois de colocarem suas lanças, bordunas, bolsas, chinelos e outros objetos no centro da roda, permanecendo com os pés no chão, com apenas maracás nas mãos, e após fazerem o agradecimento a Deus na língua Akwen, alguns rapazes com apitos de madeira começaram a imitar pássaros e todos com a cabeça e o tronco posicionados num sinal de reverência se deram as mãos entoando um canto na língua akwen:

Huminixã, Huminixã
Kankehe Nakoak , Bukinuk Etyke (2x)
Huminixã Baikong Bikong (2x)
*Oaytomorim Kankehe Amioá (2x)*⁴⁰

Ao término desse canto, que, como me disseram vários professores de cultura, é uma saudação “*aos nossos encantos*”, movimentaram a roda em sentido horário, batendo o pé direito à frente, balançando seus maracás e cantando.

Após o *Toré*, os Xakriabá fizeram uma roda de batuque, onde todos que estavam presentes podiam dançar. Assim, lideranças políticas, Xakriabá de todas as idades e não indígenas participaram da dança. O batuque é uma dança contagiante, feita ao som da zabumba, em que duas pessoas vão para o centro da roda e dançam sem se tocar, fazendo movimento com o corpo e olhando uma para outra com um ar de desafio e sorrindo.

Mesmo com a animação de todos os presentes, essa noite cultural não se estendeu por muito tempo, pois no outro dia seria realizada uma romaria e uma missa no cruzeiro onde estão enterrados Rosalino, Manuel Fiúza e José Santana. Depois de uma volta a pé pela área central do Itapicuru, que era movimentada por grupos de pessoas, em sua maioria homens, que conversavam e bebiam na estrada e num mercado/barzinho que fica naquela região, retornamos para a aldeia Barreiro.

O dia 12 de fevereiro começou movimentado nas imediações do posto de saúde da aldeia Itapicuru. Moradores de várias partes da Terra Indígena e das áreas de

³⁹ Sobre os grupos de jovens Xakriabá, ver o próximo capítulo.

⁴⁰ A letra desse canto foi retirada da monografia do Xakriabá Manoel Antônio de Oliveira Silva (2018, p.41).

retomada desciam dos ônibus escolares e ficavam ali por perto esperando o início da romaria. Enquanto isso, professores de cultura reuniam os grupos de jovens que lideravam e se certificavam se todos já estavam devidamente ornamentados e preparados para a caminhada até o cruzeiro. Esse cruzeiro fica na divisa entre a aldeia Itapicuru e aldeia Sapé, bem próximo a casa onde Manoel e Rosalino moravam⁴¹.

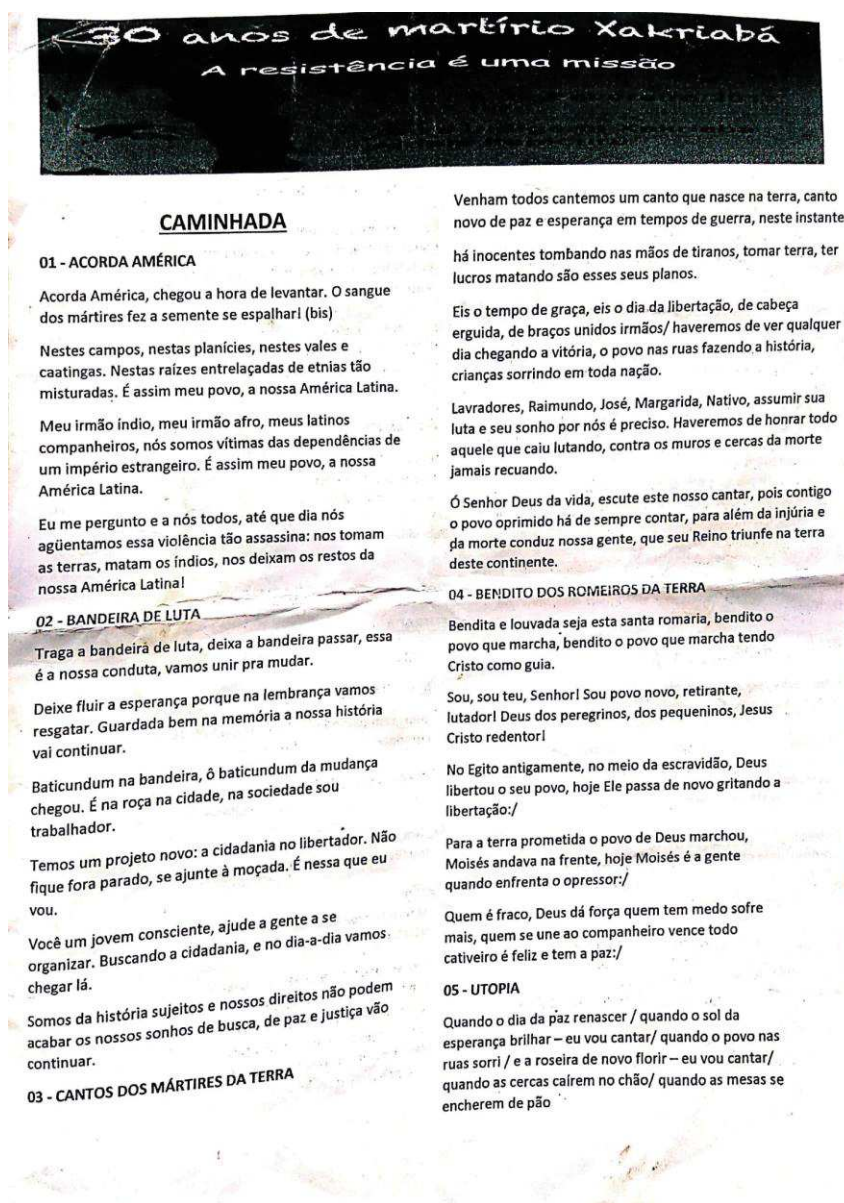
A romaria teve início por volta das 10 horas da manhã, conduzida por Alda Maria, conselheira do Cimi Regional Leste, Helen, integrante do CAA e o padre Gilsônio, pároco da Igreja de São João Batista da cidade de São João das Missões. Auxiliados por um microfone que era alimentado em um carro de som, eles puxavam cânticos católicos, orações e falavam sobre a história e luta dos Xakriabá, sobre a opressão que sofrem os povos do campo e palavras em defesa do meio ambiente. Um dos cânticos realizados durante a caminhada foi o “Cantos dos Mártires da Terra”:

*Venham todos cantemos um canto que nasce na terra, canto
novo de paz e esperança em tempos de guerra, neste instante
há inocentes tombando nas mãos de tiranos, tomar terra, ter
lucros matando são esses seus planos.
Eis o tempo de graça, eis o dia da libertação, de cabeça
erguida, de braços unidos irmão/haveremos de ver qualquer
dia chegando a vitória, o povo nas ruas fazendo a história,
crianças sorrindo em toda a nação.
Lavradores, Raimundo, José, Margarida, Nativo, assumir sua
luta e seu sonho por nós é preciso. Haveremos de honrar todo
aquele que caiu lutando, contra os muros e cercas da morte
jamais recuando.
Ó Senhor Deus da vida, escute esse nosso cantar, pois contigo
o povo oprimido há de sempre contar, para além da injúria e
da morte conduz nossa gente, que seu Reino triunfe na terra
deste continente.*

Os romeiros podiam consultar a letra desse e outros cânticos num panfleto que fora distribuído pela organização da romaria: 1- Acorda América, 2- Bandeira de Luta, 3- Cantos dos Mártires da Terra, 4- Bendito dos Romeiros da Terra, 5- Utopia, 6- De

⁴¹ Para mais informações sobre o conjunto ritual da romaria Xakriabá de 2017, consultar também o texto “Aspectos da Religiosidade do povo indígena Xakriabá” (2018) de Heiberle Hirsberg Horácio, professor do departamento de Ciência da Religião da UNIMONTES que realizou pesquisa entre os Xakriabá no mesmo período que realizei meu trabalho de campo, com o qual tive a oportunidade de ter conversas sobre as práticas religiosas desses indígenas, e cujo texto mencionado contribuiu significativamente na descrição etnográfica que apresento sobre essa romaria.

repente nossa vida clareou! Clareou! E descobrimos que o pobre tem valor. Tem valor!
Tem valor! , 7- Hino Oficial da Campanha da Fraternidade 2017, 8- Mantra.



Primeira página do folheto distribuído durante a Romaria Xakriabá de 2017. Fonte: Arquivo pessoal da autora.

À frente da romaria, foi carregada por lideranças e jovens Xakriabá uma cruz de madeira com a imagem de Rosalino. Na cruz, foi colocada a estola vermelha do padre. Próximo aos que carregavam a cruz estavam outros dois jovens que conduziam um cartaz que continha o rosto de Rosalino e a seguinte frase: *“Rosalino, Zé Teixeira e Manoel Fiúza: adubo que fortaleceu a nossa luta, guerreiros Xakriabá que doaram suas vidas pela defesa de nossos direitos e homologação de parte de nosso território. A*

todos os nossos guerreiros, nossa eterna gratidão”. No meio dos romeiros, outros jovens carregavam um cartaz menor que tinha gravado uma estrofe de um poema feito pelo cacique Domingos que contém uma frase que seu pai falava e é muito mencionada pelos Xakriabá que foram seus companheiros na *luta pela terra*: “*Das palavras mais bonitas / E o Rosalino falou:/ ‘Eu prefiro ser adubo, mas sair daqui não vou’/ Ele morreu pra ser adubo pra justiça da fulô*”.

A cada parada feita - foram três no total, homenageando cada um daqueles Xakriabá que foram assassinados em 1987 - foi lida uma mensagem por um representante das comunidades tradicionais que estavam ali presentes. Na última parada, o jovem que representou os Xakriabá leu a mensagem de agradecimento aos três mártires que estavam no cartaz e também mencionou algumas das lideranças de aldeias que participaram da luta na década de 1980, lendo seus nomes e a aldeia onde nasceram, como, por exemplo, de senhor Zé de Benvindo, da aldeia Pindaíba, senhor Valdemar, da aldeia Prata, e os irmãos senhor Rosalvo e senhor Zé Fiúza, da aldeia Itapicuru.



Caminhada da Romaria Xakriabá 2017. Fonte: Facebook da Articulação Rosalino Gomes⁴².

⁴² <https://www.facebook.com/articulacaorosalino/photos/669981929855243>

Na chegada da romaria ao cruzeiro, depois de deixarem a cruz e alguns cartazes junto aos túmulos dos mártires, o cacique Domingos, de dentro de uma casa que à época da chacina estava sendo construída por seu pai e que fica próxima aos sepulcros, relembrou o dia do assassinato de seu pai. Recitou então parte de um poema de sua autoria⁴³ no qual fala da noite do dia 12 de fevereiro de 1987, quando a tragédia recaiu sobre sua família, sobre o desespero de sua mãe que estava grávida e teve o braço alvejado por um dos tiros dos invasores, a frieza e maldade dos pistoleiros, o momento e lugar da casa onde seu pai foi assassinado e os sentimentos de desespero, tristeza e coragem que o tomaram quando viu seu pai morto. Após falar um pouco da história que havia recitado, pediu a todos os presentes então que aproveitassem aquele momento para reflexão, para pensar se os Xakriabá de agora estavam realmente unidos, pois, o que fez com que seus ancestrais tivessem vencido aquela luta, foi a *união*, foi um objetivo em comum: a conquista do direito a terra que pertence ao Povo Xakriabá.

Terminada a fala de Domingos, o padre Gilsônio, que usava uma batina vermelha e cocar, iniciou uma missa em uma mesa altar colocada ao lado do cruzeiro dos mártires. Em grande parte da celebração, procurou lembrar a trajetória de luta de Rosalino, dando ênfase à união que este mobilizou em seu povo e o espírito de coragem e força que ele deixou como legado para os Xakriabá. Em sua pregação, assim como ocorrera na caminhada, falou sobre a dor e as perdas que a violência pode gerar, bem como a vingança. Discursou também sobre as mudanças climáticas, a seca e a miséria que esta causa, pedindo a todos que rezassem pelas chuvas.

Quando a missa foi finalizada, todos se dirigiram novamente para tapera da família de Rosalino. Dentro dela, o pajé Vicente junto com os jovens *guerreiros* e *guerreiras* xakriabá (rapazes e moças de diferentes Grupos de Jovens) fizeram uma oração pedindo força e proteção a todos os *encantos da terra* e força para a família de Rosalino, José e Manoel. Após a oração, colocaram todos suas bordunas, arcos, flechas, maracás encostados no moirão principal da antiga casa. O pajé com seu cachimbo defumou todo aquele espaço, soprando fumaça primeiramente nos cantos da casa e depois em seu centro, nas armas encostadas no moirão. Em seguida, convidou a todos que sentissem vontade para os seguirem em uma volta dentro da mata que fica próxima

⁴³ Esse poema pode ser lido na íntegra no livro “O tempo passa e a História fica” (1997) de autoria de professores xakriabá.

ao cruzeiro. Em fila, a maioria dos presentes adentrou a mata seguindo o grupo de guerreiros e guerreiras, que cantavam músicas. Cito a letra de uma delas:

*Eu sou morador do mato
Eu sou Xakriabá
Eu gosto de caçar
No mato eu sei entrar
Baruê kiriri, o hei na, hei na
Ko kone kané e etiké
Eu caço pãxotá ayka uku até churé⁴⁴.*

No retorno da mata, perto da mesa altar onde fora realizada a celebração, algumas pessoas falaram ao microfone, entre elas Zé Nunes, que é filho de Rosalino e prefeito de São João das Missões. Ele relembrou o sofrimento de ver e arrastar o pai morto, o choro e dor de sua mãe, mas também a coragem do pai e de todos os outros Xakriabá que se uniram e lutaram.

A fala que encerrou as homenagens do dia foi de Domingos. O cacique realizou um discurso saudoso de seu pai, enfatizando o quanto ele fora guerreiro e um pai carinhoso. Comunicou aos romeiros que ele e outras lideranças Xakriabá planejavam transformar o espaço composto pela tapera e pelo cruzeiro num memorial aberto a visitantes, conforme trataram com Nilmário Miranda, à época, secretário de Direitos Humanos, Participação Social e Cidadania de Minas Gerais. No entanto, eles repensaram e chegaram à conclusão de que aquele era um espaço sagrado e, portanto, seria um local reservado apenas aos Xakriabá. Por fim, leu trechos de cartas elaboradas por Rosalino, endereçadas principalmente ao Cimi, falando sobre o perigo de morte e o clima de conflito que os Xakriabá estavam vivenciando. Chamou a atenção então para o quanto aquelas pessoas mencionadas nas cartas haviam se dedicado para defender a terra do povo e que, em agradecimento a esses heróis, cada Xakriabá teria o dever de cuidar daquilo que já foi conquistado. Nesse momento, aproveitou para dizer que estava se sentindo um pouco decepcionado, pois alguns moradores do território não respeitaram o momento de reflexão e luto do povo Xakriabá e realizaram uma festa na noite anterior que terminou em tragédia⁴⁵. Após pedir para cada indígena refletir sobre tudo que haviam conversado naquele dia, Domingos agradeceu a presença de todos e encerrou a romaria.

⁴⁴ Letra de canto retirada da monografia do Xakriabá Jan Carlos Pinheiro de Abreu (2016, p.42).

⁴⁵ Devido ao uso exacerbado de álcool, um jovem xakriabá acabou assassinando outro Xakriabá numa festa de vaquejada.

Romaria de 2018

Em virtude do suicídio de um homem jovem que ocorrera na aldeia Itapicuru dias antes das homenagens anuais feitas aos Xakriabá mortos na chacina de 1987, a comemoração foi realizada em apenas um dia no ano de 2018, justamente no dia 12 de fevereiro. Inicialmente o cacique Domingos agradeceu a todos pela presença, por terem saído de suas casas para homenagear seu pai e todos aqueles que participaram da *luta* naquela época. Logo após a fala do cacique, seu tio materno Rosalvo Fiúza, liderança da aldeia Sapé, realizou a oração do Credo e dedicou algumas palavras em homenagem a seu cunhado Rosalino, ressaltando o *espírito de união* que este promoveu entre aqueles que participaram da *luta pela terra*. Em seguida, Domingos chamou um “*grupo de jovens guerreiros e guerreiras*” para dançar *Toré*, em sua maioria da aldeia Itapicuru, Sapé e Embaúba, para assim poderem abrir o movimento e abençoar aqueles que participavam dele.

Após a dança feita pelo grupo de jovens liderados por Déda e Vanussa, Domingos retomou a fala, pedindo às pessoas para falarem mais baixo, pois naquela ocasião não se utilizaria microfone em respeito ao momento de luto pelo rapaz que o povo estava vivendo. Repassou então a programação do dia aos presentes: primeiro seria realizada uma missa no posto de saúde e, após a celebração, sairiam em caminhada até o cruzeiro onde estão enterrados Rosalino, Manoel Fiúza e José Santana.

Antes de passar a palavra ao padre Gilsônio, Domingos caracterizou o dia 12 de fevereiro como:

...um momento de reflexão, um momento da gente lembrar nossa história...Um momento de luta para gente refletir sobre os nossos avanços, sobre o que está bom e sobre o que é difícil pra gente, para gente sair daqui com o coração novo, com novas perspectivas em nossas vidas para que a gente possa continuar a nossa luta...
(Cacique Domingos, aldeia Itapicuru, fevereiro de 2018).

Ao lado de um altar que tinha ao centro uma esteira com uma pintura da *Onça Cabocla* e um pequeno quadro com imagens de Jesus Cristo e Nossa Senhora Aparecida, padre Gilsônio, trajando uma batina vermelha, realizou sua missa. Chamando a atenção para o tema da violência, ele destacou que fazer memória do martírio de Rosalino, Manuel e José é reviver e tomar consciência de que a luta

continua, pois a violência ainda é presente, assolando o povo Xakriabá, por meio de palavras e ofensas vindas daqueles que não são indígenas ou por meio de atitudes violentas, como ocorrera com um Xakriabá que morava em Belo Horizonte e fora assassinado na madrugada do dia do evento na capital mineira.



Missa em homenagem aos mártires xakriabá. Aldeia Itapicuru, fevereiro de 2018. Fonte: arquivo pessoal da autora.

Durante a missa, rezadeiras Xakriabá e senhor Zé do Rolo, conhecido como um dos mais experientes rezadores da T.I.X., puxaram orações e cantos, tal qual são realizados nas rezas feitas por eles nas aldeias do território em novenas e festas para santos. Entre os cantos que foram entoados, estavam as ladainhas que são compostas por palavras em português e por vocábulos que lembram o latim.

Quirielezone, Quiristelezone, Quiristelezone nosso, mizare mizarerindri. Patricelis Deus, Filho Redentor, Mãe de Deus, A Espirito Santo Deus, Mizare Mizareminobi. Santa trinetazone Deus, Santa Maria, Santa Degeneclistie, Orais Orais Por Nobi. Santa Vergo Virgeno, Martirem Cristie, Martirem Divine Gracie, Orais Orais Por Nobi. Martirem Porissima, Martirem Catissima, Martirem Enviolata, Orais Orais Por Nobi. Martirem Intimerata, Materem Martero, Martem Adimirabeli, Orais Orais Por Nobi. Martirem em Criatoro,

Martem Sarvatorio, Vergo Podentissima, Orais Orais Por Nobi. Vergo Venerandia, Vergo Pé de Candia, Vergo Opotero, Orais Orais Por Nobi. Vergo Oclémio, Vergo Fidero, a Espequis na Justicie, Orais Orais Por Nobi. Sede Sapiencie, Casa Nova Estrela Tristie, Vos a Espirituali, Orais Orais Por Nobi. Vos si Anorable, Vos Ensigno na Divocione, Vos era Mistica, Orais Orais Por Nobi. Torre das Virgino, Torre Sé Bunie, Dorme nos Zalis, Orais Orais Por Nobi. Sedi Alizarca, Jame Ancelis, Estrela Matutina, Orais Orais Por Nobi. Solos Infermozo, Refugio ao Percatorio, Consolai seus Aflitorio, Orais Orais Por Nobi. Auxilio Castionoro, Rese no Angelorio, Rese na Patrieclaro, Orais Orais Por Nobi. Rese na Profétara, Rese na Postoloro, Rese nas Martero, Orais Orais Por Nobi. Rese na Confessaro, Rese nas Virgeno, Rese Santa Roana, Orais Orais Por Nobi. Rese na Santaroana, Sacratissimodo meu Rosario, Maculada Conseicione, Orais Orais Por Nobi. [Nome de um Santo ou de uma Santa], Socorrer pelos Pecadou, Orais Orais Por Nobi. Aqui nos Deus, Aqui nos Deus, que estar nos pecado temunie, passe nos passe, nos e domine. Aqui nos Deus, Aqui nos Deus, que estar nos pecado temunie, passe nos passe, nos e domine. Aqui nos Deus que estar nos pecado temunie mizar, mizarerino. ⁴⁶ (Letra de Ladainha Cantada cedida por Laura Alkimim Xakriabá).

Terminada a celebração, ficamos esperando o início da romaria. Nesse intervalo, uma mulher começou a agir de forma a chamar a atenção de todos. Ela ficou com o semblante diferente, os olhos virados, baixava e subia a cabeça e os braços com certa frequência. Passados alguns segundos, começou a falar meio embolado, as pessoas que estavam bem próximas me falaram que a ouviram dizer que era a *Onça Cabocla*, do lugar onde eu estava, só consegui entender ela dizer “1987”⁴⁷.

⁴⁶ Como me informou a professora de cultura Laura Xakriabá, essa ladainha cantada possui também uma versão rezada: “*Quirielezone, Quiristelezone, Quiristelezone nosso, Patricelis Deus, Filho Redentor, Mãe de Deus, Espirito Santo Deus, Santa trinetazone Deus, Santa Maria, Santa Degenecristie, Santa Vergo Virgino, Martirem Cristie, Martirem Divinegracie, Martirem Porissima, Martirem Catissima, Martirem Violata, Martirem Intimerata, Martirem Martero, Martirem Adimirabeli, Martirem em Criatoro, Martirem Sarvatorio, Vergo Podentissima, Vergo Venerandia, Vergo Pé de Candia, Vergo Opotero, Vergo Oclémio, Vergo Fidero, a Espequina Justicia, Sede Sapiencie, Casa Nova Estrela Tristie, Vos Espirituali, Vos Anorable, Vos Ensigno na Divocione, Vos era Mistica, Torre das Virgino, Torre Sé Bunie, Dorme nos Zalis, Sedi Alizar, Jane Ancelis, Estrela Matutina, Solos Infermozo, Refugio ao Percatorio, Consolai seus Aflitorio, Auxilio Castionoro, Rese no Angelorio, Rese na Patrieclaro, Rese na Profétara, Rese na Postoloro, Rese nas Martero, Rese na Confessaro, Rese nas Virgeno, Rese Santa Roana, Sacratissimo do meu Rosario, Maculada Conseicione, [Nome de um Santo ou uma Santa]. Socorrer pelos Pecadou, aqui nos Deus que estar nos pecado temunie passa nos e domine, aqui nos Deus que estar nos pecado temunie mizarerino*”.

⁴⁷ Dias depois desse acontecido, ouvi duas versões sobre essa mulher, que ela teria problemas psicológicos e que ela seria uma jovem médium que, com o tempo, teria condições de substituir dona Eusébia, uma das benzedeiças mais velhas e respeitadas da Terra Indígena.

Déda e Vanussa rezaram a mulher e a ajudaram a se acalmar. Minutos depois, estávamos todos reunidos próximos a uma árvore que fica em frente ao posto de saúde ouvindo o cacique dar início à romaria. Domingos convidou as viúvas dos mártires, rezadeiras, lideranças, professores(as) de cultura e os integrantes dos grupos de jovens para caminharem com ele à frente da romaria. Após pedir silêncio e atenção aos participantes da romaria em relação ao que seria dito e lido sobre a história do povo Xakriabá, o cacique fez um sinal positivo com a cabeça para as professoras de cultura e rezadeiras, indicando que poderiam iniciar a caminhada. As rezadeiras começaram então a entoar alguns *benditos*, entre eles o seguinte:

Vamos todos a louvar, viva fé e viva fé, na terra viva Maria, no céu viva São José (2x).

São José é um justo santo é um puro e milagroso. Vos sedei as vossas graças, meu bom Jesus poderoso (2x).

Uma quarta-feira santa ali hora do almoço, andava Nossa Senhora é a senhora convosco (2x).

Uma quarta-feira santa no pino de meio dia, andava Nossa Senhora Santana mãe de Maria (2x).

Sexta-feira da Paixão ali hora da seição, andava Nossa Senhora com sua grande aflição (2x).

Sábado da aleluia ali hora do senhor, andava Nossa Senhora mãe do nosso redentor (2x).

Domingo da ressurreição todo povo se alegrou, de ver meu bom Jesus da guerra ressuscitou (2x).

Ao ver um prazer no céu, grande ali na terra, de ver a meu bom Jesus vencer esta grande guerra (2x).

(Letra de bendito cedida por Laura Alkimim Xakriabá).

Durante a caminhada, o cacique leu partes de cartas escritas por Rosalino ao Cimi que contam situações de violência vivenciadas por alguns Xakriabá, realizadas por fazendeiros ou feitas a mando destes por posseiros e pistoleiros que haviam se instalado em suas terras. Segundo ele, seu objetivo com aquelas leituras era trazer um pouco da história do povo para aqueles jovens xakriabá que ainda não a conheciam, fazendo-os perceber que, para terem hoje uma Terra Indígena demarcada, foi preciso que muitas pessoas sofressem e morressem pelo povo, e que eles assim como seus antepassados precisam continuar lutando para manter o que já foi conseguido e retomar aquilo que é do povo por direito. Uma das cartas que ele leu com notícias de 1986 dizia o seguinte:

Janeiro de 1986:

“Empregados do empresário e grileiro Paulo Roque derrubam placas da Funai e os marcos que delimitam a área Xakriabá”.

Fevereiro de 1986:

“José Ferreira de Paula, prefeito de Itacarambi, contrata o pistoleiro Zequinha para ficar ameaçando os índios no Sapé e evitar que esses plantem suas roças”.

“Paixão de Itacarambi diz que vai matar um porco, se referindo ao índio Benvindo Pinheiro das Neves da aldeia Defuntos, atual aldeia Riacho dos Buritis”.

“Dezinho do Nascimento de Itacarambi promete cercar os gerais na aldeia Defuntos onde os índios criam seus animais e promete balas a quem tentar impedir”.

“José Geraldo dos Santos, pistoleiro de Aécio Pereira Costa de Montes Claros, ameaça os índios de morte porque estes não permitiram que ele fizesse uma cerca na estrada de servidão do Riacho do Brejo. Os índios tomaram-lhe o revólver e entregaram à Funai. No dia 10/02, José Geraldo compra outro revólver e promete vingança”.

“O pistoleiro Zequinha, a serviço do prefeito José de Paula, juntamente com Emilio Caetano de Souza e Agenor Nunes tentam matar o índio Santo, ameaçam a viúva Maria Souza, seus genros e filhos, por não aceitarem sair do Sapé onde sempre viveram”.

“Zequinha ameaça de morte os índios Manoel Fiúza e Rosalino. E diz publicamente que está garantido pelo prefeito de Itacarambi José de Paula”.

“José Geraldo dos Santos, pistoleiro de Aécio Pereira, dá três tiros na porta da casa do índio Antônio Pinheiro das Neves e faz ameaças aos índios Olímpio e Joaquim do Riacho do Brejo”.

“Renato Mendes Cardoso e Sinvaldo Mendes Cardoso, ambos de Januária, andam na aldeia Barreiro fortemente armados e distribuindo ameaças a todos os índios. Continuam o processo de ampliação da grilagem na área indígena, cercando os gerais. Sinvaldo Mendes Cardoso prende a água do Pinga, deixando o gado dos índios sem água para beber.”

“O sargento Getúlio, o cabo Milton, do destacamento policial de Itacarambi, às 17 horas, invadem a casa do índio Rosalino e vasculham todas as dependências à procura do referido índio. Foram transportados a área por viatura da prefeitura de Itacarambi e faziam acompanhar do prefeito José de Paula. Viam com ordens de apurar denúncias de Rosalino contra os pistoleiros do prefeito”.

Como destacou Domingos após ler esses acontecimentos, todas essas ameaças de morte, grilagens, repressões ocorreram um ano antes da chacina, podendo esta ser qualificada, portanto, como uma tragédia anunciada. Mesmo contando com a ajuda do Cimi, que os apoiava na organização dos mutirões e na denúncia daqueles que os ameaçavam, no dia a dia os que estavam em luta na época não tinham a quem recorrer, pois a polícia estava ao lado dos grandes fazendeiros.

Antes de finalizar essa primeira parada e continuarmos a caminhada, o cacique disse que, além de continuar lendo o documento com denúncias de violência contra os

indígenas, lia também o Termo de Doação de 1728 e uma carta escrita pelo ex-prefeito de Itacarambi, José Ferreira de Paula. Na parada seguinte, Domingos leu as denúncias e falou um pouco de Zé Santana, um primo paraplégico de Rosalino que estava passando uns dias em sua casa quando ocorreu a chacina. Na terceira parada, decidiu não ler o Termo de Doação, pois demoraria e estava muito quente, o sol brilhava no céu. As rezadeiras idosas que cantaram durante quase toda a romaria já demonstravam sinais de cansaço. Assim, nessa última parada, ele apenas mostrou de forma rápida onde era a casa de seu tio materno Manoel Fiúza e contou um pouco de sua história. A carta de Zé de Paula endereçada a uma mulher de Belo Horizonte por nome Julieta foi lida no cruzeiro, como apresento à frente.



Caminhada da Romaria Xakriabá 2018. Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Na chegada ao cruzeiro, adultos, adolescentes e crianças devidamente ornamentados, que participam de grupos de jovens em suas aldeias, acompanhados das viúvas dos mártires, do cacique e das lideranças, formaram duas grandes filas e em par entraram no cemitério. Descalços, empunhando suas bordunas, lanças, arcos, flechas e seus maracás, eles pararam em frente aos túmulos de Rosalino, Manoel e José, e lá esperaram os demais participantes do movimento. O gesto, nessa ocasião, de entrar no cemitério com os pés no chão e o ato de se tirar o calçado quando dançam o *Toré* falam

de um modo de os Xakriabá se relacionarem com seu território. Como me relatou Déda, “colocar o pé no chão é como falar que nós e a terra é um só, e com o pé na terra nós sente a energia, a presença dos nossos encantados, nossos ancestrais”.

Antes de Domingos e as demais lideranças tomarem a palavra, o cacique convidou a todos para ouvirem um grupo xakriabá que faz folia de Reis e que, em homenagem aos mártires, compuseram um Reis que conta como aconteceu a chacina de 1987. Esse grupo de foliões era composto por homens moradores da aldeia Barra do Sumaré e aldeia Barreiro.

*Vou saudar os grandes guerreiros
Que lutou por nossa terra (2x)
Enfrentou forte batalha
Pra vencer uma grande guerra (2x)
Estou de coração partido
Mas eu tenho que falar (2x)
É a triste realidade
Do Povo Xakriabá (2x)
Preferiu ser adubo desta terra
mas não parou de lutar (2x).*

No momento em que os foliões cantavam o Reis para os mártires, um banco de madeira que fica ao lado do cruzeiro se quebrou, levando ao chão as pessoas que estavam sentadas nele. Após uns instantes sem reação, lideranças e os foliões vão para perto do banco quebrado e passam a cantar o Reis ali. Após esse acontecido, alguns Xakriabá comentaram que se tratava de um sinal de Rosalino procurando indicar sua presença naquele lugar.

Finalizada a apresentação da folia, o cacique Domingos iniciou um discurso destacando a importância da presença dos jovens na luta Xakriabá. Segundo ele, os jovens estão dando visibilidade nacional e internacional ao povo, participando efetivamente das ações do movimento indígena do país, como, por exemplo, o Acampamento Terra Livre.

Leu então uma carta escrita em 1985 pelo ex-prefeito Zé de Paula, que parece ser uma resposta a indagações sobre os Xakriabá e sobre seu território feitas por uma mulher moradora da capital mineira chamada Julieta. Zé de Paula inicia a carta se defendendo, dizendo que não era invasor de terras, grileiro ou perseguidor de índio, que a fazenda Sapé, da qual era proprietário, foi adquirida por meio de compra legítima no início da década de 1970. Destaca, ao longo de seu texto, que na área onde se localiza

sua fazenda não há índios, mas sim indivíduos incultos e indefesos que são estimulados por missionários a confiscar terras alheias. Por meio da leitura dessa carta, o cacique convocou a todos os presentes a refletirem sobre os avanços que o povo teve na luta em defesa de suas terras e na melhoria da vida dentro delas. Se antes só havia perseguição, destacou ele, hoje em dia, o povo pode contar com apoiadores na sua luta, principalmente após o momento que os Xakriabá assumiram postos de vereadores e prefeitos no município de São João das Missões.

Relembrando momentos de seu pai na luta, Domingos chama a atenção também sobre as dificuldades de se manter o povo unido na luta atualmente. Mesmo contando com a ajuda de diferentes meios de comunicação, é um desafio unir o povo:

Eu cansei de ver meu pai debaixo da árvore aqui do lado e avisar cinco, seis pessoas que queria 300 pessoas no outro dia em tal lugar e juntava essas 300 pessoas no lugar combinado para fazer nossa luta. Hoje em dia, eu fico imaginando como que aquele recado chegava tão rápido nos nossos povos, nas nossas famílias. Sem telefone, sem rede social, sem moto, sem carro. Hoje em dia, você tem facebook, vap vap [whatsApp], carta, telefone, espalha um tanto de gente para avisar, com três meses de antecedência e chega no dia da reunião não tem todas as pessoas esperadas. (IDEM).

De acordo com o cacique, essa dificuldade de estabelecer a união se deve a atitudes de alguns Xakriabá que têm desestimulado as pessoas a participarem da luta, principalmente os jovens, dizendo-lhes, por exemplo, que eles são bobos de ficar indo a Brasília tomar *spray* de pimenta na cara.

Ele continua dizendo que essas atitudes têm como resultado apenas a desunião do grupo e a perda da força da luta. Nesse momento, Domingos entra na questão da retomada das terras. Citando indiretamente o Termo de Doação, destaca que foram doados ao Povo Xakriabá 200 mil hectares, depois tomaram tudo. Para conseguirem adquirir trinta por cento disso, muita gente morreu. Por isso, o povo precisa se manter unido e resistente na luta, pensando nas gerações que estão por vir e na possibilidade de elas continuarem vivenciando um modo de vida próprio dos Xakriabá:

Quando nossos antepassados, que morreram, deixaram a terra demarcada, deixaram aqui quatro mil indígenas. Hoje é quase onze mil, isso quer dizer o quê? Que a terra daquela época não é a mesma. Isso quer dizer que apertou. Não tem condições da gente sobreviver o resto da vida assim. Não tem condições de manter nossa cultura

assim, pra manter ela tem que ter nossas terras em nossas mãos. (IDEM).

Fechando seu discurso, Domingos chama José Nunes, seu irmão e atual prefeito de São João das Missões, para assumir a palavra. Sua fala girou em torno dos temas política partidária e luta. Para ele, a política partidária é um *detalhe* da luta Xakriabá, pois eles dependem um pouco de aliados que são políticos. Contudo, o que faz fortalecer e permanecer a luta é a *união* interna, é preparar a juventude para continuar defendendo os direitos do povo, pois se os Xakriabá tiveram que enfrentar dificuldades em relação a suas terras até aquele momento, poderiam ter mais problemas daqui pra frente, referindo-se a uma possível e temida mudança na política nacional, de Lula para Bolsonaro, que, como ele destacou, prometeu não demarcar nem mais um palmo de terra para indígenas e quilombolas.

Outras falas seguiram a de Zé Nunes, como da liderança da aldeia Pindaíbas, senhor Zé de Benvindo, da jovem liderança espiritual, Déda, e dos jovens Neguinho e Célia. Eles destacaram a necessidade e a importância do engajamento da juventude xakriabá com os mais velhos na luta. Conforme senhor Zé de Benvindo, a luta não está no passado, ela ainda está passando, e é necessário manter a confiança um no outro para fortalecê-la. Neguinho disse que a juventude deve reforçar os muros da reserva, que são as lideranças e cacique. Afirmou que eles são muros porque cercam tudo de ruim que vem de fora, protegendo assim os jovens. Desse modo, os jovens têm o dever de assumir o compromisso da luta junto com as lideranças, pois não há nada garantido.

A juventude tem que assumir o compromisso da luta junto com as lideranças. Tem gente que acha que por ter tido aquela luta não vai ter outra. Acha que tudo tá garantido e não tá. A luta só muda o modelo, porque hoje já tá diferente, mas a luta não para nunca. (Neguinho Xakriabá, aldeia Itapicuru, fevereiro de 2018).

Déda, professor de cultura da aldeia Imbaúba e considerado um dos líderes espirituais do povo, iniciou sua fala fazendo um agradecimento a Deus por todos estarem reunidos ali. Ele continuou dizendo que esquecer o dia 12-02-1987 pode enfraquecer a luta. Por isso, é importante relembrar aquela data, assim como participar de movimentos como o ATL, pois ajudam a fortalecer quem está lutando. Déda relembrou os guerreiros que morreram durante a luta e destacou que, se preciso for, os guerreiros atuais estão dispostos também a doar suas vidas em defesa de seus direitos.

Célia Xakriabá, por sua vez, disse estar feliz e esperançosa, pois a juventude xakriabá retomou o compromisso de fazer diálogo com as lideranças. De acordo com ela, isso é importante porque prepara a juventude para a luta. A força dos jovens, Célia destacou, “*está no futuro, mas só se nós regressar um pouco no passado para fortalecer com nossa ancestralidade*”. Ela terminou sua fala enfatizando que “*a luta continua a mesma, mas a vida exige que a gente transforme nossos instrumentos de enfrentamento.*”

As lideranças Agenor (Rancharia), Santo (Morro Vermelho) e Zé Fiúza (Itapicuru) também deram destaque ao caráter contínuo da *luta* e da importância da presença dos jovens nela. O Senhor Agenor falou que a *luta* não vai parar, por isso os Xakriabá precisam andar preparados, concentrados nela, se quiserem conseguir atingir o objetivo de chegar à beira do rio São Francisco. Já Santo destacou que, no período para demarcação e homologação da Terra Indígena, todos os Xakriabá lutaram juntos por seus direitos e, nesse sentido, expôs sua preocupação e tristeza de ver poucos jovens na luta. Sobre isso ele disse:

Hoje nós precisa voltar para nós mesmos e vê o que tá acontecendo com nosso povo. O que tá acontecendo ao nosso redor. Hoje nós temos terra demarcada, mas tamos todos cercados de pessoas invadindo nosso território. Pessoas mudando a cabeça dos nossos jovens para ir para outros lados. Desvalorizando a nossa cultura. Jovens, foi muito bom hoje a gente ter vocês, pra nesse embate aí, ajudar que passe essa mensagem pra esses jovens. E vamos todo mundo juntar, lutar junto... Isso fica como um pedido meu, pra gente reforçar, lembrar do passado, ter isso que aconteceu como uma história, num esquecer dos nossos costumes, não esquecer da nossa resistência, onde tem nosso pajé, nossos ritual sagrado que no momento a gente num pode nem revelar. A gente tem que valorizar mais esses pontos, valorizar mais essas pessoas e que essa união ela cresça e vença porque nós tamo sendo muito perseguido nesse momento, depois que tivemos essa vitória de terra demarcada e terra por demarcar nós tamo sendo visado, tamo sendo invadidos aí e nós temos que tomar muito cuidado com isso para não mudar as nossas cabeças. Eu falo o seguinte, eu não sou contra nenhuma igreja evangélica, mas eu com minha idade que eu tenho vejo mudando as cabeças das pessoas, tirando o rumo dos nossos jovens. Isso precisa que nossos jovens tenha tento e casse um caminho pra gente permanecer com a nossa luta firme e com nosso direito garantido...Com esses jovens aí eu tenho certeza que não vão conseguir apagar nossa imagem (Santo Caetano, aldeia Itapicuru, fevereiro de 2018).

Já senhor Zé Fiúza, após agradecer a presença de cacique, lideranças, toda comunidade e os visitantes, como o pessoal do Cimi e da UFMG, disse que estava feliz de ver os jovens se comprometendo com a luta e que os mais velhos estavam prontos para caminhar junto com eles para orientá-los:

A gente tá pronto para caminhar junto até quando a gente tiver palavra. A gente tá pronto pra tá com vocês, caminhar com vocês, fazer aquela passada que vocês não tiver ciente, a gente tá pronto pra identificar quais são os primeiros passos... A gente já sabe que vocês já têm bastante jovens aí preparados já, preparados para a luta. Mas a gente nunca acaba de aprender, principalmente quando fala da ciência dessa terra. A gente sabe que nós, infelizmente ninguém vai conseguir atingir a ciência dessa terra, que ela oferece para nós. (Senhor Zé Fiúza, aldeia Itapicuru, fevereiro de 2018).

Na continuação de sua fala, senhor Zé Fiúza relatou que também se sentia especialmente preocupado com o crescimento nos últimos anos dos casos de suicídio de jovens xakriabá, principalmente na região onde ficam as aldeias Brejo do Mata Fome e Itapicuru. Segundo ele, os mais velhos sabem que o suicídio era mais praticado entre idosos, mas, de um tempo para cá, eles observaram que são os jovens que têm tirado a própria vida. Para enfrentar essa questão do suicídio, a liderança do Itapicuru disse que:

Só Deus tem o poder de acabar com o suicídio. A gente precisa de ter um trabalho voltado a alguma coisa, fazer alguma coisa. Mas eu acho que o trabalho maior tá entre nós. Esses jovens que já tão chegando aí, graças a Deus, e esses mais idosos que têm a cultura mais profunda, para gente aprofundar ela e saber como discute ela aqui nesse chão sagrado que nós vive. Acho que esse é o primeiro ponto. (IDEM).

Encerradas as exposições, Domingos chamou um grupo de jovens para finalizar as homenagens aos mártires. Eles pediram atenção e silêncio a todos, reuniram-se ao lado do cruzeiro e dançaram o *Toré*.

2.4 Memória e luta

O tema da memória é um objeto de reflexão de inúmeros pensadores na tradição de pensamento ocidental. Durante muito tempo, ela foi tomada como um fato puramente individual, como se pode ver nas obras de Aristóteles, Bergson e Freud, por exemplo,

passando a ser vista como um fenômeno coletivo a partir dos escritos do sociólogo durkheimiano Maurice Halbwachs na década de 1920. Para ele, a memória possui um caráter coletivo porque é construída por meio das relações mantidas entre o indivíduo e os grupos dos quais faz parte.

Desse modo, Halbwachs (2006, p.29) defende que o indivíduo que vive sozinho não é capaz de sustentar lembranças por muito tempo, pois necessita do apoio dos testemunhos de outros para reforçá-las, enfraquecê-las ou completá-las. As memórias individuais são, portanto, constituídas na relação com o outro.

Em grupo, por meio da memória, as pessoas estabelecem uma relação entre o presente e o passado. Isso porque a memória não diz respeito simplesmente a uma experiência iniciada e concluída no passado, mas sim a algo que permanece vivo, animando os pensamentos e ações dos indivíduos e grupos no presente. Quando uma lembrança deixa de existir, isso significa que os laços sociais (grupo ou grupos) que a alimentavam – e que nela se alimentavam – já não existem mais (*IDEM*, p.33).

Assim sendo, o autor diz que, quando ocorre o contrário, ou seja, quando há o compartilhamento da memória em lugar do desaparecimento da mesma, ocorre a formação de uma “comunidade de sentimentos”, ou seja, um fortalecimento dos laços sociais. Utilizando-se da memória, o grupo lança suas raízes no passado, assentando suas origens num momento distante e, muitas vezes, mítico. Tais lembranças são objetivadas no espaço, conferindo materialidade e estabilidade ao modo de vida do grupo no presente. Para Halbwachs, então, o ato de rememorar mobiliza fenômenos como as emoções, o tempo e o espaço.

Entretanto, ao enfatizar que a memória coletiva reforça a coesão social, não pela coerção, mas pela adesão afetiva ao grupo, Maurice Halbwachs não percebe nessa memória comum uma imposição, uma forma específica de dominação ou violência simbólica, como chama a atenção Michael Pollak em seu texto “Memória, esquecimento, silêncio” (1989). Para esse autor, a memória nacional - que para Halbwachs é a forma mais completa de uma memória coletiva - tende a destruir, uniformizar e oprimir o que ele denomina de “memórias subterrâneas”, que compõem as culturas minoritárias e dominadas.

Diferentemente da “Memória Oficial”, que é contada nos meios oficiais de informação, as “memórias subterrâneas” são transmitidas no âmbito familiar ou de pequenos grupos e, mesmo que durante muito tempo fiquem reprimidas e destinadas ao

esquecimento, elas sobrevivem e “prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados”. Por isso, como aponta Pollak durante todo o texto, essas “memórias subterrâneas” podem ser consideradas como uma forma de resistência política e cultural (*IDEM*).

Durante meu trabalho de campo, observei que, no que diz respeito à memória, os Xakriabá promovem um intenso compartilhamento da mesma, criando laços afetivos entre integrantes do povo, que passam a se ver como parte de uma mesma história. Essa união, promovida pelo compartilhar de memórias, apresenta-se como um instrumento de resistência política e cultural, levando os Xakriabá a se engajarem nas lutas de seu povo. Célia Xakriabá (2018), em sua dissertação de mestrado, também chama a atenção para a importância da memória e da transmissão oral na formação e no fortalecimento da identidade Xakriabá, pois estas trazem a potência da epistemologia nativa, isto é, o conhecimento nativo, que tem como grandes guardiões os anciãos do povo.

Como disse, a *luta* não passou, mas está passando, isto é, mantém-se como presença. Mesmo tendo conseguido (algum) sossego, as lideranças xakriabá, em sua maioria, defendem a ideia de que a *luta* nunca acaba, ela somente muda de forma e por isso é importante se manter atento sempre. E, por ter essa característica transformacional, é preciso se atentar principalmente aos instrumentos que estão sendo utilizados para lutar.

Nesse sentido, as romarias em homenagem aos mártires se destacam como um desses instrumentos de luta elaborados pelos Xakriabá. Nelas, como vimos, esses indígenas colocam em diálogo e interação diferentes gerações do seu povo, realizam reflexões sobre seu território demarcado e sobre suas terras que ainda estão por demarcar, trocam experiências com outros povos tradicionais e instituições governamentais e não governamentais que têm se destacado como parceiras em seus projetos sociais, e potenciais apoiadores na luta pelas terras a serem recuperadas ainda.

O fio condutor de todas as discussões colocadas em pauta nesse evento é a história da *luta pela terra*, em que as lideranças dão grande ênfase para a trajetória daqueles que lutaram e morreram durante esse período. Desse modo, ganha destaque a figura de Rosalino, que foi o principal líder dos mutirões da década de 1980, referenciado por sua capacidade de unir centenas de pessoas nesses movimentos de retomada de terras e que por isso acabou sendo brutalmente assassinado.

Como mencionei anteriormente, um dos objetivos das lideranças ao rememorarem e refletirem sobre o *período da luta* tem sido procurar engajar a juventude xakriabá na luta atual do povo, pois, ao contarem sua história trazendo à tona questões relacionadas ao seu território, buscam desenvolver nos jovens sentimentos de valorização e de comprometimento pelos direitos já conquistados e por conquistar, estimulando-os assim a se juntarem a elas tanto no cuidado de sua Terra Indígena e das pessoas do povo, quanto nos movimentos de retomada de terra em curso. Desse modo, as homenagens em torno da luta da década de 1980 apresentam-se como um instrumento de luta para os Xakriabá.

Destarte, na busca por tal engajamento afetivo da juventude xakriabá, ganha destaque, nos discursos e no fazer dos líderes, a *união*. Relembrar o que já se viveu, como se faz nas romarias, fortalece a *luta* atual, une o grupo, o qual se preciso for irá doar sua vida para defender seu território como outros guerreiros fizeram no passado, destaca a jovem liderança espiritual Déda.

O *tempo da luta* tornou-se, portanto, uma marca coletiva no fazer a *luta* na atualidade. Nesse sentido, a construção da memória coletiva situou esse tempo como emblema da *luta* que nunca vai acabar e que irá se transformar constantemente. Assim sendo, cabe aos Xakriabá se atentarem às características ou ao modo como se apresenta cada luta para saberem com quais instrumentos vão lutar.

Rememorar a história da *luta pela terra* para os Xakriabá, mesmo estando presentes em suas memórias as tantas violências que sofreram, é então, como salienta Veena Das (2011) para o contexto indiano, um modo que eles encontraram para habitar seu cotidiano. E nessa luta por um habitar seu território propício à boa convivência entre todos, os líderes, sejam eles jovens ou mais velhos, possuem um lugar e papel fundamental. No próximo capítulo, dedicarei mais atenção às lideranças xakriabá.

2.5 Romaria: lembrar e fazer a *luta*

Começo com uma caracterização mais ampla das romarias no contexto do catolicismo popular.

No artigo “Peregrinação, Romaria e Turismo Religioso: raízes etimológicas e interpretações antropológicas” (2003), Carlos Alberto Steil, após apresentar o significado dessas três categorias, bem como diferenças e semelhanças das mesmas,

destaca que os estudos antropológicos sobre peregrinação podem ser agrupados em três grandes correntes: a perspectiva funcionalista, que vê as peregrinações como unificador do social e regenerador moral do grupo; o paradigma turneriano, que acentua as similaridades nas experiências de peregrinação, vendo-as como um fenômeno fechado e universal; e a corrente teórica que, ao contrário de Turner, dá ênfase para as particularidades de cada peregrinação, sem, no entanto, deixar de reconhecer que estas também possuem elementos em comum. Eade e Sallnow (1991), como frisa Steil, são os principais representantes desse paradigma e é inspirada pelas ideias deles que analiso o ritual das romarias Xakriabá.

Sobre as semelhanças entre as peregrinações, esses autores explanam que, nesses eventos, combinam-se três coordenadas que se apresentam como recorrentes e constitutivas desses rituais religiosos: “pessoas”, “textos” e “lugares”. Carlos Steil (2003, p.47) diz o seguinte sobre essas coordenadas:

Espaços e objetos que são focos de peregrinação geralmente têm um texto (escrito) ou um mito (oral) sagrado de referência que lhes confere força de autoridade. Do mesmo modo, a relação entre pessoas, lugares e eventos sagrados levanta questões importantes para a análise comparativa de qualquer peregrinação. Túmulos, relíquias, espaços que foram habitados por pessoas reconhecidas como santas, como grutas ou montanhas, podem se tornar, de diferentes modos, encarnações do sagrado em sua forma material.

Além dessas três coordenadas enfatizadas por Eade e Sallnow (1991), Steil (2003, p. 48) chama a atenção para o ato do deslocamento. Segundo ele, rituais de circulação em torno de objetos, de lugares sagrados ou profanos, têm uma longa tradição nos eventos de peregrinação, sendo este, portanto, um elemento constitutivo e comum desse encontro religioso.

Nas romarias xakriabá, também identifiquei esses quatro elementos constituindo as mesmas. Como podemos observar na descrição etnográfica feita acima, indígenas e não indígenas, em homenagem àqueles que morreram na luta pela terra, saem dos lugares onde vivem para se encontrarem na aldeia Itapicuru e caminharem até o cruzeiro onde estão sepultados os Xakriabá assassinados na chacina de 1987.

Durante as homenagens dos eventos que participei, alguns “textos” ganharam destaque. Na romaria de 2017, por exemplo, no momento da caminhada, havia uma faixa em agradecimento aos Xakriabá que lutaram pela demarcação e homologação da

terra e *banners* com o rosto do cacique Rodrigão e com o rosto de Rosalino, entre outras mensagens fixadas em cartazes carregados por membros de comunidades tradicionais. No *banner* dedicado a Rosalino, havia uma frase desse líder que retrata a disposição que este tinha em dar a própria vida em defesa de seu povo. Fazia parte da romaria também os cânticos que foram distribuídos em panfletos pelos membros do Cimi. Tais cânticos exaltam a luta dos povos do campo e a fé dos romeiros.

Foram lidas pelo cacique Domingos partes de cartas escritas por Rosalino, que traziam denúncias dos conflitos na área e as violências que os indígenas sofreram na luta pela terra. Essas cartas retratam a dramaticidade dos fatos e a memória dos desafios concretos vividos, as impressões de Rosalino sobre a luta e o diálogo deste com o Cimi.

Além das cartas, panfletos e cartazes, outros objetos fizeram parte da caminhada, como as bordunas e chocalhos empunhados por homens e mulheres xakriabá, cocares, saiotes de palha, vestidos pintados a mão por artesãs xakriabá, calções com o nome “Xakriabá” impresso⁴⁸, a estola e batina vermelhas do padre, e a cruz de madeira carregada pelos jovens xakriabá. A cruz e a cor vermelha simbolizam o martírio, como informou padre Gilsônio durante a missa realizada próximo ao cruzeiro onde estão enterrados Rosalino, Manoel e José.

Todo o espaço onde se situa tal cruzeiro - os túmulos, a tapera de Rosalino, a mata ao redor destes, as ruínas das casas onde moravam as três vítimas⁴⁹ - é considerado sagrado pelos Xakriabá, como relatou cacique Domingos quando comunicou aos romeiros que as lideranças haviam recusado a proposta de transformar o lugar em um memorial. A liderança Zé de Benvido (aldeia Pindaíba) e a liderança Rosalvo Fiúza (aldeia Sapê) me apontaram com orgulho as árvores, que ficam próximas ao cruzeiro, onde junto com Rosalino participaram de reuniões para organizar os mutirões de retomada de terra na década de 1980.

Sobre as “pessoas” que participaram dessa romaria, estavam presentes Xakriabá de diferentes aldeias do território demarcado e das áreas de retomada, representantes de outros povos tradicionais e membros de instituições como o Cimi, a CPT, o CAA e universidades federais. Como chama a atenção Carlos Steil (1996, 2003), inspirado

⁴⁸ Vestimenta masculina marcante na presença atual dos Xakriabá em suas participações em movimentos como a Romaria dos Mártires Xakriabá, ATLS, eventos nas áreas de retomada, etc.

⁴⁹ Segundo informação presente no livro escrito por professores xakriabá, intitulado “*O tempo passa e a história fica*” (1997), Rosalino, Manoel e José foram sepultados próximo de onde moravam porque “*Segundo a tradição xakriabá... Um Xakriabá assassinado não pode ser enterrado muito longe de sua casa*” (XACRIABÁ, 1997, p.39).

pelas ideias de Eade e Sallnow (1991), quando pessoas de diferentes origens e vinculadas a diferentes instituições se reúnem em uma peregrinação, é preciso se atentar aos diferentes discursos e sentidos que estas elaboram, pois estes constituem as particularidades do evento religioso.

No que diz respeito à romaria xakriabá, presenciei uma diversidade de discursos tecidos pelas diferentes “pessoas” que mencionei acima. Enquanto as comunidades tradicionais se dedicaram a falar de sua história e dos contextos econômicos e políticos que vivenciam, o discurso da representante do Cimi focou-se sobre a união dos povos, pois todos são companheiros de luta, sobre os mártires de cada povo e a gratidão e consideração que se deve ter a cada líder que morreu defendendo os direitos de seu povo, e o compromisso de enfrentamento aos opressores que as novas gerações herdam. Já o padre Gilsônio destacou que todos os povos reunidos ali eram irmãos porque lutavam pela mesma causa e porque professavam a mesma fé, em Deus e em Jesus Cristo. Discursou também contra a violência e a vingança, e o compromisso que cada romeiro teria com a verdade e com Deus. Um tema em comum que perpassou o discurso de ambos foram as palavras em defesa ao meio ambiente e a proteção dos territórios das comunidades tradicionais.

Na romaria de 2018, os discursos foram das lideranças mais experientes, das jovens lideranças e do padre. Como vimos na descrição desse evento, as exposições dos líderes mais velhos versavam sobre a história da *luta pela terra*, a dificuldade de se manter o povo unido, a necessidade de participação da juventude na luta atual e a necessidade de se atentar a questões como o suicídio e a presença de igrejas evangélicas na Terra Indígena. As jovens lideranças discursaram enfatizando que estavam unidas aos mais velhos no enfrentamento da *luta*, que estão cientes que esta é contínua e que se preciso for darão suas vidas para protegerem os direitos de seu povo, assim como fizeram outros guerreiros no passado. Já o padre, ao discursar sobre o martírio de Rosalino, José e Manoel, proferiu palavras contra os atos violentos, ressaltando que ainda hoje os Xakriabá sofrem e perdem entes queridos em consequência da violência.

Diferentemente da romaria de 2017, na qual os discursos foram feitos contando com a ajuda de microfones e carro de som, em 2018, os romeiros não contaram com esses objetos. Bem como não houve cruz e nem cartazes durante a caminhada. Além dos adereços de homens e mulheres xakriabá - como saiotos de palhas, os calções com o nome “Xakriabá”, cocares, as bordunas e chocalhos -, o padre usava batina vermelha, os

foliões portavam seus instrumentos musicais, como sanfona, triângulo, violão e pandeiro, e muitos romeiros, principalmente as rezadeiras, protegiam-se do sol escaldante com sombrinhas.

Conforme relatei anteriormente, o cacique Domingos carregava em suas mãos folhas que continham denúncias da situação de conflito e violência vivenciada pelos Xakriabá no *período de luta pela terra*, a visão do ex-prefeito e fazendeiro José de Paula sobre esses indígenas e o Termo de Doação de suas terras elaborado pelo mestre de campo Januário Cardoso. Ele leu partes desses “textos” aos romeiros, exceto o Termo de Doação. De acordo com palavras do próprio cacique, seu propósito ao ler esses documentos era de, por meio deles, contar um pouco da história da *luta pela terra* aos romeiros, de modo especial aos jovens xakriabá.

O trajeto da caminhada dessa romaria foi igual ao do ano anterior, do posto de saúde da aldeia Itapicuru até o cruzeiro que fica bem próximo ao limite com a aldeia Sapé. No entanto, no que tange aos “lugares” importantes para os Xakriabá dentro desse contexto, ganharam destaque os lugares onde se situavam a casa de Rosalino e Manoel, e o banco que se quebrou no momento em que os foliões cantavam próximo ao cruzeiro, acontecimento tomado como indicativo da presença de Rosalino naquele local.

A última parada da caminhada foi exatamente em frente ao terreno onde Rosalino e Manoel moravam. Cacique Domingos passou entre os arames da cerca que faz divisa com a estrada de chão na qual passava a romaria e apontou o lugar em que ficava a casa de seu tio Manoel. Após falar sobre a vida e morte de seu tio, indicou com a mão que a casa de sua família, local onde ocorrera a *tragédia*, ficava um pouco depois desta.

As paradas na caminhada, ao mesmo tempo que me fizeram lembrar o rito católico da via-crúcis, chamaram-me a atenção também para a vivência do caminho. Tim Ingold, no primeiro capítulo do livro “The Perception of Enviroment” (2000), fala sobre a iniciação de jovens no Ártico que são levados pelos mais velhos para uma caminhada em buracos que são lugares de origem de seu povo. Na caminhada e na chegada aos lugares de origem, os mais velhos contam histórias aos jovens. No caso das romarias xakriabá, o que ocorre é muito parecido com o que acontece nessas caminhadas do Ártico. Os mais velhos contam a história da *luta pela terra* aos jovens descrevendo as cenas *in loco*.

Por fim, vale dizer que, nos dois eventos, pudemos notar a presença de formas expressivas múltiplas, como o *Toré*, *batuque*, folia, ladainhas e benditos. Se em 2017 havia um número considerável de romeiros não Xakriabá, em 2018, quase não havia pessoas de fora no ritual da romaria, apenas o padre Gilsônio, Bill, que trabalha no escritório do Cimi na cidade de Itacarambi, e pesquisadores da UFMG e UNIMONTES. *União* e a *luta* foram as questões que se destacaram no discurso e diálogo entre jovens líderes e lideranças mais velhas.

2.6 *União e (disposição de) fazer a luta*

Como vimos, quando os Xakriabá contam a história de retomada das terras na década de 1980, destaca-se a *união* mobilizada por Rosalino compondo o *ajuntamento* de um grande número de moradores ocupantes então da Terra Indígena demarcada. Roso ou Rosa, como é carinhosamente chamado por seus companheiros de *luta*, aparece nos relatos como um líder que era capaz de reunir, de um dia para o outro, centenas de pessoas em mutirões para colocar roças nas terras que estavam em mãos de fazendeiros. Como me relatou a liderança Zé de Benvindo, Rosalino contava com a proteção dos *encantos da terra* e com a ajuda de homens de extrema confiança dele, que andavam à noite pelos *carreiros* das aldeias passando recados de Roso para homens e mulheres convocando-os para os mutirões. Um sinal que eles usavam para poderem se comunicar em segredo, ou seja, para conversar sem que os posseiros descobrissem ou desconfiassem de seus planos, era imitar sons de pássaros para indicar ao companheiro sua presença e a necessidade de passar uma informação.

Atualmente, despertar a *união* e disposição para *luta* é, talvez, o principal desafio das lideranças xakriabá. Na descrição etnográfica da Romaria dos Mártires de 2018, a principal dificuldade apontada pelo cacique Domingos é conseguir reunir um número considerável de pessoas para uma reunião marcada meses antes e também conseguir elaborar estratégias e discursos que toquem mais a juventude do que narrativas que estimulam os jovens a outros engajamentos que não a defesa dos direitos do povo e do território xakriabá.

Nesse sentido, para contarem com a parceria da juventude na *luta*, as lideranças têm procurado organizar eventos junto com os jovens e os estimulados a se organizarem

em grupos, que eles denominaram de Grupos de Jovens Xakriabá, dos quais falarei no próximo capítulo.

Em vários eventos que participei dentro e fora da Terra Indígena Xacriabá, a juventude teve presença e participação marcantes, entretanto, foi na Romaria de 2018 que pude ouvir jovens lideranças xakriabá expressarem suas percepções sobre a *luta* de seu povo de forma mais intensa.

A concepção sobre a *luta* que apareceu praticamente em todas as falas de líderes, jovens e mais velhos, é que esta possui uma característica contínua. A liderança Zé de Bemvindo disse que “*a luta não está no passado, ela ainda está passando*”, e o jovem líder Neguinho enfatizou que “*Tem gente que acha que por ter tido aquela luta [década de 1980] não vai ter outra. Acha que tudo tá garantido e não tá... a luta nunca para*”.

Outra característica da *luta* que Neguinho chamou a atenção diz respeito ao seu caráter transformacional. Segundo ele, “*A luta só muda o modelo, porque hoje já tá diferente, mas a luta nunca para*”. Já Célia Xakriabá salientou que “*a luta continua a mesma, mas a vida exige que a gente transforme nossos instrumentos de enfrentamento*”.

Esse olhar dos jovens xakriabá para os instrumentos de *luta* apresentou-se a mim em outros momentos do meu campo, como, por exemplo, em uma conversa que tive com Edvan Xakriabá, líder do grupo de jovens das aldeias Itapicuru/Sapé. Dando destaque para a *luta* dos povos indígenas do Brasil, ele frisou o seguinte:

Recentemente eu entrei no colegiado do FIEI-UFMG pra ajudar liderar e eu escutei um liderança Pataxó da Bahia falar. Era um momento que tava bem difícil pra nós assim, sujeito à corte de bolsa, e a gente foi ter reunião na reitoria com o pró-reitor da UFMG. E aí esse Pataxó falou que a gente tava lá com aquele número de pessoas porque uma vara era fácil de quebrar, mas quando juntava um feixe de vara, ali se tornava mais forte, então aquilo ficou bem marcado pra mim. Eu penso agora que um povo ele fica mais frágil, mas, quando a gente unifica todas as lutas, aí aquilo se torna um feixe de varas mais difícil de quebrar. (...) A gente tá unificando as lutas, tá buscando as mesmas coisas, saúde, educação. Porque a gente aprendeu que hoje a luta continua a mesma, mas como diria Célia com armas diferentes. Daí a gente tá buscando essas novas armas através do ATL, através da nossa entrada nas faculdade, nas universidades, buscando os direito dessa forma. (Edvan, aldeia Itapicuru, fevereiro de 2019).

A entrada na universidade e a participação no Movimento Indígena Nacional são exemplos dos novos instrumentos/armas de *luta* dos quais falam Célia e Edvan. Contudo, gostaria de chamar a atenção para o destaque à *união* na fala de Edvan e que se aproxima dos discursos das lideranças e dos jovens líderes na romaria de 2018.

A *união* é algo difícil de conseguir, é um desafio, como apontou cacique Domingos, mas parece ser o instrumento chave de enfrentamento dos Xakriabá, pois é ela que fortalece e que faz a *luta*, conforme a narrativa coletiva da história e o entendimento dos mais velhos.

Nesse sentido, a *união*, além de fazer parte da memória xakriabá, compreende também prática. *União* é o mutirão, o envolvimento, o fazer na retomada, o fazer no evento, o lembrar os eventos passados através de relatos, de cartas, da experiência de ver os lugares, etc. *União* é algo que reúne práticas dos antigos, modos de agora e perspectivas futuras.

Um tema que apareceu em diversos discursos nesse evento foi o da necessidade de a juventude assumir o compromisso da *luta* junto com as lideranças. Isso se torna importante, de acordo com Célia Xakriabá, porque dialogar e trocar experiências com as lideranças prepara os jovens para o enfrentamento de defesa de direitos do povo.

Assim sendo, discutiu-se que uma maneira que os mais velhos poderiam preparar os jovens para a *luta* era auxiliando-os a se fortalecerem espiritualmente. Nessa direção, Célia, senhor Zé Fiúza e cacique Santo (Morro Vermelho – área de retomada) salientaram que a juventude deve valorizar e não se esquecer da história, dos costumes e do ritual sagrado de seu povo, pois é o regressar ao passado, o buscar a ancestralidade, que lhe dará força para conquistas futuras.

Memória para os Xakriabá perpassa temporalidades distintas. A Romaria dos Mártires é um ritual que fala sobre o passado, mas também é um espaço para fortalecer adesões contemporâneas. São rituais políticos tanto quanto de memória. Eles incorporam transformações sobre a relação com a terra, englobam tanto o reconhecimento do que os mártires conquistaram, o compromisso de garantir essa conquista, de cuidar do território-ambiente (refletindo sobre o que está bom e também o que está ruim), de engajamento (dando continuidade às conquistas passadas) para a retomada do território ainda não regulamentado. Englobam imagens múltiplas da experiência com a terra desde o sangue como adubo, passando pelo reconhecimento dos *encantos* à ocupação e preservação (ambiental) do território.

Se as cerimônias de lembrar o *tempo da luta* e reafirmar disposições para esta são uma forma (ritual) muito valorizada nas políticas de terra xakriabá, outras formas políticas têm se desenvolvido e infletido sobre a terra, o território.

CAPÍTULO 3

LIDERANÇAS E MÚLTIPLOS TERRITÓRIOS

3.1 Apresentação

Ao longo deste capítulo, darei destaque para formas diversas de construção de lideranças e movimentações políticas que atravessam a luta pelo território, a circulação por outros territórios e a invenção de novas formas de “territorializar”. Formas que se organizam no âmbito de grupos de parentesco prestigiosos, que criam modos particulares de articulação intergeracional, que ganham novas feições nas lideranças indígenas jovens.

Falando sobre diferentes momentos e espaços onde esses indígenas realizaram e realizam seu fazer político, buscarei dar evidência à circulação de lideranças e da juventude xakriabá dentro e fora da Terra Indígena, e como esse circular por diferentes territórios apresenta-se como um elemento importante no processo de engajamento de jovens na luta e na construção de lideranças entre esse povo. Assim, tratarei do lugar de liderança que os professores ocupam no fazer político xakriabá, da formação e atuação da juventude xakriabá na luta política, da participação desses indígenas na política municipal de São João das Missões, na Articulação Rosalino Gomes de Oliveira de Povos e Comunidades Tradicionais do norte de Minas Gerais, e no Movimento Indígena Nacional. Sobre a atuação no Movimento Indígena Nacional, darei ênfase para a participação dos Xakriabá no Acampamento Terra Livre (ATL) de 2017 e 2019, e a discursos públicos de Célia Xakriabá, professora que ganhou destaque por sua liderança nas movimentações políticas dos Xakriabá em nível regional, estadual e nacional.

O caso de Célia Xakriabá é um bom exemplo para se refletir sobre quem são as lideranças entre os povos indígenas. A figura de Célia ganha destaque junto com outros humanos e não humanos que fazem parte da vida política dos Xakriabá, como as lideranças de aldeia, os mais velhos, os jovens, professores, povos e comunidades tradicionais, instituições não indígenas, seus antepassados e sua *espiritualidade*.

O conceito de liderança entre os Xakriabá foi discutido por Alessandro Roberto de Oliveira (2008). Em sua dissertação, ele trata das transformações políticas protagonizadas pelos Xakriabá nos vinte anos posteriores ao reconhecimento étnico do grupo pelo Estado brasileiro. O autor aborda a política praticada por esses indígenas a

partir da experiência de dois líderes em diferentes posições de poder: senhor Emílio, uma conhecida liderança interna desde o *período de luta pela terra*, e Chiquinho, professor que se destacou na política municipal de São João das Missões. A partir da história de vida desses dois líderes, Oliveira (2008, 2009) explora a expansão do conceito de liderança entre os Xakriabá, que, segundo ele, parece sincretizar todas as figuras de autoridade para esses indígenas ao longo do tempo: como as de chefe, cacique, pajé, professor e político.

Apresentarei, a seguir, os desenvolvimentos do trabalho de Oliveira (2008) e trarei para minha análise as formas que a política xakriabá está assumindo nas articulações recentes com o movimento indígena, bem como deslocamentos da noção de território. Sendo que território é pensado aqui como novas “territorializações” que extrapolam as abordagens da política dentro e fora do território.

3.2 Líderes, famílias e as questões do território⁵⁰

Como consta em documentos e trabalhos sobre os Xakriabá, durante alguns anos, depois da primeira delimitação do território – limites presentes na carta de doação assinada pelo bandeirante e fazendeiro Januário Cardoso de Oliveira –, duas famílias se destacaram à frente da chefia do grupo: os Gomes de Oliveira e os Seixas Ferro. Como destaca Santos (1997, p.148 e 170), essas duas famílias são consideradas os dois mais tradicionais grupos de descendência do território indígena, vinculados aos *troncos antigos*, habitantes do *meizinho* da terra doada, sendo os Gomes de Oliveira originários do Brejo do Mata-Fome e Riachinho e os Seixas Ferro da Caatinguinha.

Conforme vimos no Capítulo 1, um representante da família Gomes de Oliveira é citado em um registro de terra de 1856 que simboliza a primeira *providência* tomada em defesa do território; assim como eram Gomes de Oliveira aqueles que lideraram a queima do Curral de Varas na Rancharia no final da década de 1920. Após o episódio do Curral de Varas, é o nome de Estevão Gomes de Oliveira que aparece como chefe nos relatos dos Xakriabá. Dona Arcina, mãe de Rosalino, em conversa com Santos

⁵⁰ Passo do termo terra (capítulos anteriores) para território, porque a Terra já demarcada tende a ser chamada, reconhecida como território. E território, como veremos, passou a ser um termo entendido como politicamente interessante na afirmação da TI e também na conquista de outros espaços.

(*idem*, p. 238), cita Estevão como um dos chefes que realizaram viagens em defesa da terra. Senhor Inocêncio da Aldeia Barreiro me disse que Estevão era conhecido por sua capacidade de se comunicar com a *Onça Cabocla*.

Já a família Seixas Ferro passa a ter a chefia xakriabá entre as décadas de 1930 e 1960, primeiramente com Gerônimo Seixas Ferro e depois com seu filho Pedro Seixas Ferro. Os dois aparecem nos discursos xakriabá como chefes que permitiram a entrada de pessoas de fora no Terreno dos Caboclos, diferenciando-se, porém, na maneira como gerenciavam as terras. Gerônimo foi o último chefe antes da chegada da Ruralminas e é lembrado pelos Xakriabá como líder que também conversava com a *Onça Cabocla*⁵¹ e que zelava pela boa convivência dos moradores do território em relação ao uso da terra, fossem eles *do lugar* ou *chegantes*. Já Pedro é lembrado como aquele que tirou o direito a terra de pessoas do lugar (ver relato em Santos, 1997, página 68) e se aliou às pessoas de fora, como seu genro, o posseiro Zé Caetano, que é visto como o responsável pela chegada da Ruralminas na área:

Ia chegando, né? Era tudo conhecido. Um filho do Geromão casou com uma filha do velho Gino. O Pedro casou com a Mamédia, que era filha do velho Gino. [Lucília: Como que essas pessoas de fora conseguiram um lugar aqui?]. Pedia o Geromão. Naquele tempo, todo mundo que chegava era amigo, tudo amigo. Chegava aí, se fazia um convívio bom, entrava no bolo e ia misturando. (Senhor Inocêncio, aldeia Barreiro Preto, julho de 2018).

Nesse período [chegada Ruralminas], voltando um pouco, nós tinha um cacique, o Gerônimo, chamava ele de Geromão, né? Aí ele morreu. Quando ele morreu, aí ficou um pouco sem cacique. Aí entrou um filho dele, o Pedro, Pedro de Gerônimo. O Pedro de Gerônimo era casado com uma tia minha, irmã de mãe. E aí, foi tudo bem né, só que aí teve outro por nome Zé Caetano, entrou na família, casou com a filha do finado tio Pedro. É uma pessoa muito esperta, né? E aí eu acho que ele saiu daqui, levou mais outro índio e o finado Pedro, e teve lá em Belo Horizonte. Pegou essa doação, levou lá em Belo Horizonte, eu não sei o que eles arrumou lá que aconteceu que veio a Ruralminas. Aí foi o tempo que o finado Pedro morreu também, aí depois que ele morreu veio a Ruralminas. (Senhor Valdinho, aldeia Barreiro Preto, fevereiro de 2018).

⁵¹ Segundo senhor Inocêncio, Estevão Gomes de Oliveira e Gerônimo Seixas Ferro foram simultaneamente chefes da área indígena. Provavelmente entre os anos de 1930 e 1940, tomando por base o relato feito por meu interlocutor e os dados históricos disponíveis no trabalho de Santos (1997).

De acordo com relatos colhidos por Santos (1997), outros membros da família Seixas Ferro, aproveitando-se da presença da Ruralminas no norte mineiro, teriam se envolvido no processo de grilagem que estava ocorrendo dentro do território indígena. Entre eles, José Seixas Ferro, o Santo Rico, que, do ponto de vista de Santos (*idem*, p. 149), utilizando-se desse processo, mobilizando o fato de ser parente de antigos chefes, ex-combatente de guerra e forte criador de gado, passou a exercer funções de chefia, como o controle do uso da terra. Santo Rico comprava e vendia terras na região do Brejo do Mata Fome, alegando que estava comprando “*os direitos dos meus irmãos*” para protegê-los de um fazendeiro chamado Rosalvo Fraga⁵². No entanto, há relatos que Santo Rico exercia um poder individual sobre a terra e seus moradores⁵³.

Assim sendo, a postura de Santo Rico em relação a terra e os moradores era contrária àquela que se esperava de um chefe. Como expõe Santos (*idem*), ao longo de seu trabalho, as principais funções de um chefe era de mediador de conflitos entre os moradores da área em assuntos relacionados a terra, já que a ele cabia o controle da distribuição e uso da mesma, e também o de defensor dos direitos dos herdeiros ao território doado perante qualquer ameaça à sua unidade, como, por exemplo, as ações da Ruralminas.

Em relação à reação dos moradores do território indígena no que diz respeito à postura de Santo Rico, Santos (*idem*, p.148) supõe que a procura em finais da década de 1960 por Laurindo Gomes de Oliveira, filho e neto de chefes antigos⁵⁴, deu-se com o objetivo de garantir a manutenção do direito coletivo ao território por um membro dos Gomes Oliveira - conhecidos pelas viagens de providência feitas em defesa da terra -, o que recolocaria essa família no centro dos acontecimentos políticos. Sobre essa procura, senhor Laurindo me concedeu o seguinte relato:

Aí vai, um pagava, outro não pagava [a Ruralminas]. Aí vai nessa briga, moço. Eu tava aí no meio, mas não tinha nada pra mim dizer. E aí, um dia chegou um moço aqui da Prata. Eu nem tava pensando, tava no serviço lá onde eu morava. Ele chegou assim num mês de janeiro e falou pra mim assim: “Ô Laurindo, ô Laurindo! O quê que você diga dessa Ruralminas que tá aí tomando, desagalhando a gente, botando pra ir morar no ar que nem urubu, moço. O quê que você

⁵² Ver depoimento de José de Seixas Ferro a Luíza do Valle (1973) em Santos (1997, p. 147).

⁵³ Ver depoimento de Estevão Gomes de Oliveira a Luíza do Valle (1973) em Santos (p.149).

⁵⁴ Senhor Laurindo Gomes de Oliveira é neto de Germano Gomes de Oliveira e filho de Augusto Gomes de Oliveira, que desapareceram logo depois da queima do Curral de Varas.

diga? ”. Eu disse, moço, eu não tenho nada a dizer porque eu não sei por onde eu entro nem por onde eu saio. Mas uma coisa eu vou dizer, meu direito que tem aqui - que era o brejinho né -, esse meu direitinho aqui, vocês pode preparar pra mim enterrar aí que eu não dou, nem vendo e nem saio daqui não. Só vou pra debaixo do chão. Aí o João falou assim: “Ô moço, não é assim não moço, o negócio que lei é lei, tem quem não pode com a lei não. Eles tão com a lei e nós num tem lei. E vim aqui porque eu pensei, assim lá no meu pensamento, a pessoa que eu encontrei no meu pensamento que podia tomar uma providência é você. Você é uma pessoa que tem mais expedição pra andar assim, e você pode dar uma volta pra ver como fica esse trem, mano”. Aí eu disse: Ô João, você já viu quem não tem pé dá coice? Como é que dá coice? Porque eu não tinha dinheiro, né? Aí eu falei que não tem pé dá coice. Aí ele entendeu e falou: “Não, por isso você num imagina não. Eu quero que você fala se você vai, se eu te der o dinheiro na mão se você vai caçar”. Eu disse: Eu não podia falar não, mas eu vou falar e eu falando quero sustentar. No dia que eu botar o dinheiro na mão, nesse dia aí que acha o que não acha, eu vou mesmo sair aí não sei para onde que eu vou. “Pois é, era isso que eu queria saber. Você num pensa no dinheiro, pode deixar por minha conta. Eu vou combinar com o povo aí, fazer a taxa aí, tal tal. Você pode cuidar do seu serviço e num preocupar, o seu é a viagem”. (Laurindo Gomes de Oliveira, aldeia Olho D’ Águão, agosto de 2018).

Foi nesse novo movimento de *providências* em defesa do território que aparece a figura de Manoel Gomes de Oliveira, conhecido como Rodrigo ou Rodrigão, na história da *luta* xakriabá pela terra. Conforme me relatou senhor Laurindo, Rodrigão, ao saber de suas intenções de viajar para defender a terra, chamou-o em sua casa na aldeia Barreiro Preto para conversar e se prontificar a fazer a viagem juntamente com ele. No entanto, por terem conseguido recolher pouco dinheiro para a realização da viagem, Laurindo e Rodrigo conversaram e decidiram que quem sairia para tomar as providências seria o segundo.

Feita essa viagem e outras mais, algumas realizadas inclusive na companhia de Laurindo, Rodrigo começou a ser visto como o representante dos moradores do Terreno dos Caboclos pela Funai, que iniciara seus trabalhos na área no final dos anos de 1960. A proximidade da Funai, que chegou a contratá-lo como funcionário, e por ter a confiança da maioria dos moradores do território, levaria Rodrigo a ser eleito em 1974 o primeiro cacique do então oficialmente reconhecido povo indígena Xakriabá⁵⁵. Rodrigão estabeleceu hierarquia no sistema político índio, que passou a ser composto

⁵⁵ Para mais informações sobre a aproximação da Funai das questões xakriabá sobre o reconhecimento étnico do grupo e sobre a eleição de Rodrigão como cacique, ver Santos (1997), capítulos 3, 4 e 5.

pelo cacique geral, por um vice-cacique e os representantes locais. Ele constituiu também um conselho de representantes que se reunia quinzenalmente em aldeias consideradas centros microrregionais do território indígena (OLIVEIRA, 2008, p. 46).

De acordo com relatos dos Xakriabá com que conversei e com narrativas que constam em outros trabalhos sobre esses indígenas, Rodrigo foi um cacique que despertou admiração e críticas dos membros do grupo. Nos relatos que ouvi, destacam-se seus esforços para conseguir apoio financeiro para as *providências*, os deslocamentos que fazia do território até a cidade de Montalvânia ou Januária, a pé ou a cavalo, pela madrugada, para não ser pego pelos grileiros. E também sua honestidade e espírito coletivo quando, por diversas vezes, recusou ofertas financeiras para desistir da *luta pela terra* e sua preocupação em manter dentro do território as famílias que se consideravam indígenas e estavam sendo expulsas pelos invasores.

Nesse processo de *luta*, outros feitos de Rodrigo que ganham ênfase nos discursos xakriabá foram sua iniciativa de retomar os grupos de *Toré* e a fundação da primeira Associação Indígena dentro do território. Como me disse senhor Valdinho, no período de reconhecimento da terra, *“foi ele quem desenterrou os instrumentos da religião, que desenterrou a cultura. Se hoje a gente pode praticar e mostrar algumas coisa da nossa cultura sem medo, agradeça a ele”*. Já em um momento pós-luta pela terra, em que os Xakriabá tiveram que pensar iniciativas para manter-se no território e viver de atividades realizadas na Terra Indígena, *“Rodrigo fundou a Associação do Brejo [Associação Indígena Xakriabá], o que uniu mais as aldeias, e nós passou a trabalhar mais junto”* (Vadinho, aldeia Barreiro Preto, junho de 2018).

Por outro lado, existem narrativas que denunciam uma postura autoritária de Rodrigo que gerava tensões internas. Senhor Valdinho, em entrevista à pesquisadora Suzana Escobar, fala sobre a tentativa de Rodrigo de impedir uma missa realizada na aldeia Sapé alguns dias após a morte de Rosalino, organizada por integrantes do Cimi e apoiada por um grupo de Xakriabá que ficaram conhecidos como os *acompanhantes do Cimi*:

Então o que que acontece, o representante daqui, nosso aqui... não era eu, aí ele convidou todos nós pra participar de uma missa lá no Sapé que era o sétimo dia... acho que era o sétimo dia, não tô lembrando bem... então nós saímos daqui, era a base de umas duzentas pessoas, enquanto eles lá criaram um grupo pra num aceitar o Cimi entrar. Já tava um problema sério. Chegamos lá, o Rodrigo tinha reunido um grupo pra num aceitar entrar. Então, quer dizer, foi

um grupo querendo entrar, valorizando o Cimi e outro grupo valorizando a Funai, o cacique, né? (...).

Eu, quando cheguei lá no grupo, que eu saí e cheguei no grupo, aí eu vi assim pessoas, amigos meus, nós tinha tido junto na luta, coisa e tal, contra. Eu falei: — Ué, esses aí tudo era amigo da gente e aí agora virou todo mundo um contra o outro? O que é isso mesmo? Esse trabalho tá muito desorganizado. Sabe o que que eu vou fazer? Eu num fui convidado pra brigar, eu fui convidado pra assistir uma missa. Então, já que tem gente aqui pronta pra brigar, eu vou ficar quieto; num vou embora, mas também num vou ajudar em nada, vou ficar só olhando.(...) Mas aí, quando passou, que eles entraram, depois de muito debate, já era uma e pouca da tarde... e aí, naquela conversa, foi na hora que eu falei assim: — Mas, Rodrigão, eu acho assim, tô vendo aqui pessoas velhas, mulher gestante, criança, todo mundo junto aqui esperando por uma decisão e aí o senhor é... é... tá dando duro pra que essas pessoas num entra, mas eu acho que também a gente num tem que ter a palavra de rei. Por que que o senhor num libera pra esse povo entrar, celebrar a missa e o senhor tomar providência pra nunca mais acontecer uma coisa dessa? Aí eu parei por ali, né? Aí... depois, entraram né? (Senhor Valdinho, aldeia Barreiro Preto, apud Escobar, 2012, p.52).

Como explica Escobar (*idem*, p. 51), não se deve tomar esse episódio como uma simples oposição de Rodrigo (Funai) ao Cimi e seus apoiadores, mas como um cenário onde se destacam dois grupos políticos internos que, valendo-se de suas relações com instituições externas ao povo, desejavam colocar em prática suas estratégias para fazer valer seus interesses. Assim sendo, enquanto Rodrigo, apoiado pela Funai, fundou a Associação Indígena, um grupo formado por moradores das aldeias Itapicuru, Santa Cruz e São Domingos, orientados pelo Cimi, fundou o que foi denominado “grupos de roça”. Tal iniciativa do grupo conhecido como os “acompanhantes do Cimi” deveu-se ao fato de estes se sentirem prejudicados nas ações que envolviam a Funai. Alessandro Oliveira (2008) apresenta o relato de um morador da aldeia São Domingos à Assembleia Legislativa de Minas Gerais, em que este denuncia sua insatisfação com o trabalho da Funai na T.I., pois Rodrigo apenas beneficiava seus aliados com as poucas sementes que o governo fornecia para o povo e que tal grupo perseguia e ameaçava seus desafetos:

O nosso cacique só fala em colocar a gente pra fora. Eu já estou até com vontade de ir para um lugar bem longe aonde não existe um cacique funcionário da Funai – FUNERÁRIA NACIONAL DO ÍNDIO. Eu digo isso porque aqui os índios morrem sem ao menos ver o médico e um dos enfermeiros aqui só presta pra namorar. Portanto, eu vos digo, aí ser difícil a gente viver num lugar onde o homem tem

como Deus o Satanás. Um irmão bater no outro ou até mesmo matar o seu próprio sangue. Vocês sabem bem como a gente sofre aqui. Porque a Funai só manda fazer as coisas quando o tempo não dá mais. Eles só mandam sementes poucas e as mesmas só é distribuída para o bando do cacique Rodrigo. Será que a justiça não vê uma coisa dessa? (Ano: 12. Gilmar Luiz de Oliveira, aldeia São Domingos, apud Oliveira, 2008, p.47).

Rodrigo liderou os Xakriabá até seu falecimento em abril de 2003. No processo de sucessão do cacicado, ganharam destaque novamente os dois grupos políticos que disputavam poder na T.I., os aliados a Rodrigão e os “acompanhantes do Cimi”. Um grupo lançou como candidato a cacique Zé de Rodrigo, filho de Rodrigão, e o outro, Domingo Nunes de Oliveira, filho de Rosalino e sobrinho de Rodrigão, ambos, portanto, integrantes da família Gomes de Oliveira⁵⁶.

Após a desistência de Zé de Rodrigo de disputar as eleições, Domingos foi nomeado cacique xakriabá em 2004, durante assembleia realizada na aldeia Brejo do Mata Fome. Como relatou o representante da aldeia Itapicuru, senhor José Fiúza, ao pesquisador Alessandro Oliveira (2008), a grande preocupação das lideranças era em relação à postura do novo cacique sobre a divisão do poder com os líderes de cada comunidade e a relação que ele pensava em estabelecer com a política não indígena:

*Nós perguntamos pra ele: como é que vai ser a sua autoridade? Ele disse: “a minha autoridade vai ser junto com vocês, eu não tenho nenhum poder, o meu poder é dividido com cada um de vocês”. Você vai ser político ou não? – “Não, eu quero ser cacique de vocês, não da Funai e nem da Prefeitura”. E assim nós criamos o novo cacique. (José Fiúza, aldeia Itapicuru, 2004 apud Oliveira, *idem*, p.51).*

Intrínseca aos questionamentos feitos a Domingos percebe-se uma leitura das lideranças do quadro político em que os Xakriabá estavam imersos e a quais pontos desse quadro deveriam se atentar para conduzir a vida política da forma mais

⁵⁶ Oliveira (*idem*, p. 52) chama a atenção para o fato de a filiação ou descendência não ter operado como princípios fundamentais desse processo de escolha do novo cacique, como ocorrera durante toda a história política dos Xakriabá. A descendência serviu apenas como primeiro passo dessa nova eleição ao cacicado. O que se destacou nesse processo sucessório foi o papel das alianças na produção e atualização de afinidades sociopolíticas. Desse modo, a família Gomes de Oliveira viu-se composta por dois grupos com ideologias políticas diferentes. Um grupo era liderado por Anália Gomes de Oliveira, madrinha do *Toré*, que estava apoiando Zé de Rodrigo. O outro grupo era liderado pelos tios maternos de Domingos, Zé Fiúza e Rosalvo Fiúza, aliados de Rosalino, que, no decorrer dos anos 1980, ficaram conhecidos como os *acompanhantes do Cimi*.

democrática e organizada possível, tanto dentro quanto fora da T.I. Como me disse senhor Valdinho:

A gente tava num momento da nossa história que a gente tinha nossos primeiros professores formados, é essa turma que Chiquinho estudou. Não tinha necessidade de Domingos ficar sobrecarregado com duas função. Ser político e ser cacique não é fácil não, moça. Cê tem que medir bem as coisas, se não cê se perde. Confunde tudo. Não faz bem uma, nem a outra. E aí quem sai prejudicado é que confiou em você, o povo. Aí vêm os conflitos e isso prejudica nossa união interna. E a gente não queria desunião, a gente queria era fortalecer lá fora para fortalecer aqui dentro (Senhor Valdinho, aldeia Barreiro Preto, junho de 2018).

Nesse processo e esforço de fortalecimento da *união* interna mencionado por senhor Valdinho, ganharam destaque na vida política xakriabá profissionais formados na primeira turma de professores indígenas de Minas Gerais, bem como outros licenciados que os sucederam. Adiante mencionarei o movimento de construção das lideranças professores e a inserção dos Xakriabá na política municipal da cidade de São João das Missões. As professoras e professores donos de uma boa oratória e de uma boa escrita passaram a ser reconhecidos em suas comunidades como sublideranças que auxiliam a liderança local em atividades desenvolvidas dentro e fora da aldeia. Dentro da aldeia, suas responsabilidades estão relacionadas, geralmente, à elaboração e execução de projetos⁵⁷; fora da aldeia, professores representam os Xakriabá em movimentos indígenas no Brasil e no exterior, ocupam cargos na Secretaria de Educação Estadual e, no caso de Célia, que é assessora de uma deputada federal.

Antes de iniciar o próximo tópico, é importante observar aqui que, a despeito da *união* tão buscada pelos Xakriabá, a construção das lideranças teve no cerne a questão da terra, e que a *luta*, ao mesmo tempo que produziu *união*, também intensificou cisões que mesclam rivalidades entre famílias e alianças dessas famílias com instituições ou organizações que atuam nas aldeias. Tais conflitos, que nasceram na oposição entre parentelas antes da demarcação, perpetuaram-se na T.I. em torno da distribuição de cargos, recursos de projetos, ocupação de cargos na política municipal, etc.

⁵⁷ Para obter informações detalhadas sobre a participação de professores xakriabá na elaboração e execução de projetos em suas comunidades, ver Escobar (2012).

3.3 Movimento dos professores, política municipal e outras articulações

Conforme comentei anteriormente, as transformações políticas experienciadas pelos Xakriabá desde a homologação de sua T.I. em 1987 foram objeto da pesquisa de mestrado de Alessandro Roberto de Oliveira (2008). Um dos focos do autor, em sua dissertação, é a articulação de um grupo de professores e de lideranças xakriabá para ocuparem lugares no poder executivo e legislativo da cidade de São João das Missões.

Na busca pela realização de seus propósitos, esses professores fundaram o Partido dos Trabalhadores no município no ano de 2003 e lançaram como candidato a prefeito nas eleições de 2004 José Nunes de Oliveira, filho de Rosalino Gomes. Duas coligações foram inscritas para as eleições desse ano: “Avança Missões!”, constituída numa coligação PT-PSC, tendo como candidatos Zé Nunes de Oliveira (prefeito) e vice, o não índio Zé Biriba; e a “Novo Tempo”, que indicou como candidato a prefeito Eusvando Ferreira Filho e, como vice, o indígena Zé de Rodrigo, ambos do PDT, partido fundado pelo falecido cacique Rodrigão e pelo qual fora vice-prefeito de São João das Missões, entre 1997 e 2003 (*IDEM*, p.99). Segundo senhor Valdinho, antes da emancipação de São João das Missões em 1996, Rodrigão havia sido vereador no município de Itacarambi.

Com um discurso que iria governar tanto para indígenas quanto para não indígenas, José Nunes foi eleito prefeito e cinco vereadores indígenas conquistaram vaga para a Câmara Municipal, todos pelo PT. Os vereadores indígenas eleitos foram: Domingos Gonçalves de Alkimim (aldeia Sumaré), Antônio de Araújo Santana (aldeia Brejo do Mata Fome), Jonesvan Pereira Oliveira (aldeia Riacho dos Buritis), Evanete Evangelista da Silva (Rancharia), Jeusani Pinheiro Santa (aldeia São Domingos). Na distribuição de cargos estratégicos ou de confiança, Zé Nunes nomeou os professores indígenas Marcelo como Secretário de Políticas Públicas, Edvaldo como Secretário de Saúde, Chiquinho como Secretário de Educação e, no final de 2006, o cacique Domingos assumiu a recém-criada Secretaria de Assuntos Indígenas, formulada como uma maneira de atender as muitas cobranças dos eleitores indígenas (*IDEM*, p.106).

Tomando por base a trajetória de vida de Chiquinho Xakriabá, Oliveira (*idem*, p.74) analisa essa inserção dos professores xakriabá na arena da política municipal como um processo de “indigenização da política”. De acordo com o autor, esse processo pode ser visto como um dos desdobramentos da implementação da Educação

Indígena entre os Xakriabá, que contribui para a formação de uma “intelligentsia nativa”, “um novo tipo de brokers”, firmando-se no campo político interno como lideranças seja através do trabalho de *levantamento da cultura* dentro da T.I., seja protagonizando o fortalecimento da participação xakriabá no cenário político municipal e por terem voz ativa nas reuniões junto a instituições governamentais.

Ao longo da dissertação, o pesquisador apresenta algumas perspectivas xakriabá sobre esse protagonismo na política fora de seu território. Com base nos relatos de Chiquinho Xakriabá, secretário de educação na cidade de São João das Missões, Oliveira (*idem*, p.111) observa a tensão de líderes indígenas quando ocupam simultaneamente posições em organizações indígenas e órgãos públicos. Tanto em reuniões com os próprios Xakriabá, quanto em eventos no Ministério da Educação com representantes do governo, Chiquinho percebeu que sua condição de secretário de educação municipal tendia a se sobrepor ao fato de ele ser Xakriabá. Nesse sentido, o autor relata uma reunião de que participou no Brejo do Mata Fome no ano de 2007, em que Chiquinho, enquanto representante da prefeitura, apresentou uma proposta de municipalização da educação indígena que foi questionada por alguns Xakriabá:

“Presente na reunião, Emílio foi logo observando que mais uma vez estariam desrespeitando a questão da diferença cultural indígena e se disse preocupado com o futuro da prefeitura. Preocupação que foi corroborada pelos outros professores indígenas presentes no evento. Zé dos Reis, sobrinho de Emílio e atual diretor da escola Bukimuju, questionou: *E quando vier outro grupo? Um grupo adversário da reserva indígena?*

Na sequência Cleusa, outra professora indígena emendou: *É preciso levar a questão da responsabilidade da educação infantil do Estado para o município, pra comunidade. Antes os indígenas foram muito humilhados na outra administração. Agora Zé Nunes tá lá, e amanhã?*

Não se trata de trazer uma armadilha pra comunidade. Afirmou Chiquinho de volta.

Diante do debate, Chiquinho disse que ia passar a intervir na discussão como *professor indígena*. Como representante da organização indígena, Chiquinho compartilhou seu desânimo com o Estado. Para ele, o programa da Educação Indígena está acabando. A proposta é estruturar o município para gerir a educação dentro da T.I. de forma que ela não possa ser alterada futuramente, quando nem Zé Nunes nem os professores indígenas estiverem mais no poder.

(...) Nesse sentido, Chiquinho defendeu a ideia de que passar a responsabilidade da educação indígena para o município poderia ser uma marca da passagem indígena no governo local e aproveitou para rebater as críticas de Emílio à sobreposição do interesse da prefeitura em aplicar recursos e o futuro dos índios: *Se virem a gente como inimigo, as coisas não funcionam. Tem que ter colaboração e entendimento entre as partes.*

O clima da reunião ficou tenso. Hilário, presidente de uma das associações mais ativas entre os Xakriabá, a associação indígena da aldeia Barreiro Preto, interveio para apaziguar com a ideia

de que os Xakriabá têm um conceito de luta e de espírito comunitário. Relatou sua experiência no movimento e, nesse momento, fez uma observação capital: *Às vezes, quando você fica dentro e lá fora, os parentes aqui dentro não entendem bem.*” (IDEM, p. 118 e 119).

O fragmento acima, além de apresentar o dilema de um líder indígena que ocupa diferentes posições no movimento indígena e órgãos públicos, deixa transparecer também, como salienta Oliveira (*idem*, p.120), a relação da prática de políticos indígenas e o que é entendido como uma política indígena. Nesse sentido, além do exemplo de Chiquinho, o autor relata sobre conversas que teve com o pai deste, o senhor Valdinho, que foi liderança da aldeia Barreiro Preto durante 30 anos, foi vereador indígena pelo Partido dos Trabalhadores (PT) e presidente das Associações Indígenas da aldeia Brejo do Mata Fome e da Aldeia Barreiro. Sobre assumir cargos na política partidária e na política indígena interna, senhor Valdinho diz o seguinte:

*Sempre eu gosto de visar isso. Teve uma vez que eu era representante da comunidade, presidente da associação e era vereador. Ai tinha que separar cada texto de cada trabalho, que um da diferença do outro. Então quando eu ia falar de política, eu falava aquilo, quando eu ia falar de associação, falava aquilo. Quando eu falava de representante e comunidade, eu falava outra coisa. Então eu separava tudo. Eu não misturava essas coisas porque eu sabia que eu tinha que ter essa visão, porque tem coisas que **imita**, mas não é. Você ser presidente da associação tem a diferença de representante da comunidade, só que imita, porque você tem que trabalhar junto com a associação. A visão do representante da comunidade, muitas vezes, bate com o trabalho do presidente da associação, outras vezes não bate. Vereador se está dentro da política algumas coisas batem, outras não batem. Então, três posições, se você não separar...
É o que já falei. Domingos não pode envolver na política, se ele não separar. Não é porque o irmão é prefeito que ele pode pensar assim, misturar o problema da política com os problemas internos. Se você misturar muito as coisas começam a atrapalhar a luta. (Senhor Valdinho, aldeia Barreiro, 2007, *apud* Oliveira, p.123).*

No período que fiz meu trabalho de campo, senhor Valdinho, por algumas vezes, expressou-me os pontos positivos e negativos da entrada dos Xakriabá na política partidária:

Aqui nos Xakriabá, a gente vê a política partidária como uma parceira. A gente acha assim, a política partidária aqui junto com a organização interna, se uma respeita a outra, é muito bom ela caminhar junto. Porque a política partidária, ela, hoje é difícil alguma coisa que não sai do meio dela. Então a gente sabe que a

escola, sabe que a saúde, todos os envolvimento da parte social tá na política partidária.

Eu hoje vejo a política aqui como comercial, vereador, né? Eu falo assim. Gente, a gente não pode aqui em nós ser igual lá fora. Nós num pode colocar um político que não participa de uma reunião, não participa de nenhum trabalho voluntário na comunidade, e a pessoa nasceu e criou aqui. Você nunca viu ele fazer nada pela comunidade, mas quando chega ocasião de política, ele traga um deputado, ele muitas vezes aparece como candidato, e a gente não avalia o perfil dessa pessoa. Como é a vivência dele na casa. Então eu acho que a gente precisa ver isso. Porque a gente tem colocado algumas pessoa que só vai pelo dinheiro. Ah vereador ganha tanto, então eu quero ser candidato! Tá visando o dinheiro, num tá visando a necessidade do povo. (Senhor Valdinho, aldeia Barreiro, fevereiro de 2018).

Fato é que, como também observou Oliveira (*idem*, 122), a hegemonia xakriabá na política local inspirou novos indígenas a tornarem-se políticos. Em 2016, ano que iniciei minha pesquisa entre os Xakriabá, pela primeira vez, dois indígenas se candidataram a prefeito⁵⁸. Zé Nunes (PT) foi eleito com 53.11% dos votos, enquanto Jair Cavalcante (PSD), diretor da escola da aldeia Riacho do Brejo, atingiu os 46.8%⁵⁹. Em 2020, Zé Nunes (PT) e Jair (Republicanos) se candidataram novamente à prefeitura de São João das Missões, sendo o segundo eleito. Na aldeia Barreiro, onde residi no ano de 2016, três Xakriabá tinham se candidatado a vereador e dois foram eleitos. Em 2020, além de um dos eleitos em 2016, mais dois indígenas moradores da Barreiro se candidataram, entre eles, uma mulher.

O histórico de participação dos Xakriabá na política partidária municipal mostra que, desde o início dos anos 2000, ocorreu uma divisão entre os indígenas. Oliveira (2008, p. 94) chama a atenção para a resistência de Rodrigão para a fundação do PT no município pelos professores indígenas, em virtude, principalmente, de sua aliança política com o prefeito da época, o Correinha, não indígena, que, com o passar do tempo no poder executivo de Missões, tornou-se um desafeto político de algumas lideranças. Sobre essa divisão dos Xakriabá na política municipal, senhor Valdinho diz o seguinte:

O Correinha entrou e o compadre Rodrigue junto, aí juntou nós tudo e ponhemo lá. Ponhemo no primeiro mandato, ponhemo no segundo, mas, no segundo mandato, ele achava que esse povo aqui tanto faz

⁵⁸ Zé Nunes (PT) se candidatou em 2004 e 2008; Marcelo Pereira (PT) em 2012; e Zé Nunes (PT) em 2016. Em todas essas ocasiões, os candidatos Xakriabá foram eleitos.

⁵⁹ De acordo com o site: www.todapolitica.com/eleicoes-2016/candidatos-sao-joao-das-missoes-mg/

como tanto fez ia acompanhar ele do mesmo jeito. Num precisava preocupar com esse povo aqui, é tanto que no segundo mandato o investimento dele aqui foi muito pouco, demais, num investiu trinta por cento. E aí ele pensou assim tanto fazia tá junto como num tá. Eu sei que aí foi quando criou o partido do PT e aí ele foi contra a criação do partido. Porque quem queria ser de frente era ele. Aí, o próprio Paulo Guedes ajuntou mais ele e aí só naquela criação do PT já criou uma divisão. E aí foi quando Zé Nunes foi candidato a prefeito, pelo partido do PT, e Correinha já tava fora, já não tava junto. Aí ele virou oposição e o Zé de Rodrigue junto, como o pai dele, a família tudo junto. E até hoje eles tão junto assim. Hoje já começou fazer um pouco de trazer alguns deles, porque a irmã de Zé, hoje já era diretora da escola, ali do Brejo [Aldeia Brejo do Mata Fome]. Já foi pohnado por Domingos. Então já começou trazer alguém deles. Mas aí eles pensando assim que Correinha não podia entrar mais, aí que escolheu um daqui, que é Jair. Jair com influência de ser prefeito pegou entrou sem combinar com as lideranças. E aí que criou essa oposição (IDEM).

É possível observar, portanto, que a política partidária parece replicar as divisões de parentela que mencionei anteriormente, além de distribuir mais o poder nas e entre as aldeias, como aponta senhor Valdinho, nessa mesma conversa de fevereiro de 2018, em que ele frisa que, “*saindo daqui do Barreiro, Caatinginha até Riacho dos Buritis, nós não tem um vereador*”, não mencionando o vereador da oposição que fora eleito na Barreiro Preto.

A entrada e o estabelecimento dos Xakriabá na política municipal têm sido fonte de inspiração para outros povos tradicionais do norte mineiro, que são parceiros dos Xakriabá na Articulação Rosalino Gomes de Povos Tradicionais.

O nosso trabalho é na base, com a valorização do povo tradicional. Se descobrimos que somos povo tradicional, temos a força do nosso direito. O índio se fortalece por ser índio. Ele defende a sua reserva. Ele percebeu que precisa ser respeitado no município. Foi lá e tomou o município. Hoje são eles quem faz, e eles administram para os índios e para os não índios. Nós temos que nos organizar melhor. Com a educação, com a política, com a segurança alimentar, com a produção de alimentos, com a defesa do território. Organizar por sermos um povo que tem uma identidade própria. Garantir os direitos da OIT vai depender de uma luta de base, na assembleia, em Brasília. Conseguimos nessa última eleição eleger alguns deputados que vão defender o nosso direito em Brasília. Padre João é um deles. Ele é um deputado que enfrenta. Então o nosso desafio é organizar na base e no campo político (Eliseu, liderança geraizeira, apud Dayrell, 2019, p.122).

A tese de Carlos Dayrell (2019) nos traz informações sobre a participação dos Xakriabá no âmbito das atividades da Articulação Rosalino Gomes de Povos e Comunidades Tradicionais, que é composta por indígenas Xakriabá e Tuxá, vazanteiros, veredeiros, geraizeiros, quilombolas, apanhadores de flores e caatingueiros. Essa Articulação, como bem mostra o autor, é mais um desdobramento da mobilização iniciada na ECO 92 em defesa do bioma cerrado, momento em que foi aprovado o Tratado dos Cerrados e a Rede Cerrado⁶⁰. Nesse evento, estava presente o Grupo de Estudos e Ação Ambiental de Montes Claros, sendo que um dos seus membros, o geraizeiro Braulino, tornar-se-ia em 2003 um dos membros da coordenação executiva da Rede Cerrado, acontecimento que trouxe uma série de implicações positivas para a organização e mobilização dos povos e comunidades tradicionais do norte de Minas. Braulino providenciou a participação de representantes desses povos em eventos e reuniões para se discutir a Política Nacional de Desenvolvimento de Povos e Comunidades Tradicionais, mobilização esta que deu origem à Comissão Regional de Povos e Comunidades Tradicionais. Para integrar essa comissão, Braulino convidou Célia Xakriabá, indígena que geralmente participava dos encontros dos povos e comunidades do cerrado e que foi a primeira *antena* do povo Xakriabá na Comissão Regional⁶¹.

Com o passar do tempo e a consolidação do movimento de Povos e Comunidades Tradicionais do norte mineiro, o formato de Comissão passou a não atender mais às demandas e possibilidades no avanço das lutas por direitos e por reconhecimento desses coletivos. Desse modo, em um encontro realizado entre os dias 18 e 20 de agosto de 2011, após membros dessas comunidades debaterem sobre questões como identidades, as lutas e enfrentamentos que estavam em andamento e a construção de uma educação étnica na região, foi iniciado o desenvolvimento de uma

⁶⁰ Para saber mais sobre essa organização que trabalha em defesa da conservação do Cerrado e dos seus povos, acesse <https://redecerrado.org.br>

⁶¹ Antena, como explica Dayrell (*idem*, p. 119 e 120), é “aquela pessoa daquele grupo étnico que ficaria com a responsabilidade de ir participando ativamente das conversas na Comissão Regional e com a incumbência de repassar para os demais. Ou seja, era uma *antena* como a de um rádio, um dispositivo que transforma a onda eletromagnética guiada pela linha de transmissão em ondas eletromagnéticas irradiadas, primordial em qualquer comunicação realizada por radiofrequência. Antenas como um ponto localizado em uma comunidade tradicional da rede de interações, de informações, acionando a articulação e mobilização de cada comunidade e de cada Povo para se conectar na rede social que objetivou desde o início ter incidência regional e que posteriormente passou a ter alcance nacional e até internacional”.

ideia que já circulava entre os membros da Comissão Regional, que era de estruturá-la em forma de uma Articulação (*IDEM*, p. 124). Sobre a escolha do nome dessa Articulação, Hilário⁶², pai de Célia e atual *antena* dos Xakriabá na AR, relatou-me o seguinte:

E aí foi falando, mas essa articulação sem nome! Foi de onde surgiu a ideia de dar um nome à articulação. E como em 2011, nós vinha conversando muito dentro do CAA, né? E aí o próprio Braulino dando a ideia, vamos então criar um momento específico pra criação, pra sair um nome aí pra essa articulação. E nesse momento quem tava participando nesse momento era Célia, minha filha. E eu tava daqui, da aldeia com outros afazeres e ela me comunicou. Olha, vai ainda para votação ainda esses dias, amanhã ou depois, um nome para a articulação, e já apareceu vários nomes aqui de guerreiros que foi tombado e lutando pelo direito, tem muitos mártires que passou por um histórico de lutas veio a tornar mártires e que tá aí a disposição para ser um nome dessa articulação. Aí o pessoal daqui também cobrou da gente a possibilidade de um nome Xakriabá também pra ser apresentado, contar um pouco da história da pessoa e apresentar-se também, para concorrer também. Aí ela me fez uma breve consulta do que poderia fazer, pra ver com Domingos cacique e tal, o próprio Zé Nunes, que a gente tinha mais o contato, pra ver se a família, claro a articulação não é do Xakriabá, não é específica de uma família, mas tá trazendo o nome de uma pessoa que tá ali dentro de uma família que tá mais próxima. Eu disse: 'Não, eu vou tentar ver isso. De antemão eu acho tranquilo'. E fui conversar com o Domingos, com o próprio Zé Nunes, pedindo uma resposta rápida. Foi aonde eles reportaram pra gente que seria bem visto colocar o nome de uma pessoa que foi, que foi essa pessoa do Rosalino, uma vez da família, mas pra representar não só o povo Xakriabá, mas todas as comunidades tradicionais e que pudesse trocar pra frente a ideia, pudesse colocar o nome lá à disposição. Aí colocou o nome lá à disposição e cada um falava, quando foi no dia, cada um falava daquele nome e falava do histórico de luta daquela pessoa e tal. Aí Célia também falou da questão do Rosalino e falou do histórico de luta e cada povo foi fazer a avaliação. Na hora da avaliação lá, eu não sei se quase ou por unanimidade foi aceita Rosalino para dar esse nome à Articulação e daí foi batizada, Articulação Rosalino Gomes de Povos e Comunidades Tradicionais. (Hilário, aldeia Barreiro Preto, agosto de 2018).

O principal propósito da AR, conforme me disse Hilário, é conhecer e unificar as lutas dos povos e comunidades que a compõem, estabelecendo assim um diálogo entre eles, a partir do qual possam ver maneiras de enfrentar o inimigo que possuem em comum:

⁶² Hilário foi secretário de cultura de São João das Missões do ano de 2017 a 2020. Foi eleito vereador pelo PT nesse mesmo município no ano de 2008.

No geral, a articulação é essa, é esse propósito de unificar as nossas lutas. Unificar ela para esse enfrentamento diverso que a gente tá tendo aí hoje. Uma vez que os povos, os povos indígenas, já se articulavam, desde os nossos ancestrais, e já se articulava para esse enfrentamento. Mas chega num momento que esse conflito se tornou mais acirrado, por quê? Porque a elite, as bancadas, chamadas de BBB [risos], e que eles usam um artifício sempre costumeiro, desde as primeiras lutas, que é de pôr as pessoas para conflitar entre si. Enquanto isso eles ganha força e nós vamos perdendo. Isso é estratégia que eles têm. A Articulação Rosalino veio pra gente dialogar. Tem quilombolas aqui e vazanteiros que margeia aqui no Rio São Francisco. Xakriabá por direito tem que chegar até lá, é a nossa demanda. A gente vai chegar lá conflituano, brigando com eles? Não, nós vamos dialogar. Quem é o direito de cada um, até onde nós pode chegar, conciliar um entendimento antes do fazendeiro chegue e joga contra. Então a Articulação tem esse papel de chamar pro diálogo, pra escuta, quem é, conhecer a luta de cada um. Nós tem um inimigo em comum na verdade. Nós não somos inimigos, nós temos um inimigo em comum. Esse é um dos objetivos da Articulação. (IDEM).

Sobre esses artificios sempre costumeiros dos fazendeiros do qual Hilário se refere, ele me narrou a seguinte situação que os Xakriabá tiveram que enfrentar e esclarecer junto aos vazanteiros da cidade de Itacarambi:

Mas eu me lembro muito de um que tinha muito jovem também nesse momento, a juventude. E onde a gente falava sobre o processo, o histórico de enfrentamento que nós tinha com a cidade vizinha. Itacarambi se tornou inimiga número um da questão desse processo de luta dos Xakriabá por ter incentivado a morte do povo Xakriabá, pelo administrador da época, que levou a causa morte desses mártires. E aí nesse momento algumas lideranças abordou isso, porque, mais uma vez, as pessoas grandes, os interessados pra gente entrar em conflito, usou o termo, criou uma associação rapidinho, chamava APROVI, Associação dos Povos do Vale do Rio Itacarambi, pra bater contra a gente. Aí falava os moradores do vale do Rio Itacarambi, associou rapidinho, eles convenceram até pessoas que tinha interesse de tá com a gente lutando pelos direito. Aí já fez essa associação e fez em nome dessa APROVI e soltou um panfleto: Fora Funai! Cê viu falar no Fora Funai? Na fora Funai, é porque eles usa o termo Funai, mas tá falando, Fora Xakriabá! Eles usa o termo Funai pra parecer que eles tão batendo na instituição, né? Aí quando foi nessas oficinas lá, a gente já tava na retomada, esses panfletos já tinha saído, a gente já tinha rebatido também. E tinha vazanteiro desse Rio Itacarambi e que a liderança começou a bater: 'Itacarambi, não sei o que ...'. Aí um jovem levantou e pediu licença da palavra e falou com essa palavra. Que desculpasse ele interferir daquela forma, mas era pura verdade que Itacarambi ganha o nome de tá contra, Itacarambi é inimigo, Itacarambi é problema, mas as informações primeiro que chega é aquela que fica, que é, chega pessoas lá falando que nós somos inimigos deles. E as primeiras pessoas que escuta isso

acaba já essa coisa aumentando, comentando e vai espalhando. Mas tem pessoas que tá assim por falta de informação e ele era uma delas. O senhor é uma delas, antes dessas informações e tudo chegar pra mim, eu pensava diferente, eu pensava assim, mas agora não, eu penso diferente. E eu penso também pra vocês ter um cuidado com isso porque num vai ajudar, se a gente começar a dialogar aqui, eu vou, chego lá e falo que é diferente, se for um ou dois no meio de tantos, mas daqui a pouco, eu vou chegar e falar bem, vocês também começa a falar bem de lá também, num generaliza, e acaba que a gente acaba por quebrar essas pessoas que tão falando que nós é inimigo.(IDEM)

A luta territorial, como relata Célia Xakriabá a Carlos Dayrell (2019, p.342), é a principal pauta da AR, pois “foi a luta pelo território que exatamente provocou a aliança” entre os Sete Povos. Nesse sentido, Hilário me contou sobre movimentos de retomada de terra em que os povos contribuem para a *luta* uns dos outros:

Pra ter uma ideia, você chega ali no território Tuxá, que recém chegaram ali naquele espaço. Eles chegaram lá, lá pela uma hora da manhã no local, podendo ali enfrentar carabina e tudo, por capangas e jagunços que tava lá dentro. Eles chegaram esse horário e quem tava lá? Os Xakriabá, em si tinha dois Xakriabá, nós tava previsto em fazer uma caravana daqui pra lá, mas não deu certo naquele momento. Quem tava lá com o ônibus cheinho de gente, era geraizeiros da região e outras comunidades tradicionais mais próximas ali, Grão-Mongol ou Vale das Cancelas, e tava lá em peso em nome da Articulação Rosalino Gomes de Povos e Comunidades Tradicionais.

(...) Agora nesses processos atuais de retomada. A articulação veio de excursão, trouxe alguns, vazanteiros, quilombolas... Num momento de conflito como esse, por mais que você se sente fortalecido ali, muita gente, o Xakriabá em peso, mas às vezes as pessoas não avaliam o quanto isso é importante, mais pessoas que a gente olhava assim que era estranho, mas chegava ali e falava a mesma língua que tá junto. E nós surpreendia de vez em quando com ônibus de gente que vinha, quilombola, vazanteiro, fazer parte ali, fazer momento de reflexão, isso para nós era muito bom. (IDEM).

A Articulação Rosalino, além de proporcionar que esses povos conheçam mais sobre a *luta* de cada coletivo da região, proporciona-lhes também levar suas demandas a reuniões na Assembleia Legislativa de Minas Gerais, em Encontros Nacionais de Povos do Cerrado e também em Colóquios Internacionais de Comunidades e Povos Tradicionais, como o da Guatemala em 2014 e da Alemanha em 2017. Como me relatou Hilário, participar desses movimentos com povos de outras regiões de Minas Gerais, do Brasil e do mundo, “é muito positivo, porque a gente toma contato com realidades

diferentes da nossa e isso traz muitos aprendizados para nossos projetos no território e também para a vida”.

Como vimos nos itens anteriores, findo o *tempo da luta*, que resultou no reconhecimento étnico, outras formas de política vieram se desenhando na constituição das chamadas lideranças no plural, com atuações não fixas, articuladas ou não à política local, que, por sua vez, passou a constituir um novo campo político xakriabá, de conexão complexa com interesses construídos, seja no nível local, interesses de cada aldeia, seja como “direito coletivo” nos termos das políticas públicas.

Essas camadas de ação política produzem complexidades, pois, assim como as maneiras de liderança se multiplicam, a noção de território também se desloca conforme as configurações em jogo. Território dividido entre parentelas, Terra Indígena Xacriabá, território xakriabá, território-ambiente cerrado, que se torna central para a articulação xakriabá com outras populações tradicionais.

3.4 Jovens (e) lideranças: “*um pé na aldeia, um pé no mundo*”

No cotidiano das aldeias, existe uma movimentação de lideranças e professores, principalmente dos professores de cultura⁶³, para organizar e engajar a juventude na *luta* do povo. Um de seus maiores desafios, conforme me relatou senhor Valdinho, é fazer com que os jovens não deixem de valorizar a história e a cultura xakriabá por estarem em contato intenso com elementos que são originários do mundo não indígena, que podem contribuir positivamente ou negativamente para o engajamento dos jovens na *luta*:

Mais de acordo com o movimento, daqui e dacolá, né? Com a vinda de televisão, internet, facebook, esses trem. Isso pra nós é um problema muito sério. Ajuda? Ajuda. Mas desmantela muita coisa. Se não tiver concentrado mesmo, se não tiver pensando no que era o passado, no que é o presente, aonde nós estamos, pra onde nós vamos, muitas vezes você acaba desconcentrando e aquilo que é de mais importância pra nós a gente acha que não vale nada. É isso que nós liderança e alguns professor vive alertando a juventude. (Senhor Valdinho, aldeia Barreiro Preto, fevereiro de 2018).

⁶³ Para mais informações sobre quem são e o que fazem os professores de cultura, ver Pereira (2013).

Na fala da liderança xakriabá, destaca-se uma postura dos mais velhos em relação aos mais jovens que tem sido frequente, conversar com estes sobre o passado, o presente e o futuro dos Xakriabá. Nos discursos dos membros mais experientes, ganha ênfase um esforço em mostrar à juventude que toda a infraestrutura e todo direito que possuem hoje, como, por exemplo, o território, escolas, postos de saúde, poder usar pinturas corporais, poder falar a língua e praticar o *Toré* são frutos de anos de *luta*, e que tais conquistas devem ser cuidadas e valorizadas. Vejamos o relato de senhor Rosalvo Fiúza, liderança da aldeia Sapé:

E então tem esses jovens que tá aqui e não chegou a conhecer a luta. Nós que tem mais idade nós coloca isso: 'Hoje vocês tá vendo aqui dessa forma, mais uns 30 anos atrás, era muito diferente, não tinha sequer uma casa, não tinha escola, não tinha um posto de saúde, num tinha um médico, não tinha nada'. Isso que a gente começa falando. (Senhor Rosalvo Fiúza, aldeia Itapicuru, fevereiro de 2018).

Como vimos no capítulo anterior, a relação dos Xakriabá com o território que habitam também foi pauta dos discursos realizados pelas lideranças durante as romarias de fevereiro de 2017 e 2018. Nessa ocasião, além de perspectivas sobre o passado e o presente do povo, foram acionadas visões sobre o futuro da vida no território. Isso foi feito para que todos se conscientizem de que sempre será preciso lutar e que nessa *luta* mutável e contínua faz-se necessário que diferentes gerações de humanos estejam unidas e busquem a ajuda da *espiritualidade*, que é a maior força do território, para que consigam o fortalecimento da *união* do povo. Por isso que, sempre que possível, os líderes mais experientes do grupo conclamam os jovens a se unirem a eles no cuidado dos direitos já conquistados e na busca pelo reconhecimento de outros direitos.

Nesse movimento de reflexão e atitudes sobre conquistas e busca de direitos, e sobre como lideranças e jovens podem trabalhar juntos na *luta*, começaram a surgir os grupos de jovens xakriabá. Esses grupos são geralmente liderados por professores de cultura e por jovens que se destacam por seu compromisso com os *movimentos de luta* e seu *desenvolvimento espiritual*. Conforme me falou um dos jovens líderes do grupo Itapicuru-Sapé, os grupos de jovens começaram a ganhar força em 2013, no contexto de retomada de terras nas localidades de Caraíbas e Vargem Grande, pertencentes ao município de Itacarambi:

Eu lembro muito de 2013, foi o momento que mais fortaleceu essa visão de juventude assim. Foi mais em 2013 com a questão da retomada. E também já tinha essa parte da escola que era mais era os jovens. E esses jovens e a questão da retomada e de lá da retomada pra cá em 2013 que foram criando vários grupos e aí que os grupos e os líderes desses grupos se reúnem, conversam, trocam ideias para sempre tá dialogando ali e num deixando uma ideia fugir da outra. E também querendo saber mais sobre a própria questão da espiritualidade. (Edvan, aldeia Itapicuru, fevereiro de 2019).

Esse surgimento de grupos de jovens em 2013 que menciona Edvan se deu por aldeias que estão localizadas dentro do território demarcado e nas áreas de retomada. Desses grupos, os que mais se fortaleceram e estão em plena atividade são os da aldeia Itapicuru-Sapé, Prata, Embaúba-Brejo do Mata Fome, Rancharia e Morro Vermelho. Tais grupos de jovens se tornam um grupo no convívio na aldeia, principalmente na escola e nas reuniões com lideranças. Na escola, eles são observados pelos professores de cultura, que geralmente fazem parte deles. Neles, a disposição maior é sempre dialogar e se aconselhar com as lideranças. Em termos de atividades, seus integrantes procuram intervir e solucionar questões que surgem na vida cotidiana da aldeia, principalmente aquelas relacionadas aos jovens que não fazem parte desse coletivo, como uso de drogas, dirigir em alta velocidade dentro das aldeias, consumo exagerado de álcool, etc. Eles funcionam, então, como uma ponte de comunicação entre as lideranças e a juventude das aldeias, além de conversar com a comunidade sobre variados assuntos, como política partidária, por exemplo, e ajudar na elaboração de projetos que beneficiem a mesma. Essas conversas com a comunidade são sempre autorizadas e orientadas pelas lideranças, e são realizadas nas casas dos moradores. Promovem oficinas nas escolas e colaboram na realização de rituais que só podem ser frequentados pelas lideranças, os mais velhos da comunidade e os jovens que foram iniciados nas questões da *espiritualidade*.

O grupo de jovens a gente tenta dialogar muito com os lideranças, com os mais velhos. As vezes, alguma coisa que a gente acha que tá um pouquinho errado, a gente pede conselho também para os mais velhos, para as lideranças como a gente deve atuar, o que a gente pode entrar e o que a gente não pode entrar, no que a gente pode tá intervindo. E também o grupo de jovens é o grupo que atua na parte mais fechada, na parte que não pode ficar muito aberta, na parte espiritual. A gente atua também mais nessa parte de reunir, de fazer os ritual de fortalecimento. E a gente atua assim, atua nas duas aldeias, inclusive esse é o espaço que a gente reúne [área ao lado do cruzeiro onde foram enterrados os Xakriabá mortos na chacina de

fevereiro de 1987]. *E a gente chama o pessoal e aí certo dia a gente reúne aqui. Só aqueles que fazem parte do grupo. Às vezes, a gente permite a participação de outras pessoas que não são daquele grupo que busca a questão da espiritualidade, mas a gente não apresenta tudo que a gente sabe para os próprios que são aqui de dentro, mas não fazem parte daquele grupo. Os que pode fazer parte daquele grupo são só as lideranças e os mais velhos que já têm conhecimento daquilo que a gente tá fazendo. E a gente procura mais é fazer essa parte da espiritualidade, de juntamente com as lideranças pensar em algum projeto que faz bem pra comunidade das duas aldeias, não só para as duas aldeias, mas que contempla a maior quantidade de pessoas possível. O diretor inclusive também faz parte do grupo nosso e aí a gente decide que vai fazer, por exemplo, uma oficina de reativamento da memória na escola. A gente reúne, faz a oficina de pintura corporal, às vezes é aqui nesse espaço, às vezes é na escola. A gente, em momento político, a gente atua assim pra tentar dar uma esclarecida pro pessoal qual o rumo melhor. A gente tenta mostrar quais são aquelas pessoas que tão lá fora e defende nós aqui dentro e lá fora. Aí a gente tenta mostrar essa questão aqui dentro e o pessoal vai espalhando. Não, a ideia é essa aqui, então a gente tem que ir por esse rumo. Aí por isso que a gente tem bastante essa parceria com as liderança, a gente tá conversando com eles e eles falam, não, a gente vai por esse caminho aqui. A gente conversa com aquele grupinho que tem o papel de sair conversando com um e outro, um e outro, e vai passando aquela informação. Aí foi essa parte. Mas aí essa parte da espiritualidade nós trabalha mais internamente, só entre nós (...). A gente costuma dizer que os Xakriabá, nós, é assim, quando um pequeno grupo de pessoas tá buscando ali, tá buscando a espiritualidade, tá protegendo todos. (IDEM).*

Ele [Edvan] é um jovem que tem conhecimento, mas tem outros jovens que tem menos. Outros que às vezes nem participa de nada. Onde é o trabalho dele hoje. Trabalhando para puxar esses jovens, mostrar onde que é que tá o direito deles. Onde é que começou, até onde ele pode ir. (Senhor Rosalvo Fiúza, aldeia Itapicuru, fevereiro de 2019).

Os jovens são vistos pelos mais velhos como aqueles que podem e devem garantir os direitos para as futuras gerações. Como pudemos perceber na fala de lideranças e jovens durante as romarias descritas, existe uma ideia entre os Xakriabá que não há nada garantido quando o assunto são os direitos, por isso é preciso cuidar e zelar para que eles não acabem. Um modo de cuidar desses direitos é incentivar a juventude a conhecer e rememorar a história de seu povo, a conhecer os aspectos da *espiritualidade*, a proteger seu território, a se engajar na *luta* e se conscientizar que esta nunca acaba, mas se transforma, portanto, é necessário sempre manter a *concentração* e a *força*.

Para se manterem concentrados e fortes na busca e defesa de seus direitos, os Xakriabá contam com o que chamam de *espiritualidade*, “que é a *fortaleza*”.

Foi como tio Rosalvo falou. Antes, quando Rosalino chamava e falava eu quero 200 ou 300 homens aqui amanhã, ele tinha. E, naquela época, era mais pouca gente, só que ele tinha aquele número de pessoas. A gente quando foi para fazer a retomada em 2013, foi mais foi a questão da espiritualidade e a questão do ritual mesmo, que ajudou na questão da preparação para a retomada, orientou a gente. Ela é a fortaleza. (Edvan, aldeia Itapicuru, fevereiro de 2019).

As questões mais profundas da *espiritualidade* são de domínio do pajé e de alguns mais velhos, que, como enfatizou Edvan, orientam os jovens que se interessam em aprender sobre os rituais e que são identificados como capazes de guardar os segredos ligados a esse domínio.

Assim, a gente costuma dizer que, quando a gente sai, é a gente que lidera o grupo, mas aqui dentro quem lidera nós são as lideranças, cacique e pajé. Esses são os que lidera nós. Nós são líder apenas daquele grupinho de gente ali, pra tomar uma atitude ali, pra fazer uma conversa. Por isso que a gente é líder. Porque a gente tem o papel de tá buscando com as lideranças, cacique, pajé, o que a gente pode tá apresentando e o que a gente tem que tá deixando com nós mesmo, guardando segredo. Quando a gente tem dúvida de alguma coisa sobre o que eu posso apresentar, por exemplo, se eu tenho dúvida na questão de um luto e eu não sei sobre aquilo, então eu deixo passar um pouquinho e vou buscar com o pajé ou liderança. Aí eles orientam e a partir daquilo a gente faz. Tem muito disso no curso que a gente faz. Quando tem alguma perda assim maior de algum ancião ou liderança dentro da aldeia, a gente fica resguardado. Faz um ritual na faculdade e a gente fica mais no hotel e deixa aquele dia passar. (...) Eu sou um dos líderes do FIEI, são dois, justamente também por conhecer essa parte da Espiritualidade, do que pode e do que não pode, porque lá a gente apresenta um ritual também, mas um ritual diferente do que a gente apresenta aqui dentro do território. Porque a gente já conhece bastante também sobre a questão do luto, o que pode fazer e o que não pode, e que dia a gente pode fazer ritual e o dia que não pode (IDEM).

Sobre essa questão dos tipos de liderança que enfatiza Edvan, é importante destacar que esses modos não me parecem ser fenômenos estanques, separados, mas sim algo que possui uma continuidade, que faz parte de um processo de formação. Nesse processo de formação, há aspectos que se mesclam, desse modo, formação política se junta à formação “na cultura”, na universidade, reúne conversas locais, participações em reuniões. Senhor Rosalvo Fiúza me relatou que as lideranças políticas convivem e trabalham com os jovens observando quais deles podem ser seus possíveis sucessores:

A gente vai trabalhando em cima disso. Às vezes na comunidade que a gente trabalha, a gente já tem alguém lá da confiança da gente, da gente tá procurando e pedindo, ajuda também na hora que precisa. Então essas pessoas que participa assim é o futuro da gente. Quando a gente falta, já tem alguém indicado ali pra cobrir, assumir. E são esses jovens que tão vindo aí. (Senhor Rosalvo Fiúza, aldeia Itapicuru, fevereiro de 2019).

Desse modo, uma das características do grupo de jovens, então, é ser nicho propício para a formação de lideranças. Nele, os jovens aprendem cotidianamente a conversar e a aconselhar seus pares, aprendem a ouvir os mais velhos e a estabelecer contato com seres espirituais. Sobre a questão espiritual, Maria Hilda Paraíso (1987, p.46), em relatório para o processo de homologação da Terra Indígena Xacriabá, ao falar de chefia e religião entre esses indígenas, destacou a necessidade de participar do ritual do *Toré* e dominar os conhecimentos espirituais ou “*saber da ciência*”⁶⁴ por parte das lideranças, pois, no *Toré*, a *Onça Cabocla* funcionaria como um espírito auxiliar, aconselhando caciques e representantes de aldeias sobre como administrar crises internas e como proceder nas relações interétnicas.

Nesse sentido, senhor Rosalvo Fiúza compara o trabalho feito pelos jovens ao trabalho feito pelas lideranças. Ele chama a atenção que, nos dois casos, é preciso tomar decisões em grupo, considerando e tendo respeito às orientações da *espiritualidade*. Não ouvir ou não guardar segredo sobre “*esse trabalho de dentro da reserva*” pode trazer prejuízos tanto individuais quanto coletivos. Senhor Rosalvo também faz uma distinção entre políticas públicas e política interna:

Dentro da reserva hoje tem a política pública, porque antes não tinha, né? Toda vida nós tivemos uma política local, nossa aqui, do território. Porque, às vezes, tem umas coisa aqui que nós discute só entre nós. Uma coisa interna. E a política pública você sabe, ela é para todo mundo. Mais nós tem a política interna nossa de nós discutir aquilo que nós acha que é o melhor. Aí lá nós junta o grupo e vamos discutir o que tem que ser realizado dentro das aldeia, né? E o trabalho dele aí que ele faz [Edvan] é isso aí. Porque, às vezes, ele não faz a coisa só, só ele, quando ele tem dúvida de uma coisa, ele reúne esse grupo, liderança, cacique, pra resolver o problema, pra num fazer as coisa de qualquer jeito. (...) Tem coisa também que nós não pode fazer. Nós também precisa de autorização pra nós poder fazer porque num pode mostrar assim.

[Lucília: Vocês tem um diálogo com a *espiritualidade* para tomar decisões?]

⁶⁴ Trataremos com mais detalhes sobre essa concepção de *ciência* entre os Xacriabá no Capítulo 4 desta tese.

É, a maior parte das coisas. Aqui dentro sempre é assim. A gente trocando ideia com as pessoas que são mais, que às vezes eles respeita mais esse trabalho de dentro da reserva, né? Então toda vidinha nós tivemos esse respeito pra num fazer coisa assim, para não prejudicar o grupo e muitas vezes até o trabalho da gente mesmo, é preciso manter aquilo em segredo. (IDEM).

Sobre seu “amadurecimento” e de outros jovens como ele, Edvan comenta:

A gente tem um amadurecimento não só sobre proteção espiritual, mas também nós jovens tem esse amadurecimento das ideias também, junto com as lideranças. Sempre esses que tão nesses grupos tenha uma experiência maior, tipo, vamos dizer assim, de luta, não só aqui dentro como lá fora. Por exemplo, no nosso grupo aqui, eu acho que todos nós já saiu. Já lutou aqui dentro, participou da retomada, mas, além disso, já saiu pra fora, Brasília, Belo Horizonte. (Edvan, aldeia Itapicuru, fevereiro de 2019).

Continuando a falar sobre a experiência da juventude xakriabá na *luta*, Edvan diz que, para eles, frequentar espaços universitários equivale à conquista de um território:

Eu penso que nesse atual momento político assim, pensando muito na juventude Xakriabá, eu penso que a luta tá aqui dentro, mas também tá lá fora. E lá fora a gente deixa isso bem claro, quando a gente sai daqui pra lá, tá dentro da faculdade, a gente tá tentando conquistar aquele território pra nós também. Não pra gente ter pra nós, mas pra gente ter um espaço que a gente pode transitar também, pode tá ali dentro, indo e voltando, e a gente só buscando conhecimento. E ti Rosalvo também falou nessa questão. E eu acho que não mudou muito porque naquela época Rosalino e Rodrigão foram buscar os direito, o conhecimento lá fora, e a gente não tá fazendo diferente não. Nós jovens e tem muitos outros aí que não se consideram mais jovens, mas que continua estudando, eu acho que eles tão tomando pra si essa ideia, que o conhecimento nesse atual contexto a gente tem que buscar lá fora pra gente fortalecer nossa luta interna aqui. (IDEM).

O direito a “transitar” parece marcar uma nova territorialidade xakriabá. Transitar entre territórios de saber, “buscando” conhecimentos (do direito, de disciplinas acadêmicas) que possam fortalecer a *luta* (da terra, fundamentalmente):

Uma professora nossa, ela fala que a gente tem que conciliar as informação que a gente tem, tomar aquilo pra nós não da forma que vem de lá pra cá, mas tipo da uma reformada nela antes de chegar aqui dentro.(...) A gente tem o conhecimento tradicional, eles têm o científico. A gente tem que unir os dois para andar junto, mas, quando

for trazer algum conhecimento científico pra cá, a gente tem que reformular ele do nosso jeito. (IDEM).

Esse trânsito dos jovens dentro e fora do território foi foco das conversas estabelecidas durante o I Encontro da Juventude Xakriabá, realizado em outubro de 2017. Com o tema “Juventude Xakriabá: um pé na aldeia e um pé no mundo”, esses indígenas, juntamente com lideranças jovens de comunidades tradicionais do norte de Minas Gerais e dos povos Tupinambá e Pataxó da Bahia, debateram sobre questões “como identidade, cultura, terra e território e protagonismo da juventude indígena com o objetivo de construir caminhos para o fortalecimento do projeto do Bem Viver”⁶⁵.

Considerando a desestruturação das políticas indigenistas e sociais do Brasil, os Xakriabá tomaram esse evento como um momento importante para analisar e pensar suas estratégias de *luta* e resistência diante desse contexto. A importância da *união* e diálogo da juventude com os mais velhos, lideranças, caciques e pajés foi novamente reforçada, pois estes, como consta na carta feita no final do evento, são “*pilares de nossa identidade, nossos livros vivos*”. Atrelado ao tema da identidade aparece o tema da *espiritualidade*, conforme a fala de Durkwa Xakriabá: “*A espiritualidade nos leva ao sagrado que lembra quem somos, nos faz redescobrir. Seja na universidade, ou na aldeia, o mais importante é sabermos quem somos. É preciso mostrar a verdadeira face*”⁶⁶.

Nos discursos feitos durante esse evento, a identidade e a cultura são consideradas como ferramentas de *luta*, pois com elas se defende e se garante o território ancestral, que é condição de sobrevivência de um modo de vida xakriabá, e também lhes possibilita a conquista de novos espaços fora de suas terras tradicionais. Segundo Célia Xakriabá, é preciso *demarcar, indigenizar, xakriabalizar* esses espaços como uma *ferramenta potente de luta*:

(...) Então a nossa juventude tem traçado estratégia para o não desbotamento da identidade nesses lugares. Como colorir esses espaços de jenipapo, de urucum? Como se pensar uma aculturação reversa? Se fala de aculturação como uma cultura mais forte que chega pra sobrepor, pra dominar. Como pensar a indigenização desses espaços? (...) E em vez de aculturar, nós vai é indigenizar. Em vez de aculturar, nós vai é xakriabalizar. Porque nós precisamos

⁶⁵Ver Carta do I Encontro da Juventude Xakriabá: “Não deixaremos que nos roubem a esperança” em <http://apib.info/2017/10/22/carta-do-i-encontro-da-juventude-xakriaba/>.

⁶⁶ Ver fala no jornal o PORANTIM de novembro de 2017, página 15.

*demarcar espaço, território, em todos os lugares que nós formos. Precisamos retomar esse lugar do conhecimento, como uma ferramenta potente de luta, mas sem perder o caminho de volta.*⁶⁷

Os territórios referidos são principalmente o espaço universitário e o espaço da política partidária, como veremos no tópico que tratarei da liderança Célia. Seu discurso reflete uma movimentação conjunta de seu povo, que, desde a década de 1990, tem aumentado sua presença em novos territórios, como na política partidária de São João das Missões, na política regional, ao estabelecer uma articulação com comunidades tradicionais da região norte de Minas em defesa de seus direitos territoriais, e na política nacional, ao ganhar espaço e visibilidade maior no movimento indígena nacional.

Antes de passar à presença xakriabá no movimento indígena nacional, gostaria de comentar sobre complexidades que constituem as lideranças jovens xakriabá que acompanhamos neste item. A construção de liderança, ou melhor, das lideranças, que hoje são muitas, é exercida de formas diversas, envolve ou desenvolve habilidades múltiplas, como a habilidade do diálogo dentro de cada aldeia, na dimensão das políticas públicas que atravessam as aldeias, que desafia os jovens xakriabá noutros ambientes, como a universidade, e no engajamento no movimento indígena nacional. Há também uma “reunião de forças”, ou, como chama atenção a jovem liderança Edvan, uma *luta unificada*, em que a luta ganha novos e diversos contornos, com jovens de outras etnias, por direitos indígenas junto ao Estado.

3.5 Demarcando outros territórios: Xakriabá nos Acampamentos e Jornadas do Movimento Indígena

ATL 2017: “Demarcação Já!”

Alguns dias após o término das homenagens aos indígenas assassinados na chacina de 1987, cacique, lideranças e professores de cultura começaram a se mobilizar para organizar a ida de membros do grupo ao Acampamento Terra Livre (ATL), que ocorre todo ano em Brasília desde 2004. Pelo que pude observar em campo e nas conversas que tive com as professoras de cultura Neide e Vanussa, a preferência é que

⁶⁷Ver fala em <https://cimi.org.br/2017/12/um-pe-na-aldeia-um-pe-no-mundo-juventude-xakriaba-segue-os-passos-da-resistencia-historica-do-povo/>

jovens engajados no movimento de *luta* participem desse evento, junto com professores de cultura e lideranças políticas e espirituais. Contudo, havendo vaga no ônibus, pode participar do evento qualquer Xakriabá que manifeste interesse em fazer parte do grupo. No ano de 2017, como a procura para ir ao evento foi pouca, Neide me convidou para fazer a viagem junto com eles.

O ATL se configura como um espaço em que homens, mulheres e crianças de vários povos indígenas do Brasil, representados por suas lideranças em plenárias na Câmara dos Deputados e Senado Federal, dialogam com o Governo Federal sobre questões relacionadas à demarcação de terras e as políticas públicas desenvolvidas em seus territórios. Acampados em um ponto da Esplanada dos Ministérios ou próximo a essa região, os indígenas realizam reuniões entre eles, recebem políticos e artistas engajados com a questão indígena, e articulam para que suas decisões e demandas cheguem até os representantes do legislativo e executivo do nosso país.

Para participar desse movimento que é organizado pela Articulação de Povos Indígenas do Brasil (APIB), os Xakriabá contam principalmente com o apoio do Cimi, que todo ano vem financiando o(s) ônibus para a viagem do grupo até a capital nacional. Em 2017, Bill, funcionário do Cimi no município de Itacarambi, viajou junto com os Xakriabá. Percebi que ele se incumbia de tornar a viagem o mais organizada possível para os indígenas. Ele os orientava sobre as paradas, conversava com o motorista sobre qualquer necessidade do grupo, junto com as lideranças e professores de cultura, informou-se com os organizadores do ATL onde poderíamos montar nossas barracas e fez o cadastramento de todos para podermos fazer as refeições servidas no evento. Além disso, presenciei Bill colocando crédito nos celulares de alguns Xakriabá para poderem falar com os parentes que ficaram na Terra Indígena e comprando remédio para aqueles que se sentiram mal. Para complementar o apoio dado pelo Cimi, esses indígenas pedem ajuda à prefeitura de São João das Missões e recorrem também a um fundo financeiro elaborado por eles, composto principalmente por contribuições mensais feitas por professores e por Xakriabás que tenham alguma renda fixa, como servidores da saúde, vereadores, secretários municipais, entre outros.

Esse ATL de 2017 foi reconhecido como o maior até agora desde sua primeira edição em 2004, reunindo um pouco mais de quatro mil indígenas de todas as regiões do país, segundo o documento final do evento intitulado “Declaração do 14º Acampamento Terra Livre”. Nesse documento, os povos e organizações indígenas do

Brasil apresentam um resumo dos ataques aos seus direitos realizados pelos Três Poderes da República em parceria com oligarquias econômicas nacionais e internacionais: desmantelamento das políticas públicas voltadas a atender de forma diferenciada os povos e sucateamento de órgãos públicos com corte de verbas e recursos humanos (realizados pelo Poder Executivo); propostas de emenda constitucional e projetos de leis que vão contra os direitos indígenas garantidos pela Constituição de 1988, tais como a PEC 215/2000, a PEC 187/2016, o PL 1610/1996 e o PL 3729/2004 (elaborados pelo Poder Legislativo); iniciativas de anulação de demarcação de Terras Indígenas e adoção de teses jurídicas como a do Marco Temporal (promovidas pelo Poder Judiciário)⁶⁸.



Grande Marcha dos Povos Indígenas, ATL de 2017. Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Com o início marcado para o dia 24 de abril, saímos da Terra Indígena Xacriabá com destino a Brasília no começo da tarde do dia 23. No dia anterior, vi a

⁶⁸ Para consultar o documento final do ATL 2017, acessar <https://mobilizaçãonacionalindigena.wordpress.com/2017/04/27/povos-indigenas-unificam-suas-lutas-em-defesa-de-seu-direitos/>

movimentação de Neide e de rapazes e uma moça, que são integrantes do grupo de jovens da aldeia Barreiro, para se pintarem e separar seus melhores ornamentos (colares, cocares, brincos, etc.), além de separarem e organizarem para a viagem potes com farofa, garrafas de água, sucos, instrumentos musicais como violão e pandeiros, câmeras fotográficas e gravadores, barracas, colchões e travesseiros.

Nossa partida foi da Barreiro Preto, passamos pelas aldeias Caatinginha, Itapicuru e Brejo do Mata Fome. Cada uma dessas aldeias foi considerada como ponto de encontro para moradores de aldeias vizinhas a elas que iriam ao ATL e o ônibus não passaria por sua comunidade. Desse modo, moradores da aldeia Custódio foram esperar o ônibus na Caatinginha, moradores do Sapé, Morro Falhado e Santa Cruz foram para o Itapicuru e moradores da Embaúba esperaram o grupo no Brejo do Mata Fome. Nas comunidades do Barreiro e do Itapicuru, uma subliderança e uma liderança subiram ao ônibus para aconselhar, incentivar e desejar boa viagem aos professores de cultura e outros adultos xakriabá, mas principalmente aos rapazes e moças integrantes dos grupos de jovens. Hilário (subliderança na aldeia Barreiro) e senhor Rosalvo (liderança da aldeia Sapé), em discursos parecidos, disseram sentirem-se orgulhosos de ver uma juventude que tem demonstrado interesse de participar da *luta*, de lutar por seus direitos.

Quando chegamos a cidade de São João das Missões, juntaram-se ao nosso grupo jovens, professores de cultura, lideranças e outros homens e mulheres adultos das aldeias Prata, Peruaçu e Vargem Grande. As lideranças políticas que estavam presentes nessa viagem eram o senhor Valdemar da aldeia Prata, Dão da aldeia Embaúba e Bidá da comunidade de Vargem Grande, que fica na área que os Xakriabá chamam de retomada. Dos representantes de aldeia, apenas Dão estava acompanhado da esposa. Déda, morador e professor de cultura na aldeia Embaúba, era a liderança espiritual⁶⁹ do grupo junto com Valtenci, cacique e pajé dos Xakriabá habitantes da cidade de Cocos na Bahia. O grupo que viajou para Brasília nesse ano era composto por 52 pessoas: 4 não indígenas (Bill, eu, Helen e Edna, as duas últimas integrantes do CAA) e 48 indígenas (47 Xakriabá e uma Tuxá). Os jovens que estavam nessa viagem participaram também do movimento de 12 de fevereiro para os mártires xakriabá. A maioria desses jovens são filhos(as), netos(as) ou sobrinhos(as) de lideranças e sublideranças de aldeia.

⁶⁹ Uso esse termo baseada em uma conversa que tive com Déda em sua casa na aldeia Embaúba em setembro de 2018. Nessa ocasião, perguntei se ele se considerava um pajé, já que várias pessoas o chamam assim. Ele se definiu para mim como um professor de cultura que também é um líder espiritual dos Xakriabá, mas não é um pajé.



Delegação Xakriabá - concentração em São João das Missões para viagem ao ATL 2017.
Fonte: Arquivo pessoal da autora.



Delegação Xakriabá, ATL 2017. Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Antes de pegarmos a estrada, Déda e Valtenci reuniram o grupo para uma oração. Com todos de mãos dadas e em círculo, Déda iniciou a oração na língua xakriabá, dizendo *Arebá* (modo de saudar os *encantados*), e depois falou em português. Nela, ele pediu a *Pai Tupã* e à *Mãe Terra* que protegesse todo o grupo, livrando-nos de todo acidente, de todo ataque e de toda maldade humana. Feita a oração, seguimos nossa viagem, paramos em Rancharia para que alguns Xakriabá pudessem se juntar a nós. Com a chegada desses novos membros ao grupo, realizamos a oração novamente, agora com cada pessoa sentada em seu lugar no ônibus.

Durante o trajeto, os Xakriabá cantaram músicas na língua akwen e em português. Algumas das músicas falam sobre o orgulho de ser Xakriabá e mencionam o nome de algumas plantas, abelhas e animais:

Nandoã hã (2x)
Huminixã hãhã nandoã (2x)
Haruá mundury mandassaia uruçu
Raiz de imbu nandoã jatai (2x)⁷⁰

Gavião da perna preta
Ele pisa e gira no ar (2x)
O piar do seu canto é bonito
Para povo Xakriabá (2x)

Cantaram cantigas de roda. Nelas há um refrão pronto que é entoado por todos e vai sendo repetido cada vez que alguém elabora e joga outro verso. As cantigas cantadas nessa ocasião foram:

Minha Sabiá
Minha sabiá, minha zabelé
Toda madrugada
Eu sonho com você
Se você não acreditar
Vou sonhar pra você ver
 (Refrão)
Você diz que eu sou sua
Sua eu não sou não
Sua só vou ser
Quando te dar meu coração

⁷⁰ Letra de canto retirada da monografia dos Xakriabá, Aline Mota, Elizandra Fernandes e Genivaldo Fernandes (2017, p.3). Tradução: “Eu sou, Eu sou Xakriabá, Vivo de carne de caça, E mel de abelha, Sou um pouco de cada, Sou da natureza. (ao cantar, repetir 2x cada frase)”.

(Verso jogado por mulher xakriabá)

Bananeira

Chora bananeira

Bananeira chora

Chora bananeira

Que amanhã eu vou me embora

(Refrão)

Eu tô indo pra Brasília

Pra Brasília eu já vou

Logo, logo, eu já volto

Pros braço do meu amor

(Verso jogado por homem xakriabá)

E também compartilharam comida e bebida. A vasilha com farofa era colocada para circular entre as pessoas. Com a mesma colher, cada um colocava um pouco da farofa na mão e comia. Água, sucos de umbu, manga, tamarindo, e as garrafinhas contendo o famoso *remedinho* xakriabá também passavam de um lado a outro no ônibus, sendo compartilhados entre todos. Nas paradas em lanchonetes à beira da estrada, toda a despesa do grupo era paga com o dinheiro do fundo financeiro sobre o qual falei acima, cuja responsável era Neide. Além disso, as paradas foram momentos em que pudemos fazer os primeiros contatos com delegações que também se dirigiam para o ATL. Eu aproveitei a viagem longa para circular pelo ônibus. Conversar com conhecidos e me apresentar para aqueles que não me conheciam ainda. Nesses diálogos, informei-me sobre a origem de cada um, sobre o que faziam em suas comunidades, por que estavam indo participar do Acampamento. A maioria dos jovens me disse que era uma oportunidade de ver como era a *luta* fora da Terra Indígena, podendo assim aprender e ajudar seu povo. As lideranças me falaram principalmente sobre a necessidade dos Xakriabá de ampliar seu território e viam no ATL um espaço que eles tinham para falar e conseguir soluções para essa *luta*.

Outras pessoas, Xakriabá e não Xakriabá, que estavam em cidades pelas quais passamos também se juntaram a nós pelo caminho. Entre elas, Helen Santa Rosa e Edna, integrantes do CAA-NM, organização não governamental apoiadora dos Xakriabá e de outros povos do norte de Minas Gerais. Além de desenvolver projetos relacionados à agricultura e extrativismo nesses povos, o CAA-NM se destaca como o principal apoiador da Articulação Rosalino de Povos e Comunidades Tradicionais em

suas questões territoriais. Helen e Edna ficaram responsáveis por fazer, para a Articulação Rosalino, a divulgação da participação dos Xakriabá no ATL 2017.

Anália, cacique do Povo Tuxá, também viajou conosco. A parceria dos Xakriabá com os Tuxá, como me informou Anália, iniciou-se nos encontros da Articulação Rosalino na sede do CAA em Montes Claros, vindo a se fortalecer e se estreitar com visitas de um povo ao território do outro, por conta de reuniões, festas e passeios. Quando os Xakriabá falam do território Tuxá, o que se destaca é o encantamento destes com a fartura de fontes e cursos de água que seus parentes indígenas possuem. A família xakriabá mais próxima dos Tuxá é a de Hilário da aldeia Barreiro Preto, que é o representante dos primeiros na Articulação Rosalino. O estreitamento de relações da família de Hilário com a família de Anália culminou na mudança de um casal xakriabá para a área tuxá, que fica no município de Pirapora. Tal casal são sogros do irmão mais novo de Hilário, Onésio. Analice, pajé dos Tuxá e irmã de Anália, foi convidada por Sandra, filha mais velha de Hilário, para realizar o batizado de seu filho. Em duas ocasiões em que fui à casa de Onésio, encontrei com Analice e sua família a passeio por lá. Escutei também de alguns Xakriabá que pode ser perigoso acolher demais os Tuxá, pois eles possuem uma “*religião possessiva*” e isso, em algum momento, poderia prejudicar quem anda com eles.

Anália viajou conosco, mas não ficou acampada com o grupo. Nós começamos a montar acampamento no início da tarde do dia 24/04. O ATL de 2017 ocupou o gramado que fica ao lado do Teatro Nacional. Estava um dia escuro, frio, deveras atípico para a cidade de Brasília. Por isso, nossa delegação resolveu construir uma barraca de lona para cobrir as barracas de *camping* que havíamos levado. Eu dividi barraca com Neide e Helen Santa-Rosa, que, como disse no primeiro capítulo, foi a responsável pelos primeiros contatos que tive com os Xakriabá.

Depois de montadas as barracas, fomos almoçar. Comemos ali pelo ATL mesmo. A APIB ofereceu uma estrutura de café da manhã, almoço e jantar, além de uma área para banho e banheiros químicos. Como se tratava de um acampamento de grandes proporções, cujo funcionamento foi movido por doações e trabalho de voluntários, nem tudo funcionou sem causar algum tipo de estresse nos acampados. No decorrer dos dias de evento, de tempos em tempos, era possível presenciar alguém se dirigindo até uma das tendas da organização para reclamar de falta de manutenção e limpeza nos banheiros, falta de água para o banho, e as longas esperas nas filas para

conseguir uma refeição. Reclamações que geravam uma movimentação, um corre-corre dos organizadores para solucionar os problemas.

Após o almoço, os Xakriabá se espalharam em frente as suas barracas para pintarem-se, finalizar ou retocar a pintura que haviam feito. Percebi que homens e mulheres se ajudavam nessa tarefa, geralmente dispostos em grupos de pessoas de uma mesma aldeia ou aldeias vizinhas. As mulheres enfeitavam seus corpos com a tradicional pintura *caminho das águas* e os homens com a *escama de peixe*, usadas com mais frequência em *dia de movimento* - como eles dizem -, como o ATL, romaria dos mártires, reuniões do grupo de jovens, reuniões em áreas de retomada. Alguns Xakriabá cobriram parte do rosto com tinta vermelha, como um sinal de que estavam em guerra, conforme me disse Déda.

Durante um tempo, fiquei circulando e conversando pelos grupos que se ornamentavam, indo em seguida dar uma volta pelas instalações do ATL. Como era o primeiro dia de evento, muitas delegações ainda estavam chegando a Brasília. Ônibus estacionando próximo ao Teatro Nacional, povos de várias partes do país desembarcando, adultos passando com bolsas e colchonetes, crianças ajudando os adultos e, ao mesmo tempo, brincando, barracas sendo montadas, homens se equilibrando em cima de armações de madeira ou bambu para estender e amarrar uma lona, barulhos de martelos que fincavam estacas no chão, sons de instrumentos musicais, cantos sendo entoados, danças sendo performatizadas, gente sorrindo, parentes se reencontrando, tudo isso compunha o clima do ATL naquele momento.

Terminada a pintura, no início da noite, os Xakriabá se reuniram para uma conversa. Com todos formando um círculo, senhor Valdemar e Déda tomaram a palavra e orientaram o grupo sobre como deveriam se comportar durante o acampamento. Segundo senhor Valdemar, “*esse lugar [o ATL] é um espaço de luta pelos direitos e assim exige de nós união e concentração*”. Como lá estavam presentes povos de várias partes do país, as energias também eram muitas, por isso era importante ficar unidos e concentrados, para que tudo corresse bem com todos que estavam ali e na busca pelos direitos.

Nesse sentido, logo depois da fala de senhor Valdemar, Déda pediu a quem tivesse permissão que se posicionasse para dançar o *Toré*. Antes de iniciar a reza e a dança, ele frisou a importância das palavras de senhor Valdemar, pois foi “*sempre a união e concentração do povo que manteve a luta viva e bem-estar para todos*”.

Continuou falando que fariam aquele momento de concentração ali (referindo-se à roda de *Toré*) “*para que os nossos ancestrais nos fortaleça e nos acompanhem na luta*”. Com todos dispostos em círculo, com seus chinelos, bolsas, bordunas, flechas e arcos colocados no centro da roda, iniciaram e terminaram o *Toré* com o agradecimento “*Ahiantã kankehe akwã*”. O canto inicial foi *Huminixã* e o último canto entoado foi *Wykitu*. Em outra ocasião, já de volta à Terra Indígena, perguntei a Déda o significado desses cantos e qual a origem deles, e ele me disse que com os cantos eles se comunicam, buscam forças com seus ancestrais e que muitos deles são aprendidos por sonho:

Huminixã, Huminixã
Kankehe Nakoak , Bukinuk Etyke (2x)
Huminixã Baikong Bikong (2x)
Oaytomorim Kankehe Amioá (2x)

Wykitu Intsche Degrã (2x)
Wykitu Wykitu (2x)
Wykitu Dagry Ambá Oipredé (2x)
*Kurinã Wykitu Hôhôôôô (2x)*⁷¹

Mais tarde, alguns minutos depois do término do *Toré*, conversei com Vanussa sobre a não participação dela na dança. Ela me disse que estava de luto, por isso não havia se juntado aos outros do grupo para dançar. Quando estão de luto, os Xakriabá não participam de festas, não dançam o *Toré*, não cantam, não batem maracá, não se pintam, ficam de resguardo, como eles dizem. Parentes mais próximos, como pais, filhos e cônjuges ficam cerca de seis meses resguardados, parentes distantes ficam por aproximadamente um mês. Não seguir o resguardo pode fazer o morto *puxar a rama*, isto é, ele pode voltar e levar alguém da família junto com ele, geralmente um parente mais velho⁷².

⁷¹ Letra de canto retirada da monografia de Manoel Antonio Xakriabá (2018, p.41).

⁷² Em conversa com o pajé Vicente em dezembro de 2018, ele me disse que a pintura e o maracá fazem os Xakriabá entrarem em comunicação com seus ancestrais e uma pessoa que faleceu recentemente precisa descansar, preparar-se, para um dia poder ajudar seus parentes que estão vivos. Desrespeitar o resguardo traz uma série de acontecimentos ruins para a família do morto e a comunidade, como veremos no próximo capítulo.

Quando terminamos de conversar sobre seu luto, Vanussa me convidou para darmos uma volta pelo ATL, passeio no qual fomos acompanhadas por sua filha e mais dois rapazes xakriabá. Como disse anteriormente, já era noite e do lado de fora de suas barracas algumas pessoas se juntavam para prostrar, tocar instrumentos, cantar, dançar. Outras e outros mais reservados fumavam seus cachimbos e conversavam em tom baixo e discreto. As áreas onde não foram instaladas barracas foram tomadas por ambulantes que vendiam bebidas e comidas. Parados perto de um carrinho de cachorro quente, notamos que vinha da tenda de palestras e *shows* um som de teclado, tão comum e apreciado nos bailes de forró na Terra Indígena Xacriabá. Como Vanussa, por conta de seu resguardo, não podia ir até a tenda de onde vinha o som, fui até lá na companhia de um dos rapazes que estava conosco. Como imaginamos, tratava-se de preparativos para uma noite de muito forró. Como meu companheiro estava muito cansado por conta da viagem e de todas as tarefas que fizera durante o dia, retornamos para junto do grupo. Era preciso descansar, pois o dia seguinte seria mais cansativo ainda, era o dia da Grande Marcha.

A manhã do dia 25 começou com reunião entre as lideranças indígenas. Senhor Valdemar e Neguinho, jovem professor de cultura na aldeia Brejo do Mata Fome e Embaúba I, representaram os Xakriabá. Segundo senhor Valdemar, essa reunião tinha como objetivo conversar sobre a Marcha que aconteceria à tarde e também sobre a participação de líderes em plenária da Câmara dos Deputados no final daquela manhã. Escolhidas as lideranças que iriam representar e apresentar as demandas dos povos indígenas aos deputados, entre elas Neguinho Xakriabá, estas seguiram em direção à Câmara. Depois de horas de espera, as lideranças foram informadas de que não poderiam participar da sessão daquele dia, pois os deputados não haviam sido comunicados com antecedência sobre o desejo dos indígenas de se reunirem com eles. Depois de minutos de discussão e questionamento por conta da recusa dos deputados, as lideranças retornaram ao ATL, comunicaram às outras lideranças a negativa dos membros do legislativo em recebê-las e todos se colocaram a orientar e posicionar suas delegações para a Marcha que aconteceria em breve.

Pelo que pude escutar da conversa dos Xakriabá, os povos do nordeste se posicionariam à frente, os do Xingu atrás e os povos de outras regiões do país ficariam na parte central da Marcha. Ainda na área do ATL, vi jovens, velhos e crianças em fila, dançando e cantando com suas bordunas, lanças, maracás, arcos e flechas na mão.

Homens e mulheres carregavam faixas pedindo respeito aos povos das florestas e “Demarcação Já!” para suas terras, e também caixões feitos de isopor, que simbolizavam os mais de 500 anos de genocídio indígena em nosso país.

Unidos, cantando, dançando e entoando gritos de guerra, mais de quatro mil indígenas seguiram em direção ao Congresso Nacional. Os Xakriabá ficaram posicionados logo após os povos do nordeste, no início da parte central da Marcha. Eu fui orientada por eles a acompanhar a Marcha ao lado de senhor Valdemar, Neide e Bill. Houve momentos em que me afastei um pouquinho deles, indo para as laterais da Marcha para conseguir ter dimensão do tamanho da mesma. Nessas minhas escapadas, pude ver bem de pertinho a dança frenética e cheia de energia dos Xucuru de Pernambuco e assistir um Kaiowá levar ao chão com sua reza o cavalo de um policial que tratava com certo ar rude os manifestantes.



Grande Marcha dos Povos Indígenas, ATL 2017. Fonte: Arquivo Pessoal da autora.

Ao adentrarmos a Esplanada pelo lado direito, a cada Ministério que a Marcha passava era feita uma parada rápida e palavras de protesto eram entoadas pela multidão. Pouco mais de uma hora depois que saímos do acampamento, aproximamo-nos do Congresso Nacional. Nós, que estávamos posicionados no meio da marcha, podíamos ver os indígenas que estavam à frente colocando os primeiros caixões no espelho d'água que fica em frente ao Congresso. Nesse momento, Neide e eu apertamos o passo e fomos em direção aos espelhos d'água. Quando estávamos começando a margear os espelhos, surgiram as primeiras bombas de gás lacrimogênio, acionadas por militares da Força Nacional.

Surpresa e medo foram os sentimentos que passaram a imperar após essa reação violenta da Força Nacional a uma manifestação que acontecia de modo criativo e pacífico. Por causa do efeito asfixiante do gás, todos tivemos que correr, fugir, arrastar, sermos arrastados, procurando aliviar o desespero que tomou conta de nós. Gente desmaiada, principalmente idosos, crianças perdidas dos pais, pessoas feridas, esse foi o resultado do uso da força por parte dos militares.

Mesmo com esse ataque, os indígenas não foram embora da frente do Congresso. Após alguns minutos de recuo e recuperação do efeito das substâncias nocivas a que fomos submetidos, várias lideranças subiram no trio elétrico que acompanhava a Marcha e externalizaram toda dor e revolta que estavam sentindo. Senhor Valdemar Xakriabá disse o seguinte:

Assunta só a covardia que acabaram de fazer com a gente. Mas esses spray de pimenta não vai espalhar nós não. Vamos continuar aqui lutando pra defender nossos direitos.... Não estamos fazendo nada de errado, por que fomos atacados? O que eu tenho a dizer que nós Xakriabá vai continuar firme na luta com todos os outros parente. (Senhor Valdemar, Brasília, abril de 2017).

Como gesto que permaneceriam na luta e que nada os afastaria dos objetivos que os haviam movido até ali, foi realizado um grande abraço entre os povos em volta de uma grande faixa que trazia a frase “Demarcação Já!”. Tal faixa foi estendida no local onde ficam hasteadas as bandeiras dos estados, de maneira que aqueles que estavam dentro do Congresso pudessem vê-la de frente. Logo após o abraço simbólico entre os povos, os Xakriabá, liderados pela liderança e professora Célia, iniciaram uma conversa com o deputado federal Padre João (PT), cobrando deste providências em relação à violência da Força Nacional contra os manifestantes.

Na volta para o acampamento, fomos para a tenda de reuniões. A frente do palco/tablado já estava tomada por repórteres procurando conseguir entrevistar alguma das lideranças indígenas ali presentes sobre o ataque que haviam sofrido. Deputados e senadores que se dizem defensores da causa indígena foram até o ATL para conversar e negociar a ida dos líderes a uma sessão que ocorreria no dia seguinte na Câmara dos Deputados.

Já era tarde da noite quando saímos da tenda. Temor e insegurança eram perceptíveis nos olhos e nas falas das pessoas após o que ocorreu à tarde. Déda e senhor Valdemar chamaram todos os Xakriabá para uma conversa. Helen, Bill e eu não pudemos participar dessa reunião do grupo. Ficamos na barraca de Bill conversando sobre o que havíamos vivido à tarde. Assim que os Xakriabá terminaram sua conversa, cada um de nós se dirigiu para sua barraca. Exceto os homens que ficaram “na vigia”, como me disse Alexandre no outro dia.

Último dia do Acampamento Terra Livre de 2017. O tempo amanheceu como no primeiro dia, escuro e frio. Na tenda de reuniões, algumas lideranças se organizavam para ir à plenária na Câmara dos Deputados. Os outros líderes que ficariam participariam de grupos de discussão que foram divididos em seis eixos: saúde indígena, questão territorial, educação, marco temporal, empreendimento e legislação indigenista. Cada grupo redigiria um documento apresentando as demandas que aparecessem durante as conversas. Esses documentos seriam entregues em ministérios durante passeata que seria realizada à tarde.

Enquanto alguns indígenas estavam compenetrados nas discussões dos grupos, outros, em sua maioria homens munidos de bordunas e lanças, ficaram nas laterais do acampamento fazendo a segurança dos participantes. Tal medida foi vista como necessária quando os acampados notaram que a polícia parecia fazer um cerco ao ATL, no sentido de inibir os manifestantes a realizarem a passeata da tarde. Houve um momento que os policiais se aproximaram tanto que gerou uma mobilização de todos os indígenas para confrontá-los. Gritando e erguendo suas bordunas e lanças pediam para que os policiais fossem embora, pois ali a manifestação era pacífica, portanto não existiam marginais para eles ficarem vigiando. Em meio à confusão, uma pajé Kaiowá começou a entoar um canto reza e dançar segurando na mão um objeto feito de bambu. Em questão de minutos, começou a chover e a polícia deixou o local.

Passado esse momento de tensão e terminados os debates dos eixos supracitados, logo após o almoço, fomos para a passeata nos Ministérios. Agora com um número reduzido de pessoas, pois, como se tratava do último dia de evento e muitos povos moram muito longe de Brasília, várias delegações desfizeram acampamento logo após os grupos de discussão. Uma passeata tranquila, sem abusos de autoridade por parte da polícia é o que vivenciamos. Os indígenas entregaram com sucesso documentos nos Ministério da Saúde, Educação e Justiça. Como me disse senhor Valdemar, “*a principal coisa que os povos de Minas pediu foi em relação aos nossos território, para demarcar a terra que é nossa e não tá regularizada*”.

Diferente do dia anterior, conseguimos fazer a passeata por toda a Esplanada, contornando-a da direita para a esquerda. Retornando para o ATL, tomamos nosso banho, jantamos, conversamos. Nety, uma jovem xakriabá da aldeia Embaúba, disse-me: “*hoje de tarde foi mais tranquilo, vários momentos senti medo. Mas meu pai falou [Dão, liderança da Embaúba] que a luta é assim mesmo, ela não é fácil e não para*”.

Chega o dia de retorno para casa. Bem cedinho, os Xakriabá começam a desfazer acampamento. Algumas pessoas da nossa delegação não estavam se sentindo bem, inclusive eu. Fomos tomados por uma incômoda dor no estômago. Para algumas era consequência da comida do ATL. Para os professores de cultura e as lideranças espirituais e políticas, aquele passar mal era reflexo da falta de preparo espiritual (concentração) e da consequente falta de *união* do grupo.

O ônibus chegou para nos pegar, ajeitamos nossos pertences e iniciamos a viagem de volta. Durante o caminho, senti-me muito mal e Valtenci se aproximou de mim para me rezar. Logo após a reza, deu-me um pedaço de uma casca para mastigar. Adormeci. Acordei horas depois, sonolenta, meio fraca, mas sem o incômodo no estômago.

No momento que eu estava acordando, uma mulher xakriabá começou a se sentir mal também. Segundo comentário dos presentes, parecia que algo havia “*encostado nela*”. No auge da sua crise, em que ela batia e apertava seu corpo, chorando desesperadamente, Déda e Valtenci interviram, levando-a para a parte de baixo do ônibus, onde fica a cabine do motorista. Após esse momento, não a vi mais durante a viagem. Nas conversas que surgiram após esse acontecimento, pude ouvir de alguém

que “talvez [a mulher] não tenha seguido as regras direitinho, e quando não se segue o que é determinado se sente no corpo a cobrança”⁷³.

Quando chegamos a Missões, Déda, sabendo que eu me encontraria com parentes da mulher, pediu-me para levar um recado até eles: “Era preciso preparar um chá de 21 ervas para ela tomar banho”. Dois dias após o acontecido, revi a mulher. Ela estava estranha, com o olhar parado e distante. Além de fazer o banho, seus familiares a levaram até o pajé Vicente para que ele pudesse rezá-la, cuidar dela. Notei que, depois da terceira ida a Vicente, a mulher se apresentava bem melhor, seu olhar já estava mais vivo, leve e ela voltara a sorrir.

ATL 2019: “Sangue Indígena. Na veia, a luta pela Terra!!”

A décima quinta edição do Acampamento Terra Livre ocorreu entre os dias 24 e 26 de abril de 2019 no gramado ao lado do Teatro Nacional, cujo tema foi “Sangue Indígena. Na veia, a luta pela Terra!!”. Segundo a organização do evento, trezentos e cinco etnias, mais de quatro mil indígenas se reuniram em Brasília em resposta aos ataques do governo Bolsonaro contra os direitos dos povos originários.

Dentre as reivindicações dos povos que se uniram durante o XV ATL estão: a demarcação de Terras Indígenas; mudanças na MP 870/19, exigindo que a Funai e todas as suas atribuições sejam vinculadas ao Ministério da Justiça; que o direito de decisão dos povos isolados de se manterem nessa condição seja respeitado; fortalecimento da Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai); efetivação da política de educação escolar indígena diferenciada e com qualidade; implementação da Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas (PNGATI); Restituição e funcionamento regular do Conselho Nacional de Política Indigenista (CNPI) e demais espaços de participação indígena, extintos juntamente com outras instâncias de participação popular e controle social pelo Decreto 9.759/19; fim da violência, da criminalização e discriminação contra os Povos Indígenas e suas lideranças; arquivamento de todas as iniciativas legislativas anti-indígenas, tais como a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 215/00 e os Projetos de Lei (PL) 1610/96, PL 6818/13 e PL 490/17; aplicabilidade dos tratados internacionais assinados pelo Brasil, que inclui,

⁷³ Ao ouvir essa afirmativa, perguntei: “Quem cobra?”. A pessoa que estava conversando comigo me olhou e ficou em silêncio.

entre outros, a Convenção 169 da OIT, as Convenções da Diversidade Cultural, Biológica e do Clima, a declaração da ONU sobre os Direitos dos Povos Indígenas e a Declaração Americana dos Direitos dos Povos Indígenas; cumprimento, pelo Estado brasileiro, das recomendações da Relatoria Especial da ONU para os povos indígenas; do Supremo Tribunal Federal (STF), esperam que este não permita e nem legitime nenhuma interpretação retrógrada e restritiva do direito originário dos indígenas as suas terras tradicionais⁷⁴.



Vista parcial das barracas montadas no Acampamento Terra Livre 2019. Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Diferentemente de 2017, no ATL de 2019, eu não viajei junto com os Xakriabá. No dia 23 de abril, saí de Juiz de Fora, que fica na região da Zona da Mata Mineira, para Brasília e me encontrei com eles no dia seguinte no Acampamento. Quando cheguei, eles estavam em meio ao processo de montagem das barracas. Deixei minha mochila num ponto da área que eles decidiram ficar e me coloquei a cumprimentar a todos.

⁷⁴ Para ter conhecimento das reivindicações do XV Acampamento Terra Livre na íntegra, acesse: <https://mobilizacao nacionalindigena.wordpress.com/2019/04/26/documento-final-do-xv-acampamento-terra-livre/>

Observei que dessa vez o número de jovens por aldeias era muito maior e, assim como em 2017, a maioria eram filhos(as), netos(as) ou sobrinhos(as) de liderança de aldeia. Do grupo de jovens da aldeia Barreiro Preto, apenas Flávia estava em 2017. Esse ano os três jovens da Barreiro que estavam presentes no evento foram liderados por Manoel Antônio, professor de práticas culturais. Da Barreiro estava presente também Nei, professor de artes e artesanato. A aldeia Prata e a aldeia Itapicuru estavam com seus grupos de jovens completos⁷⁵, conforme me informaram seus respectivos professores de cultura, Dazinho e Vanussa. E eles me disseram ainda que se sentiam felizes com aquilo, pois era sinal que a ideia dos grupos de jovens estava se consolidando, a juventude estava se movimentando para a luta. Dos professores de cultura que estavam em 2017, apenas Neide não estava presente. Havia também jovens e adultos da aldeia Brejo do Mata Fome, Rancharia, Morro Falhado, Riacho dos Buritis, Sapé, Sumaré I, Pindaíbas, Barra do Sumaré, Caatinginha, Embaúba e do Boqueirão, que fica na área de retomada.

Após informar Neguinho sobre minha chegada, professor de cultura que se destaca como um líder entre os jovens, fui conversar com as lideranças políticas senhor Zé de Benvindo, senhor Juvenal e sua esposa dona Maria, e o senhor Manoel, respectivamente, representantes da aldeia Pindaíba, da área de retomada Boqueirão e da aldeia Tenda-Rancharia. Eles me disseram que o grupo havia chegado a Brasília no dia anterior, mas ficaram acampados em um lugar por nome Recanto dos Encantados, que fica em Sobradinho. Contaram-me também que a princípio a organização do ATL teria lhes informado que o acampamento seria erguido na Esplanada dos Ministérios. Desse modo, os Xakriabá e outros povos que estavam no Recanto dos Encantados chegaram de madrugada na Esplanada e lá começaram a montar suas barracas. Mais tarde, quando o sol já tinha nascido, chegaram representantes do governo e pediram aos organizadores do evento para os manifestantes se instalarem perto do Teatro Nacional, por medida de segurança. Após um tempo de negociação, o Acampamento foi transferido para perto do Teatro.

⁷⁵ No grupo de jovens do Itapicuru havia uma criança, um menino de 11 anos chamado Rory. Estava também, nesse grupo, Artemisa Xakriabá, que, após elaborar a música da 1ª Marcha das Mulheres Indígenas que ocorreu em Brasília em agosto de 2019, foi escolhida para ser um dos representantes da juventude indígena do Brasil na Conferência Mundial do Clima em Nova York que aconteceu em setembro do mesmo ano.



Homens e mulheres xakriabá montando barracas no Acampamento Terra Livre 2019.
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

À tarde, depois do almoço, tive a oportunidade de falar com senhor Fulozinho da Caatinguinha, que é primo do pajé Vicente, e me foi caracterizado por Manoel Antônio como “*quem estava cuidando da parte espiritual do grupo*”⁷⁶. Mais calado, reservado, consegui trocar umas poucas palavras com ele. Com um sorriso modesto, disse que se lembrava de mim e de meus passeios a cavalo na Caatinguinha e que se sentia satisfeito de me ver junto com eles na *luta*. Falou também que o ATL seria em paz, porque estavam todos muito concentrados no que tinham que fazer ali. Eu perguntei o que era exatamente o que tinha que fazer ali e ele me disse “*lutiar*”. Eu perguntei novamente, “Lutiar por modo de quê?” e ele me respondeu, “*por modo nosso lugar, nossa terra*”. Notando que ele estava um pouco incomodado com minha curiosidade, fiz uma última pergunta, sobre como ele achava que aquele grupo estava espiritualmente. Prontamente

⁷⁶ Em outras ocasiões, durante o trabalho de campo, outros moradores da Terra Indígena Xacriabá me falaram que senhor Fulozinho era “*forte espiritualmente*”.

ele balançou a cabeça num sinal positivo e me falou que o grupo estava unido, concentrado, sabendo o que tinha que fazer⁷⁷.

A noite do primeiro dia de Acampamento terminou com a realização de uma vigília em frente ao Ministério da Justiça. Esse ato foi realizado como parte do protesto à Medida Provisória (MP) 870, que transfere a competência das demarcações de Terras Indígenas e o licenciamento ambiental de empreendimentos que afetam territórios tradicionalmente ocupados para o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), pasta historicamente ocupada por ministros ligados ao agronegócio. Os Xakriabá ficaram até a primeira hora do dia 25 na porta do MJ, realizando danças e cantos, que, como me explicou Dazinho, mostram a presença e força do Povo Xakriabá:

*Pisa ligeiro, pisa ligeiro
Quem não gosta da formiga
Não assanha o formigueiro
Pisa ligeiro, pisa ligeiro
Quem não gosta da formiga, não assanha o formigueiro (3x)*

*Eu sou morador do mato
Eu sou Xacriabá
Eu gosto de caçar
No mato eu sei entrar
Baruê kiriri, o hei na, hei na
Ko kone kané e etiké
Eu caço pãnxotá ayka uku até churé⁷⁸.*

Junto com as outras etnias, realizaram gritos de protesto, principalmente contra o ex-ministro da justiça, Sérgio Fernando Moro, e também contra a bancada ruralista que compõe o poder legislativo nacional.

Para os Xakriabá, o segundo dia de ATL 2019 foi encarado como um momento de concentração visando fortalecer Juvenal, que participou junto com outras lideranças de uma assembleia na Câmara dos Deputados, e Neguinho, que fez parte de um grupo de indígenas que se reuniu com alguns senadores no Congresso Nacional. Diferente de 2017, todos os integrantes da delegação foram levar as duas lideranças até os lugares

⁷⁷ Segundo informações que obtive em telefonemas para moradores da Terra Indígena e também em conversas durante o ATL, alguns Xakriabá “*mais fortes no campo espiritual*”, como o pajé, algumas lideranças mais velhas e professores de cultura “*ficaram no território concentrados, fortalecendo espiritualmente o grupo que estava em Brasília*”.

⁷⁸A letra desse canto foi retirada da monografia do Xakriabá Jan Carlos Pinheiro de Abreu (2016, p.42).

das reuniões das quais participariam. Isso foi feito também pelos outros povos indígenas. Assim que Neguinho e Juvenal entraram para as reuniões, os outros Xakriabá se dirigiram para o gramado e, em frente ao Congresso Nacional, iniciaram uma roda de *Toré*. Nessa roda, as mulheres ficaram ao centro e os homens nas laterais, todos dançando em sentido horário e entoando os seguintes cantos:

Deus no céu, índio na terra. (2x)
Ô quem é que pode mais? É Deus no céu. (2x)

Hô Jurema hei
Hô Jurema há
(2x)
Jurema hei
Jurema há
(2x)



Roda de *Toré* em frente ao Congresso Nacional. Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Quando todos os povos se reuniram próximo ao Congresso, alguns de seus membros deram-se as mãos e margearam as cercas de isolamento desse lugar, na frente e nas laterais, simbolizando a *união* de todos os indígenas com suas lideranças que estavam em reunião, como me explicou Grazielle Xakriabá.

O tempo que Juvenal e Neguinho permaneceram em reunião foi o tempo que o restante do grupo ficou concentrado em frente ao Congresso, cantando, dançando, rezando e conversando. Os cantos que os Xakriabá mais entoaram foram os dois que mencionei acima e:

*A folha da Jurema Ô, Ô, Ô
 Secou o vento levou Ô, Ô, Ô
 Jogou bem longe daqui Ô, Ô, Ô
 Nunca mais ela voltou Ô, Ô, Ô O
 Pisa, pisa, pisa, pisa devagar
 O pisa de vagarinho na folha da Jurema*

*Uairê rê e rê
 Hê e hê anapuê
 Hê e hê anapuê
 (2x)⁷⁹*

*Quando vejo o maracá tocar
 Dá vontade de cantar
 (2x)
 Eu tô cantando é pra Tupã
 Pra ele vir nos ajudar
 (2x)*

Conforme algumas pessoas com quem conversei, esses cantos alegram os *encantados* e os traz para perto do grupo, para protegê-lo e dar força, energia, para ninguém esmorecer e desunir na luta. A planta jurema, por exemplo, é utilizada pelos Xakriabá nos terreiros de *Toré* para se comunicar com *Iaiá*, o *encantado* protetor de seu território, conforme relatou Maria Hilda Barqueiro Paraíso (1987).

Enquanto esperávamos o término das reuniões, comecei a conversar com senhor Zé de Benvindo, uma das lideranças mais antigas da T.I.X. Ele me contou sobre como foi sofrido para os Xakriabá nas décadas de 1960, 1970 e 1980, para conseguirem demarcar seu território e se livrar de uma vez por todas dos fazendeiros. As viagens feitas por aqueles que lideravam o movimento tinham que ser feitas às escondidas, de madrugada, para que nem polícia, nem fazendeiros os pegassem. Seguiam a pé até Montalvânia, um dia de viagem, e de lá começavam a pegar carro rumo a Brasília. Segundo senhor Zé, houve uma ocasião que ele participou de uma reunião de lideranças indígenas em Aracaju (SE), foram dias de viagem. Inúmeras vezes tiveram que dormir pelo mato, escondendo da polícia. Hoje em dia, destaca ele, “*defender os direito continua difícil da mesma forminha, mas é menos sofrido. Moça, nós sofremos! A luta continua aí, ela nunca para, só cresce, que nem família*”.

⁷⁹ A letra desse canto foi retirada da monografia do Xakriabá Jan Carlos Pinheiro de Abreu (2016, p.41).

Quando os Xakriabá viram Juvenal saindo do Congresso, foram a seu encontro dançando e cantando. Este, ao se aproximar do grupo, disse: *“falei e coloquei por escrito todas as nossas demandas para eles tomarem conhecimento. Vamos esperar agora”*. No momento que voltamos para o ATL, perguntei-lhe quais eram as demandas que ele havia apresentado, ao que me respondeu que frisou principalmente a questão da demarcação das áreas de retomada, mas que falou também sobre as dificuldades que estão enfrentando na área da saúde e educação.

O final da tarde do segundo dia de Acampamento foi agitado e tomado pelas mulheres indígenas. Depois de se reunirem em grupos de discussão nos quais elaboraram documentos apresentando as principais dificuldades que enfrentam e também para pensarem juntas em temas para a Primeira Marcha das Mulheres Indígenas que aconteceria em agosto, as líderes indígenas subiram no palanque da tenda principal do evento e conversaram com os outros manifestantes do ATL. Leram os documentos elaborados e decidiram juntamente com todos os presentes que o tema da Marcha das Mulheres Indígenas seria “Território: Nosso Corpo, Nosso Espírito”. Em conversa com Célia, ela me falou que território para o povo Xakriabá era exatamente isso, corpo e espírito, no sentido da união entre os que vivem nele agora e seus ancestrais.

Essa mobilização das mulheres terminou com uma apresentação de voz e violão de Maria Gadú, e o restante da noite do ATL foi movimentado por cantores indígenas de forró de teclado.

O último dia de Acampamento 2019 iniciou com os indígenas se organizando para a Grande Marcha. Homens e mulheres xakriabá, organizados em filas transversais, fizeram grande parte do percurso da Marcha de braços dados. Os povos fizeram paradas no Ministério do Meio Ambiente, no Ministério da Justiça e no Ministério da Saúde, para entregar o documento final do ATL. No momento da parada no Ministério do Meio Ambiente, os Xakriabá se reuniram debaixo de uma árvore. Discretamente alguns homens começaram a formar uma roda, sentados e fumando seus cachimbos. Passado um tempo, também de forma bem discreta, senhor Fulozinho chegou e se posicionou no meio dessa roda. Sempre segurando uma borduna na mão, começou a manipular um pote que continha um preparado de fumo dentro. Essa roda dos homens foi se fechando, de um modo que ninguém podia ver mais o que senhor Fulozinho fazia. Em seguida, dois homens que estavam na roda se levantaram e outros que estavam em pé próximos à roda começaram a dançar em volta dos que estavam sentados. Alguns segundos depois,

algumas mulheres se juntaram a esses homens na dança e tudo que começou de forma bem calma e discreta tomou um ritmo mais acelerado, em que os Xakriabá dançavam em círculo e entoavam cantos. Eles estavam dançando *Toré*. Após a dança, todos se sentaram e ficaram um tempo em silêncio, concentrados.

Conversei com duas Xakriabá que estavam observando a roda, uma jovem da aldeia Prata e uma professora da aldeia Riacho dos Buritis. Perguntei-lhes por que não participavam da dança também. As duas me responderam que não se sentiam preparadas ainda. Nesse momento, percebi que só participaram do *Toré* pessoas que fazem parte de grupos de jovens e que se sentem preparadas, prontas para a dança.

No final da Marcha, já de volta ao Acampamento, Neguinho e Célia reuniram todos os Xakriabá em volta de uma fogueira que eles haviam acendido na noite anterior. Com um discurso voltado para os jovens, parabenizaram todos pela forma como se comportaram, ficaram unidos e concentrados como um coletivo, como um povo que quer vencer a *luta*, que sabe dos seus direitos. Jô, uma jovem da aldeia Prata, agradeceu as lideranças e professores de cultura pela oportunidade de participar daquele momento, porque assim ela pôde ver como é a *luta* fora do território, como que as lideranças se dedicam pelos direitos do povo e, sendo a *luta* em benefício de todos, os jovens tinham que os apoiar. Neguinho comunicou também que em dezembro (2019) estavam planejando e se mobilizando para realizar um Grande Encontro de Jovens na aldeia Brejo do Mata Fome, e que, mesmo sabendo que aquilo criaria polêmica no povo, o principal tema que defenderia para ser discutido seria religião. Segundo Neguinho, a principal preocupação dele e de várias lideranças era com as igrejas evangélicas que estavam desarticulando o movimento de *luta*, pois elas fazem as pessoas pararem de acreditar naqueles que dão força ao povo Xakriabá, que são seus ancestrais.

Finalizada essa conversa com os jovens, Neguinho pediu a todos que juntassem seus pertences porque o ônibus viria buscá-los no meio da tarde para a viagem de volta à Terra Indígena.

Por fim, vale destacar aqui que o ATL me permitiu acompanhar mais uma faceta do fazer a *luta* do povo Xakriabá. Nesse sentido, acampar em Brasília, cantar e dançar na frente da esplanada, levar *spray* de pimenta e se dispor a estar ali é fazer a *luta*. A *luta*, nesse sentido do fazer, dá destaque para alguns elementos como instrumento de

ação: cachimbos, bordunas, lanças, cantos, reunião em volta do fogo, os atos do movimento, a presença dos pajés e a mediação de ancestrais. Os ancestrais que são mobilizados estão localizados mais no campo (fluído) que parecem nomear como *espiritualidade*. Diferente da mobilização no território (romarias) e regional (articulação rosalino), que têm como foco os mártires do *tempo da luta*, a *espiritualidade* é algo marcante nos eventos do Movimento Indígena Nacional e que também se desenvolve muito no fazer político da Célia. É preciso cuidar da *espiritualidade* para se ter eficácia na *luta*.

3.6 Célia Xakriabá e as muitas formas de territorializar

Uma das lideranças indígenas engajada na organização do Acampamento Terra Livre é Célia Nunes Correa, mais conhecida como Célia Xakriabá. Célia, nos últimos anos, ganhou grande visibilidade no Movimento Indígena Nacional, cujas ações são organizadas pela Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB). Por ser uma das lideranças da Articulação dos Povos Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo (APOINME), Célia tem representado a APIB em reuniões junto a instâncias do governo, foi uma das idealizadoras e organizadoras da Primeira Marcha das Mulheres Indígenas, integrou a comitiva da “Jornada Sangue Indígena: Nenhuma Gota a Mais” na Europa e a comitiva que realizou uma agenda política nos Estados Unidos em setembro de 2019, que tinha como principal compromisso a participação na Cúpula do Clima da ONU em Nova Iorque. Outro motivo da grande visibilidade de Célia é o fato de ela realizar e convocar outros indígenas a fazer o que ela chama de *demarcar as telas*⁸⁰, iniciativa que tem como principal objetivo dar continuidade e visibilidade nas redes sociais às mobilizações de luta dos povos indígenas brasileiros, tornando acessível para não indígenas informações sobre as demandas, as conquistas, os ataques e as dificuldades enfrentadas pelos grupos originários no país.

Conforme relatos de Célia em eventos, vídeos e trabalhos acadêmicos, inclusive em sua dissertação de mestrado, sua iniciação no movimento indígena ocorreu quando

⁸⁰ Ouvi essa expressão de Célia Xakriabá no contexto de divulgação e realização do Acampamento Terra Livre de 2020, que, por conta da pandemia provocada pelo novo coronavírus, teve que ser realizado virtualmente. Nesses tempos de isolamento social, Célia também tem realizado com frequência *lives* que discutem temas como território, situação dos povos indígenas diante da pandemia, dentre outros assuntos.

ela tinha 13 anos de idade, acompanhando seu pai e outras lideranças xakriabá em eventos dentro e fora da Terra Indígena. Uma das características de Célia que me foi relatada por lideranças durante minha pesquisa de campo foi o *falar bem ou o dom da palavra* desde sua adolescência. Célia forneceu o seguinte relato a Dayrell (2019, p.272):

Eu formei em 2007 e, desde os 13 anos de idade, comecei com engajamento na luta. Minha primeira experiência foi na capacitação promovida pela Articulação Pacari (que tem origem na Rede Cerrado). Como o meu pai que participava do curso não conseguia ir a todos os módulos, então ele me mandou para substituí-lo. Eu estava entre a sexta e a sétima série. Esse curso ajudou no fortalecimento da Casa da Medicina. Depois, a segunda viagem para mais longe que eu fiz foi em Pirapora, eu lembro que você e Braulino estavam também no encontro da Romaria das Águas. Fui acompanhando o pessoal do Cimi, era para o Cacique Domingos ir, ele não pôde ir, ele me mandou dizendo que tinha que fazer uma fala. Para mim, foi uma dimensão de outro mundo. Foi a primeira vez que eu vi que tinha muita gente diferente além de indígena e quilombola. (...) Eu pensava assim, essa liderança não tem juízo não, como é que deixa eu com treze a quatorze anos de idade fazer uma coisa dessas? Eu estava entrando para a adolescência. A partir daí, fui acompanhando liderança de lá, liderança de cá, o lugar de fala eram deles [das lideranças], mas que mais tarde começou a me apertar, quando eles começaram a dar o lugar de fala para mim.

Célia cresceu num período de efervescência cultural e política para os Xakriabá. Ela foi aluna da turma de professores que promoveram o fortalecimento dos Xakriabá na política municipal e promoveram o *levantamento da cultura* na Terra Indígena. Por ter se envolvido de forma considerável nesse processo de *levantamento da cultura*, dialogando com os mais velhos e participando ativamente do movimento indígena com as lideranças, Célia foi indicada pelos moradores da aldeia Barreiro em 2012 para ser *professora de cultura* na Escola Xukurank, escola onde ela realizou seu ensino fundamental e médio. Após concluir o ensino médio, Célia iniciou no ano de 2008 a graduação em Ciências Sociais pelo curso regular do FIEI-UFMG, no mesmo ano começou a representar a Articulação Rosalino em debates estaduais, nacionais e internacionais, como o encontro sobre direitos dos povos tradicionais realizado na Guatemala em 2014. Em 2011, foi indicada para compor o quadro de diretores do Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas (CAA-NM). Em 2015, tornou-se

coordenadora do Programa de Educação Escolar Indígena de Minas Gerais⁸¹ e, em 2016, ingressou no Mestrado Profissional em Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais da Universidade de Brasília (CORREA XAKRIABÁ, 2018). Atualmente Célia é doutoranda em Antropologia na UFMG, faz parte da gabinetona da deputada federal Aurea Carolina (PSOL) e, como mencionei anteriormente, é uma das lideranças indígenas mais atuantes e com grande visibilidade no Movimento Indígena Nacional. Ocupa, portanto, vários lugares políticos, como ela mesma reconhece em uma audiência pública na Assembleia Legislativa de Minas Gerais para ouvir os povos e comunidades tradicionais do Estado:

Eu falo aqui de um tanto de lugar, então é bem difícil assim. Primeiro é que era importante alguns povos tá aqui também. Mas eu falo enquanto povo indígena, mulher indígena, jovem indígena, do movimento indígena brasileiro, mas também enquanto APOINME, e também nessa missão aí à frente da missão como gabinetona no mandato de Aurea Carolina.... (Célia Xakriabá fala em Audiência Pública ALMG/Povos e Comunidades Tradicionais, em 20/03/2019⁸²).

Ao analisar falas públicas de Célia Xakriabá ocupando esses vários lugares políticos, identifiquei, em seus discursos, quatro temas que se destacam: território, educação, movimento político e mudanças climáticas. Todos esses temas estão inter-relacionados, mas destacarei, nesta parte, algumas ideias que aparecem em suas falas sobre os três primeiros temas, deixando o tema das mudanças climáticas para ser apresentado no Capítulo 4 desta tese, quando tratarei da relação entre natureza e política entre os Xakriabá. Esses discursos, que estão disponíveis em vídeos na internet e registrados por mim em eventos dentro e fora da Terra Indígena, ajudar-me-ão a dar destaque para elementos que fazem parte da vida política dos Xakriabá.

Sobre o território, Célia diz que esta é a pauta mais importante dos Xakriabá. Não dá para falar de outras políticas, como saúde e educação, sem falar da base que é o território. Este não é só um pedaço de terra, mas sim o lugar com o qual pessoas possuem vínculos afetivos, carregados de lembranças boas e traumáticas, é onde reside a memória de um povo, é onde um povo pode pensar em seu futuro, gerir sua

⁸¹ Além de Célia, no ano 2018, Giusney de Souza Santos, o Gil Xakriabá, coordenou o Programa de Educação Escolar Indígena de Minas Gerais. Gil é o filho mais novo de senhor Valdinho, ex-liderança da aldeia Barreiro Preto.

⁸² Ver fala em <https://youtu.be/b-XmiXqkxZw>

sustentabilidade, é onde habita sua *espiritualidade*. Assim sendo, “quando nos nega o território, nós morre coletivamente”⁸³, pois ele é “o útero que gesta a vida”⁸⁴, não é apenas uma morada coletiva é “nossa morada interior, é onde guarda e resguarda a nossa identidade”⁸⁵. Ainda sobre essa temática, a liderança pontua que território são também espaços fora de suas terras tradicionais, espaços esses onde “a gente num deve só marcar, a gente deve demarcar também, e é isso um pouco que eu trago para o movimento político”⁸⁶.

O movimento político, como aponta Célia, faz parte do movimento indígena e surge da necessidade, do “anseio de conseguir um representante que seja do nosso povo, porque muito tempo eles falavam por nós, decidiam por nós, mas não sabia e não vivia como nós para saber o que a gente queria”⁸⁷. Ele é “um caminho em construção”⁸⁸, visando elaborar uma “política diferente”⁸⁹, que os auxilie em sua trajetória de luta:

E quando os alunos falam que é difícil hoje falar um pouco da organização interna do contexto político, e dizer que os povos indígenas precisam sim fazer um pensamento político mais como uma trajetória de luta, é porque nós não podemos ser enganados e a nossa juventude também tá muito certa disso com as nossas lideranças que não existe aliado, que tá falando que é aliado nosso na educação, na saúde, na assistência social, se não tiver compromisso com a luta. É uma mentira se dizer que é aliado nosso se não tiver compromisso com a luta. Por isso que as carta denuncia como que o prefeito da época era um aliado e dava um pouquinho de educação e dava alguma coisinha, mas não tinha compromisso com a luta. E não ter compromisso com a luta é não ter compromisso com nossa identidade e com a nossa memória. (Célia Xakriabá, aldeia Itapicuru, fevereiro de 2018).

Assim sendo, um dos espaços que Célia fala que é preciso demarcar é a política partidária. De acordo com ela, a juventude, as mulheres, os povos indígenas de uma forma geral estão se preparando para ocupar cargos políticos na política não indígena,

⁸³ Fala feita durante a Romaria dos Mártires Xakriabá, aldeia Itapicuru, fevereiro de 2018.

⁸⁴ Ver trecho de fala em https://youtu.be/AE3tod_eLgw

⁸⁵ Ver trecho de fala em <https://youtu.be/b-XmiXqkxZw>

⁸⁶ Ver trecho de fala em <https://youtu.be/qlFymGMA19c>

⁸⁷ Ver trecho de fala em <https://youtu.be/qlFymGMA19c>

⁸⁸ Ver fala em <https://youtu.be/qlFymGMA19c>

⁸⁹ Ver fala em <https://youtu.be/qlFymGMA19c>

pois “*não dá para pensar no futuro sem pensar no lugar de ocupação de poder*”⁹⁰, não dá para falar em “*descolonização do pensamento se não descolonizar os espaços*”:

Esse ano [2020] nós estávamos programados com a primeira jornada das mulheres indígenas que a ideia é percorrer os 27 estados brasileiros com diferentes temas em discussão nos territórios indígenas. Entre eles, falar da importância das mulheres indígenas no combate também das mudanças climáticas, as mulheres indígenas na sustentabilidade e uma outra economia é possível, e principalmente o fortalecimento das candidaturas das mulheres indígenas porque nós não acreditamos em descolonização do pensamento se não descolonizar os espaços. Então é muito importante descolonizar os espaços ocupando outros lugares para além do chão do território e da aldeia, porque é nos espaços institucional também, historicamente de muitas ausência, principalmente das mulheres indígenas, que nós devemos fazer essa pergunta quando as pessoas não para pra refletir o porquê que na sua universidade nunca existiu professor indígena, o porquê na sua universidade nunca existiu mulheres indígenas enquanto docente. (Célia Xakriabá em entrevista para a Diretoria de Cultura da UFU, abril de 2020⁹¹).

O espaço acadêmico, das universidades, é outro território a ser demarcado pelas/pelos indígenas. Para Célia, existe um “*processo de desbotamento*” de alunos indígenas nos espaços universitários, pois estes não são vistos como protagonistas do conhecimento. Essa atitude junto a esses estudantes faz com que ocorra o que ela chama de epistemicídio, “*que é a matança do conhecimento coletivo quando não consideram o saber que vem do nosso tradicional*”⁹². Desse modo, os indígenas precisam realizar uma inovação da educação, valorizando e falando sobre seu conhecimento tradicional. E mais, precisam passar a ver o aprendizado na universidade e a educação em geral como uma poderosa ferramenta de *luta* que os permita transitar no mundo, isto é, de um território a outro. No entanto, como destaca a liderança xakriabá, é preciso se atentar que essa educação não indígena não é mais importante ou melhor que a educação realizada dentro do território:

Existe um processo de desbotamento muito grande porque existe uma política também de acesso à permanência na universidade, mas não existe uma bolsa que fala da boa convivência. Então existe um processo de desbotamento em outros alunos que vão para a área de direito, que vão para a área de medicina, e que requer pensar essa

⁹⁰ Ver trecho de fala em https://youtu.be/s_qzDBADYSk

⁹¹ Ver trecho de fala em https://youtu.be/61P_XQ7Cs4

⁹² Ver trecho de fala em <https://youtu.be/GqQ1JEU4r18>

valorização do conhecimento tradicional. Porque quando nós chegamos nesse lugar, não somos dados como protagonista do conhecimento e apenas como sujeito, objeto de pesquisa. Acontece um processo de epistemicídio, que é a matança do conhecimento coletivo quando não consideram o saber que vem do nosso tradicional. Então o processo acadêmico, o processo trilhado dentro da academia é uma ferramenta importante para nossos povos indígenas, mas não deve ser maior porque a educação do lado de cá e a do lado de lá é uma possibilidade para transitar esse mundo. Então eu considero que se a educação é uma arma importante e nossos povos indígenas sempre foi alvo dessa educação muito colonizada, europeia, mas nós também somos uma flecha muito assertiva para pensar a inovação da educação, e em um mundo novo. Mas um mundo que sempre foi nosso e que por muito tempo foram retirados de nós. (Célia Xakriabá em depoimento gravado durante o evento Mekukradjá – Círculo de Saberes: Língua, Terra e Território, em outubro de 2017⁹³).

Em sua dissertação de mestrado, Célia (2018) fala sobre o processo epistemicídio, sobre a necessidade de se atribuir a mesma importância ao conhecimento indígena e não indígena, dissertando assim sobre uma educação territorializada vivenciada pelos Xakriabá, uma educação que começa e termina no território. Ao relatar sobre a educação que recebeu no território xakriabá, a pesquisadora indígena destaca três elementos que fizeram parte de seu aprendizado no e sobre o território: “o barro, o genipapo⁹⁴ e o giz”. Antes da chegada da escola, uma das maneiras de se educar era moldando o barro e pintando o corpo com jenipapo. Após a chegada da instituição escolar, o giz ganhou destaque em relação a esses outros elementos do aprendizado xakriabá. No entanto, a escola, lugar de supremacia do giz, passou por um processo de “amansamento” por parte dos Xakriabá, fazendo com que o barro e o jenipapo passassem a fazer também parte da vida escolar. Esse termo “amansamento da escola” é

⁹³ Ver em <https://youtu.be/GqQ1JEU4r18>

⁹⁴ Sobre a escrita da palavra Genipapo com G e não com J, Célia (2018, p.40) coloca o seguinte em uma nota de sua dissertação: “Faço opção por escrever genipapo com G e não com J. A grafia com G me remete à nossa relação com G do Gerais, e sempre que vou me apresentar faço questão de dizer que só conhece bem Minas quem conhece o Gerais. Internamente, na nossa língua, também nos reconhecemos mais na escrita com G, foi assim que aprendi a escrever na escola a palavra genipapo. Depois, mais tarde, foi que me deparei com corretor no computador sempre me corrigindo, pois se predomina na escrita com J. Fiquei tentando entender porque eu gosto tanto do G e acabei (re)descobrimo que o mesmo acontece com o jeito de escrever sobre a família Gê, Jê do tronco linguístico. Embora existam as duas opções me reconheço mais com o G assim como acontece com G de genipapo. Quando faço essa opção é portanto também porque ela me remete a uma forte relação da nossa família pertencente ao tronco Gê.”

um conceito nativo e se refere à “*resistência de amansar aquilo que foi bravo, que era valente, portanto, atacava e violentava a nossa cultura*” (CORREA XAKRIABÁ, 2018, p. 137).

O processo de “*amansamento da escola*” é diferente do processo de “*indigenização*” da mesma. Conforme Célia, a “*indigenização*” é um conceito utilizado por ela “*para falar das estratégias com as quais o povo Xakriabá lida com a escola que chega até nós e como a ressignificamos*” (IDEM). Sobre esse tema, a liderança xakriabá destaca ainda que, quando se pensa em uma escola indigenizada, ou seja, aquela que valoriza o conhecimento nativo, pode-se, por consequência, pensar na autonomia do povo:

Nosso desafio maior é pensar a indigenização das escolas como um lugar que pode resignificar a partir do ser Maxakali, a partir do ser Xakriabá, a partir do ser Guarani. Então pensar um processo de educação indígena diferenciado é pensar um lugar que tem espaço para a cultura, com esse processo de aculturação não ser contaminado o processo da escolarização, porque a escolarização por si só é um lugar de colonização. Então pensar processos autônomos é pensar uma escola indigenizada, não uma escola aculturada, que sobrepõe uma cultura maior do que a outra. A educação para os povos indígenas ela começa no território. Ela começa e termina no território, porque se a gente for perguntar onde está a escola, a escola ela está em todos porque ela é as próprias pessoas. Então a escola indígena ela está em todos os lugares. Não é só professor numa escola indígena aquele que assina um contrato. Então pensar uma escola indígena diferenciada é pensar uma escola com possibilidade do aluno indígena transitar nesse mundo do território indígena, mas também transitar num lugar não indígena, porque a escola tanto indígena como a não indígena é uma ferramenta de luta. Então é uma arma do século XXI. E se é uma arma do século XXI a caneta, mas a nossa identidade, a nossa cultura também é. (Célia Xakriabá em depoimento gravado durante o evento Mekukradjá – Círculo de Saberes: Língua, Terra e Território, em outubro de 2017⁹⁵).

Para Célia, portanto, no processo de tornar-se autônomo dos povos indígenas, a educação torna-se fundamental. Ela é um território a ser constantemente pensado e demarcado pelos indígenas, bem como serve de entrada para que estes transitem por outros territórios. Movimentar-se e *demarcar* novos territórios é uma maneira que os

⁹⁵ Ver trecho de fala em <https://youtu.be/GqQ1JEU4r18>

povos originários encontraram para resistir a um processo de colonização que persiste em nosso país e que se torna cada vez mais violento em relação aos seus modos de existência. Ocupar lugares nesses territórios é ocupar lugares de poder, é pensar na vida atual, mas também na vida futura. Futuro não só dos povos indígenas, mas da humanidade em geral, que sofre e tem sua existência cada vez mais ameaçada pelas mudanças climáticas no planeta Terra.

A construção da liderança de Célia é interessante para pensar aspectos que atravessam a formação de lideranças desde o *tempo da luta* até os atuais. Sua ligação a núcleos de parentesco que vêm se mantendo nas posições principais de liderança na T.I., seu engajamento na política municipal e estadual, e as formas particulares que sua atuação ganha no movimento indígena e no movimento de mulheres indígenas. Algo que se destaca na atuação política de Célia é a sua inventividade nas suas traduções reversas, nos termos interessantes que ela forja.

3.7 Múltiplas lideranças e territórios

No decorrer deste capítulo, procurei apresentar uma perspectiva sobre as movimentações da vida política xakriabá, dando destaque para múltiplos modos de liderança e diferentes sentidos de território que aparecem entre esses indígenas. Desse modo, se do final do século XIX até a década de 1960 duas parentelas se destacaram à frente da chefia desse povo – os Gomes de Oliveira e os Seixas Ferro –, a partir da década de 1970, quando foi implantado o cacicado, dois representantes da família Gomes de Oliveira assumiram como caciques: o cacique Rodrigo (1974 até 2003) e seu sobrinho, cacique Domingos (2004 até os dias atuais). No processo de sucessão do cacicado xakriabá, houve uma divisão político-ideológica na família Gomes Oliveira. Como vimos, um grupo apoiou Zé de Rodrigo, filho de Rodrigo, e o outro, Domingos, sobrinho de Rodrigo e filho de Rosalino, Xakriabá que se destacou como principal liderança nos movimentos de retomada de terra na década de 1980, sendo nomeado vice-cacique em 1986 e que fora brutalmente assassinado em 1987 por invasores do território xakriabá.

No mesmo período em que Domingos foi nomeado cacique, seu irmão José Nunes foi eleito prefeito de São João das Missões. Conforme apresentei, Zé Nunes foi um dos líderes de um movimento protagonizado por um grupo de professores xakriabá

em 2003 para fundarem o Partido dos Trabalhadores na cidade de Missões e elegerem um prefeito indígena. A mobilização desses educadores teve como resultado o fortalecimento da representação xakriabá na política partidária, pois desde 2004 esse povo ocupa a cadeira do executivo municipal e aumentou o número de representantes na câmara de vereadores.

Esse movimento pioneiro de ocupação de lugares no território da política municipal pelos professores xakriabá foi possibilitado, principalmente, pelas parcerias que as lideranças de aldeia e o cacique estabeleceram em meados da década de 1990. Entre essas parcerias, ganha destaque os vínculos tecidos com a UFMG, que deram a alguns Xakriabá a oportunidade de começar a frequentar espaços institucionais de educação não indígena, que os proporcionaram não apenas formação escolar e profissional, mas também os inspirou a lutar junto com seus líderes pela implantação da Educação Escolar Indígena na T.I. e os envolveu na busca por outras políticas públicas que trouxessem benefícios para seu povo.

O campo da educação apresentou-se assim para os Xakriabá como um espaço de construção de lideranças. Líderes que passaram a atuar em contextos diversos e dinâmicos atuam nas aldeias junto com as lideranças mais velhas engajando a juventude na *luta* por direitos, auxiliando-as na elaboração e no desenvolvimento de projetos que envolvem toda a comunidade, isto é, não apenas aqueles vinculados à escola, assim como auxiliam e promovem articulações políticas em nível municipal, como dito, e em nível regional e nacional.

Um professor, para se destacar como liderança, precisa dominar elementos próprios da sociedade não indígena, como a escrita da língua portuguesa, conhecer normas burocráticas específicas de cada contexto em que circula, mas precisa também, como qualquer outro líder com formação ou não, contar com apoio de lideranças mais velhas, ser um bom orador, ou seja, falar de forma clara e convincente aos seus e aos outros, além de sempre pensar e colocar o bem-estar coletivo acima de benefícios pessoais. Assim sendo, qualquer homem ou mulher xakriabá adulto pode se tornar uma liderança desde que possuam as características acima.

Hilário, por exemplo, atual *antena* de seu povo na Articulação Rosalino, em termos de escolaridade, possui o fundamental incompleto, no entanto, ele é uma das lideranças mais influentes da aldeia Barreiro Preto, conhecido por sua destreza na comunicação com instituições parceiras dos Xakriabá. Em uma conversa com senhor

Valdinho, ele me disse que “o papel do Hilário é receber o pessoal de fora. Você mesma foi encaminhada pra ele, né? Eu também recebo, mas ele tem mais facilidade. O Nicolau também é assim”. Nicolau é conhecido pelos conhecimentos administrativos que adquiriu pelo longo tempo de envolvimento com os trabalhos da Associação Indígena Barreiro Preto. Como dito no Capítulo 1 desta tese, ele é um dos professores reconhecidos como elaboradores de projetos, sendo que sua especialidade é elaborar projetos relacionados à agricultura e extrativismo de frutos do cerrado.

Nicolau possui ensino médio incompleto, mas, por seus conhecimentos relacionados à agricultura e à folia de Reis, foi escolhido pela comunidade e lideranças como um dos professores de cultura da Escola Estadual Indígena Bukinuki, localizada na aldeia Sumaré I. Esse Xakriabá, em relatos à pesquisadora Verônica Mendes Pereira (2011), disse que procura conciliar seu trabalho à frente da Associação com seu trabalho de professor, levando informações dos projetos que estão sendo desenvolvidos nas aldeias para a comunidade escolar e conscientizando a comunidade em geral sobre o lidar com a terra. Como a autora destaca, essa postura de Nicolau deixa clara a dimensão política presente na sua atuação como professor de cultura. Em meu campo, também percebi essa dimensão política dos professores de cultura, principalmente no que diz respeito ao engajamento da juventude na *luta*. Alguns desses professores lideram e são responsáveis pela organização dos grupos de jovens nas aldeias onde moram.

Esses grupos de jovens, conforme salientei, apresentam-se como um espaço de construção de lideranças, assim como o campo da educação. Nesses grupos, jovens líderes desempenham o papel de conselheiros perante os moradores da aldeia, de mediadores entre as lideranças e outros jovens que não fazem parte do grupo e que estejam tomando atitudes que vão contra o bem-estar da comunidade, elaboram projetos que possam trazer benefícios para a mesma, são engajados no fortalecimento da cultura xakriabá, ganhando destaque a atuação deles na parte de fortalecimento espiritual do povo. Na convivência desses grupos, alguns jovens são escolhidos para serem iniciados nas questões da *espiritualidade* pelo pajé, lideranças e mais velhos, que decidem quando e quais jovens podem participar dos rituais sagrados.

Há, portanto, diferentes modalidades de liderança entre os Xakriabá. Beatriz Perrone-Moisés, em seu texto “Bons chefes, maus chefes, chefões: elementos de filosofia política ameríndia” (2011), chama a atenção para esse aspecto plural da chefia

ameríndia. Há aqueles chefes que se tornam ou são tornados lideranças dentro de suas aldeias e/ou grupo de parentesco, que iniciam um movimento, que organizam e que zelam pela paz e união entre seus liderados:

Chefe é aquele que inicia um movimento, movimento este que simultaneamente constitui o grupo e o constitui como chefe. “Chefe é quem sabe organizar o pessoal”, disseram-me recentemente interlocutores wayana e aparai. A “superioridade” do “capitão” tupinambá “era andar na frente, na guerra”, disse um deles a Montaigne (“Dos Canibais”, 1580). Na América do Sul, chefe é frequentemente aquele que abre uma roça, funda uma aldeia. Chefe é quem começa algo (*IDEM*, p. 875).

E há aquelas lideranças que surgiram após a Constituição de 1988. Reconhecidos a partir desse momento como sujeitos de direito, os povos indígenas estabeleceram relações cada vez mais estreitas com o Estado brasileiro, o que fez surgir novas formas de prestígio e autoridades nos grupos. Do final da década de 1980 até os dias atuais, de forma cada vez mais constante, são professores, agentes de saúde, funcionários, geralmente jovens adultos, que têm se destacado como “lideranças” em oposição aos velhos “chefes sem poder”, bem como tem surgido uma multiplicidade de organizações e movimentos políticos indígenas que devem ser compreendidos a partir de sua própria filosofia política (*IDEM*, 876).

No caso dos Xakriabá, foi exatamente o que aconteceu. Na verdade, antes mesmo da Constituição de 1988, na década de 1970, vemos transformações na chefia desse povo a partir do momento que há um estreitamento de relações com o Estado brasileiro por meio da Funai, quando a figura do chefe dá lugar à figura do cacique e dos representantes de aldeias. Posteriormente, a partir da década de 1990, com a implantação da Educação Escolar Indígena e a expansão do processo de escolarização de membros do grupo, professores passam a figurar como lideranças dentro e fora da T.I. Atualmente, além dos professores, jovens líderes têm se destacado ao lado das lideranças mais velhas na busca por direitos e na organização da vida cotidiana nas aldeias onde moram.

Na busca por seus direitos, essas lideranças xakriabá transitam por diferentes espaços da sociedade não indígena, participando do que Beatriz Perrone-Moisés (*idem*), inspirada por seus interlocutores Mebengokre, chama de “guerra de palavras”, e também participando do mundo político não indígena. Conversando, discursando,

protestando e negociando com o Estado brasileiro, e participando do Estado, os Xakriabá travam uma verdadeira *luta* para que seus direitos sejam respeitados.

No que diz respeito “à guerra de palavras”, a jovem professora liderança Célia tem se mostrado uma das figuras mais importantes da *luta* atual dos Xakriabá. Célia, por possuir o *dom da palavra*, tornou-se a voz principal de seu povo no movimento indígena nacional e nessa organização política tem se tornado também uma de suas mais destacadas lideranças.

Conforme dito anteriormente, Célia defende que, para haver respeito aos povos indígenas e seus direitos, é necessário que os não indígenas realizem uma descolonização do pensamento. Contudo, para que isso ocorra, é preciso que os indígenas realizem uma descolonização dos espaços institucionais das sociedades não indígenas, passando não só a imprimir sua presença constantemente neles, mas também envolvendo a dinâmica de vida desses lugares com seu modo de ser e de pensar, realizando assim uma verdadeira demarcação de territórios.

Desse modo, territórios como o universitário e da política partidária, em que as vozes e os pensamentos indígenas irrisoriamente são levados a sério, precisam ser conquistados, demarcados com o modo dos indígenas de ver o mundo, para que os direitos dos povos originários sejam garantidos e seus modos de vida preservados; pois garantir a existência dos povos indígenas é garantir a existência de toda a humanidade, defende Célia.

Além desse movimento de demarcação de espaços institucionais não indígenas, Célia chama a atenção também para a importância de os povos indígenas se manterem unidos e realizarem movimentos políticos juntos, como o Acampamento Terra Livre, que é a maior reunião dos povos indígenas do Brasil. No ATL, os povos originários lutam por demarcação de territórios tradicionais, traçam estratégias para a conquista dos territórios mencionados acima e efetivamente realizam a “demarcação”, mesmo que temporária, de uma área da cidade de Brasília (o lugar onde erguem o acampamento) e de lugares em reuniões na Câmara dos Deputados, no Senado e nos Ministérios.

Seguindo os passos e o pensamento de Célia, jovens xakriabá, quando entram na universidade, veem essa oportunidade como uma possibilidade de demarcar território, isto é, de levar o modo de ser e os conhecimentos próprios de seu povo para o espaço acadêmico e de buscar conhecimento não indígena para benefício do grupo, tal como me disse Edvan, jovem líder estudante de Ciências Sociais no FIEI-UFMG.

A juventude xakriabá é caracterizada por ter “*um pé na aldeia e um pé no mundo*”. É cada vez maior a presença de jovens desse povo estudando em institutos e universidades federais, bem como em universidades particulares. Desse modo, há todo um trabalho das lideranças mais velhas no sentido de conscientizar esses jovens de retornarem para o território tradicional com os conhecimentos que adquiriram em sua formação profissional e contribuir com seu povo.

Lembrando o que disse Perrone-Moisés, se um chefe na América do Sul é quem começa uma roça ou alguma atividade, podemos dizer que o que as lideranças xakriabá “puxam” é principalmente *a luta*. E *luta* remete de forma muito direta a terra, ou território, ou mesmo ao planeta Terra. A *luta* transforma sentidos e estratégias dela mesma, desloca o *território*, tornando-o mais ou menos estendido. Produz conexões com outras perspectivas indígenas ou com outras lutas igualmente voltadas a terra, mas construídas sob outros termos. Cria, ainda, muitas feições de lideranças antigas da cultura, da política (convencional), dos jovens em seus grupos, das recentes lideranças mulheres com sua notável visibilidade. Não apenas reúne, mas produz também conflitos: opõe *parentes* na política municipal, aprofunda antigas rivalidades, cria novas conexões. Talvez aí também se possa ler a insistência na *união* para a *luta*, constantemente demandada. Sabe-se que há muitas forças disruptivas, muitas disputas latentes e nunca se deixou de saber do valor político da reunião (das diferenças) para a *luta* diante das investidas de exploração e violência dos negócios dos brancos.

CAPÍTULO 4

CIÊNCIA E ESPIRITUALIDADE NO TERRITÓRIO

4.1 Apresentação:

Neste capítulo, trato de aspectos referidos pelos Xakriabá, especialmente em falas dirigidas aos não indígenas, como *espiritualidade*, observando como esta se articula ao território e a outras noções como as de *sagrado* e *segredo*. Exploro, também, especialmente a partir dos trabalhos acadêmicos desenvolvidos por pesquisadores e pesquisadoras xakriabá, a chamada *ciência*, isto é, produzida na observação e engajamento com habitantes como *encantados*, plantas e bichos que compartilham o mesmo território.

Apresento ainda histórias sobre *aleivosias* que me foram contadas pelos Xakriabá. Segundo esses indígenas, as *aleivosias* também habitam seu território.

4.2 *Espiritualidade, luta e ciência*

Como vimos no capítulo anterior, os Xakriabá possuem diferentes concepções de território. Nas falas feitas nos movimentos, de todo modo, destaca-se o *território tradicional*, composto pela Terra Indígena Xacriabá e as *áreas de retomada*, e os territórios que, como frisa Célia, devem ser, além de marcados com a presença indígena, “*demarcados*” por ela, pois a vivência e conhecimento que eles adquirem em espaços como o universitário e da política partidária, por exemplo, se bem utilizados, podem transformar-se em *ferramentas potentes de luta*.

Transitar por esses espaços exógenos ao território tradicional, conhecer os modos de funcionamento e adquirir conhecimentos que fazem parte destes, assim como fazer ouvir o conhecimento indígena por onde circulam, faz-se necessário porque, como chama a atenção Durkwa Xakriabá, “*as lutas que travamos hoje não são contra revólver ou carabina, como antigamente. Lutamos contra projetos de lei que acabam com nosso direito*”. Tal modo de ver a *luta* atual é corroborado e complementado pela fala do prefeito xakriabá José Nunes, que salienta que “*Nossos embates são contra*

canetadas. Mais do que nunca, é preciso ter domínio dos saberes não indígenas para garantir a nossa ciência tradicional, território e vida”⁹⁶.

Portanto, “*demarcar*” territórios não tradicionais equivale, dentre outras coisas, a garantir o direito ao território tradicional, onde os Xakriabá podem viver ao seu modo, praticando sua *ciência*. Em meu trabalho de campo, ouvi alguns Xakriabá se referirem ao seu território tradicional como um *chão sagrado* que tem a *espiritualidade* como sua principal força. Nesse sentido, Célia Xakriabá (2018), realizando uma reflexão sobre o bem-viver em nossa sociedade e produção alimentar, mostra como os povos tradicionais veem seus territórios e como as pessoas ligadas ao agronegócio veem o mundo, a natureza, inclusive as terras desses povos:

Acreditamos no bem-viver que gera a autonomia alimentar. Vivemos hoje em meio a um apocalipse do capitalismo, que devasta e explora os recursos naturais para servir às grandes corporações, bem como ao agronegócio. Nós, populações tradicionais, temos condições de apresentar um outro projeto de sociedade, não exatamente pela falácia do desenvolvimento e sim por meio do **re-envolvimento**, que representa a retomada de outros valores. Nesta nossa relação com o mundo, que é com o ambiente inteiro e não apenas uma parte, não dá para criar uma relação impessoal ou sem espiritualidade, não dá para enxergar a natureza apenas como um bem a ser explorado, ou mesmo como um lugar que produz alimento. A sociedade carece de recuperar valores da relação com o espaço *corpo-território*. Precisa considerar o território como um importante elemento que nos alimenta e constitui o nosso ser pessoa no mundo, não sendo possível nos ver apartados do território, pois somos também parte indissociável dele, nosso próprio corpo. (CORREA XAKRIABÁ, 2018, p. 79 e 80).

Durante o I Encontro da Juventude Xakriabá, os Xakriabá falaram por diversas vezes na *espiritualidade*. Na carta desse evento, tais indígenas relacionaram a *espiritualidade* aos seus ancestrais, quando escreveram que, naqueles dias, tinham reafirmado “*A força de nossa ancestralidade, dos guerreiros que tomaram cujo sangue viraram adubo de nossa terra, sementes de luta, verdadeiros guias da nossa espiritualidade*”. Durkwa Xakriabá, nesse mesmo encontro, disse que os Xakriabá devem “*andar sempre com nossa espiritualidade que é ela que nos defende e nos guia, que nos mostra o caminho*”, que os faz vencer batalhas, porque segundo ele, “*Força não resolve. O que resolve para nós indígena é a nossa espiritualidade, a nossa fé, a nossa confiança, isso é que ganha a guerra*”. Além disso, a *espiritualidade* os leva “*ao*

⁹⁶ Ver jornal Porantim nº400, pág. 15.

sagrado que lembra quem somos, nos faz redescobrir". Vivenciar a *espiritualidade*, realizar rituais, traçar pinturas sobre a pele, essas práticas são "*a nossa religião. É o que está no mais profundo do nosso ser, que se repete há milênios*"⁹⁷.

Ao mesmo tempo que a *espiritualidade* é de suma importância para os Xakriabá fortalecerem quem eles são, ela não pode ser acessada por todos os membros do povo. No meu trabalho de campo, os Xakriabá foram unânimes em me dizer que este é um conhecimento de apenas um grupo, formado por lideranças, mais velhos, pajés e alguns jovens. Por pertencer à "*parte mais fechada*" da vida espiritual Xakriabá, os iniciados na *espiritualidade* precisam seguir prescrições de não revelação de determinados ensinamentos, somente transmitindo aquilo que recebem permissão para falar. Do mesmo jeito que um iniciado contribui com ele próprio e com seu povo ao praticar os "*rituais de fortalecimento*" e ao seguir corretamente as orientações da *espiritualidade*, ele pode atrair acontecimentos ruins para seu grupo e/ou para si, como perder seu poder de visão, quando apresenta aspectos desta que não devem ser revelados para um não iniciado⁹⁸. A *espiritualidade* como diz Edvan, ou o *trabalho*, como a chama senhor Rosalvo, é um *segredo* que vem desde os mais velhos. No caso do grupo Itapicuru-Sapé, tal *segredo* é guardado em família e só é apresentado de forma integral a um novo membro quando este é considerado preparado para iniciar no ritual⁹⁹:

Edvan: *Mas aí, essa parte da espiritualidade, nós trabalha mais internamente, só entre nós [jovens iniciados], os lideranças e os mais velhos. Eu costumo dizer que os Xakriabá é assim, que quando um pequeno grupo de pessoas tá buscando ali, tá buscando a espiritualidade, tá protegendo todos. E tem um tempo pra aquela pessoa entrar naquele tipo de ritual.*

Senhor Rosalvo: *Esse trabalho dele muitas vezes não foi criado de hoje, isso já vem do antepassado, dos mais velho. E a gente já tinha, guardava esse segredo. Tem até onde a gente pode ir e quem pode*

⁹⁷ Ver jornal Porantim nº400, pág. 15, e no site <https://www.caa.org.br/biblioteca/noticia/nossa-heranca-e-luta-dos-mais-velhos-e-com-quem-vai-chegar>.

⁹⁸ Ver essas ideias sobre a *espiritualidade* nas falas de senhor Rosalvo e Edvan, no tópico sobre os Grupos de Jovens Xakriabá, no Capítulo 3 desta tese, da página 102 a 111, e também na dissertação de Célia Xakriabá, página 38.

⁹⁹ Sobre o acesso ao ritual, Paraíso (1987, p. 49) diz o seguinte: "O acesso é permitido a todos os membros da comunidade, a partir dos sete anos de idade. Porém, algumas regras de exclusão se fazem presentes no momento da participação: só aqueles que realmente são reconhecidos como membros do grupo da 'ciência' são aceitos. Assim, 'os baianos', apesar de casados com membros da comunidade, ali vivendo, e sendo incorporados em vários níveis da vida social e política do grupo, não são aceitos no ritual. Também se excluem os que, embora reconhecidos como índios, são casados com 'baianos'."

também participar. Nem todos, porque tem gente que esbanja o que é que tem.

Lucília: E, para entrar nesse grupo, vocês têm sinais disso? Ou isso tem que partir da pessoa? Como funciona a iniciação?

Edvan: *A iniciação ela parte, tipo do princípio de que no decorrer que a gente vai andando assim dentro das duas aldeias [Itapicuru e Sapé] e a gente pensa nas duas aldeias por causa da proximidade da família. Por exemplo, a família da minha mãe é toda do Sapé. Aí eu tenho mais proximidade com eles lá. E o pessoal aqui, como a maioria é das duas aldeia, aí a gente tem mais proximidade um com o outro. E, quando a gente pensou em fazer o grupo só das duas aldeias, a gente pensou que em família seria melhor por causa que o segredo tava ali mais guardado. E aí a gente vai olhando de acordo a pessoa, vai amadurecendo mais e a gente vê que tá acompanhando mais e a gente vai chamando aos pouco, participando aos pouco. Não das reunião do ritual para a questão da Espiritualidade, mas a gente vai chamando aos pouco, mostrando algumas coisa que nos é permitido e, quando a gente vê que tá preparada a pessoa, começa então a fazer a iniciação no ritual, aí é um ritual mais interno que a chama que é um momento mais forte nosso. (Aldeia Itapicuru, fevereiro de 2019).*

Durante essa conversa sobre o Grupo de Jovens Itapicuru-Sapé com Edvan e senhor Rosalvo, em momentos que nossa prosa acabava convergindo para o tema da *espiritualidade*, notava uma mudança de comportamento em meus interlocutores. Instalava-se um clima de muito respeito, falavam baixo, pouco e era perceptível a vigilância que eles se colocavam para não falarem coisas que não podiam. Quando eu realizava uma pergunta sobre um tema que eu considerava relacionado à *espiritualidade* e eles não podiam falar com detalhes sobre, como, por exemplo, o *Toré* e os *encantados*, gentilmente me diziam que não tinham permissão para falar sobre aquilo, pois era *segredo da cultura*¹⁰⁰.

O tema do *segredo* foi objeto de reflexão de Rafael Barbi Costa e Santos (2010) em sua busca por entender o conceito de cultura utilizado pelos Xakriabá. Segundo o autor, o que é denominado por esses indígenas como *segredo* “é tudo o que se relaciona ao universo cosmológico relacionado ao *Toré*, mas ele se refere em especial às relações intensas com os *encantados*”. Diferente dos *projetos de cultura*, o *segredo* não é mostrado de maneira exuberante, ele somente é apresentado na forma de histórias sobre

¹⁰⁰ A Xakriabá Luzionira de Souza Lopes (2016, p. 30), em sua monografia de conclusão de curso, fala em *segredo da natureza* quando se refere a um de seus entrevistados, o senhor Adelino Nunes de Macedo. Segundo ela, senhor Adelino é um grande sábio das ciências Xakriabá, que desempenha o ofício de “rezador, benzedor, folião de Reis e tem muita experiência com os segredos da natureza”.

encanto dos antigos ou em casos excepcionais, como ocorreu na década de 1980, quando os Xakriabá, na luta pela homologação de seu território, permitiram que Maria Hilda Barqueiro Paraíso, antropóloga contratada pela Funai para elaboração de um laudo sobre sua identidade étnica, acompanhasse parte de um ritual do *Toré*. Sobre essa ocasião, a autora escreveu o seguinte:

O *Toré* é dançado no terreiro que fica no meio do mato, com acesso difícil, pois não há trilhas abertas ou qualquer indicativo do caminho a ser seguido. Visitamos o do Barreiro, o que só nos foi possível após a autorização da mestra a seu marido, para que nos acompanhasse. À medida que nos dirigíamos ao local, o índio, com seu facão, abria passagem, quebrando galhos de arbustos. O terreiro é precedido de uma área onde fica a árvore sagrada, que define quem deve ou não ter acesso ao terreiro. A árvore é um coqueiro de três galhas, visível somente àqueles que Yayá considera aptos a visitarem o local sagrado. O chão do terreiro é batido e limpo de toda vegetação, tem forma retangular e fica próximo às grutas, morada de Yayá. Numa de suas extremidades, um monte de pedras, onde se guardam os objetos do ritual, inclusive os restos da bebida sagrada. (...) As pessoas, ao chegarem ao terreiro, são recebidas pela madrinha, que os orienta quanto à posição que devem ocupar, no terreiro. Os participantes devem estar vestidos de branco e descalços. Sem o atendimento dessas exigências, ninguém pode pisar no chão consagrado a Yayá (...) Antes de se iniciarem as “danças para a Onça Cabocla”, prepara-se, previamente, a jurema. Não conseguimos saber se a bebida é preparada com as frutas ou a casca, mas, observando a tigela com um resto de bebida, presumimos ser feita de talos da casca cozida, provavelmente misturado a outras ervas. (...) Após alguns momentos de danças, ritmadas ao som de cantos, em português e no assim chamado idioma xakriabá, que tudo indica ser o remanescente da antiga língua xakriabá e somente usado durante o ritual, o bastão sagrado inicia o seu trabalho. O bastão nos foi descrito pelo cacique e pelo pajé como sendo feito de madeira, de “tamanho médio” e que só pode ser tocado pelo pajé. Outra pessoa qualquer, caso o toque, morrerá imediatamente. É o pajé que o retira das pedras onde fica guardado e o coloca num canto do terreiro. Num determinado momento ritual, o bastão inicia sua dança, sozinho, sem que ninguém o toque, e emitindo fumaça pelas extremidades. Termina sua dança sobre a tigela grande, onde faz uma cruz de fumaça. Apenas aqueles que Yayá escolhe para conversar, naquele dia, são capazes de ver a cruz com perfeição.

Após esse ato, inicia-se a distribuição de jurema, em pequenas tigelas, aos presentes. Para que haja sincronia entre os participantes no “encontro com Yayá”, o pajé dosa a quantidade que cada membro do grupo deve beber. A bebida tem efeito alucinógeno, variando entre 2 ou 3 horas. (PARAÍSO, 1987, p.48 a 50).

Nessa descrição, Paraíso destaca três figuras que lideram e organizam o ritual do *Toré* secreto: a mestra, a madrinha e o pajé. Além deles, na página 38 de seu relatório,

ela fala do compadre que “é aquele companheiro de ritual que, como o seu par, pode falar com Yayá”. A antropóloga segue dizendo que não é de seu conhecimento que exista um ritual de vinculação dos compadres “ou se ainda se trata de identificação dos membros de uma confraria secreta que, por partilharem de um segredo, adquirem estatuto especial e tratamento diferencial”.

O *Toré* é feito para *Iaiá*, como destaca a pesquisadora, são “danças para Yayá” em um “chão consagrado a Yayá”. É o momento em que os Xakriabá que “*sabem a ciência*” conseguem conversar sobre questões coletivas e individuais com esse ancestral que encantou¹⁰¹. Déda, em conversa com Helen Santa Rosa (2017), reforça a ideia do *Toré* como um *ritual sagrado* e secreto para os Xakriabá, quando os indígenas podem entrar em comunicação com seus ancestrais, encantos, que os orienta sobre os caminhos a serem trilhados:

Nós temos o nosso ritual mais aberto, mas temos o ritual sagrado que não é na presença do não índio, é na presença só dos indígenas. Tem as datas, que são datas especial que é a data da lua cheia, quadra de luas que a gente faz esse ritual, é uma forma de comunicar com nossos ancestrais, com nossos encantos. Uma forma que nos dá essa visão de como a gente pode trilhar por um caminho, e até mesmo orientar outras pessoas que ainda não têm essa visão. (Déda, apud SANTA-ROSA, 2017, p. 93 e 94).

Tomando por base as ideias apresentadas no parágrafo anterior e no relato acima, pode-se concluir que os que “*sabem a ciência*” são aqueles indígenas que conseguem ver, ouvir e falar com os *ancestrais*, os *encantos* de seu povo. Essa conclusão não é incorreta, porém ela não abarca todos os sentidos que são atribuídos à *ciência* na vida social xakriabá.

4.3 As muitas *ciências* (da natureza)

Na convivência com os Xakriabá, é possível perceber que eles atribuem *ciência* não apenas aos indígenas que participam do *Toré* e aos *encantados* que fazem parte desse ritual, mas também a outros seres que habitam o território xakriabá, como os animais e as plantas. Aos *mais velhos*, que podem ser ou não participantes do *Toré*, é

¹⁰¹ À frente, apresentarei uma narrativa da origem de *Iaiá* bem como falarei sobre outros seres *encantados* presentes na cosmologia Xakriabá.

atribuída uma grande habilidade em observar a natureza e, por isso, é considerado também que eles têm *ciência*.

Os *mais velhos*, por exemplo, possuem um grande conhecimento sobre a influência da lua na vida social xakriabá. Alípio Ferreira da Cruz (2018), baseado em conversas com *mais velhos* moradores das aldeias Prata, Vargens e Caatinginha, apresenta a forma de construção e a importância do carro de boi na cultura e na história do povo Xakriabá. Segundo seus entrevistados, é de grande importância que o carpinteiro fique atento ao calendário lunar para realizar a retirada de madeira para a construção do carro de boi, pois o melhor período para realização dessa atividade é durante a lua minguante.

O calendário lunar é um dos temas do conhecimento desdobrado da vida no território xakriabá, que é objeto dos trabalhos que muitos jovens e moças vêm desenvolvendo na última década no âmbito do curso de Formação Intercultural de Educação Indígena da UFMG.

Neusa Rodrigues da Silva Oliveira (2018, p.17), ao pesquisar sobre roupas tradicionais xakriabá e relatar seu processo de aprendizagem de confecção dessas roupas, diz que, de acordo com os *mais velhos*, a lua nova é o melhor período para se colher a seda de buriti:

Aprendi também o tempo certo para tirar seda do buriti para fazer as roupas que têm tudo a ver com a cultura Xakriabá. Na lua nova é o melhor período: sai bom e facilita o trabalho. Porque a lua está no escuro, ou seja, é quando o sol faz sombra na lua, deixando a mesma sem brilho por uns dias, sem a reflexão do sol na lua, onde ela não tem reflexo e perde a força de atração sobre tudo que há na terra. Por esse motivo, as águas do corpo das plantas descem e se concentram a maior parte nas raízes, com essa ausência da concentração da água no corpo da árvore (buriti) deixando o material mais resistente. Já na lua minguante, sai pela metade, o que dificulta o trabalho. Pois, no nosso olhar, quando a lua vai ficando minguante, a seda também mingua, diminui de quantidade e assim perdendo concentração, resistência e durabilidade. Essa é uma tradição do povo Xakriabá. É como se fosse uma ciência de saber qual o tempo certo para fazer cada atividade. Esse conhecimento é passado pelos mais velhos.

A lua tem influência também na produção de óleos e banhas. De acordo com os mais velhos das aldeias Caatinginha, Sumaré I e Sumaré III, entrevistados por Elizete Gama Macedo da Silva (2017, p.37), a feitura de óleos somente deve acontecer na lua cheia ou crescente, do contrário, ele não rende e pode ficar com aspecto de massa. Os

óleos também não rendem quando feitos por ou na presença de pessoas que nasceram quinta e sexta-feira. Remédios à base de óleos, feitos por essas pessoas, não têm o mesmo efeito, a mesma eficácia. As palavras também fazem parte da *ciência* dos óleos. Quando o óleo está sendo produzido, há coisas que não devem ser ditas, pois fazem parte dos *segredos da ciência*. Por outro lado, no caso da árvore de *pau-dói*, quando se inicia o processo de retirada do óleo, isto é, quando se está perfurando um buraco em seu caule, é preciso falar algumas palavras. Além disso, é preciso ter cuidado para que nenhuma pessoa saiba da coleta desse óleo e nem veja o buraco, pois, se isso ocorrer, o óleo não sairá. Dias após a perfuração do buraco, quando for realizada a coleta do óleo, é necessário se aproximar da árvore olhando diretamente para o buraco, não se deve olhar para suas folhas.

Quanto à feitura de banhas, o ideal é que sejam feitas na lua nova, pois, dessa maneira, aumenta seu período de durabilidade, cerca de seis meses. No caso específico da produção de banha de porco, é preciso se atentar à fase da lua desde a castração do animal. O indicado é que ele seja castrado na lua nova. Castrar o porco durante outra lua aumentam as chances de ele morrer, pois o corte demora mais a cicatrizar. Quando o corte não cicatriza rápido, fica inflamado e atrai moscas varejeiras, que, ao colocarem seus ovos sobre a inflamação, provocam uma proliferação de bichos no corpo do animal (*IDEM*).

As restrições relacionadas ao tocar e ao olhar, mencionada por Macedo da Silva (2017), também foram citadas por Lindaura Gomes de Araújo (2019) quando esta abordou o tema da *ciência das plantas* em sua monografia. Algumas plantas são consideradas como tendo *ciência* porque, segundo os *mais velhos*, recebem a ação dos *encantos da natureza*. Desse modo, baseada em conversas que teve com dona Josefa, moradora da aldeia Caatinguinha, a autora frisa os cuidados que se deve ter com plantas que têm *ciência*, como o alecrim e a arruda. O manuseio dessas plantas deve ser feito somente por seu dono, para que elas não morram. O indicado, conforme dona Josefa, é que se tenha um pé dessas plantas para dar e outro em que apenas o dono o toque e o veja, pois o olhar alheio pode matá-las também. As plantas que têm *ciência* atuam na proteção da casa contra doenças espirituais, animais peçonhentos e contra qualquer outro mal que seja direcionado a ela, como é o caso da gameleira, conforme relatou senhor Valdemar à Araújo (2019).

Senhor Valdemar, liderança e morador da aldeia Prata, conversou também com Laura Caetana dos Santos (2019, p.29). Quando ele explicava para essa pesquisadora sobre a ação da chuva em diferentes tipos de solo, ele falou sobre a *ciência das árvores*. A produção de chuva, segundo a *ciência das árvores*, acontece da seguinte forma:

Existe a ciência das árvores. Durante a noite, as árvores filtram a água e vai até as folhas e sobe para atmosfera para o tempo e puxa a chuva para a terra e, quando o dia amanhece, a água volta da folha e vai para as raízes infiltrando no solo.

Santos (2019, p.46) tratou também das *ciências* ensinadas pelos *mais velhos* para fazer prosperar e para proteger suas roças. Segundo senhor Valdemar, antigamente as pessoas procuravam iniciar uma nova roça na quarta-feira de cinzas ou na sexta-feira da paixão. Marcavam o local onde seria aberta a roça, limpavam três cantos dela e deixavam um canto sem limpar. Ele frisa que essa *ciência* era feita para “*mundiça*¹⁰² não pegar nas prantações, e o outro canto que deixava sem assinalar era pro inseto que viesse pra dentro da roça sair”. Outras *ciências* relacionadas ao plantio praticadas com frequência pelos antigos e relatadas por senhor Valdemar é a de armazenamento de sementes, a de observação do besouro serrador e dos seis montes de sal no Dia de Fogueira. Os antigos armazenavam as sementes em cabaças ou litros para protegê-las do caruncho. Observavam também a ação do besouro serrador na natureza para saberem qual o melhor período para começarem a preparar suas roças. Se o serrador derrubasse *galhas de pau*¹⁰³ no mês de abril, era sinal que não demoraria a chover, mas, se derrubasse *galhas* de maio para junho, era um aviso que a chuva demoraria a cair. Outra maneira de saber quando seria o período chuvoso era fazer seis montes de sal no Dia de Fogueira¹⁰⁴, que correspondiam aos meses de outubro, novembro, dezembro, janeiro,

¹⁰² De acordo com o Glossário apresentado por Santos (2019) no anexo 1 de sua monografia, a palavra *mundiça* se refere a insetos como lagarta e gafanhoto.

¹⁰³ Galhos de árvore.

¹⁰⁴ O Dia de Fogueira ou Noite de Fogueira é realizado do dia 23 para o dia 24 de junho em comemoração a São João. Nessa ocasião, os casais acendem fogueiras em suas casas, servem comida (arroz, feijão tropeiro, carne porco e/ou boi, frango caipira, bolos feitos em casa, biscoitos industrializados) e bebida (cerveja, remedinho [cachaça misturada com ervas], paratudo, conhaque). Pode ter música ou não. Alguns colocam um aparelho de som tocando baixo, pois o objetivo da fogueira é que as pessoas sentem em volta dela, partilhem alimentos, bebidas e conversem. Outros tocam instrumentos, violão, sanfona. Não há convite, como eles dizem, “é só encostar”. Não presenciei tal estabelecimento de compromisso na Fogueira que participei na casa de senhor Valdinho e dona Ana no ano de 2018, mas, durante minha pesquisa

fevereiro e março. No dia seguinte, observava-se quais montes tinham escorrido água e quais não. Os que tinham água era sinal que, naquele mês, choveria. Senhor Valdemar diz que até hoje faz essa *ciência* e que observa que atualmente não se escorre água dos montes como antigamente e que, às vezes, todos os meses ficam secos (IDEM, p.48).

Outro modo de prever o tempo realizado pelos *mais velhos* era por meio da *ciência na observação das abelhas*, conforme registraram Aline Fernandes Mota, Elisandra Fernandes Pimenta e Genivaldo Fernandes Ribeiro em sua monografia intitulada “Cera e Mel: As abelhas na cultura Xakriabá” (2017). Os *mais velhos* calculavam o período certo para o plantio observando o aparecimento de colmeias de abelhas e a posição do sol em relação à entrada das colmeias. Atualmente, como consequência das mudanças climáticas, muitas dessas abelhas desapareceram ou se mudaram para outros lugares fora da T.I., o que interferiu nessa maneira de os Xakriabá preverem o tempo.

A habilidade dos *mais velhos* de seu povo de observarem quais abelhas ainda habitam ou não o território e quais vieram de fora é caracterizada pelos pesquisadores xakriabá como *uma grande ciência sobre as abelhas*. Senhor Osvaldo Fernandes Ribeiro, morador e ex-liderança da aldeia Barreiro, disse o seguinte sobre as abelhas que habitavam ou habitam o território xakriabá:

Eu conheço muitas abelhas, vários tipos de abelhas. Mas só que tinham muitas, já veio a intenção [extinção] Porque hoje já não tem delas aqui. Antes tinha mandaçaia que é um a abelha muito conhecida, dá bastante mel, depois chegou a oropa, nos tempo que apareceu porque ela não tinha, ela veio de fora, e ela tomou conta daqui, mais hoje a mais insaiada [grande quantidade] é a oropa, que dá mais mel e a mandaçaia acabou... Tem hoje mais outras abelhas, tem a tubina, abelha preta, ela faz casa em pau, a porta de cera, também tem a muduri, que faz a portinha de barro, agora as outras abelhas tudo faz a porta de cera. Tem outra abelha, a pretinha, que é a aratim, essa dá muita cera, mas ela presta mais é pra roubar mel de outras abelha, a tataira também tem esse costume, ela é parecida com jataí, só que ela é um a abelha meia braba, a pessoa pra mexer com ela, ela rota na gente chega queimar a pele, mais ela é uma abelha que tem bastante. Uma abelha que tem o mele melhor é o jataí... (Senhor Osvaldo apud MOTA, PIMENTA & RIBEIRO, 2017, p.22).

de campo, ouvi de algumas Xakriabá que era costume antigamente duas pessoas pularem a fogueira ao mesmo tempo e cantando estabelecerem relação de compadrio.

Esses autores apresentam também simpatias ou *ciências* feitas pelos *mais velhos* com a cera coletada nas colmeias, como, por exemplo, o benzimento utilizando uma candeia de cera: “*Quando alguma criança está com vomitadeira ou dor de barriga, fazer três candeias de cera, acender e passar ao redor de seu corpo e o benzedor rezando “baixinho a reza”, e logo a criança melhora*”. Também para combater vomitadeira era de costume de alguns Xakriabá utilizar a “*cera da abelha cupinheira, esfregar sobre um cordão e colocar no pescoço da criança*”. Colocar pedaço de cera em objetos que carregamos e fazer uma cruz com a cera, envolvê-la em um saco plástico e pendurá-la na frente da casa serve como proteção contra mau-olhado, inveja e qualquer outro mal. A cera é usada também na *ciência* da caça. Os caçadores a utilizavam para carregar os cartuchos de suas espingardas. No entanto, não se pode falar como é feito esse abastecimento, pois quebra a simpatia. Carregavam também em suas *capangas* (embornal) cera da abelha cupinheira para passar “*no cano da arma de fogo, isso serve contra macumba (feitiço) para arma não pisar (não negar fogo), quem faz essa macumba para arma de alguém, essa simpatia da cera serve para quebrar o feitiço*”. Outra simpatia utilizada pelos caçadores está relacionada ao(s) cachorro(s) de caça. Eles costumam colocar marimbondo caçador para ferroar o nariz do cachorro, pois acreditam que isso melhora o desempenho do animal na caçada¹⁰⁵ (IDEM, p. 50).

A caçada foi tema da monografia dos Xakriabá Claudinei Gomes Farias e Eudes Seixas de Oliveira (2016, p.18). Estes, ao falarem sobre os métodos de caçada utilizados pelos *mais velhos*, mencionaram as *ciências* que eram praticadas pelos antigos caçadores. Segundo esses autores, os caçadores de outrora prestavam atenção no dia, nos encontros na caminhada para a mata e nos sonhos da noite anterior à caçada:

As *ciências* e os dias que pode caçar, tal como Seu José Fiúza falou que no dia de São Bartolomeu não é um bom dia para caçar; porque é um dia santo e, se teimar e for caçar, não irá encontrar nenhuma caça, mas sim coisas ruins; como, por exemplo, *livusia* (conferir Glossário, no Anexo III) em forma de caça, que na verdade não é uma caça; só para assustar o caçador. Também existem alguns animais que não devemos encontrar durante a caminhada para mata, como a cobra e a égua, se encontrar, o caçador pode voltar, porque nesse dia não vai encontrar nada. A cobra, se você ver ela, atirar e furar, pode seguir

¹⁰⁵ Sobre essa questão de um ser vivo adquirir as habilidades de outro ser vivo, Déda me contou que, quando “conjuga” um bicho mais uma planta, ou seja, quando o bicho come a planta, ele fica com a força dele de animal mais o da planta. O mesmo acontece conosco quando consumimos uma planta.

que o dia vai ser bom, caso contrário, pode voltar para casa. A outra parte é se você sonhar com a cobra, se sonhar com cobra verde, o dia é bom de caçada, mas se sonhar com ela mordendo, esse dia vai ser ruim para a caça.

Nos meses que passei junto com os Xakriabá também aprendi sobre *ciências* relacionadas a caçadas e meladas. Déda, que havia me contado sobre a *ciência* do marimbondo caçador e do Dia de São Bartolomeu, mencionadas acima, ensinou-me também uma *ciência* relacionada à colmeia de abelha. De acordo com ele, para ninguém identificar uma colmeia que você tenha encontrado, é só urinar em volta dela se ela estiver no chão¹⁰⁶ ou em torno da árvore onde ela foi construída. Sobre meladas, Niza, moradora da subaldeia Olhos D'Água, disse-me que existe uma *ciência* sobre o melhor horário para coletar mel. Segundo ela, o momento ideal para tirar mel de abelha Europa é quando entra a noite, pois elas estão dormindo e, com a fumaça que é colocada dentro da colmeia, elas ficam desorientadas. A Europa é a abelha mais brava que existe. Uruçu, mandassaia e jataí, você pode tirar mel a qualquer hora, pois são mansas. Enquanto me contava sobre meladas que tinha realizado junto com seu marido, destacou que é preciso muito cuidado, *ciência* para andar no mato, pois “*no mato tem um movimento diferente que na aldeia*”. É preciso prestar atenção em tudo, nos barulhos, nos cheiros, onde está pisando e passando, pois existem animais e árvores que têm *ciência*, como, por exemplo, as cobras e a Rosa do Campo. As cobras podem te *espionar* e te fazer sentir dor no corpo, íngua, febre e a Rosa do Campo provoca esquecimento, desorientação, o que contribui para a pessoa se perder no mato.

Durval Paulino, também morador da subaldeia Olhos D'Água, reforçou o que Niza havia dito sobre os animais possuírem *ciência*. Salientou que, pelo fato de os animais terem *ciência*, é necessário que o caçador use de *ciência* também para poder pegá-los. Relatou então que ele possui uma *ciência* que aprendeu com seu pai, que consiste em passar a folha de uma planta na ponta do cano da espingarda. Durval se negou a me falar o nome da planta porque, segundo ele, quebraria o encanto.

Há animais e plantas que demonstram sua *ciência*¹⁰⁷ dando avisos aos humanos. Avisos sobre chuva, sobre morte e acidentes. A coan, por exemplo, é um tipo de coruja que avisa sobre morte ou chuva. Quando canta com alegria na mata, é chuva; se canta

¹⁰⁶ A abelha uruçu faz colméia no chão.

¹⁰⁷ Para mais informações sobre animais que dão avisos e *ciência* entre os Xakriabá ver Santa-Rosa (2017).

com um tom de choro, é morte na terra indígena; se canta em árvore próxima a casa ou no telhado da casa, é morte na família. Outro sinal de morte na família é quando os porcos ficam fuçando muito na porta da cozinha da casa (Déda, aldeia Embaúba). Galinha quando canta como galo também está avisando sobre morte na família. Quando isso ocorre, deve-se cortar o dedo menor dela, passar em cruz em cima de uma porta de entrada da casa e jogar no telhado (fazer isso 3x) (Dona Cula, aldeia Barreiro). Já o cachorro quando dorme com as patas para cima é sinal de morte na casa ou acidente com seu dono (Nice, aldeia Barreiro).

Os cachorros além de dar avisos são também sensitivos. Assim como os cavalos, podem sentir a presença e ver *encantados* e *aleivosias*, seres outros que humanos habitantes do território xakriabá, sobre os quais falarei a partir de agora.

4.4 Território *encantado*

Ouvir histórias sobre encantamentos, vivenciar situações que os Xakriabá discretamente atribuíram à presença de *encantados* ou *encantos* foram acontecimentos que marcaram o período que vivi e circulei pelas aldeias xakriabá. Na verdade, quando cheguei ao território dos Xakriabá, junto ao sentimento de alegria por estar conhecendo sua T.I., fui invadida por inúmeras lembranças de leituras que havia realizado sobre esse povo, principalmente aquelas que falavam sobre esses seres. Ganhou destaque em minha memória uma versão que li do mito de origem do *encantado Iaiá Cabocla* ou *Onça Cabocla*:

Era uma vez uma índia que sentia tristeza de ver seus familiares perseguidos por tanta gente que invadia as suas terras. Pediu a seus companheiros que invocassem o espírito para que ela ficasse encantada. Durante a noite, transformada em onça, ela caçava os animais pertencentes aos fazendeiros. Matava, mas queria que a carne fosse distribuída entre os caboclos. Ao amanhecer o dia, vinha correndo e pedia à sua mãe que colocasse o ramo em sua boca para que voltasse à forma humana. Num desses dias, a mãe não encontrou o ramo necessário. Nunca mais foi feito o desencanto da índia. Passaram os fazendeiros a persegui-la até em caravana para matar a Onça Cabocla. Ela se refugiava numa das grutas, naquela em que existe o trono que se sentava os chefes. Ali os índios executavam as danças à meia-noite e a Onça Cabocla era desencantada e se transformava na bela índia Yndaiá, com as cantorias e batidas. Os índios comiam pedaços de carne e louvavam ao ver a onça ao seu

lado. (Narrativa realizada por Pino a João Geraldo Itacuitim Ruas, *apud* Paraíso, *idem*, pg. 42 e 43).

De acordo com essa narrativa, a *Onça Cabocla* é uma ancestral do povo Xakriabá chamada Yndaiá¹⁰⁸. Encantada em onça, a única maneira de Yndaiá se comunicar com seus parentes para orientá-los sobre decisões a serem tomadas e perigos a serem enfrentados é por meio do pajé. Ele é o único que conhece sua língua, podendo conversar com ela quando for necessário, seja no contexto do ritual do *Toré* ou fora dele, quando, por exemplo, ela dá sinais de estar descontente¹⁰⁹:

Yayá, como “dona da terra”, não aceita a presença de “baianos” na região. Quando isto ocorre, ou ela se retira, ou ataca o estranho, e dá claros sinais indicativos de sua fúria: ao invés de cantar, assobia de forma que todos possam ouvi-la e saberem do seu descontentamento. Outra forma de provar seu descontentamento é “armando confusão nas capoeiras” e batendo nas portas, durante a noite. Nestas ocasiões só o pajé, como conhecedor da língua de Yayá (a língua ritual que apresenta resquícios do antigo idioma), é capaz de acalmá-la. Para todos os membros da comunidade, o último grande pajé foi Estevão Gomes de Oliveira, a quem até mesmo os fazendeiros recorriam, nos momentos em que os ataques de Yayá se intensificavam. (*IDEM*, pg. 45).

Para os Xakriabá, *Iaiá* é dona de seu território tradicional e se liga também aos rituais, como aponta senhor Valdinho:

Antigamente a Espiritualidade era mais forte, e quem fez isso desaparecer foi a chegada dos posseiros, e muitas vezes da ditadura militar também que você teve que enterrar os instrumentos. Porque você não podia pintar, você não podia fazer um ritual, você não podia falar a língua porque se falar você já era perseguido. Então

¹⁰⁸ Existem muitas versões dessa narrativa. Algumas delas podem ser consultadas nos livros “Iaiá Cabocla”, elaborado por professores xakriabá, e no livro digital “A Onça Yayá Cabocla”. Tais livros podem ser acessados respectivamente nos seguintes endereços: http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/eventos/indigena/CxXacriaba_IaiaCabocla.pdf e <https://www.livrosdigitais.org.br/livro/38074QE681BAAF>.

¹⁰⁹ Segundo Fernandes (2008, p.22), o pajé é “aquele que faz *trabalho de mesa*, que invoca os caboclos para ajudar na cura do enfermo e que também conversa com Iaiá, figura mítica xacriabá. Os *pajés* são também os melhores conhecedores das plantas e quase sempre utilizam os dois conhecimentos juntos. Fazem o *trabalho de mesa* e depois, se necessário, receitam remédios à base de plantas”. Já Célia (2018, p.38 e 39) diz que o pajé nasce “herdando a herança de *conhecedor com profundidade*”, e mesmo “que não saiba de suas habilidades, ao longo da vida, pode ir se redescobrimo, pois é comum que, na linhagem da família, se deixe algum sucessor”.

isso foi desaparecendo. Foi desaparecendo, e com essa continuidade os mais velho foram morrendo e cada vez mais foi se distanciando. E quando a gente fala na Iaiá Cabocla, de acordo foi parando com tudo isso, com certeza ela também num ia ficar entre esses movimento mais de pessoas que não tinha nada a ver com esse perfil. Hoje a gente sente que na luta, na luta de um povo que não tinha dinheiro, de um povo que não tinha experiência, um povo que muitas vezes é odiado por pessoas de grande poder não só aqui dentro, mas também lá fora. Mas, se não fosse essa espiritualidade que tem aqui, nós não tinha vencido. (Senhor Valdinho, aldeia Barreiro Preto, fevereiro de 2018).

A interrupção de um modo de vida xakriabá foi, conforme aponta senhor Valdinho, o motivo que fez com que *Iaiá* não ficasse mais no território, enfraquecendo assim a *espiritualidade* que protegia o povo. No entanto, assim que esses indígenas puderam retornar com o *ritual*, *Iaiá* retornou para o território e a *espiritualidade* se fortaleceu, o que fez com que os Xakriabá vencessem a *luta pela terra*, mesmo com todas as desvantagens materiais em relação aos invasores de suas terras.

Como se pode perceber, *Iaiá* não é apenas dona do território, mas também protetora dele e das pessoas que o habitam. Segundo relatos dos Xakriabá a mim e a outros pesquisadores, junto com *Iaiá*, outros *encantados* habitam seu território, sendo que alguns deles protegem áreas e seres específicos de suas terras. Em minha experiência nas aldeias, ouvi sobre a *Iaiá Cabocla*, a *Mãe D'Água*, os *Caboclos D'água* e o *João do Campo*, como relatarei mais à frente. No entanto, na bibliografia sobre os Xakriabá, há menção a esses e outros *encantados*, como a *Dona*, o *Pé de Garrafa*, o *Pé de Serra*, a *Mãe de Serra*, o *Bicho Homem*, o *Homem de Chapéu de Palha* e o *Sumidouro*.

Sônia Marcato (1978, p. 411), em relatório para o processo de demarcação da Terra Indígena Xakriabá, diz que os Xakriabá “acreditam em seres fantásticos como a Onça Cabocla e o bicho homem”. O *Bicho-Homem* é descrito por ela como um ser que possui “forma humana recoberta de espessa pelagem, a perseguição que move aos seres humanos indiscriminadamente, a força descomunal, mas parece pertencer ao universo mítico caboclo”. Paraíso (1987, p.47) menciona que ele tem o corpo coberto de pelos e que vive nas matas. Essa autora fala também dos seres encantados *Dona* e o *Homem-Pé-de-Garrafa*. A *Dona* atua na preservação dos olhos d'água. Ela “possui uma enorme mão, com a qual agarra e afoga todos aqueles que sujam, desmatam, lavam roupa ou levam animais para beber na sua moradia”. Já o *Homem- Pé-de-Garrafa* “deixa seu rastro de um único pé, em forma de garrafa, nos caminhos da aldeia”.

Costa e Santos (2010, p. 169) relatam que o *Bicho-Homem* é sempre lembrado pelos caçadores como um implacável perseguidor, que tem um grande apetite por carne humana, e que, assim como o *Pé-de-Serra*, é um *encantado* com quem não se estabelece comunicação, não se realiza trocas. Este último não é canibal como o *Bicho-Homem*, mas “é perigoso porque pode *fazer mal* àquele que encontra ou causar desorientação com seus gritos e assobios”. O *Bicho-Homem* e o *Pé-de-Serra* assim como o *Pé-de-Garrafa* não são *encantados* de proteção, como explicou senhor Valdemar para Helen Santa-Rosa:

Ele tem um pé que nem o fundo da garrafa, e o outro é mais pequeno. Caminha caxingando, ele fica em pé. Ele é tudo tampado de cabelo, tem uma cabeça grande, uma rodona grande no meio das costa é um pilão. Esse é difícil ver. Tem ele aqui, mas só duas pessoas que já viu. João de Jovina viu um aqui nessas terras, meio abaixado, e ele nem dormiu, com medo. O pé de garrafa entrou pra esses lados daqui. Ele é mais encantado, que a coisa mais difícil de ver. Ele não é de proteção não, se achar gente ele pega. Ele dorme no pé de pau encostado, num morro igual aquele lá, se ele sentar ou deitar, não levanta. (Senhor Valdemar, aldeia Prata, apud Santa-Rosa, 2017).

Helen Santa-Rosa cita também os *encantados Mãe Serra* e *Caipora*. Enquanto a *Mãe Serra* “é a dona dos morros e das *lapas*”, o *Caipora* “é o Pai da Mata”. Rafael Barbi Costa e Santos (2010), a partir de histórias que ouviu dos Xakriabá, descreve o *Caipora* da seguinte forma:

O *Caipora*, segundo me descreveram, é aquele que *governa os porcos do mato*. Alguns dizem que é um pequeno homem com um só olho, que permanece montado no porco mais forte. Enquanto ele estiver no meio dos *catitus*, é impossível abatê-los: pois ele traz os porcos menores de volta à vida. Como todos os *encantados*, o *Caipora* é invisível, mas seu olho brilha como fogo tal qual os olhos dos bichos brilham diante das lanternas. (COSTA E SANTOS, 2010, p.166).

O *Caipora* é conhecido por alguns Xakriabá como *João do Campo* ou *Preto Velho*. No entanto, há outros que “falam que o *Caipora* governa apenas os porcos e que cabe ao *João do Campo* o cuidado com os demais bichos” (*IDEM*). Ainda de acordo com Costa e Santos, houve senhores que lhes disseram “que eram capazes de invocar o *João do Campo* e com ele aprender a virar *em bicho* ou tornar-se invisível” (*IDEM*, p. 153).

A pesquisadora xakriabá Sheila Oliveira (2016) dedica uma sessão em sua monografia para falar sobre *encantados* que protegem fontes de água, mais precisamente aqueles que habitam a lagoa da localidade de Rancharia. Ao definir o que são os *encantados*, ela destaca que, segundo os *mais velhos* da Rancharia (Terra Indígena Xakriabá-Rancharia), esses seres apareciam na lagoa da comunidade em diferentes formas:

Encanto, para os Xakriabá, significa seres misteriosos sobrenatural que vivem em lugares sagrados (no céu, na água). Segundo os mais velhos da comunidade, na lagoa, existiam esses seres encantados e apareciam em diferentes formas como: “menino, jarro de flor, bacia, aparecia um homem com chapéu de palha, tinha um sumidouro, mãe d’água (conhecida como sereia)” (Dona Maria do Carmo). (OLIVEIRA, 2016, p. 13 e 14).

Dona Maria do Carmo que relatou sobre essa aparição dos *encantados* da lagoa de Rancharia em diferentes formas, contou a Oliveira também sobre um episódio em que o *encantado Mãe D’Água* deu-lhe um susto enquanto ela se banhava. Segundo dona Maria, quando nadava para o meio da lagoa, algo puxou e segurou seus pés, levando-a até o fundo e, quando a soltou, ela “*subiu de uma vez assim ô! jogou eu pra cima. entendeu?, mais era encanto, a lagoa tinha e quem me pegou não foi outra pessoa não! foi o encanto da água, foi ela que me pegou!*”(IDEM). Dona Antônia também narrou a Oliveira (*idem*) uma aparição da *Mãe D’Água*. Em sua narrativa, ela caracteriza esse *encantado* como possuidor de uma grande mão, assim como a *Dona* mencionada por Paraíso (1987, ver *supra*):

Tinha a mãe d’água que ela sentava no pé di angico que havia caído! Cá na frente, as suas galhas subia pra cima , aí tinha muitas pessoas que via de lá de cima ela sentada, na hora que ela percebia as pisadas de pessoas se aproximando, ela pulava dentro da água. Quando foi um dia de meio-dia, as meninas acabou de almoçar e lá no pé de juá, Rosana mais Márcia falou: Rosana vamos banhar! Aí saíram, desceram, foram banhar. Daqui um pouco menina, estou ouvindo essas meninas gritando! gritando! Diz que uma mão pegou assim no pé de Mailda e vai puxando pra trás.kkk.[risos] e essa Mailda gritou menina!, gritou! gritou, chega Antônia! tem uma mãozona puxando eu para traás. Foi aí que as meninas pegaram ela e rastaram e saíram da água,daí pra cá, elas tomaram medo dei ir banhar lá, era a mãe d’água.

De acordo com Oliveira (*idem*), alguns moradores de Rancharia comentaram que o ser misterioso da lagoa chamava-se *Caboclo D'Água* e que ele e todos os outros *encantados* apareciam com frequência quando se tinha não apenas a lagoa cheia e limpa, mas a mata em volta desta, as nascentes e os rios bem preservados.

Além da *Mãe D'Água* ou *Caboclo D'Água*, outro ser *encantado* que habita a lagoa quando esta se encontra em bom estado de preservação é o *Homem de Chapéu de Palha*, que aparece à noite e mergulha quando se aproxima alguém, deixando apenas seu chapéu de palha flutuando. Segundo relato de dona Antônia à Oliveira (*idem*, p.15), o *Homem de Chapéu de Palha* tem a capacidade de andar por cima da água:

Quando era de noite, assim a tarde da noite, nós morava ali, onde comadre Cida está morando, a gente saía fora de noite. Tinha um homem baixim com um chapeuzão de palha caminhando assim de noite por cima da água, tinha gente que ia chegando mais perto pra vê se via direito, mais ele pulava dento da água só via zuar. Nós morava ali na beira da lagoa, eu ia pescar de noite, eu escutava bater na água lá no meio da lagoa, mais não era gente não, era os encanto andando por cima. Naquele mato, eu ficava a entender como pode uma pessoa andar por cima da água e não afunda. Aí Chico meu marido falava: qual é, ele não é gente como nós não, é encantado.

Outro *mistério* ou *encantamento* que acontece na lagoa é a formação de um *sumidouro*. Oliveira (*idem*, p.16) diz que “ele ficava no centro da lagoa e muitas pessoas tinham medo de chegar perto porque a lagoa estava muito cheia e funda, e pelo fato de ter acontecido desaparecimentos de pessoas na lagoa”. Sobre o desaparecimento de pessoas no *sumidouro*, dona Antônia conta a história de um homem e sua mula que teriam sido carregados pela água para dentro da lagoa e nunca mais teriam aparecido:

Daquele lado ali, onde chamava porto dos homem do lado perto de tonim, tem um pé de manga lá, um pé de juá e manga, ali aparecia um rebentão assim ô. Redondo assim á água era azulzinha, de longe você via á água rodar e descendo assim, mais era bonito. Desses os povo não foi do meu alcance não, mas eles sempre conta que ali vinha um vaqueiro encostado numa mula, foi dá água à mula. Disse que a água carregô o homem com a mula para dentro e nunca mais voltô, ninguém sabe nem aonde ele foi sair.

No período que morei com os Xakriabá, ouvi duas narrativas e vivenciei uma situação envolvendo *encantados* que habitam fontes d'água na T.I. A primeira narrativa foi sobre o *encantado Mãe D'Água*. Niza me falou que os mais velhos contam que, na

nascente da Aldeia Barreiro, vive a *Mãe D'Água*, que é um *encantado* protetor daquele lugar. Geralmente as pessoas somente a escutam pulando na água, mas, de acordo com quem pode vê-la, ela é uma linda mulher que tem um longo cabelo e tem corpo de sereia. A segunda narrativa foi sobre os *Caboclos D'Água* que habitam a lapa do Roncador na aldeia Barra do Sumaré. Numa conversa com dona Cula e Zezinha, que moram na aldeia Barreiro Preto, e dona Terezinha, que é moradora da aldeia Barra do Sumaré, elas me contaram que os *Caboclos D'Água* por estranharem, isto é, por não gostarem da presença de pessoas na lapa, faziam diversos sons, movimentos, nadavam e conversavam sem serem vistos:

Zezinha: *E lá no Roncador que aparecia aqueles negrinhos, eles era o que madinha?*

Dona Terezinha: *Diz que era os Caboclo, os Caboclo D'Água. Eles conversava, fazia samba, fazia folia, fazia tudo. Cê chegava lá tava quietinho, na mesma hora começava a batucada, começava a fazer samba, começava a conversar e vinha assim pertinho e a gente num chegava ver o que era. Mas rezava.*

Zezinha: *Mãe diz que o velho senhor Jacinto escutava eles lá banhando, né?*

Dona Terezinha: *Saía reza, saía tudo lá. A água agitava, tava caladinho e na mesma hora a água zuava, você só precisa de ver a altura.*

Dona Cula: *É que eles estranha né comadre?*

Dona Terezinha: Uhum!!

(Aldeia Barreiro Preto, janeiro de 2019).

No dia anterior ao que ouvi essa história, vivenciei uma situação que Zezinha atribuiu à ação dos *Caboclos D'Água*. Tratava-se de um dia muito quente e por isso resolvemos ir até o riacho que fica perto de sua casa para nos refrescar. Ficamos próximas a uma pequena passagem feita com uma tábua grossa que permite que as pessoas atravessem o riacho sem se molhar da aldeia Barreiro à aldeia Barra e vice-versa. Era um lugar com muitas árvores e, por isso, com muita sombra, fresco e bom para um dia de muito calor, mas que deixava minha amiga xakriabá preocupada em relação ao aparecimento de cobras. Uma árvore em especial, cheia de raízes, que parecia ser bem velha, prendeu a atenção de Zezinha de modo especial. Conversamos, refrescamos e retornamos para casa. Quando chegamos a sua casa, sentei-me e perdi completamente o ânimo de me levantar. Sentia dores no corpo, íngua e dor de cabeça. Quando dona Cula olhou pra mim, notou que eu não estava bem e me perguntou o que estava sentindo. Quando falei os sintomas, ela se prontificou a fazer um chá de semente

de imburana com semente de itapicuru para eu beber, fez uma reza para curar íngua e me aconselhou a deitar e descansar, pois desconfiava que eu tivesse sofrido uma *espição de cobra*. Uma cobra havia me olhado enquanto eu me refrescava e eu não a vi, e esse olhar fez com que eu me sentisse mal. Zezinha, ao se inteirar do que estava acontecendo comigo, disse que aquilo que eu sentia podia ser *espição de cobra* mesmo, mas também cogitou a possibilidade de serem os *Caboclos D'Água*, pois, como eu era de fora, eles poderiam ter se zangado com minha presença no riacho e então me puniram por entrar em seu território.

O tema da punição apareceu com frequência nas histórias sobre *encantados* que ouvi, bem como o tema da troca. Ioiô me fez duas narrativas sobre a *Onça Cabocla* que tratavam desses temas. Falando sobre o velho Estevão Gomes de Oliveira, que era conhecido pelo seu poder de se comunicar com a *Onça Cabocla*, ele relata o seguinte:

Eu ia mais meu avô buscar peneira na casa dele. Eu sempre gostei de assuntar [observar] as coisas e vi como ele era. Ele conversava com a Onça Cabocla. Ele tinha, no lugar que ela morava, numa lapa, tinha um cacho de banana de ouro, a pessoa quando passava lá, ele mostrava as banana brilhando, umas bananona brilhando ali ó, mas só ele sabia. Ela bebia pinga também, ela fumava. Ele pegava pedaço de fumo, pegava pinga e ponhava [punha] lá, no lugar onde eu te falei, ponhava lá e deixava lá pra ela e vinha embora. Quando ele chegava lá só tava a vasilha seca. Ele contava esse causo, tem essa lapa. Ele ia lá, encostava no cacho, conversava com ela e não acontecia nada. Teve um homem lá, e ele [Estevão] bebeu umas pinga e conversou demais, e descobriu, contou o causo como que era, que tinha essa lapa, que tinha esse cacho de ouro. Ai o cara orgulhou e falou, eu vou ver se tem mesmo. Foi no rumo. Quando o cara chegou lá, olhou pro lado da lapa assim, o cacho de banana tava brilhando assim ó. “Vou entrar naquele terreiro”. Foi chegando pra perto, foi chegando pra trás, o cacho de banana foi afundando, foi afundando assim ó, quando ele chegou pra colocar a mão, a lapa fechou. Ela é encantada. Ele voltou sem graça e não achou nada de jeito nenhum. (Ioiô, aldeia Barreiro Preto, julho de 2018).

O acesso à *Iaiá* e a seus segredos só é permitido à gente escolhida, que tem *ciência* e usa esse dom para o bem coletivo, conforme me disse pajé Vicente. Estevão era um escolhido, podia ver e conversar com *Iaiá*, ver e tocar o cacho de banana de ouro, porque lutava por seu povo. Ele é lembrado até hoje por ter sido um poderoso pajé e um chefe que viajou em busca dos direitos pela terra. Pessoas que têm *ciência* não devem “conversar demais”, como aconteceu com Estevão, e nem serem movidas por interesses pessoais, como o homem que se “orgulhou” e tentou roubar o cacho de

banana de ouro de *Iaiá*. Um comportamento discreto e respeitoso é fundamental para não despertar a ira da *Onça Cabocla*. Nesse sentido, Ioiô conta sobre uma coça que *Iaiá* deu em um sobrinho de Estevão que duvidava da existência dela e se referia a ela de modo desrespeitoso:

Tinha um sobrinho dele. Ele contava o caso [caso] do sobrinho dele que ficava: “Ah, tio Estevão fica bestando igual bebe pinga. Tudo num sei o que é que tem é essa Onça Cabocla!”. Era Iaiá, ela chamava Iaiá. O sobrinho do velho Estevão falava: “Meu tio Estevão tava conversando com Iaiá, Iaiá é a mãe do meu pai ou a mãe da minha mãe!?”. Ai esse cara pegou e saiu, foi pro mato. Saiu dois cachorro mais ele e vai. Chegou num lugar, os cachorros meteu o tampo, bateu atrás. Quando ele chegou lá e olhou, aquele trem, sentado na galha assim, baixinha. Ele ficou olhando assim. “É uma onça!”, com aquele cabelão assim. “É uma onça, né possível!”. E com esses cachorro do lado. E aí ele levou a espingarda. Quando ele levou a espingarda antes do tiro sair, ela levou ele com as duas patas no chão. Ele não viu que horas. Ela derrubou ele. Meteu a mão e derrubou ele de costa no chão, a espingarda caiu pra um canto. E ela pegou ele e arregaçou a camisa dele pra riba [cima]. E meteu o tapa nele, nas costas. Bateu num lugar, em outro, espancou ele e soltou. Ele saiu com o espinhaço [costas] tudo ardendo. Ela saiu e os cachorros saiu pra rumo dela. Quando ele chegou lá, tinha uma unha, desse tamanho assim [fez gesto de ser muito grande com os dedos]. Pegou e ficou olhando: “Ah gente, olha, bem que tio Estevão disse que tem essa Iaiá e que ela tem a unha grande”. Pegou a unha e colocou no embornal, raiou com os cachorro, pegou e veio embora. Quando ele chegou em casa foi contando o caso. Aconteceu isso, aconteceu aquilo, olha minhas costas como é que tá. As costas dele tava tudo vermelha das palmadas que ela tinha dado nele. Aí ele contou o caso da unha que ele tinha achado, meteu a mão no embornal pra pegar a unha pra mostrar, o embornal limpo, tinha sumido. (IDEM).

Como registrou Paraíso (1987) e como salientou Ioiô em seu relato, a *Onça Cabocla* mora em uma lapa. Contudo, sendo protetora de todo o território xakriabá, ela “*anda para todo lado, onde tem um desembesto [conflito, confusão] ela está*” (Dona Faustina, aldeia Barreiro, janeiro de 2019). É muito comum que pessoas que acreditam em seu poder deixem fumo e pinga para ela no mato ou nas lapas, seja em agradecimento, como pedido de ajuda para a realização de um desejo e também para acalmá-la. O falecido senhor Joãozão do Pinga, que fora um grande caçador xakriabá, disse que, além de *Iaiá*, os caçadores xakriabá também costumam oferecer fumo e pinga para o *João do Campo* ou *João Nenego* em troca de caça. Sobre esse *encantado*, ele me contou que numa sexta-feira à noite saiu junto com seu sobrinho Gino para uma caçada.

Gino, com a ajuda dos cachorros, acuou um coelho. Na hora que ele apontou a espingarda para matar, o coelho desapareceu. Isso aconteceu, destacou senhor Joãozão, “*porque quando o João Nenego não quer dar caça, não adianta tentar pegar. Ele faz o bicho virar fumaça, manda livusia [aleivosia], faz o caçador desorientar*”.

Além das histórias sobre esses *encantados* que habitam e protegem o território xakriabá, ouvi narrativas e menções a lugares, potes, animais e plantas encantados, e pessoas que se encantaram. De acordo com dona Faustina, “*tudo que é lugar do índio é encantado, tudo tem suas reservas, tudo tem seus respeitos*”. Nesse sentido, ela diz que até a cidade [de São João das Missões] é encantada, porque é lugar dos Xakriabá. Dentro da T.I., conforme os seus causos, lugares encantados são locais na paisagem que tem um movimento próprio, isto é, que tem sinais da presença de *encantos*, sinais esses que ela chama de “*motivo*”. Lugares que têm *encanto* têm conseqüentemente a presença de *Iaiá*, caracterizada por dona Faustina como “*nossa companheira*”. Dando o exemplo da aldeia Sapé como um lugar de *encantos*, dona Faustina destaca o seguinte:

Aquele lugar ali, porque ele era um lugar rico ali aquele Sapé, é da riqueza ali, ali onde tinha os encanto. Ali no barreiro da casa de tia Ana, ali onde meu irmão morava, lá em riba [cima] onde Dida mora. Agora vê se lá, a gente num vê motivo de gente ter arrancado não. Porque de vez em quando aparece um motivo lá. O motivo aparece é assim ó: Acontece que você tá por lá de noite no meio do terreiro de noite, aí sobe aquela luzona e sai, é encanto. (...) Lugar encantado é bom, a gente tem que reservar aqueles encanto, respeitar. Porque tem esses lugar assim encantado e tem a nossa companheira que tá com nós, nós sozinho não somos nada e é assim. (Dona Faustina, aldeia Barreiro, julho de 2018).

Quando dona Faustina diz que “*a gente num vê motivo de gente ter arrancado*”, ela se refere às *botijas* ou potes de barro cheios de moedas que foram enterrados por pessoas que não conseguiram desenterrar esses utensílios antes de morrer¹¹⁰. Os lugares onde foram enterrados esses potes são vistos hoje em dia por alguns Xakriabá como lugar encantado, pois, como destaquei antes, possui um movimento próprio, manifestado na forma de uma grande luz e/ou de *livusias*. A *livusia* pode ser o próprio dono do pote de moedas ou animais, como porcos com pintinhos, galinhas caipiras com porquinhos, e galinhas-d’angola, chamadas pelos Xakriabá de cocar. Procurando se

¹¹⁰ Sobre os potes encantados, dona Faustina disse que, para encantar e nenhuma outra pessoa achar, a pessoa que o enterrou tem que urinar três dias consecutivos sobre o lugar.

libertar desse vínculo com o mundo terreno e conseguir sua salvação, o dono do pote aparece em sonho para uma pessoa pedindo-lhe para desenterrar seu dinheiro. Conforme narrativa de dona Faustina, seu irmão Geraldo foi escolhido para desenterrar um pote encantado:

De primeira, eles, as pessoas ia juntando assim um tostãozinho. Pois era difícil, mas eles ia juntando um tostãozinho, e enchia assim uma botija, era um pote. Assim, enchia, e quando enchia, abria um buraco e enterrava. Nesses lugares encantado que a gente passa, vê movimento, é nesses lugar. Aí nesse lugar lá, nós chegamos lá, nesse tempo que nós chegamos por lá, era um assim, um sertãozão, num tinha morador, num tinha nada. Só tinha mata, mata grossa. E esse pé de braúna, ele era dessa grossura [fez gesto com as mãos de ser muito grosso]. Aí foi, a gente foi trabalhando, trabalhando lá, até foi situando a vida. Aí fomos, Geraldo deu de cercar lá um lugar, uma roça. Roçou, trabalhou tudo. Aí já tava mais fortézinho, deu de cercar. Que nós cercava a roça da madeira e ele deu de fazer uma cerca de arame liso. (...) Lá naquele caminhozinho onde a gente entra pra casa de Dida, lá que ela passava e subia pra riba. Lá em cima, a cerca fez o canto, fez o canto de junto do pé de braúna. Daí fomos trabalhando, trabalhando (...). De lá, de cada onde nós morava, que ainda lá tem uma tapera. Tinha dia que ele tava sentado cá fora, tem um terreiro assim era bonito, e a gente ficava ali por fora, e subia aquela tochona assim, descia, andando, aquilo é ouro andando. Aí quando foi uma vez que Geraldo, diz que Maria tava dormindo. Diz que ele agarrou no sono, quando é fê veio um homem e falou com ele se ele não queria arrancar esse dinheiro, ia dar um dinheiro para ele arrancar. Tava em tal lugar assim, assim. No poste, o buraco ele abriu aqui, diz que ele andou a cavadeira bateu no pote. O dono que falou. (...) E Geraldo assombrado. Geraldo dormindo, assustou, diz que ainda viu ele saindo pra fora. E ele ficou lá dentro tremendo. (...) Passou, passou e esse homem tornou vim. Ele, “pode dar seu dinheiro se você quiser, não quero não”. Aí ele foi e contou o caso para o finado Patrocínio. (...) Aí foi Patrocínio disse: “É diacho pra quem tem coragem num dá, eu passo lá direto e não me dá. Cuma não me dá? Daí eu ainda falei, eu que não queria, nem no tempo que ele prestava, e outra, quem tira esse dinheiro diz que, aí é quem vai sofrer é a gente, quem enterrou ele tá sofrendo, porque enquanto ele não desenterrar ele não tem a salvação, isso que os mais velho fala. (...) E desse tempo Geraldo ficou assombrado e adoeceu, até hoje. Mas dessa doença que ele saiu de lá, foi pra São Paulo, fez tratamento por lá. Ficou até aposentou por lá mesmo. E esse lugar lá, o mesmo movimento. De vez em quando, assim, tarde da noite, passa gente lá e voa aquela cocazeira [muitas galinhas d’Angola]. Voa cocar nos pau e não é nada. É um lugar encantado esses lugar, tem encanto ali. Tem gente que apanha medo de andar nesses lugar, parece livusia assim, parece um porco zuando, parece outras coisas. (IDEM).

Dona Faustina foi enfática em dizer que, mesmo recusando o pedido do dono do pote, seu irmão começou a ficar doente depois que recebeu a sua visita. Ela me relatou também que, quando a pessoa escolhida decidi desenterrar um pote encantado, ela precisa seguir algumas prescrições, pois do contrário sofrerá algum infortúnio, como, por exemplo, encontrar marimbondos no lugar do pote com dinheiro:

Porque diz que é perigoso também arrancar esses trem [objetos], você sabe. Tem bem que ter coragem. Diz que quando a pessoa tá cavando, cava com uma cavadeira de pau, não é de ferro não. Ai diz que chega uma porca com um bocado de pinto, rodeando ali, quando é fé some, já aparece uma galinha com um bocado de porquinho. E ali a pessoa arrancando. É tudo aleivosia, tudo aleivosia. E se for mais uma gente orgulhosa, tem que ser uma gente só. Meia noite, só uma gente só, se for mais uma gente orgulhosa, pode cavando até, num acha, e se achar é marimbondo. Trem desse presta, menina? (IDEM).

É recorrente os animais aparecerem na forma de *aleivosias* nas histórias sobre *encantados*. Contudo, os Xakriabá me falaram algumas vezes deles como sendo o próprio ser *encantado*. Dona Faustina me contou duas histórias, uma sobre a galinha encantada e outra sobre a cobra encantada. A galinha encantada é uma galinha branca que aparece na porta da cozinha das casas. Uma noite, dona Faustina estava em casa sozinha à espera de seu marido Benvindo. Começou a ficar um pouco preocupada porque ele estava demorando muito a retornar da roça, já era noite. De repente, ela escutou um barulho na porta da cozinha e pensou que fosse o marido que estava chegando. Quando foi abrir a porta, viu que não era Benvindo e sim uma pequena galinha branca, diferente, que ela nunca tinha visto por aqueles lados. A galinhazinha sumiu na sua frente sem que ela percebesse, provocando um arrepio em seu corpo. Segundos depois, seu marido chegou. Quando perguntou a Benvindo se ele tinha visto a galinha branca pelo terreiro, ele disse que não, dona Faustina concluiu então que ela era um *encanto*.

Ainda sobre animais *encantados*, dona Faustina me contou que foi visitar dona Felícia de companhia com uma senhora amiga dela, era início de tarde. No finalzinho da tarde, quase início da noite, retornaram para casa. Com o objetivo de chegarem mais rápido em casa, passaram por um carreiro onde a mata ainda era bem fechada e tinha lapas. Numa dessas lapas, dona Faustina viu um bicho com cabeça e olhos muito grandes. Quando comentou sobre o que tinha visto com sua companheira de visita e outras pessoas, estas lhe disseram que era cobra que tinha encantado e estava esperando

alguém para comer. Quando a cobra encanta e quer comer, ela atrai, puxa a pessoa com os olhos.

Já Alexandre, genro de dona Faustina, falou-me que na aldeia Caatinguinha tem uma cobra encantada. Os moradores de lá dizem que ela não andava mais de tão “*baeta*”, gorda. Ela mora numa serra que fica na divisa da Caatinguinha com a aldeia Riachinho¹¹¹.

Uma forma de alguns animais se encantarem é comendo plantas que também são encantadas. De acordo com Déda, animais que comem dessas plantas ficam protegidos, nenhum caçador consegue matar. Tais plantas se mostram apenas para o pajé, que deve guardar segredo sobre elas¹¹².

Déda me contou também a história da origem do tamanduá-bandeira. Segundo ele, antigamente teve uma mulher que engravidou sem se casar, então ela decidiu ir embora para bem longe. Ela foi andando pela mata, andando, até que sentiu muita fome. Não conseguiu achar nenhum tipo de fruta, encontrou somente formigas. Decidiu então subir em uma árvore e comer formigas. Comeu formigas até saciar sua fome e adormeceu. Enquanto ela dormia, as formigas comidas por ela começaram a trabalhar em seu corpo e ela se encantou, transformou-se em um tamanduá-bandeira. A criança que ela esperava se transformou em um pequeno tamanduá e, quando nasceu, era um tamanduá-mirim (ou meleta, como os Xakriabá falam). As fezes do tamanduá deram origem aos cupins.

Ainda sobre encantamento de pessoas, além da história de *Iaiá*, é muito conhecida a história do possível encantamento de Lucido. Lucido, como me disseram alguns Xakriabá, era um *índio apurado*, com cabelo liso, bem moreno, forte, de poucas palavras, habilidoso no trabalho da roça e na caçada. Era originário da Embaúba, irmão

¹¹¹ Fernandes (2008, p.33) fala da cobra encantada que mora em uma gruta da aldeia Caatinguinha. Seus moradores a chamam de Cobra Baeta, pois ela é enorme, com a cabeça do tamanho de um prato e sua cor é branca. Segundo o representante da Caatinguinha à época, uma pesquisadora tinha levado a cobra embora e não sabia se ela a tinha devolvido.

¹¹² Além das plantas encantadas, ouvi os Xakriabá falarem em plantas que fecham o corpo (exemplo: semente de imburana de cheiro, itapicuru, tipi, alho bravo, laranjinha do mato, pau-ferrinho), plantas quentes (exemplo: fedegoso, São Caetano, tipi, semente de imburana de cheiro, capim de cheiro, poejo), plantas frias (exemplo: arruda, itapicuru, folha de cabaça, chichá), plantas frescas (exemplo: purgueiro, perdiz, papaconha), plantas finas (exemplo: mostarda, favaquinha, neve). Todas elas são usadas em processos de cura, por isso são também denominadas por esses indígenas como *remédio para fechar corpo*, *remédio quente*, *frio ou fresco*, *remédio fino*.

de Roberto, um homem que é conhecido por ter morado numa lapa durante anos. Senhor Valdinho me relatou que, na noite que Lucido sumiu, ele estava em sua casa:

Moça, foi uma coisa que a gente num esperava. Mais Lucido era diferente. Gostava de ficar no mato. Andava no mato descalço e não levava uma estrepada (risos). Caçava sem espingarda e sem cachorro. Ele tava trabalhando pra mim na noite que ele sumiu. Tava dormindo aqui em casa. Eu tinha até comprado um chinelo pra ele. Sei que de noite, quando tava todo mundo dormindo, ele pulou a janela, ficou aberta e sumiu. Deixou o chinelinho dele do lado da cama. Não deixou rastro. E olha que procuramos ele, fizemos turma pra procurar e nada, virou fumaça. Nós acredita que ele encantou. (Senhor Valdinho, aldeia Barreiro, junho de 2018).

Se há pessoas que se encantaram e não voltaram mais à forma humana, existem pessoas que se encantam apenas durante um tempo, transformando-se em toco, cupim, moita, animais ou ficando invisíveis. Ioiô me contou a história do velho Paulino, famoso antigo benzedor já falecido da aldeia Barreiro Preto. De acordo com ele, houve uma desavença entre um irmão do velho Paulino e um homem que teria “mexido” com sua irmã. A polícia passou então a procurar o velho Paulino, mas os policiais nunca conseguiam pegá-lo, porque ele se escondia, virando toco, moita ou ficando invisível. Um dia, velho Paulino percebendo que aquela perseguição não acabaria resolveu se entregar:

Teve um irmão dele que castrou um cara porque o cara mexeu com a irmã dele. Ele pegou o cara e castrou, o cara morreu. (...) Os velhos contava que esse Paulino, que esses [policiais] vinha numa sede danada pra pegar ele e não conseguia pegar porque eles passava por ele e virava num toco outra vez virava numa moita. Aí um dia que vieram aí, ele disse que já que quer me pegar eu vou, eu vou. Ele já sabia da situação, como é que era e pegou e entregou. Aí a polícia algemou, algemaram ele e tocaram ele na frente e rodaram [andaram]. Naquele tempo, era umas espada, uns facçãozão desse tamanho. E tocaram ele como tava tocando um boi e algemaram com as mão pra trás e quando chegou lá no Cônego Marinho, anoiteceu e eles deixaram, amarraram os burros assim de um lado, acenderam um fogo assim, colocaram uma polícia na frente e outra atrás e puseram ele no meio. Como que uma pessoa com a mão pra trás, mas como é que vai fazer? Deitaram ele de bruço com a cara no chão. Aí ele olhava pra um, um de cá e outro de lá, um tava dormindo. Aí mais tarde um pouquinho, esses peão tá, rom, rom [fez barulho de ronco com a boca], ele só fez mexer a mão assim, a corda caiu pro chão assim amarradinha prum lado, ele meteu os pé no chão e levantou. E olhou pra um, olhou pro outro, pegou a espada de um, pegou uma paia e cortou a paia e o fumo e fez um cigarro e acendeu assim. Aí

voltou, quando ele chegou lá no rio: “Óuu, acorda, levanta que o Paulino vai embora!”. Aquilo nem, quando eles vieram a acordar já era de manhã cedo, ele já tava descendo aqui na Capivara [risos]. (Ioiô, aldeia Barreiro Preto, julho de 2019).

A habilidade *de virar em toco*, moita, animal e de ficar invisível é uma característica daqueles que possuem *ciência*, ou seja, que possuem relação estreita com os *encantados*. Sobre a habilidade da invisibilidade, Déda me falou de uma ocasião em Brasília em que os índios forçaram a entrada na câmara dos deputados. Os policiais disseram que liberariam a entrada para os indígenas, contudo teriam que deixar suas armas do lado de fora. Ele, uma Xakriabá e dois ou três indígenas do nordeste entraram com suas bordunas sem serem percebidos. Conforme Déda me apontou, isso só foi possível porque eles ficaram invisíveis com a proteção dos *encantados*.

Outra maneira de os *encantados* protegerem os Xakriabá é lhes dando avisos, conselhos, sobre possíveis acontecimentos em uma viagem, como, por exemplo, o Acampamento Terra Livre. O pajé e outros líderes espirituais¹¹³ recebem esses conselhos dos *encantados*, muitas vezes por sonho, e os passa aos outros membros do grupo, ajudando-os a se preparar para qualquer acontecimento ou enfrentamento.

4.5 Histórias de *Aleivosias*

As *aleivosias* podem aparecer na forma de visagens que estão perambulando pelo mundo dos vivos procurando a salvação.

De acordo com as histórias que escutei, as *aleivosias* podem se manifestar dentro das casas, mas é mais comum elas aparecerem em baixões, grotas, riachos, roças, na mata, estradas, árvores. Quando estão presentes em um lugar, manifestam-se aos vivos causando-lhes arrepios, deixando-os desorientados, tocando seu corpo, gemendo, assobiando, falando ou cochichando, agindo por possessão no corpo de alguém, imitando a voz ou o suspiro de um conhecido da pessoa que ela está tentando assombrar ou causando desordem dentro de uma casa por meio de arrastar de móveis, mexendo em

¹¹³ Os líderes espirituais são também benzedores que contam com o auxílio dos *encantados* em seus benzimentos. No entanto, nem todo benzedor é um líder espiritual. De acordo com Zezinha e sua mãe dona Cula, uma das benzedoras mais procuradas da aldeia Barreiro Preto, existe diferença entre os benzedores. Há aqueles que fazem trabalhos de mesa, auxiliados pelos espíritos ou *encantados*, e aqueles que utilizam um galhinho ou copo de água, e fazem orações, que, segundo dona Cula, são todas “*com Deus e a Virgem Maria*”.

objetos e colocando animais no interior da mesma. Elas podem fazer todas essas ações sem serem vistas, mas também podem se mostrar para os humanos.

De forma geral, as *aleivosias* causam assombro, isto é, deixam a pessoa que a viu ou percebeu sua presença com medo, cismada com qualquer movimento diferente. Além de assombro, podem causar doenças nas pessoas, conforme vimos no “causo” contado por dona Faustina sobre a visita do dono do pote encantado a seu irmão Geraldo. Também, nesse sentido, senhor Ervino, morador e benzedor da subaldeia Olhos D’Água, contou-me que sua irmã caçula teria pegado um *espírito ruim* na beira do riacho que cortava a aldeia Barreiro, o que fez com que ela ficasse *doente, fraca da cabeça*. Esse *espírito ruim* fazia com que ela corresse para o mato, subisse em árvores e ameaçasse pular. Sua irmã mudava a voz, fazia caretas de deboche, zombava de tudo e todos, e depois não se lembrava de nada que tinha feito. Objetivando curá-la, levaram-na a vários benzedores. Depois de algum tempo, após os benzimentos, o *espírito ruim* não se manifestou mais.

O dono do pote encantado que deixou doente o irmão de dona Faustina e o *espírito ruim* que deixou *fraca da cabeça* a irmã de senhor Ervino não eram conhecidos e não possuíam nenhuma relação de parentesco com eles. Já na história que me foi contada por senhor Valdemar e dona Emília, a *aleivosia* e a pessoa assombrada por ela são descritas como sendo parentes. Rosa, prima de senhor Valdemar, ficara viúva e passou a morar sozinha. Mesmo surda, passou a ser assombrada por uma *aleivosia*, que mais tarde senhor Valdemar e dona Emília suspeitaram se tratar de Sarviana, irmã de Rosa que, quando bebia, entrava em conflito com ela:

Eu tinha uma prima aqui, que ela morava aqui no fundo, é Rosa. (...) Ela já morava só, não deu certo mais a irmã. Ali já fazia era medo a convivência que as duas irmãs ficou. Aí sempre eu ia lá, ela queria que eu dormia lá à noite pra vê essas aleivosia, não tem jeito não Rosa. Pra dormir, não tem jeito não. (...) Aí vai, vai, aí ela deu pra andar doente e que queria ir na Bahia, pra modo levar um, pra fazer um olhado lá, pra vê o quê que é nesses curador, na Bahia tem o Firmino, tem mais outro lá. E aí mais não tinha companheiro pra andar, ela muito surda e não entendia, se eu podia ir um dia mais ela, eu disse vou uai! Cê arrumando o dinheiro pode deixar que nós vamos. Aí quando foi num dia, eu fui mais ela lá. E aí, na Bahia, aí cheguei lá, arrumar o remédio pra ela que ela andava ruim, e aí eu falei pra fazer um trabalho lá pra vê o quê que tava acontecendo na casa dela. Essa aleivosiada que ela via na casa fazia era medo. A gente tava lá, ela mostrava, “cê num tá escutando não?” e eu, num tô escutando nada não. “Mas Valdemar cê num tá escutando de jeito

nenhum?” e eu, num tô escutando nada. E ela surda coitada escutava gente rezano, escutava chorando, aquele choro esquisito ali, e chorando, e ninguém escutava nada. (...) Era só pensar que não, a noite entrava era aleivosiada na casa. Aí nós foi lá na Bahia. Eu fui mais ela lá. Arrumei um ônibus que ia pra lá, que eles fazia excursão pra levar gente lá. E aí nós foi. Cheguei lá, eu conversei lá com o curador, raizeiro, como é que tava acontecendo na casa dela. Ele falou, moço ela não tem nada lá de assombração não. Lá é a morada do demônio ali. Lá não tem nada de assombração não. Esse problema é velho, moço. Já vem desde das família antiga esse troço lá. Esse brigueiro doido, essas coisa lá. Mas eu disse, peraí tem remédio pra isso? Tem, cê arruma um litro de água aí que eu vou fazer um benzimento aqui que eu quero vê se não sai de lá. (...) Saímos de lá por volta de meio dia e quando chegamos aqui era boca da noite [início da noite]. Aí eu falei pra ela, hoje eu num vô lá não, mais amanhã eu vou lá fazer o jeito do remédio lá. (...) E aí no outro dia eu fui já com sol, tomei café aqui e saí, peguei as coisa e fui pra lá. Me ensinaram como é que ela tomava os remédio também que ele tinha marcado [à base de plantas medicinais]. (...) Cheguei lá, antes deu conversar com ela, já peguei um litro, já fui lá na porta da varanda lá. Fizesse uma cruz lá na casa com a água que veio. Comecei lá na porta da varanda assim e desci, saí na porta da cozinha, voltei cá, fui nos dois quarto de lá, fiz uma cruzona grande com a água e o resto despejei na porta. Do jeitinho que ele ensinou eu fiz e aí vim embora. Aí ensinei ela como é que tomava os remédios que ele tinha mandado e aí ela foi tomar os remédio. Moça, aí quando foi na boca da noite, nós tava assistindo umas televisão aqui e os meninos num sei pra onde que foi, só ficou eu e Emília aqui. “Eles tava pra reza lá no cruzeiro” [Dona Emília]. Foi mesmo, tava pra uma reza de Santa Cruz lá no cruzeiro. E aí a menina foi pra lá. Mais moça, mais num é a zoada que esse troço fez, quando ele chegou lá que não achou entrada lá nessa casa a confusão. Era a irmã dessa mulher quando tava bêbada direitinho. Do jeitinho que era aquela gritaiada, aquela rezação, aquela coisa quando ela tava bêbada. Desse jeitinho foi esse troço dessa estrada que veio de lá. Emília tava aí fora, escudou, chegou, Valdemar vem vê o que tá, olha que zoeira é aquela. Aí eu saí cá pra fora, cheguei que tá esse trem que vem zoando, com essa zoada e vai. Desceu aqui pra baixo, quando pensava que não, esse trem tornava a subir com essa zoeira, chegava, pegava essa estrada e sumia. Pensava que não. Achava que tava pra lá, vai subindo pra cá. Cachorro pulava cerca e fazia aquela confusão. (Senhor Valdemar, aldeia Barreiro, janeiro de 2019).

Assim como a irmã de senhor Ervino, Rosa só conseguiu se livrar dos assombros das *aleivosias* quando procurou um curador/raizeiro, que prescreveu remédios feitos com plantas medicinais para ela tomar e água benta para ser jogada no interior da casa, no formato de uma cruz, o que fechou suas entradas para o ser que a assombrava. Ainda sobre maneiras de se livrar dos assombros das *aleivosias*, senhor Valdemar e dona

Emília me disseram que não há coisa melhor do que rezar a oração do Credo apostólico¹¹⁴.

As *aleivosias* podem escolher um lugar ou pessoa para assombrar ou podem ser enviados por meio de feitiço. Dona Terezinha, moradora da aldeia Barra do Sumaré, falou-me que a *aleivosia* pode ser “jogada” por alguém para você ficar doente, para nada dar certo. Conta que uma vez andaram fazendo umas *porcarias* (*feitiço/macumba*) para ela. Mandaram uma *aleivosia* ficar perturbando em sua casa. Ela era uma mulher grande e pálida, que atravessava paredes e ficava puxando os cobertores das crianças à noite. Vivia aparecendo para ela em vários lugares, nas proximidades da casa, no galinheiro, na fonte de água. Para se livrar dessa *aleivosia*, dona Terezinha procurou ajuda espiritual com benzedores e pastores que atuam na T.I.

Nem todas as narrativas sobre *aleivosias* que escutei tiveram um final positivo, com o afastamento da mesma e a cura da pessoa assombrada. Senhor Valdemar, quando ainda era menino, ouviu os *mais velhos* contarem sobre uma moça que sofria com a presença de *aleivosias* e acabou tomando veneno e morrendo.

Eu já vi falar de muitas pessoas que, falecida mesmo, tinha sempre essas vozes rondando pra pessoa fazê isso aí. E eu, quando eu era criança. Eu era menino e aconteceu um negócio com uma moça lá no Alto Tamarino¹¹⁵. Ela, uma moça muito católica, muito devota, e pego com esses problemas, todo dia essa coisa com ela. Ela diz que pegava o catecismo, ia lê aquelas coisa disfarçava, esse trem sumia, passava uma temporada. Quando pensava que não, voltava de novo outra vez. Diz que foi indo, até ela beber o veneno e morrer. Assim a família dela contava. (Senhor Valdemar, aldeia Barreiro Preto, janeiro de 2019).

¹¹⁴ Dona Emília, que desde muito tempo se diz assombrada pelas *aleivosias*, relatou-me que, para afastá-las, além do Credo, reza as orações do Pai-Nosso, Ave-Maria, Salve Rainha. Já dona Faustina e dona Terezinha me ensinaram um defumador feito com chifre de boi, folhas de tipi e casca de alho, para impedir a aproximação de *aleivosias* e animais peçonhentos. O aconselhável é colocar esse defumador quando começa a morar em uma casa. Pode ser só em um cômodo da casa, pois o cheiro vai longe. Nos lugares que o defumador alcançar, irá limpar tudo.

¹¹⁵ Alto Tamarino é um distrito pertencente ao município de Manga. Ele fica na divisa com a Terra Indígena Xacriabá, próximo à aldeia Itapicuru. Lá moram muitas famílias xakriabá, que, com o processo de demarcação do território na década de 1970, ficaram fora dos limites da T.I. Eu conheci alguns casais que eram formados por Xakriabá moradores da T.I. e Xakriabá moradores do Alto Tamarino.

Para os Xakriabá espíritos de mortos são perigosos¹¹⁶. Pessoas recentemente falecidas exigem alguns cuidados dos parentes vivos, pois há o risco de o morto *puxar a rama*, isto é, ele pode levar/puxar outro parente vivo com ele, geralmente a pessoa mais velha de sua família¹¹⁷. Para evitar o *puxar da rama*, alguns Xakriabá fazem resguardos, que duram cerca de um mês, conforme me informou dona Faustina, pajé Vicente e Graciele, moradora da aldeia Tenda-Rancharia. Durante esse tempo, não podem fazer ou participar de festas, não podem dançar, cantar, tocar maracá e nem se pintar¹¹⁸. Desrespeitar o resguardo, além de abrir possibilidade para que o morto puxe *a rama*, fazendo com que pessoas morram antes do tempo, o que é ruim para seu espírito porque ficam vagando entre os vivos, como uma *aleivosia*, traz também prejuízos para a vida em comunidade, como a perda de união entre seus membros. De acordo com pajé Vicente, a desunião por qual passa o povo Xakriabá é resultado de as pessoas pensarem apenas nelas e não mais no bem-estar coletivo. Quando pessoas guardam o luto, não ajudam apenas sua família, mas a comunidade como um todo.

Dona Faustina, quando me falou da ação dos mortos de *puxar a rama*, ressaltou algumas formas de se evitar isso: os parentes que moram na mesma casa que o morto não devem acompanhar o enterro; cônjuge e filhos, com suas respectivas famílias, devem dormir na casa do/a falecido/a durante uma semana; e é aconselhável varrer da casa até o *munturo* depois que o caixão sair do terreiro¹¹⁹. Antigamente, algumas pessoas também seguiam restrições alimentares. Irmãos e sobrinhos do morto não podiam comer alimentos de rama (abóbora, batata-doce), carne, ovos, por sete dias. Pai,

¹¹⁶ Em conversa com dona Maria, moradora da aldeia Embaúba, Correia da Silva (2011, p. 177) é informado por ela que: “Quando um corpo está sendo velado, dois horários são perigosos para sair do velório: de meia noite às 6 da manhã e ao meio dia. Se sair durante esses horários, é possível a pessoa se encontrar com “aleivosia” ou “nervosia do morto” ou simplesmente “nervosia”. No meio da tarde tem um diferencial, diz ela que os espíritos costumam brincar com os vivos ou a pessoa fica com medo, ou entende a brincadeira e segue em frente”.

¹¹⁷ Sobre a categoria *rama*, dona Du, moradora da subaldeia Olhos D’Água, ao falar sobre suas relações de parentesco, disse que todos ali na Barreiro Preto eram parentes, porque “*se a gente for vê, faz parte tudo de uma rama só*”. Seu Augusto, marido de dona Du, disse que “*os mais novo só faz a rama crescer, ir espalhando por ai*”.

¹¹⁸ Sobre o luto, dona Faustina disse que, durante um mês, “*não pode tá zoando, brincando, ir em festa, farreando e tudo. E outra, se for o chefe, é um ano sem fazer os trabalhos deles [Toré], isso aí é lei, não pode não*”.

¹¹⁹ Dessas três formas de se evitar o *puxar da rama*, descritos por dona Faustina, vi os Xakriabá praticando as duas primeiras. No velório ou sentinela de Zé de Moacir, os parentes que moravam com o morto não acompanharam o caixão até o cemitério. No período de luto após a morte de senhor Valdinho, dona Ana, seus filhos e netos dormiram juntos durante uma semana em sua casa.

mãe e cônjuge podiam comer de tudo. Pessoas que deviam guardar dieta e não guardavam inchavam a barriga e sentiam um incômodo grande. O remédio era beber a terra da sepultura do parente morto. Se não fizesse isso, sofreria de inchaço na barriga de tempos em tempos, até sua morte.

Segundo dona Faustina, existe uma *ciência* que diz que, quando uma mãe, pai e/ou filho ficam lamentando a morte de um parente e pedindo para revê-lo, ele aparece em forma de *aleivosia* e a pessoa pede para nunca mais vê-lo, pois o morto aparece com o rosto deformado, “*com olhos e uma careta muito feia*”.

Por fim, vale destacar que as *aleivosias* podem ser enviadas aos seres humanos pelos *encantados* não apenas por meio de visagens de animais, como foi mencionado no tópico anterior, mas também por meio de visagens de pessoas. Senhor Ervino me contou que, em uma noite, ele e senhor Nego de Lu saíram para caçar veado e montaram espera¹²⁰ em cima de pés de pequis próximos. Quando o veado já estava se aproximando e eles estavam prontos para atirar, apareceram dois meninos negros correndo e brincando, fazendo grande algazarra. Aquilo espantou o veado e deixou os dois caçadores arrepiados, “*com sentido só de ir para casa. Onde já se viu dois meninos brincando na mata meia noite? Eles eram livusias*”. Quando contei essa história para Zezinha, ela me disse que esses meninos poderiam ter sido mandados pelo *Caipora*, que não queria que matasse o veado.

Eu não presenciei nenhuma narrativa a respeito, mas senhor Emílio, liderança da aldeia Pedra Redonda, relatou a Costa e Santos (2010, p.172 e 173) que os chefes, que como falamos eram sabedores da *ciência*, faziam e enviavam *aleivosias* para expulsar os invasores do território indígena:

Emílio: *Ah, meu filho eu já vi foi coisa nesses matos... [...] Quem caça acha o que quer e o que não quer. [...] Ficar em espera é perigoso demais. Teve uma vez que tava na espera mais o meu tio, aí bateu uma ventania... O pau [caçadores na espera ficam em cima das árvores] foi entortando até chegar quase na beirada do chão... quando chegou nessa beirada meu tio pulou. Ainda bem que eu não pulei, pois beirada do chão nada: o pau tava é lá no alto! Ele caiu, quebrou a coluna. Morreu na hora.*

Rafael: *Era uma aleivosia?*

¹²⁰ Trata-se de uma técnica de caça em que os caçadores literalmente esperam os animais em cima de uma árvore. A escolha do local para fazer a espera é feita a partir da observação dos caçadores dos movimentos dos animais em determinada área.

Emílio: *Era... essas coisas do mato. [...] Se o Caipora quiser, ele te põe perdido naquele mato ali do quintal de casa! [...] Os chefes faziam aleivosias pros invasores e deixavam eles perdidos, passando fome no mato. Depois deixavam eles aparecerem na porta de suas casas, davam comida e mandavam eles embora* (Pedra Redonda, novembro de 2009, *apud* Costa e Santos, 2010).

Como pudemos perceber ao longo deste capítulo, as *aleivosias*¹²¹ são mais uma das subjetividades de um território que envolve habitantes e relações diversas. Os animais, árvores, plantas e clima com suas *ciências* próprias, pessoas que têm a habilidade de conhecer essas *ciências* da natureza, os *encantados* que são protetores, donos do território, que negociam com os humanos, mas que também se antipatizam e se incomodam com estes.

Sobre a categoria “dono”, Carlos Fausto, em seu texto “Donos demais: Maestria e domínio na Amazônia” (2008), alerta sobre a pouca atenção que essa concepção recebeu dos etnólogos, já que, ao modo de ver desse autor, é de suma importância para a compreensão da sociologia e da cosmologia indígenas. Realizando uma revisão bibliográfica sobre o assunto, Fausto (*idem*, p.329) conclui que essa categoria na Amazônia é para além de uma relação de propriedade, trata-se de um modo generalizado de relação, que faz parte da socialidade amazônica e “caracteriza interações entre humanos, entre não humanos, entre humanos e não humanos e entre pessoas e coisas”.

No caso dos Xakriabá, vimos que há *encantados* donos de marcos da paisagem, donos de animais e donos do território. Esses seres não humanos cuidam desses elementos territoriais xakriabá controlando o acesso dos humanos a eles, principalmente de pessoas não indígenas. O *encantado Iaiá*, por exemplo, que é dona do território e protetora do povo Xakriabá, assumiu a luta pela terra junto com esses indígenas, bem como os protege e os acompanha até hoje em seus movimentos de luta.

Essa noção da natureza como o *domus* de alguém, essa essência doméstica da natureza, foi salientada pioneiramente por Descola (1986) em seus estudos sobre domesticação entre os Achuar. Conforme percebi em meu campo, para alguns Xakriabá, a natureza ou o *mato* é um domínio de outros que humanos, isto é, de *bichos*, *aleivosias*

¹²¹ Para mais informações sobre aleivosias entre os Xakriabá ver Correia da Silva (2011, p.177).

e *encantados*¹²². O *mato* ou o *campo* é movimentado de *ciência*, como me disseram senhor Valdemar da Prata e pajé Vicente, por isso, sempre que alguém vai adentrá-lo também deve mobilizar *ciências*. Como apresentei em relação às *ciências* para caçadas, é preciso que o caçador se atente ao dia e aos sinais da *natureza* para que não lhe aconteçam situações indesejadas. Para proteção contra investidas de seres que habitam o mato, é aconselhável que qualquer pessoa que ande por ele carregue consigo fumo, cera de abelha e dente de alho, como me disseram alguns homens e mulheres xakriabá.

As *ciências* das quais falam os Xakriabá são *ciências* da natureza, ou, como salienta Célia Xakriabá (2018), é uma *ciência* do território. A natureza ou o território-ambiente xakriabá é constituído por seres sencientes, que são percebidos, ouvidos, observados e, portanto, levados a sério por esses indígenas. Tais observações dessas presenças sencientes envolvem desenvolvimentos de habilidades e aplicações práticas no cotidiano e em situações rituais vivenciadas pelos Xakriabá. De acordo com o que vimos, os Xakriabá usam os conhecimentos que adquirem ouvindo-observando a *natureza* para atividades como plantar, coletar mel, coletar óleos, para caçar, para fazer banha, cultivar plantas, livrar suas casas e familiares de males, e chamar, através de rituais como o *Toré*, a *espiritualidade*.

É importante observar que *ciência* e *natureza* jamais se separaram da política, como já disse Latour, ao analisar as ciências ocidentais modernas. Ele mostra que essa separação entre natureza e política desde Platão (alegoria da caverna que separou o burburinho dos homens comuns = política dentro da caverna x os esclarecidos sobre o mundo = sábios-filósofos fora da caverna, com acesso aos fatos) é ilusória e tem caráter fundamentalmente político. Os *encantados*, a *espiritualidade* ou a “natureza senciente” é parte da luta por um território que se define nesses termos mesmo, isto é, como território encantado, o que é o mesmo que dizer, como vimos na fala de dona Faustina, *terra de índio*. *Iaiá* teve presença marcante no tempo da luta e, atualmente, os *encantados* são grandes aliados nas novas formas da luta e da política.

Em “Cosmopolítica indígena nos Andes: reflexões conceituais para além da política” (2019, p.1), Marisol De La Cadena, ao chamar a atenção que a política praticada por indígenas andinos tem sido denominada de “política étnica” porque seu ativismo é interpretado como uma questão de fazer prevalecer direitos culturais,

¹²² Rafael Barbi Costa e Santos (2010) também chamou a atenção para essa característica do *mato* entre os Xakriabá.

questiona até onde a noção de cultura é suficiente para pensar o que é a política praticada por esses ameríndios, já que estes têm povoado de seres não humanos a política usual, isto é, aquela política que é conhecida como “uma arena povoada de seres humanos racionais disputando o poder de representar outros humanos frente ao Estado”.

Esses seres não humanos, chamados por De La Cadena de seres sencientes ou seres-terra, que pode ser a Mãe Natureza (Pachamama) ou uma montanha, têm se destacado como importantes atores na política não indígena andina. Baseada em sua convivência com dois homens quéchua, a autora salienta que esses seres-terra sempre estiveram presentes e tidos como dotados de intencionalidade, mas agora eles participam diretamente da política como sujeitos. Eles são sujeitos citados em uma constituição, a lei máxima do Equador, mobilizam adesões de movimentos políticos diversos em torno de si, como no caso de uma montanha de nome Ausangate em Cuzco. Nesse sentido, a autora conta sobre uma conversa que teve com Nazário, um de seus interlocutores quéchua, durante uma manifestação contra um projeto de mineração que pretendia se instalar nos arredores de uma montanha chamada Ausangate, bastante conhecida em Cuzco como um poderoso ser-terra, fonte da vida e da morte, da riqueza e da miséria:

Inicialmente, enquanto protestávamos, eu pensei que compartilhássemos uma visão única sobre a mina; no entanto, quando nos debruçamos cuidadosamente sobre a manifestação e como ela poderia influenciar eventos futuros, me dei conta de que nossa visão compartilhada era também mais do que uma. A razão pela qual me opunha à mina se devia ao fato de que ela poderia destruir as pastagens das quais as famílias dependem para ganhar a vida criando alpacas e ovelhas, e vendendo sua lã e sua carne. Nazario concordou comigo, mas disse que seria pior: Ausangate não permitiria que uma mina se instalasse em Sinakara, uma montanha sob sua influência. Ausangate ficaria furioso, podendo inclusive matar pessoas. Para prevenir tal matança, a mina não deveria ser construída. (*IDEM*, p. 7)

Do mesmo modo que Ausangate no contexto andino, no contexto xakriabá, a *espiritualidade* e os seres *encantados* que fazem parte dele também ganham destaque como atores políticos na luta empreendida por esses indígenas. Recorrentemente essas figuras são acionadas pelos Xakriabá como parceiros deles na luta por direitos, conforme aparece na fala de Edvan sobre o atual processo de retomada de terras, na fala de Déda sobre uma participação Xakriabá no ATL e na fala de senhor Valdinho sobre o *período de luta pela terra*. Sobre o *encantado Iaiá* e a *luta pela terra*, como me contou

senhor Valdinho, quando estava satisfeita com o comportamento de seu povo, ficava ao seu lado na *luta*, mas, quando notava uma predominância de um modo de ser não Xakriabá, retirava-se do território e do cenário político do mesmo.

A *espiritualidade* e essa imagem de uma natureza senciente também têm aparecido com frequência nos discursos da liderança Célia Xakriabá, principalmente em falas que se remetem à cura do planeta e aos saberes indígenas como capazes de efetuar essa cura. Passemos a esses discursos.

4.6 *Natureza e cura*

Segundo Célia Xakriabá, a valorização de diferentes modos de vida e das epistemologias nativas, além de ser um caminho para a conquista de autonomia por parte dos povos indígenas e ser aquela que “*sustenta o nosso reencantamento pela vida*”¹²³, é também um caminho de recuperação para a sociedade não indígena, pois, nesse “*projeto que tá falido de sociedade*”¹²⁴, a cultura indígena e das comunidades tradicionais apresentam-se como “*uma grande capacidade de cura*”¹²⁵. Isso ocorre porque são os indígenas e os membros das comunidades tradicionais que possuem o privilégio de serem “*formados na ciência do território*”, que não possuem “*a mão cheia de sangue indígena e nem cheia de lama da mineração*”¹²⁶, sendo assim os únicos com “*condição de pensar um outro projeto do bem viver*”¹²⁷ não só para o Brasil, mas para a humanidade.

A crítica de Célia é direcionada principalmente às pessoas que estão imersas no sistema econômico capitalista e não conhecem suas origens, que não param para pensar nos políticos que elegem, pois tais parlamentares podem apoiar o agronegócio, que é um dos principais responsáveis pelo aquecimento global do planeta, que invade e desmata terras que são por direito dos povos originários do Brasil, impondo-lhes maneiras não tradicionais de habitar e gerir seu território:

¹²³ Ver trecho de fala em https://youtu.be/AE3tod_eLgw

¹²⁴ Trecho de fala de Célia Xakriabá durante o VI Congresso de Desenvolvimento Social da UNIMONTES, Montes Claros, agosto de 2018.

¹²⁵ Ver trecho de fala em https://youtu.be/AE3tod_eLgw

¹²⁶ Ver trecho de fala em https://youtu.be/AE3tod_eLgw

¹²⁷ Ver trecho de fala em https://youtu.be/AE3tod_eLgw

É importante que a gente ocupe esse lugar aqui [Câmara dos Deputados], mas a sustentação da vida, da nossa identidade, tem sido também por meio da cultura. Porque se a cultura demarca território e a cultura também é essa relação, a cultura então ela é na verdade essa matriz que sustenta o nosso reencantamento pela vida. Porque nesse momento que a gente tá vivendo de adoecimento, de suicídio, a cultura, ela não se apresenta mais como uma possibilidade. Ou nós reencantamos pela vida, com a cultura que é a sustentação desse reencantamento pela vida, ou nós vamos perder esse sentido de viver. O que seria o Brasil sem pensar a presença da cultura? O que seria o Brasil sem pensar os povos indígenas? O que seria o Brasil sem pensar as matrizes africanas, povos e comunidades tradicionais? Seria um Brasil cinzento. Então eles erraram, não venceram nós povos indígenas pelo processo de aculturação porque, pelo contrário, nós indigenizamos. E agora como outro processo de tentativa que eles não conseguiram pela aculturação, estão tentando pela agricultura, tentando nos impor uma cultura, um outro modo de ocupar o território que não é nosso, mas vai errar também, porque nós, povos indígenas e comunidades tradicionais e aliados, nós somos os únicos que temos condição de pensar um outro projeto do bem viver, que paute a cultura, que paute a liberdade dos corpos, porque nós somos os únicos que não temos a mão cheia de sangue indígena e nem cheia de lama pela mineração. (Palestra de Célia Xakriabá no Seminário Cultura Viva, Câmara dos Deputados, Brasília, 2019¹²⁸).

Na jornada “Sangue Indígena: Nenhuma Gota a Mais”, realizada na Europa de 18 de outubro a 20 de novembro de 2019, Célia, em vídeo gravado para o “Diário de Bordo¹²⁹” dessa mobilização, relata que um dos compromissos que a comitiva teve foi o de conversar com políticos e empresários europeus sobre a exportação de produtos originários do agronegócio praticado no Brasil. Essa agenda teve como propósito conscientizá-los sobre sua responsabilidade em relação às mudanças climáticas no mundo e sobre o genocídio cometido contra os povos indígenas brasileiros.

Ecoar as vozes indígenas pelo mundo, denunciar os ataques genocidas, etnocidas e ecocidas do atual governo brasileiro contra os povos originários e a Amazônia foi o principal objetivo da jornada Sangue Indígena.

E o que nós tem vivido no Brasil, tem chamado de genocídio, é ecocídio, é etnocídio, que é a matança da nossa identidade. E as pessoas falam, mas isso é muito sério, onde é que tá matando o povo coletivamente? Eu falei, não eu errei. É genocídio legislado, é um

¹²⁸ Ver em https://youtu.be/AE3tod_eLgw

¹²⁹ O “Diário de Bordo” é uma série de 30 vídeos com depoimentos dos membros da comitiva falando sobre as atividades em cada cidade europeia que recebeu a “Jornada Sangue Indígena: Nenhuma Gota a Mais”. Para ter acesso a esses diários, acessar https://www.youtube.com/playlist?list=PLchh9Eb_8lo63SQe1wkl1SjAa5dkdsuj

ecocídio legislado, é um etnocídio legislado, porque é o Estado brasileiro autorizando a matar. É o poder judiciário anunciando e liberando, trajando a bancada ruralista a matar os povos indígenas. E atual governo brasileiro, muito tempo antes dele ser governo, Ele anunciou que se Ele fosse governo, Ele não ia demarcar um centímetro de terra indígena. Não demarcar um centímetro de terra indígena é como anunciar a morte dos povos indígenas. E, ontem em Tóquio, ele falou que a Amazônia tem que ser explorada mesmo, ele não abre mão. Nós povos indígenas estamos respondendo: A Amazônia tem que ser protegida mesmo nós não abrimos mão! Nós não abrimos apenas a mão como nós não vamos soltar essa luta. E por isso, pela gravidade do momento que nós estamos vivenciando no Brasil, nós lançamos nossa campanha Sangue Indígena nenhuma gota a mais. (Aula Magna com Célia Xakriabá, Dipartimento di Scienze dell' Educazione – Unibo, Itália, outubro de 2019¹³⁰).

Como chama a atenção a liderança xakriabá na narrativa acima, proteger a Amazônia das investidas governamentais e de seus aliados do agronegócio tem sido uma das bandeiras de luta do Movimento Indígena Nacional, pois defender esse bioma, assim como cuidar do cerrado, é se dedicar à proteção da *Mãe Terra*. Ela destaca que, mesmo não sendo um por cento da população brasileira, são os povos indígenas que sustentam a vida da humanidade, por isso podem ser considerados termômetros do mundo:

E nós povos indígenas somos termômetro do mundo, porque o dia que nós povos indígenas parar de respirar, a humanidade também não vai conseguir respirar mais. Nós somos o termômetro do mundo porque mesmo não sendo um por cento da população brasileira, sendo vítima do projeto de colonização, nós seguramos a vida, sustentamos a vida da humanidade. E o atual governo representa a convulsão, a febre mais alta do planeta, e nós reduzimos as mudanças climáticas. (IDEM)¹³¹.

Nessa *luta* em defesa da vida da humanidade, em defesa de seus territórios (que são suas vidas), a arma mais potente com que os indígenas contam, frisa Célia, é “*com nosso corpo e com a força de nosso espírito que é ligado a nossa ancestralidade*”¹³², e é desta *espiritualidade* que os políticos têm medo, por isso, procuram sempre atacá-los e desarticulá-los¹³³.

¹³⁰ Ver em <https://youtu.be/GrUoQl-j7E8>

¹³¹ Ver em <https://youtu.be/GrUoQl-j7E8>

¹³² Ver trecho de fala em <https://youtu.be/KnT2izTOFEU>

¹³³ Ver em <https://youtu.be/GrUoQl-j7E8>

E hoje é preciso dizer que nós povos indígenas estamos sendo mortos, torturados, não apenas com a arma do calibre 38, nós estamos sendo torturados com a arma do calibre 17, que é a arma do PSL, do atual governo. E nós vamos continuar lutando. Não exatamente com a mesma arma de fogo, não significa que nós estamos desarmadas. Nós vamos lutar com a arma mais potente de que nós povos indígenas, mulheres indígenas temos hoje. Nós vamos lutar com nosso corpo e com a força de nosso espírito que é ligado a nossa ancestralidade. Nós vamos seguir fazendo luta porque, a cada vez que queima a Amazônia, também queima os corpos das mulheres indígenas, dos povos indígenas. A cada vez que coloca fogo na Amazônia, fogo que também tem incendiado nossas casas de reza. Porque o que ele tem medo mesmo é da nossa resistência e da força da espiritualidade dos povos indígenas. (Discurso de Célia Xakriabá como parte de cumprimento de agenda do Movimento Indígena Nacional em Nova York em outubro de 2019)¹³⁴.

Como é possível perceber nas falas de Célia, a política que é praticada pelos povos indígenas brasileiros é que eles almejam tornar visível e mobilizar agentes que nós consideramos apenas de forma objetificada no mundo da natureza ou como presenças que devem se restringir ao campo religioso. Assim como os indígenas andinos estudados por De La Cadena (2019), os indígenas brasileiros não efetuam uma separação entre política e natureza, por isso Célia fala que os governantes brasileiros “*têm medo mesmo é da nossa resistência e da força da espiritualidade dos povos indígenas*”. A *espiritualidade* ou as espiritualidades, ao auxiliarem os indígenas em seus enfrentamentos, destacam-se também como atores políticos na *luta* com adversários.

Unidos e munidos com sua *espiritualidade*, nos movimentos de defesa de seus direitos, principalmente na defesa de direitos territoriais, Célia, bem como outros indígenas, têm enfatizado a relação utilitarista que os não indígenas estabeleceram com o ambiente. Assim, as políticas indígenas atuais defendem o rompimento com esse modo de vida exploratório, reconhecendo o valor dos saberes ou epistemologias indígenas em consonância com as *ciências da natureza*:

Nós, indígenas, historicamente vivíamos equilibradamente, tínhamos rios, peixes, frutos e o mais importante, tínhamos o nosso território sem cerca, o que garantia vida com dignidade para as gerações futuras. Nossa convivência respeitosa com a Mãe natureza era nosso bem viver. Isso antes da colonização do Brasil, logo após a “invasão” que se diz “descoberta”, começou a extração de todos os recursos

¹³⁴ Ver trecho de fala em <https://youtu.be/KnT2izTOFEU>

naturais, a desigualdade retirada de nossa própria terra. A sociedade foi mudando, várias transformações, inovações tecnológicas e com elas a destruição e poluição do meio ambiente. Sem contar a diminuição dos recursos para garantia de nossa sobrevivência e reprodução cultural. A sociedade precisa reconhecer as contribuições das populações indígenas como semeadores do bem viver. (CORRÊA XAKRIABÁ, 2018, p.80).

Nesse sentido, essa liderança xakriabá tem trazido, ainda, a figura da *cura* como aspecto dessa *ciência* ou epistemologia que defende. De acordo com ela, a *cura* da nossa sociedade está na natureza, como a *cura* para os povos indígenas é o seu território. Nossa sociedade necessita perceber que outros seres habitam o planeta conosco e que esses seres precisam ser cuidados por nós, pois são fundamentais para que tenhamos condições ambientais favoráveis para continuarmos existindo. O discurso de Célia alinha-se com as elaborações de Isabelle Stengers (2018) e Bruno Latour (2004) em suas reflexões sobre cosmopolítica. Esses autores ressaltam a importância de sermos diplomáticos, isto é, que consideremos o saber do outro como possível, dando-lhe voz e iniciando com ele uma negociação, pois se assim não fizermos, Gaia, a Terra raivosa, voltar-se-á contra nós, ou, como aponta a profecia do xamã yanomami David Kopenawa (2015), o céu cairá sobre nossas cabeças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma história de engajamentos com a T/terra

No decorrer do presente trabalho, ficam perceptíveis os diversos modos como os Xakriabá se engajaram com a terra em diferentes momentos da sua história. Nesses engajamentos, eles estabeleceram e estabelecem relações com coletivos humanos e existências não humanas.

Sobre as articulações humanas vivenciadas pelos Xakriabá, ganham destaque aquelas iniciadas durante a *luta pela terra* na década de 1980, marco importante da história conforme a contam. O engajamento de novos atores políticos na *luta pela terra* fez com que esta assumisse diferentes feições que, considerando o passar do tempo e as transformações históricas, permanecem até os dias de hoje, como veremos a seguir.

No cenário de conflitos entre os Xakriabá e os invasores de suas terras, ganhou força a questão da indianidade. De acordo com o que foi dito anteriormente, assim que esses indígenas procuraram a Funai para denunciar a invasão de seu território, representados pelo futuro cacique Rodrigão, foi solicitado deste que providenciasse pessoas e objetos que comprovassem a indianidade de seu povo. Apresentadas “as provas” à Funai e realizado o processo de demarcação, perante a insistência dos invasores em permanecer na T.I. Xacriabá, bem como do estabelecimento de alianças de moradores nascidos no lugar com grileiros, foi realizado um cadastramento para que as pessoas pudessem se identificar como remanescentes de indígenas ou posseiros. Após a homologação da T.I., as políticas culturais ganham força com o movimento que esses indígenas chamam de *levantamento da cultura*, iniciado pela primeira turma de professores xakriabá, cujo principal objetivo é a valorização e a retomada de práticas dos *antigos*, vista como *cultura de índio* (COSTA e SANTOS, 2010, p. 95). Junto a essa prática da *cultura dos antigos*, atualmente a questão da indianidade ganha destaque também na parceria que os Xakriabá promovem com povos e comunidades do norte mineiro, por meio da Articulação Rosalino, movimento no qual ganham ênfase diferentes modos tradicionais de engajamento com os diversos ambientes nas Gerais, como a caatinga, as veredas, os terrenos de vazante do Rio São Francisco e o cerrado, ou gerais.

Um dos atores políticos que se engajaram na *luta pela terra* dos Xakriabá foi o Conselho Indigenista Missionário, o Cimi. Esse Conselho, como disse senhor Valdinho, foi quem os orientou com mais clareza sobre seus direitos. Foi também por influência dos ensinamentos do Cimi que esses indígenas construíram a imagem dos “mártires Xakriabá”. Após a chacina de 1987, ocasião em que morreu Rosalino, principal parceiro do Cimi entre os Xakriabá, iniciaram-se as romarias em homenagens àqueles que “doaram” suas vidas em nome da *luta pela terra* e da libertação de seu povo das violências praticadas pelos invasores.

Nesse mesmo período, segunda metade da década de 1980, especialmente a partir da Constituição Federal de 1988, no âmbito do movimento nacional da luta por direitos indígenas no Brasil, a *luta xakriabá* vinculada a terra assumiu a feição de política de demarcação de Terra Indígena. Buscando a demarcação de áreas que ficaram de fora do processo demarcatório de 1979 e constam como terras pertencentes aos Xakriabá no Termo de Doação de 1728, esses indígenas iniciaram um movimento de ampliação da Terra Indígena Xacriabá. Primeiro realizaram a demarcação da Terra Indígena Xakriabá-Rancharia em 2001, protagonizando, posteriormente, no ano de 2006, o início de um movimento de *retomada de terras* que estavam sob a posse de fazendeiros.

Também no contexto do movimento indígena nacional, os Xakriabá passaram a empreender novas formas de “demarcar” territórios, ao participar de reuniões no senado e câmara dos deputados, acampamentos e marchas em Brasília. Ainda sobre essas novas formas de “demarcar”, esses indígenas vêm aumentando a cada ano sua presença e participação em espaços universitários, na Assembleia Legislativa de Minas Gerais, na Secretaria Estadual de Educação, na assessoria da deputada Aurea Carolina e na política partidária de São João das Missões.

Os Xakriabá se organizaram e se articularam também para cuidar de seu território. A presença dos fazendeiros nas terras xakriabá causou uma transformação significativa na paisagem, pois uma grande extensão de vegetação nativa foi substituída por áreas de pastagem para gado e riachos tiveram seu curso desviado. Nesse contexto, várias famílias foram expulsas de suas casas e/ou perderam o pedaço de terra e os cursos de água que as auxiliavam em suas necessidades diárias, como lavar, cozinhar e beber, e na lida de cuidados com suas roças e seus animais. Além disso, animais de caça apreciados pelos Xakriabá e usados em sua medicina tradicional, assim como diversas

plantas medicinais, começaram a desaparecer com o desmatamento provocado pelos latifundiários.

Durante algum tempo, após a saída dos grileiros, os Xakriabá viveram com o que seu território podia lhes proporcionar. No entanto, a cada ano que passava, suas terras apresentavam-se mais desgastadas, as nascentes de água minguaram, o período chuvoso diminuiu e, com isso, as plantações e a criação de gado, principais meios de subsistência desses indígenas, foram consideravelmente prejudicados.

Procurando alternativas para conter o desmatamento e o desaparecimento das nascentes, os Xakriabá buscaram parceiros para ajudá-los a recuperar e a gerir seu território. Como mencionado no capítulo inicial desta tese, o projeto pioneiro ligado à questão ambiental, fruto da preocupação e movimentação das lideranças, foi “Xacriabá de mãos dadas na recuperação da natureza – água é vida”, cuja gestão de recursos financeiros originários do Fundo Nacional de Meio Ambiente (FNMA) e do Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPN) ficou sob responsabilidade da associação da aldeia Barreiro Preto, que contou com a assessoria da ONG Casa Verde, UFMG (GEDUC/FAE), Prefeitura Municipal de São João das Missões (ESCOBAR, 2012).

Esse projeto, como chama atenção Suzana Escobar (2012), foi desenvolvido em diferentes aldeias e estava em sintonia com outros que também foram elaborados visando o cuidado do território. Alguns desses projetos são o de psicultura, apicultura, coleta de frutos dos cerrados, casa de sementes, casa de farinha, engenho de rapadura e padaria, que se apresentaram como uma fonte de renda alternativa para aquelas famílias que tiravam seu sustento da água e do solo das nascentes, impedindo assim que indígenas migrassem para fora da T.I. à procura de trabalho. Tais projetos foram apoiados ou pela Emater, CODEVASF, GATI-FUNAI, CAA-NM, IFNMG, Prefeitura Municipal de São João das Missões, ou pela Carteira Indígena, ação governamental ligada ao Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome – MDS e Ministério do Meio Ambiente.

O GATI-FUNAI, que foi um dos principais apoiadores das atividades de extrativismo de frutos do cerrado entre os Xakriabá, é conhecido como o projeto piloto da Política Nacional de Gestão Ambiental e Territorial em Terras Indígenas (PNGATI). Entre os Xakriabá, como salienta Helen Santa-Rosa (2017), essas duas políticas públicas foram iniciadas simultaneamente no ano de 2012, sendo que a principal ação

do PNGATI foi a elaboração do Plano de Gestão Territorial e Ambiental (PGTA) da Terra Indígena Xacriabá e Terra Indígena Xakriabá-Rancharia.

Realizado pela Associação Nacional de Ação Indigenista (ANAI) e viabilizado pela articulação do Conselho Gestor do Projeto GATI e da APIB junto ao Fundo do Clima, que abriu edital específico para realização de PGTAs em áreas de cerrado e caatinga, o PGTA Xakriabá foi elaborado em suas etapas de sensibilização, diagnóstico e etnomapeamento, e planejamento/acordos de usos, com apresentação dos respectivos produtos na I Feira de Gestão Ambiental e Territorial Xakriabá, realizada no dia 25 de novembro de 2016, na Casa de Cultura, localizada na aldeia Sumaré I.

Conforme consta nos produtos/relatórios apresentados pela ANAI, durante todas as etapas do PGTA, os Xakriabá expuseram seus interesses e suas preocupações em relação ao desmatamento, agravado com a venda ilegal de madeira, e a escassez de água, bem como dialogaram e refletiram sobre o fortalecimento e investimento em atividades sustentáveis, como alternativa para diminuir a criação de gado, já identificada nos projetos de cunho ambiental como uma das atividades que estavam mais degradando o território. Além da área do território já oficialmente demarcada, os Xakriabá acrescentaram nas etapas de seu PGTA as áreas de retomada, incluídas em um processo de reestudo dos limites da Terra Indígena Xacriabá realizado pela Funai. A retomada xakriabá inclui áreas que dão acesso ao Rio São Francisco, visto por esses indígenas como principal fonte hídrica para seu povo no futuro.

A etapa de reuniões de sensibilização mobilizou o cacique Domingos, o cacique Agenor, os caciques das áreas de retomada, lideranças de aldeias, diretores e professores das escolas. Já a etapa de etnomapeamento foi feita principalmente pelos jovens, que realizaram oficinas de formação ministradas pelos integrantes da ANAI e receberam orientações de lideranças e dos *mais velhos*, considerados os grandes conhecedores do território. Foram mapeadas espécies vegetais e animais que habitam o território, rios, riachos e nascentes deste, grutas, lapas, grotas, aldeias, dando-se destaque para locais de importância histórica e cultural, como escolas, postos de saúde, associações, igrejas, cemitérios ou cruzeiros, taperas, engenhos, casas de farinha, artesãos e seus artesanatos, *carreiros* antigos, roças e áreas de coleta, bem como ações de gestão e pontos de degradação nas mesmas. A partir dos dados coletados pelos pesquisadores xakriabá, que contribuíram também com textos para o relatório de atividades de etnomapeamento, foi

possível elaborar mapas das fontes e cursos de água, de vegetação e relevo, e de plantas e animais do território.

Em discursos durante a Feira de Gestão Ambiental e Territorial, jovens e anciãos frisaram que realizar o PGTA de seu território contribui para o *bem viver* de seus moradores em dois sentidos: primeiro, porque o torna equilibradamente produtivo para suas demandas de subsistência; e, segundo, porque contribui para a permanência dos *encantados*, seres que fazem parte do que eles chamam de *segredo* e *sagrado*, e que protegem suas terras e os protegem.

Essa dimensão sagrada da terra não foi aprofundada no PGTA, mas é possível perceber ao longo dos capítulos desta tese que ela se desloca e se transforma conforme as feições do engajamento dos Xakriabá com seu território. O *sagrado* sempre esteve relacionado ao *segredo* do universo cosmológico relacionado ao *Toré*, vinculando-se, portanto, à *Iaiá* e aos outros *encantados* que zelam por ambientes mais preservados do cerrado e da caatinga, e que exigem dos humanos, em troca da proteção e orientação que lhes dão em suas *lutas*, que estes se engajem também na preservação de tais biomas. No *período da luta pela terra*, mais precisamente no final deste, o *sagrado* passou a fazer referência ao território como lugar de martírio, ou seja, um *chão sagrado* manchado pelo sangue dos que doaram suas vidas lutando pela terra.

O *sagrado* associa-se ainda às políticas culturais e práticas político-rituais dos Xakriabá em seus movimentos, incluindo a sua participação no Movimento Indígena Nacional. Assim surge a versão pública do ritual (secreto) do *Toré*, já que este, a partir da *luta pela terra*, tornou-se um instrumento da luta por direitos. O *Toré público* ou *Novo Toré* é dançado em movimentos políticos dentro e fora da Terra Indígena, sendo visto como um momento de fortalecimento em que os Xakriabá trazem a força da sua ancestralidade, de sua *espiritualidade* para junto de sua luta. A *espiritualidade* aparece também nos discursos xakriabá em defesa da vida no planeta. Célia Xakriabá, assim como outras lideranças de diferentes povos, tem reiteradamente, em seus discursos, questionado a relação sujeito e objeto que os não indígenas, principalmente aqueles ligados ao agronegócio, estabeleceram com o meio ambiente. Segundo ela, a natureza precisa ser vista como um ente vivo, que é habitada por diferentes modos de vida, cada qual com sua *espiritualidade*, e que necessitam ser notados, respeitados e cuidados para que a humanidade continue a existir. Em um mundo caracterizado pela destruição das florestas, poluição das águas e aquecimento global, as epistemologias, o conhecimento,

as *ciências* dos povos indígenas e comunidades tradicionais apresentam-se como uma alternativa vital e frutífera para que iniciemos um novo modo de nos relacionarmos e nos envolvemos com o planeta Terra, percebendo-nos como parte dele.

Tomando por base o que foi apresentado acima, podemos dizer que o território dos Xakriabá é constituído por relações entre eles próprios, deles com não indígenas e deles com não humanos, assim como salientam Marcela Coelho de Souza (2017) em suas reflexões sobre T/terra entre os Kisêdje, e Dominique Gallois (2000) sobre Terra/território/territorialidade entre os Wayãpi.

Os Xakriabá não apenas vivem em seu território, eles também o produzem. Por meio do fazer e da observação diária do ambiente por onde circulam, eles têm procurado realizar ações reflexivas e criativas para poderem habitar de maneira equilibrada suas terras, tornando-as propícias para a subsistência dos humanos e para a existência dos *encantados* que moram nelas e as protegem.

Na realização de projetos em prol da preservação de seu território, os Xakriabá não apenas utilizam de seus conhecimentos, de sua *ciência da natureza*, como também se dispõem a aprender com os não indígenas, como, por exemplo, os parceiros e apoiadores que mencionei em parágrafos anteriores. Algumas dessas parcerias se iniciaram e perduram desde o período de *luta pela terra*, e outras tiveram início após a demarcação da Terra Indígena, fato que corrobora com o pensamento de Gallois (*idem*) de que a demarcação é uma abertura ao exterior e não um fechamento, pois o que ocorre não é uma oposição radical (nós x eles), mas uma expansão das relações sociais que incluem os não índios. Ou como chama atenção Coelho de Souza (*idem*) de que os limites ou fronteiras estabelecidos pela demarcação não é algo fixo e fechado, mas sim um movimento de abertura, um movimento de desterritorializar-se e reterritorializar-se que caracterizam os modos nativos de habitar.

Na história dos Xakriabá, os diferentes engajamentos que eles estabeleceram com seu território, seja para defendê-lo ou retomá-lo dos invasores, seja para demarcá-lo e, posteriormente, para recuperá-lo e preservá-lo, mostra que T/terra é uma composição, uma diversidade de significados, que mobiliza sujeitos humanos e não humanos em uma relação que compõe um emaranhado de modos de vida que não é “nem singular, nem plural, nem um, nem muitos, um circuito de conexões mais do que partes articuladas”, como diria Marilyn Strathern (2004) ao formular o conceito de conexão parcial. Nesse percurso de conexões, o Cimi foi um aliado na *luta pela terra* e

deixa suas marcas nas romarias, assim como as políticas públicas são outra conexão importante, a universidade e mesmo a política (conforme a epistemologia dos brancos).

(Cosmo) Políticas Xakriabá

Os Xakriabá, nessa longa interação entre humanos e não humanos, em contexto de tamanha diversidade natural e social como é o norte de Minas, fizeram muitas políticas e continuam fazendo. Tais políticas, conforme vimos, não acontecem apenas dentro dos limites de sua Terra Indígena nas relações que esses indígenas estabeleceram entre eles mesmos e/ou com seres não humanos. O fazer político xakriabá faz dialogar o interior e o exterior de seu território, o que levou e leva esses indígenas a experienciarem a política partidária do mundo não indígena e a política praticada no movimento indígena nacional.

Marisol De La Cadena (2019, p.8), ao observar e analisar a política praticada por indígenas andinos, nota que estes realizam uma política que, aos olhos de políticos não indígenas, pode ser vista como “Práticas excessivas”, e que tais práticas perturbam “A política como de costume”. As “Práticas excessivas” são as práticas políticas que os indígenas andinos vêm realizando na contemporaneidade e que nas quais eles dão destaque para a atuação de seres-terra, entidades naturais como montanhas, lagos e ventos dotados de intenção, que podem proteger ou se revoltar contra os humanos, caso não sejam cuidados e respeitados por estes. Nessa prática política, não há uma separação entre natureza e cultura, como na “política como de costume”, que é aquela típica do mundo moderno ocidental, do mundo não indígena - representada no texto de De La Cadena pelo discurso do ex-presidente Alan García -, na qual a atuação política dos seres-terra não é considerada.

Trazendo o exemplo do quéchua Graciano Mandura, à época prefeito de Ocongate, distrito que contém um complexo de montanhas sagradas - Coyllur Rit’i-Sinakara-Ausangate – que estavam sendo ameaçadas pela atividade de mineração, De La Cadena (*idem*, p.7) salienta a participação de indígenas na política partidária dos Andes e a prática deles de incluírem os seres-terra nesta.

O Capítulo 4 desta tese mostrou que os *encantados* também atuam de forma significativa no fazer político dos Xakriabá. Esses seres orientam lideranças políticas e espirituais sobre questões das relações internas ao grupo, ajudando a manter uma

convivência pacífica entre aldeias e grupos de parentesco ou rivais na política e destes com o ambiente onde vivem, bem como estão junto com os Xakriabá em sua *luta* por direitos dentro e fora do seu território, no âmbito do movimento indígena nacional e do movimento de povos e comunidades tradicionais.

O universo dos *encantados* também foi incluído por esses indígenas na política partidária ou “política como de costume”, da qual os Xakriabá participam há algum tempo. A partir dos anos 2000, período em que esses indígenas aumentaram a sua participação na política municipal de São João das Missões, elegendo inclusive um Xakriabá como prefeito, a versão pública do ritual do *Toré* passou a ser recorrentemente apresentada nos eventos realizados pela prefeitura. Alessandro Roberto de Oliveira (2008, p.72) apresenta, em sua dissertação, uma foto que retrata a realização do *Toré* na posse de José Nunes e de vereadores indígenas em 1º de janeiro de 2004. No período de meu trabalho de campo, também presenciei a realização do *Toré* em eventos organizados ou apoiados pela prefeitura de Missões, como durante a festa em comemoração a São João, realizada anualmente no mês de junho. Por contar com a presença de um expressivo número de turistas vindos de várias cidades da região norte do estado, a festa junina de Missões é vista como um grande momento para os Xakriabá apresentarem sua cultura para os não indígenas, como me disse Laura, uma das professoras de cultura da aldeia Barreiro Preto.

No período em que vivi com os Xakriabá, presenciei também, no âmbito da participação desses indígenas na “política como de costume”, filiações a posições políticas que são conhecidas historicamente por se engajarem à luta indígena em defesa de seus direitos, bem como adesões políticas a posições abertamente contrárias aos povos indígenas. No segundo semestre de 2018, ocorreram eleições presidenciais e, na convivência com os Xakriabá, pude perceber nitidamente que um grupo contrário à permanência de Zé Nunes e seus aliados no poder apoiou a eleição de Jair Bolsonaro, político assumidamente contrário à demarcação de Terras Indígenas e a políticas públicas voltadas aos povos originários e à garantia de seus territórios.

Territórios esses que, como frisou Célia Xakriabá e outras lideranças do movimento indígena nacional, é o colo materno para os indígenas, é o corpo e o espírito dos povos originários. Assim como o movimento de indigeneidade andino analisado por Marisol De La Cadena dá destaque para seus territórios salientando a natureza sagrada de suas montanhas, o território ou os territórios indígenas brasileiros também aparecem

como entes sagrados nos discursos de suas lideranças, não apenas por serem a casa de seres não humanos, como os *encantados*, mas, aos olhos de Célia, também por representarem uma figura feminina, a Mãe Terra. Como disse em aula magna proferida em uma universidade italiana durante a Jornada “Sangue Indígena: Nenhuma Gota Mais”:

*Eu contei que tem mais de 50 mulheres aqui. É importante também estar na presença de mulheres, porque nós temos falado que o atual governo a primeira pessoa que ele atacou foi uma mulher. E as pessoas pergunta, quem foi essa mulher? E na verdade a primeira pessoa foi a Mãe Terra, foi a floresta. E quando ataca a Mãe Terra é como também tivesse nos atacando.*¹³⁵

Inspirada nas elaborações conceituais de Viveiros de Castro (2004) e Marilyn Strathern (2004), De La Cadena (*idem*) pensa no pluriverso “enquanto mundos socionaturais heterogêneos, parcialmente conectados, negociando politicamente seus desacordos ontológicos”. A antropóloga salienta que sabe que tal política pluriversal implicaria em maiores conflitos, em discussões políticas superlativas, e que de fato ela pode parecer utópica, no entanto, ela pode realizar, como proposto por Isabelle Stengers (2005), um desacelerar do raciocínio, provocando um tipo de pensamento que nos permita desaprender que a ontologia política única seja a da “política como de costume”.

Nesse sentido e por fim, pode-se dizer que o fazer político que vem sendo praticado pelos Xakriabá pode nos ajudar a desacelerar o pensamento, já que esses indígenas trazem os *encantados* para suas empreitadas políticas e em suas buscas por novos territórios em nosso mundo. Os Xakriabá, assim como o movimento indígena brasileiro de uma forma geral, estão realizando a pluralização ontológica da política ao exigir da “política como de costume” que além de lhes dar voz os escutem, dialoguem com eles e inclua epistemologias próprias de seu mundo socionatural na configuração do político.

¹³⁵ Ver em <https://youtu.be/GrUoQl-j7E8>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABREU, Jan Carlos Pinheiro de. Cantos tradicionais do povo Xakriabá. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura), Habilitação em Línguas, Artes e Literatura– Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

ANAI, Produto 1. Plano de Gestão Territorial e Ambiental das Terras Indígenas Xacriabá e Xakriabá Rancharia. Salvador, 2016.

ANAI, Produto 2: Etnomapeamento nas Terras Indígenas Xacriabá e Xakriabá/Rancharia, Salvador, 2016.

ANAI, Produto 3: Plano de Gestão Territorial e Ambiental das Terras Indígenas do Povo Xakriabá e relato das atividades de planejamento. Salvador, Fevereiro, 2016.

ARAÚJO, Lindaura Gomes de. 2019. As plantas medicinais da Aldeia Prata no Território Xakriabá: resgatando e valorizando os conhecimentos tradicionais. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura), Habilitação em Ciências da Vida e da Natureza – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

ARISTÓTELES. Del sentido y lo sensible/De la memoria y el recuerdo. Trad. De Francisco de Samaranch, 1962.
http://recursosbiblio.url.edu.gt/publicjlg/Libros_y_mas/2015/10/lib/del_sentido.pdf.
Acessado em 13 de março de 2020.

BERGSON, Henri. Memória e vida. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BIZERRA, Ednaldo Gonçalves. 2018. Meio ambiente, sustentabilidade e economia do povo Xakriabá e da aldeia Barreiro Preto. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura), Habilitação em Matemática–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

CLEMENTINO, Alessandro Medeiros; MONTE-MÓR, Roberto Luiz. Xakriabás - economia, espaço e formação de identidade. Trabalho apresentado ao XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambú- MG – Brasil, de 18 a 22 de setembro de 2006.

CORREA XAKRIABÁ, Célia Nunes. 2018. O Barro, o Genipapo e o Giz no fazer epistemológico de Autoria Xakriabá: reativação da memória por uma educação territorializada. Dissertação de Mestrado apresentada ao Mestrado Profissional em Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais (MESPT/UnB), Brasília – DF, 2018.

CRUZ, Alípio Ferreira da. A carpintaria Xakriabá: proposta para manter a tradição da carpintaria Xakriabá. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura), Habilitação em Matemática–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

DAYRELL, Carlos Alberto. 2019. De nativos e de caboclos: reconfiguração do poder de representação de comunidades que lutam pelo lugar. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social, Universidade de Montes Claros e Universidade Federal de Minas Gerais, Montes Claros, 2019.

DAS, Veena. O ato de testemunhar: violência, gênero e subjetividade. *Cadernos Pagu* (37), p. 9-41, julho-dezembro de 2011.

DE LA CADENA, Marisol. Cosmopolítica indígena nos Andes: reflexões conceituais para além da política. *Maloca, Revista de Estudos Indígenas*, Campinas, SP, v. 2, p. 1 – 37, 2019.

ESCOBAR, Suzana Alves. 2012. Os projetos sociais do povo indígena Xakriabá e a participação dos sujeitos: entre o “*desenho da mente*”, a “*tinta no papel*” e a “*mão na massa*”. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

FARIAS, Claudinei Gomes; OLIVEIRA, Eudes Seixas de Oliveira. Métodos de caçada do Povo Xakriabá. 2016. 64f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura), Habilitação em Línguas, Artes e Literatura–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

FAUSTO, Carlos. Donos demais: Maestria e domínio na Amazônia. *MANA* 14(2), p. 329-366, 2008.

GALLOIS, Dominique Tilkin. "Não sabíamos que existiam limites...". Catálogo Índios, nós. Museu de Etnologia, Lisboa, 2000.

GOMES, Ana Maria Rabelo. O processo de escolarização entre os Xakriabá: explorando alternativas de análise na antropologia da educação. *Revista Brasileira de Educação*, v. 11, n. 32, maio/ago. 2006.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice/Rev. dos Tribunais, 1990.

HORÁCIO, Heiberle Hirsberg. Aspectos da religiosidade do povo indígena Xakriabá. *Revista Mundaú*, n.4, p.30-51, 2018.

INGOLD, Tim. Culture, nature, environment: steps to an ecology of life. In: Ingold, Tim. *The perception of the environment: essays in livelihood, dwelling and skill*. London: Routledge, Taylor & Francis Group, 2000a, p. 13-26.

_____. *Estar Vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Mapa etno-histórico de Curt Nimuendajú*. Rio de Janeiro: IBGE, 1981.

_____. Censo Demográfico 2010 - Características gerais dos indígenas. Resultados do universo. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Rio de Janeiro: 2010.

_____. Os indígenas no Censo Demográfico 2010 – primeiras considerações com base no quesito cor ou raça. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão/ Diretoria de Pesquisas. Rio de Janeiro: 2012.

LATOURE, Bruno. Qual cosmos, quais cosmopolíticas? Comentário sobre as propostas de paz de Ulrich Beck. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 68, p. 428-441, abr. 2018.

_____. Políticas da Natureza : como fazer ciência na democracia. Tradução: BORGES, A.; ROSSI, L. G. F. Tematicas, Campinas, SP, v. 12, n. 23/24, 2004.

LOPES, Luzionira de Sousa. Loas e versos Xakriabá: tradição e oralidade. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura), Habilitação em Línguas, Artes e Literatura–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

LOWIE, Robert H. The Northwestern and Central Ge. In: *Handbook of South American Indians*. Washington: Smithsonian Institution, 1946. v.1. p.477-517.

MARCATO, Sônia de A. “Remanescentes Xakriabá em Minas Gerais”. In: *Arquivos do Museu de História Natural, volume III*. Belo Horizonte: UFMG, 1977.

MARCOS, Luciano (Cimi Leste). Encarte Porantim, n.291, dezembro, 2006.

MELATTI, Júlio César. Índios do Brasil. São Paulo: Hucitec, 1993.

GOMES, Ana Maria Rabelo; MONTE-MÓR, Roberto Luiz. *Conhecendo a Economia Xacriabá*. Relatório Técnico. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

OLIVEIRA, Neuza Rodrigues da Silva. Roupas de palha tradicionais Xakriabá. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura), Habilitação em Matemática–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

MOTA, Aline Fernandes da; PIMENTA, Elisandra Fernandes; RIBEIRO, Genivaldo Fernandes. Cera e mel: as abelhas na cultura Xakriabá. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura), Habilitação em Ciências Sociais e Humanidades–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

OLIVEIRA, Assis da Costa; RANGEL, Lucia Helena. Juventudes indígenas: estudos interdisciplinares, saberes interculturais: conexões entre Brasil e México / organização Assis da Costa Oliveira, Lucia Helena Rangel. - 1. ed. - Rio de Janeiro : E-papers, 2017.

OLIVEIRA, Sheila Dos Reis Araujo de. Narrativas sobre a seca: problemas ambientais do povo Xakriabá e revitalização da lagoa da aldeia Tenda / Rancharia (MG). 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura), Habilitação em Ciências Sociais e

Humanidades–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

OLIVEIRA, Alessandro Roberto de. 2008. *Política e Políticos Indígenas: a experiência Xakriabá*. Dissertação de Mestrado em Antropologia ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2008.

PAULA, Jorge Luiz de. Relatório Circunstanciado de Reestudo de limites da Terra Indígena Xakriabá. Brasília: FUNAI, 2013.

PARAÍSO, Maria Hilda. *Identidade Étnica dos Xakriabá*. Brasília: FUNAI, 1987.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15*.

SANTA ROSA, Helen Dayane Rodrigues. 2017. O governo da lua: relação natureza e cultura no contexto da política nacional de gestão ambiental e territorial nos Xakriabá. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Ambiente e Território), Universidade Federal de Minas Gerais e Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2017.

SANTOS, Ana Flávia Moreira. 1997. *Do terreno dos caboclos do Sr. São João à Terra indígena Xakriabá: as circunstâncias da formação de um povo. Um estudo sobre a construção social de fronteiras*. Dissertação de Mestrado em Antropologia ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília, Brasília-DF, 1997.

SANTOS, Rafael Barbi Costa e. 2010. A Cultura, O Segredo e o Índio: diferença e cosmologia entre os Xakriabá de São João das Missões/MG. Dissertação (mestrado). Antropologia Social – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

SANTOS, Laura Caetana dos. 2019. Extrativismo, Agricultura e Construção: a diversidade dos solos da Aldeia Prata (Território Indígena Xakriabá, Minas Gerais). Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura), Habilitação em Ciências da Vida e da Natureza–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

SILVA, Edinaldimar Barbosa da. 2011. Os Xakriabá: escola e “cultura”. Dissertação (mestrado). Antropologia Social - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

SILVA, Rogério Correia da. 2011. Circulando com os meninos: infância, participação e aprendizagens de meninos indígenas Xakriabá. Tese (Doutorado). Educação – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

SILVA, Naiara Rodrigues da; SILVA, Gesicar Aline Rodrigues da. Viva quem já casou. Vive quem quer casar: casamentos tradicionais Xakriabá. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura), Habilitação em Ciências Sociais e Humanidades–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

SILVA, Elizete Macedo Gama da. Mamona, pequi e galinha: óleos e banhas naturais da aldeia Sumaré III – terra indígena Xakriabá. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura), Habilitação em Ciências Sociais e Humanidades–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

SILVA, Manoel Antônio de Oliveira. “A única herança que um índio deixa para outro índio é a luta”: a história da língua Akwen do Povo Xakriabá. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura), Habilitação em Matemática–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

SOUSA, Abedias Pereira de. Mudanças na vida e na cultura do povo Xakriabá: das alterações econômicas e climáticas. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura), Habilitação em Matemática–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

SOUZA, Edimilson Rodrigues de. 2019. A luta se faz caminhando: sacralização de lideranças camponesas e indígenas assassinadas em contextos de conflito de terra. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 2019.

COELHO DE SOUZA, Marcela Stockler. Dois pequenos problemas com a lei terra intangível para os Kisêdjê. *Revista de @ntropologia da UFSCar*, 9 (1), jan./jun. 2017.

STEIL, Carlos Alberto. O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. Peregrinação, Romaria e Turismo Religioso: raízes etimológicas e interpretações antropológicas. In: *Turismo Religioso: ensaios antropológicos sobre religião e turismo*/ Edin Sued Abumanssur (org.) – Campinas, SP: Papyrus, 2003 – (Coleção Turismo).

STENGERS, Isabelle. A proposição cosmopolítica. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 69, p. 442-464, abr. 2018.

PENA, João Luiz; HELLER, Leo; DIAS JÚNIOR, Cláudio Santiago. A população Xakriabá, Minas Gerais: aspectos demográficos, políticos, sociais e econômicos. *Revista brasileira Estudos Populacionais*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 51-59, jan./jun. 2009.

ANEXO - “CERTIDÃO VERBUM-ADVERBUM”. UMA DOAÇÃO.

FRANCISCO NUNES PACHECO ESCRIVÃO DE PAZ E OFICIAL DO REGISTRO CIVIL VITALÍCIO, do distrito e município de Itacarambi, Estado de Minas Gerais, Republica Federativa do Brasil, na forma da lei etc.

CERTIFICA, a solicitação de interessado, que revendo em seu cartório os livros de notas desse, em um desses de numero dêz (10) as fls--38 evo , encontrou a seguinte publica forma, do teor seguinte: Publica Forma de uma doação do teor seguinte: N 11 R.160 Pagou cento e secenta reis O P 25 de setembro de 1856 Silva Reis Januário Cardoso de Almeida Brandão deministrador dos Indios da Missão doSnr S. João do Riexo do Itacaramby Ordena o Capm Mandante Domingos Dias ajunte todos os indios tantos maxos como feméas Q ~ andarem por fóra p a ad-missão com zello e cuidado os que forem rebeldes fará prender com cautela parahirem para ad-missão Copio e Christão e zello, Mandando -lhe ensinar a Doutrina pellos os q- mais soberem os doutrinatos que vivão bem e se cazem os Mancebados não tendo empedimento ou avendo empedimento fazendo se caze com outro q ~ não tenha empedimento fazendo os trabalhar p a terem qi comer e não furtarem e o q_ for rebelde a esta dutrina que expendo neste papel os prenderá castigará como merecer sua culpa e quando cassar algum ensolente ou levantado fará prendellos e trezellos a m a prezca para lhe dar o castigo conforme merecer porque feito tenho ordem de q m pode para castigar e prendellos e tirar o abuso de serem bravios e espero do S n Capm assim o faca como asim determino e do contrario por ele e pelos mais e isço dei terra com sobra para não andarem para as fasenda alheia do Riexo do Itacaramby asima até as cabiceira s e vertentes e vertentes e descanco extremado na Cerra Geral para a parte do peruaçú extremado na Boa Vista onde desagua para lá e para cá e por isso deilhe Terra com Ordi de nossa Magestade ja assim não podem andarem pelas fasendas alheias incomodando os fazendeiros-- missoes para morada o brejo para trabalharem Fora os gerais para suas cassada e meladas. Arraial de Morinhos, 10 de fevereiro de 728 digo de 1728. Administrador Januario Cardoso de Almeida Brandão (com o sinal publico). Era o quecontinha na doação que me foi apresentada, qual para aqui trasladei fielmente como nella se continha e declarava, do que dou fé, isto feito, perante duas testemunhas o que fielmente foi lida e confirmada a realidade do que tudo, continha a mesma, Assignando as

testemunhas e o apresentante, o presente termo de transcrição de publica forma, isto, perante mim escrivão, que o escrevi e assigno e dou fé, em testemunho: (sinal publico) de verdade,) raso que uso em publico. Resalvo entre linha, que diz, que expendo - neste papel os prenderá, que dou fé. Eu Francisco Nunes Pacheco, escrivão de Paz e oficial do registro Civil Vitalicio o escrevi dou fé, e assigno. (a) Francisco Nunes Pacheco. Sobre selos; “aa”. Itacaramby, 28 de fevereiro de 1931; -Apresentante: -Salomé de Paula Santiago, testemunhas, Adolpho José de Oliveira e João Rocha. Era o que continha no livro e fls que para aqui trasladei a presente certidão de Publica Forma -Verbum - Adverbum e na escrita original transcrita, que consertei em datilografia o presente traslado e dou fé, em testemunho---- [assinatura] de verdade. Sem selos para efeito “Social Nacional”

Itacarambi, 5 de junho de 1969

[assinatura]

Tabelião, Francisco Nunes Pacheco.

Fonte: SANTOS, Ana Flávia Moreira. 1997, Apêndice 2.